

**Alexandre Nicolau Luccas**



**FUTEBOL E TORCIDAS: UM ESTUDO  
PSICANALÍTICO SOBRE O VÍNCULO  
SOCIAL**

**Mestrado – Psicologia Social**

**PUC/São Paulo**

**1998**

## ÍNDICE

<b>Apresentação</b> .....	08
<b>Capítulo I: Breve História do Futebol</b> .....	12
– O Futebol Moderno .....	13
– Origens do Futebol .....	16
– O Futebol no Brasil .....	28
<b>Capítulo II: As Torcidas Organizadas de Futebol</b> .....	39
– A Concepção Unilateral: a Torcida Organizada como contexto centralizador de violência .....	40
– Os hooligans .....	41
– A violência e as Torcidas Organizadas de Futebol no Brasil .....	45
– A Concepção Ampliada: a Torcida Organizada como contexto de formação de identificações e laços sociais .....	51
<b>Capítulo III: Delimitação do Objeto de Estudo e Finalidade da Investigação</b> .....	62
<b>Capítulo IV: Metodologia</b> .....	66
<b>Capítulo V: Referencial Teórico</b> .....	71
– A Constituição do Espaço Psicológico na Modernidade .....	73
– As Matrizes do Pensamento Psicológico: breve histórico .....	78
– A Psicanálise .....	81
– Psicanálise e Vínculo Social .....	85
– Totem e Tabu .....	85
– Psicologia de Grupo e Análise do Ego .....	99
– O Futuro de Uma Ilusão .....	114
– O Mal-Estar na Civilização .....	123
<b>Capítulo VI: Entrevistas</b> .....	141
– Entrevista 1 .....	142
– Entrevista 2 .....	150
– Entrevista 3 .....	165
– Entrevista 4 .....	177
<b>Capítulo VII: Conclusões</b> .....	193
<b>Bibliografia</b> .....	214

## **Apresentação**

Desde a época da graduação comecei a me interessar por elaborar um trabalho no qual pudesse pensar, de maneira a articular, duas áreas de grande interesse pessoal: o futebol e a psicanálise. A primeira área de interesse, o futebol, é uma paixão. Não só para mim como também para grande parte da população brasileira e, por que não dizer, mundial. O futebol entra em nossas vidas de maneira, muitas vezes, desconhecida. Participa daquele grupo de fenômenos, junto com a opção religiosa, a opção amorosa e a opção política, que não requer maiores interrogações. Basta, e é isso que a cultura espera de cada um de nós, que tenhamos um time para o qual torcer ao longo do ano. É requisito fundamental na constituição da subjetividade do brasileiro, uma identidade no campo esportivo, algo que nos apresenta perante os outros de um grupo de relações significativas e nos inscreve de uma determinada maneira neste mesmo grupo.

O corinthiano, o são-paulino, o palmeirense, o santista e o ponte-pretano, entre outros, são identidades bastante específicas. Esta simples identificação com uma história do clube, suas conquistas e suas características particulares, falam muito sobre o sujeito em nossa cultura. O futebol é, enfim, um universo extremamente amplo e complexo de relações sociais. Estudá-lo, significou ir em direção contrária a grande parte da recomendação de nossa sociedade. É uma área de interesse que carecia, e ainda carece, de maiores e mais aprofundados estudos. A pesquisa bibliográfica realizada por ocasião deste trabalho nos mostra esse quadro de maneira bastante explícita. Algumas áreas de conhecimento, como a Sociologia e a Antropologia, vêm, nestes últimos anos, estabelecendo uma determinada pensabilidade sobre o fenômeno. No entanto, existe pouquíssimo estudo produzido pela área da Psicologia.

A segunda área de interesse, a psicanálise, guardava maiores dificuldades ainda do que a primeira. Procurei a Psicologia Social acreditando ser o campo onde melhor pudesse estudar o futebol, pela tradição que ela possui no estudo dos fenômenos psicossociais. No entanto, pretendia realizar o trabalho através de um referencial teórico psicanalítico. Tal pretensão

levou-me a me deparar com questões extremamente importantes que necessitavam de uma resposta: de que forma a psicanálise poderia apresentar uma contribuição ao campo da Psicologia Social?; como estabelecer um diálogo possível entre estas duas áreas, aparentemente tão distintas?; entre outras.

A tarefa de responder a estes questionamentos tornou-se um pouco mais facilitada pela criação do Núcleo de Pesquisa em Psicanálise e Sociedade do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Social da PUC/SP. Ingressei no referido Núcleo desde seu início e lá encontrei outros pesquisadores que, apesar da diversidade temática, possuíam uma preocupação comum: estabelecer uma dialogia possível entre a Psicanálise e a Psicologia Social. Os estudos realizados no Núcleo, sob a coordenação do Prof. Dr. Raul Albino Pacheco Filho e da Prof<sup>a</sup>. Dra. Miriam Debieux, contribuíram de maneira decisiva para este trabalho.

Desta forma, restava ainda encontrar um objeto de estudo para que pudesse delimitar melhor um campo de investigação pertinente ao Mestrado. Enquanto estava às voltas com este problema, aconteceu a famosa batalha campal do Pacaembú, uma guerra entre duas torcidas organizadas de futebol, a Mancha Verde e a Independente. As proporções que tal acontecimento assumiu na mídia especializada e na opinião pública, motivaram diversos trabalhos nas áreas da Sociologia e da Antropologia. Passei a estudar tais trabalhos e a me interessar profundamente em desenvolver uma compreensão, no campo da Psicologia, para este fenômeno das *torcidas organizadas de futebol*, de forma a contribuir com as referidas áreas de conhecimento.

Foi assim, portanto, que o tema surgiu para este trabalho. Procurei delimitá-lo no sentido de me aprofundar em alguns de seus aspectos, mais precisamente em relação aos determinantes da inserção dos sujeitos em um grupo com tais características. O cumprimento dessa tarefa tornaria possível uma posterior retomada do fenômeno sob outros aspectos, tais como: o universo do futebol e suas funções dentro da cultura brasileira, e outras análises mais amplas. Tenho bastante claro que tal delimitação, além de necessária, está ainda longe de esgotar o fenômeno.

Procurei neste estudo compreender os fatores envolvidos e os elementos determinantes das escolhas que os sujeitos realizam quando se associam às *torcidas organizadas de futebol*. A compreensão foi construída através do referencial teórico, fornecido exclusivamente por

Freud, sobre o vínculo social. É importante ressaltar ainda que, devido ao acontecimento motivador deste estudo comportar em si a problemática da violência, tivemos que dedicar algum espaço do presente trabalho para pensar este problema.

Isto posto, é essencial elucidar os momentos e os procedimentos, através dos quais desenvolvi esse trabalho de dissertação. Quanto à sua estruturação, foram produzidos os seguintes capítulos e conteúdos:

1. o primeiro capítulo – **Breve Histórico do Futebol** – reúne uma apresentação das discussões existentes sobre a história do futebol: a diversidade de origens atribuídas ao futebol, por vários estudiosos, anteriores a fundação da *Football Association*; a institucionalização do futebol como esporte pelos ingleses e seu desenvolvimento nesta sociedade; e a história deste esporte no Brasil, nas suas diferentes fases de evolução;
2. o segundo capítulo – **As Torcidas Organizadas de Futebol** – é um relato sobre a história da prática torcedora no mundo, através de uma caracterização histórica e social do fenômeno. Apresento, neste capítulo, a discussão de alguns aspectos fundamentais que envolvem as *torcidas organizadas*: uma caracterização do *hooliganismo* inglês, fenômeno que têm sido utilizado como adjetivo da prática de *torcidas organizadas*; e uma reflexão sobre o fenômeno da violência associada também a um único grupo dentro da sociedade, quais os usos ideológicos de tal relação. Após estas discussões, apresento a história da evolução das *torcidas organizadas* no Brasil e uma caracterização antropológica de seu instrumental simbólico;
3. no terceiro capítulo – **Delimitação do Objeto de Estudo e Finalidade da Investigação** – apresento os princípios norteadores desta dissertação e os objetivos pretendidos com a pesquisa;
4. no quarto capítulo – **Metodologia** – procuro explicitar os fundamentos metodológicos nos quais se apóia a presente pesquisa e os procedimentos que foram utilizados para a coleta de dados e, posteriormente, para a análise;

5. no quinto capítulo – **Referencial Teórico** – apresento uma discussão acerca do espaço que a Psicanálise ocupa entre as psicologias objetivando delimitar e inscrever este trabalho no campo das preocupações sociais. Em seguida, desenvolvo uma apresentação dos trabalhos sociais de Freud, procurando explicitar seu método de investigação e sua compreensão do vínculo social, que será a referência teórica para a análise das entrevistas.
6. no sexto capítulo – **Entrevistas** – apresentamos as entrevistas, de forma a fundamentar a análise e as conclusões do capítulo seguinte.
7. O sétimo e último capítulo – **Conclusões** – traz algumas conclusões, a partir de todo o material coletado durante a dissertação. Estas conclusões abrangem o universo de relações que o futebol mantém com as torcidas e com a sociedade mais ampla. Incluem também uma análise das representações que os sujeitos entrevistados possuem sobre a torcida, o futebol e a sociedade.

# Capítulo I

## Breve História do Futebol

## **O Futebol Moderno**

Quando pensamos em futebol a primeira imagem que nos vem à cabeça é a de uma época romântica e inocente, um tempo em que grandes jogadores – tais como: Pelé, Tostão, Gérson, Coutinho, Pepe, Garrincha e Jairzinho entre tantos outros – podiam desfilar absolutos, com toda sua classe, elegância e inteligência, pelos gramados. É época na qual a prática do futebol se encontra associada à beleza estética presente em “verdadeiros espetáculos” para o deleite de um “público familiar e tradicional”.

Um tempo que passou e deixou os amantes deste esporte com muitas saudades. O passado é sempre belo. Não é raro ouvirmos ou vermos nos comentários esportivos esta referência ao passado como um tempo absolutamente idôneo, isento de qualquer mácula. A referência é, por assim dizer, sempre muito saudosista. Um saudosismo que busca expressão através de um apelo estético e romântico. Mesmo os momentos de maior tensão, como por exemplo a tradicional rivalidade e as conseqüentes brigas homéricas entre os brasileiros e os argentinos, são lembrados como eventos isolados e permeados por um romantismo. O futebol era exatamente assim: um esporte romântico!

Era; não é mais. O presente e a realidade nos apresentam diversos problemas. Esta constatação nos entristece e voltamos nossos entristecidos olhos em direção ao cenário atual deste esporte. Vamos nos deparar com uma cena composta de transações comerciais de jogadores (os ‘escravos’ do século XX) envolvendo grandes volumes de dinheiro, escândalos políticos, corrupção em todos os níveis, tentativas de moralização do esporte esbarrando em intensas manobras políticas e lobbistas, desmandos e muita violência, dentro e fora de campo.

Diante de um sentimento inevitável de tristeza por uma beleza perdida no passado, procuramos um refúgio. Pensamos em nosso time de coração, nas suas glórias e nas suas derrotas. Todos temos que possuir um time para o qual torcemos. É um imperativo social mais forte até mesmo do que as opções políticas. Somos praticamente induzidos a escolher algum time para que possamos nos apresentar perante a sociedade. É uma identidade que



todos os brasileiros “normais” devem possuir. Desde o seu nascimento o brasileiro está sujeito a esta impostura social.

Pensamos nas Copas do Mundo, e começamos a nos dar conta da imensa popularidade deste esporte. Podemos perceber a popularidade mundial deste esporte. Quase todos os países do globo terrestre, com pouquíssimas exceções, possuem seu selecionado nacional e estão inscritos na FIFA (Federation International Football Association). Existem mais países filiados à esta entidade que dirige e organiza o futebol no mundo, do que filiados à própria ONU (Organização das Nações Unidas).

“O futebol é, sem sombra de dúvida, o desporto mais popular em todo o mundo. É, como o afirmou Lawrence Kitchin no distante ano de 1966, o único ‘idioma global’ para além da ciência. Para fazermos uma idéia do que levou este desporto a ocupar a primazia no panorama mundial, basta vermos que quando a FIFA iniciou as suas actividades em 1904, o fez graças à adesão de somente sete associações nacionais, todas elas europeias. Contudo, em 1986 o número de membros ascendia já a 150, originários de todas as partes do globo. Podemos pois concluir que o futebol, enquanto desporto organizado é hoje jogado na grande maioria das nações do planeta, e é-o a um nível suficientemente elevado para que as equipas nacionais sejam reconhecidas pela FIFA como qualificadas para poderem disputar o Campeonato do Mundo”<sup>1</sup>

Passados mais de dez anos da constatação acima sobre o número de selecionados nacionais inscritos à FIFA, vamos encontrar muitas alterações neste número. Algumas inclusões e exclusões foram originadas pelas transformações na geopolítica mundial. Este período foi decisivo no panorama mundial. Nele assistimos ao desmembramento da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas em diversas repúblicas, como também à unificação das Alemanhas Oriental e Ocidental.

Além destas mudanças, outras ocorreram no âmbito das tentativas de popularização do futebol em países de extrema importância política e econômica no mundo. O Japão resolveu aderir ao futebol e o fez de uma forma bastante profissional e empresarial. O investimento foi massivo e a popularidade do futebol em terras nipônicas logo atingiu níveis extraordinários. A importação dos maiores nomes do futebol mundial com a promessa de grandes retornos financeiros atraiu a atenção da sociedade e, logo, os japoneses ficaram extremamente atraídos pelo esporte. O retorno de grande parte deste investimento acontecerá na Copa do Mundo de 2002, em que eles dividirão a tarefa de sediar a Copa em conjunto com a Coreia.

A própria Copa do Mundo de 1994, vencida pelo Brasil, foi uma tentativa de popularizar o futebol nos Estados Unidos da América, talvez o único dos poucos países de Primeiro Mundo em que o esporte não é bem visto. Isto é, o futebol não é o principal esporte para a sociedade norte-americana. Eles valorizam muito mais o *basketball*, o *baseball* e uma versão de *football*. É a segunda tentativa que se faz no sentido de popularizar a prática do *soccer*, mas eles ainda estão engatinhando. O campeonato nacional deles tem poucas equipes, pouco público, pouca popularidade e poucos investimentos. A expectativa é ainda de crescimento.

A atual geopolítica do futebol no mundo, sob o comando da Federation International Football Association – FIFA –, está dividida por seis associações de dimensões continentais, que respondem por 182 países. São elas:

- Conmebol, integra 10 países da América do Sul e foi fundada em 1916;
- UEFA (Union Européene de Football Association), integra 49 países da Europa e foi fundada em 1954;
- Asian Football Confederation, integra 39 países da Ásia e foi fundada também em 1954;
- Confédération Africaine de Football, integra 50 países da África e foi fundada em 1957;
- Concacaf (Confederación Norte-Centroamericana y del Caribe de Fútbol), integra 29 países da América Central, Caribe e América do Norte e foi fundada em 1961; e
- Oceania Football Confederation, integra 8 países e foi fundada em 1966.

Este futebol, acima caracterizado, tem sua origem localizada (pelos mais diversos historiadores) na Inglaterra de 1863, ano em que foi fundada a Federação Inglesa de Futebol, o primeiro órgão dirigente e responsável pela elaboração das primeiras regras do jogo. No entanto, estes apenas 134 anos não dão conta de explicar a paixão mundial exercida pelo futebol, teremos que nos aprofundar em sua história.

---

<sup>1</sup> MURPHY, P., WILLIAMS, J. & DUNNING, E. *O futebol do banco dos réus. Violência dos espectadores num desporto em mudança*. Lousã / Portugal: Celta Editora, 1994, p. 5.

## Origens do Futebol

A história da origem do futebol, na verdade, é muito mais antiga e diversa. Ela é tão antiga e diversa quanto a história do esporte que, por sua vez, é tão antiga quanto a presença do homem no planeta.

“A história do esporte é íntima da cultura humana, pois por meio dela se compreendem épocas e povos, já que cada período histórico tem o seu esporte e a essência de cada povo nele se reflete.”<sup>2</sup>

Em um breve sobrevôo nos estudos de antropólogos, sociólogos e historiadores, poderemos encontrar vários relatos que atestam a antiguidade da relação entre o homem e uma bola. Além disso, tais relatos apontam para uma diversidade, algumas vezes conflitante, de origens atribuídas ao futebol moderno. Apesar desta diversidade vamos poder descobrir que desde o princípio da civilização, localizando aqui os primeiros agrupamentos humanos, os homens desenvolveram o hábito de chutar um objeto arredondado. O antropólogo Johan Jakobs<sup>3</sup> encontrou vestígios, em uma gruta na Nova Guiné, de que o homem das cavernas já possuía este hábito.

Neste mesmo lugar, território africano, descobriu-se uma evolução para a prática de um jogo semelhante ao futebol. O jogo de futebol na Nova Guiné começa com uma das equipes em desvantagem no placar e “o objetivo da disputa é empatar o jogo. Quando isto ocorre o jogo termina e o conflito entre as tribos se encerra.”<sup>4</sup> O jogo, portanto, aqui, é realizado com o objetivo de eliminar as diferenças, exclui-se através dele a existência de vencedores ou vencidos entre as tribos que concorrem.

Outros registros do esporte, em diversos lugares do mundo, apontam para uma diversidade de características que esta prática assume. Relatos que são, algumas das vezes, conflitantes. Vamos poder encontrar, por exemplo, na China e no Japão, dois registros da prática de um jogo com bola muito semelhantes em alguns aspectos e muito diferentes em outros mais importantes.

---

<sup>2</sup> TUBINO, M. *O que é esporte*. São Paulo: Brasiliense, 1993, p. 12.

<sup>3</sup> Veja-se RAMOS, Roberto. *Futebol: ideologia do poder*. Petrópolis/RJ: Ed. Vozes, 1984, p. 25.

<sup>4</sup> HELAL, Ronaldo. *O que é sociologia do esporte*. São Paulo: Brasiliense, 1990, pp. 67/68.

Entre os séculos XXVI a.C. e XXV a.C. os chineses praticavam um jogo de bola com os pés nomeado de *Tsu-Chu* ou *Tsü Tsü*, que significa golpe na bola com o pé. A bola era feita a partir da bexiga ou da pele de algum animal e depois era recheada com crinas de cavalo, serragem ou algum vegetal mais resistente.

Em um dos trabalhos<sup>5</sup> que historia a prática do *Tsü Tsü*, afirma-se que era praticado como um ritual de guerra. Após os combates, a tribo que havia vencido praticava um jogo ritual onde a cabeça do chefe inimigo ou as cabeças dos seis guerreiros mais valentes da aldeia derrotada eram chutadas. Este ritual sagrado era praticado a partir da crença de que haveria a assimilação pelos pés (base do corpo, lugar da vida) das características dos guerreiros derrotados. Além desta assimilação, o ritual era uma forma de absoluto respeito e reverência às vítimas, já que lhes era vedada a vergonhosa condição de prisioneiros. As características assimiladas eram as que estavam presentes nas cabeças dos escolhidos como mais valentes ou do chefe da tribo: inteligência, coragem, força, habilidade, liderança e respeitabilidade.

Outro estudo<sup>6</sup> conta que o *Tsu-Chu* era praticado por soldados do imperador Xeng-Ti (século XXV a.C.). A relevância, neste estudo, é do jogo de bola como uma prática militar e disciplinar, característica do esporte que também aparecerá em outros momentos e lugares. A prática consistia em conduzir a bola com os pés ou mãos até uma meta. Os soldados organizavam-se em dois grupos opostos e para atingir o objetivo usavam de violência. Os atos de violência aparecem aqui como sendo inerentes ao jogo e, talvez, pelo seu uso constante entre os dois grupos de jogadores adversários, ele servia de preparação bélica.

Neste mesmo período, no Japão, era praticado um jogo de bola com os pés, o *Kemary* ou *Kemari*. Aqui, também, os relatos que encontramos apontam para diferenças e semelhanças. Em um dos trabalhos a relevância é dada ao aspecto cerimonial e no outro o *Kemari* é apontado como uma prática de lazer; em ambos os casos, no entanto, guardam-se algumas semelhanças.

---

<sup>5</sup> MURAD, Mauricio. *Dos pés à cabeça. Elementos básicos de Sociologia do Futebol*. Rio de Janeiro: Irradiação Cultural, 1996, p. 84.

<sup>6</sup> RAMOS, Roberto. *Futebol: ideologia do poder*. Petrópolis / RJ: Editora Vozes, 1984, p 26.

O *Kemary* (Ke = jogo e Mary = pés) é apresentado como um “*cerimonial de forte teor pedagógico e intensa e reconhecida qualidade estética*”<sup>7</sup>, praticado desde o século XXVI a.C. até os dias de hoje. Um cerimonial que consiste numa espécie de controle da bola; na realização de, para traduzir por um termo bem próximo a nossa cultura, ‘embaixadinhas’. É um ritual de autoconhecimento, automeditação, autocontrole e auto-aprendizagem. Todos estes domínios servindo para a autodisciplina.

“De extrema delicadeza, sua plasticidade é elegante, a indumentária é refinadamente nobre e a marcação de seu ritmo acompanha as melodias típicas do folclore japonês que, discreta e suavemente ao fundo, ambientam a coreografia.”<sup>8</sup>

Em outro trabalho, o *Kemari* é apresentado com uma característica mais lúdica.

“Não existia nenhuma manifestação de violência nem preparação para a guerra. Predominava um clima de lazer. Ocorriam inúmeras interrupções para a confraternização dos jogadores durante os jogos. As regras, também, permitiam o uso indiscriminado dos pés e mãos. O campo era bem amplo. Média, aproximadamente, 20 metros de comprimento. Cada ângulo recebia uma rígida demarcação, feita através de uma variedade de tipos de árvores”<sup>9</sup>

Outra forma ancestral de futebol é encontrada na América pré-hispânica. Desde o século XVI a.C. há registros da prática do *Tlachtli*. O jogo era um espetáculo sagrado: uma cerimônia que “*transcendia em seu significado e representava a atualização do combate cosmológico fundamental para a sobrevivência da humanidade*”<sup>10</sup>. Para o povo asteca, o céu noturno representava o cenário da eterna guerra entre a luz e a escuridão. Em sua cosmovisão, eles compreendiam que o Sol se alimentava das estrelas, a partir do que, poderia iluminar o mundo.

“O campo de bola era o céu, e os anéis (local onde a bola deveria entrar) representavam os lugares de onde sai e se põe o Sol. A marca onde se assinala o centro do campo de bola simbolizava o lugar do céu onde o Sol sacrificava diariamente a Lua e as estrelas, chamado de Itzompan (lugar dos crânios), representado por uma caveira. A linha central que divide o campo do jogo de bola representava o limite que separava as forças opostas em luta: a luz e a escuridão, o dia e a noite.”<sup>11</sup>

Os jogadores utilizavam-se de todas as partes do corpo, principalmente os quadris, para golpear a bola em direção dos anéis. Duas equipes competiam: uma representava o sol (a luz, o dia) e a outra representava a lua (a noite, a escuridão). Ao final da cerimônia, um dos jogadores era decapitado como oferenda aos deuses.

<sup>7</sup> MURAD, Mauricio. *Dos pés à cabeça. Elementos básicos de Sociologia do Futebol*. Rio de Janeiro: Irradiação Cultural, 1996, p. 85.

<sup>8</sup> Ibid.

<sup>9</sup> RAMOS, Roberto. *Futebol: ideologia do poder*. Petrópolis / RJ: Editora Vozes, 1984, p. 26.

<sup>10</sup> LEMOS, M. T. T. B. *Tlachtli, o jogo de bola na Mesoamérica*. In *Pesquisa de Campo*, Revista do Núcleo de Sociologia do Futebol, UERJ, nº 1, junho de 1995. APUD MURAD, Mauricio. *Dos pés à cabeça. Elementos básicos de Sociologia do Futebol*. Rio de Janeiro: Irradiação Cultural, 1996, pp. 85/86.

<sup>11</sup> Id. p. 86.

“... Ainda há dúvidas se o jogador decapitado era da equipe vencedora ou perdedora. No final do jogo, o jogador, diante do juiz (sacerdote), ajoelhava-se e tinha a cabeça decapitada. O sangue escorria como serpente pelo seu corpo, oferta divina aos deuses. Seu corpo era puxado, dando voltas no campo, ensanguentando o espaço para divinizá-lo.”<sup>12</sup>

Ao longo do tempo o *Tlachtli* perde este caráter sagrado, cosmogônico e ritual.

“... os mexicanos dessacralizam o ‘espetáculo do sagrado’ e o jogo de bola chegou a ter um caráter decisivo para as resoluções de problemas políticos, militares e econômicos que surgiam nos diversos *calpullis* ou senhorios.”<sup>13</sup>

Aproximando-nos agora do continente europeu, onde hoje localizamos o berço da modernidade – não apenas a do futebol –, vamos encontrar também diversos registros de formas ancestrais de futebol nas civilizações clássicas da Antiguidade Ocidental. Os registros vão apontar para duas direções principais: o jogo de bola como atividade lúdica que evolui para uma prática militar e disciplinar e o jogo de bola como atividade ritualizada e sagrada.

Num dos estudos vamos encontrar o relato de que os soldados romanos de César adaptaram um jogo de bola que era praticado pelo gregos – o *Epyskiros*. Originalmente este é tido como prática lúdica da nobreza e aristocracia gregas, mas a adaptação pelos soldados invasores o torna uma prática militar. Os soldados de César jogavam o *Harpastum*. Adaptaram este jogo de uma forma bastante interessante. Alguns pesquisadores vão nos apontar que

“(...) os romanos se aproximaram do esporte moderno, na medida em que os jogadores se posicionavam dentro do espaço de jogo, como defensores, meias de ligação e atacantes. Sabe-se que os romanos dominaram a Bretanha. Por este fato, alguns pesquisadores afirmam que eles introduziram o ‘jogo’ na Inglaterra, que é considerada o berço do futebol moderno.”<sup>14</sup>

Em outro trabalho, o *Epyskiros* e o *Harpastum* são apresentados como formas ancestrais de futebol, que visavam integrar a ética (*ethos*) e a moral (*mores*) tanto da sociedade grega como da sociedade romana. O *Epyskiros* aparece na Grécia do século IV a.C. e o *Harpastum* aparece em Roma quase três séculos depois. Ambos eram jogados de forma mais ou menos equivalente. Uma bola de couro cru tinha que ser conduzida – principalmente com os pés e, eventualmente, com o auxílio das mãos – pelos jogadores até a cidade do oponente. Quem alcançava esta meta era declarado vencedor. Era praticado, quase que exclusivamente, pela nobreza e pelas aristocracias das emergentes culturas grega e romana.

---

<sup>12</sup> LEMOS, M. T. T. B. *Tlachtli*, o jogo de bola na Mesoamérica. In *Pesquisa de Campo*, Revista do Núcleo de Sociologia do Futebol, UERJ, nº 1, junho de 1995. APUD MURAD, Mauricio. *Dos pés à cabeça. Elementos básicos de Sociologia do Futebol*. Rio de Janeiro: Irradiação Cultural, 1996, pp. 86/87.

<sup>13</sup> Id., p. 87.

<sup>14</sup> PIMENTA, Carlos Alberto Máximo. *Torcidas Organizadas de Futebol. Violência e auto-afirmação. Aspectos da construção de novas relações sociais*. Taubaté / SP: Vogal Editora, 1997, p. 32.

Ao longo do tempo foi ganhando contornos mais populares e tornou-se parte integrante das festividades.

“Na Grécia, o Epyskiros foi modalidade olímpica e, nas ocasiões das festas (bacanais) em homenagem ao deus do vinho, Baco, podia ser praticado pela gente do povo. Por esta razão, o jogo, agora dionisíaco (Dionísio é Baco), torna-se livre, solto, espontâneo e belo – Baco é Líber, também, e assim é conhecido, porque, pelo vinho, torna-se livre de preocupações, de amarras racionais. Mas, praticado pela gente do povo, o jogo torna-se, por outro lado, bem mais vigoroso e, às vezes, até mesmo violento. Isto porque simbolizava a glorificação báquica, celebrada por Júpiter: sob a forma de leão. Baco lutou contra os gigantes que tentaram escalar o céu e, por isso, recebeu de Júpiter a torcida incomparável – ‘Evohé! Evohé! Valor, filho meu, valor!’.”<sup>15</sup>

Da Grécia ele é transferido para a civilização romana. Esta transferência, segundo MURAD, é de caráter cultural. Teria ocorrido através dos Bacanais. Os Bacanais também teriam acontecido em Roma e com eles o jogo de bola ganhou novos contornos. No entanto, por seu caráter liberador, ele logo foi alvo de sanções e proibições pelo Senado romano. Vai ressurgir apenas no século XIV através da nobreza italiana e será conhecido como *gioco del calcio*. Ressuscitado como ritual de lazer para a nobreza, ganha os contornos de uma organização mínima, que nos lembra a modernidade do esporte.

“O *gioco del calcio*, na Idade Média, era jogado por dezenas de pessoas, em cada um dos lados. Quando se queria organizar melhor a atividade, dando traços mais finos à competição, o número de atletas era limitado entre 25 e 30 nobres por equipe. Havia, portanto, uma depuração quantitativa e, ao mesmo tempo, uma seleção por classe social. O número de jogadores considerado ideal era o de 27, assim distribuídos: 15 corredores, 5 sacadores, 4 dianteiros e 3 zagueiros. (...) O *gioco del calcio* é jogado num campo de 120m por 180m, com duas balizas de madeira em cada extremidade. A meta é a de fazer a bola (de couro e cheia de ar) passar por cima das traves.”<sup>16</sup>

Com relação às raízes britânicas da origem do futebol, os pontos de vista dos investigadores sobre o assunto não são inteiramente condizentes. Alguns propõem que o futebol teria se originado da prática do *gioco del calcio* italiano. “No século XVII, bem mais popular e agressivo, foi levado para a Inglaterra pelos partidários de Carlos II, exilados na Itália, quando houve a restauração do trono.”<sup>17</sup> Outros historiadores vão propor que formas diversas de jogo de bola eram praticadas na Inglaterra muito antes do século XVII. Não apenas na Inglaterra, mas também em quase todo o continente europeu.

Reconhecidamente, o futebol moderno tem origem na Inglaterra; a prática do jogo do qual ele teria se originado, contudo, parece não ser exclusiva deste país. Na Idade Média encontram-se registros de jogos de bola populares muito semelhantes ao futebol, com uma

---

<sup>15</sup> MURAD, Maurício. Dos pés à cabeça. Elementos básicos de Sociologia do Futebol. Rio de Janeiro: Irradiação Cultural, 1996, p. 89.

<sup>16</sup> Id., pp. 90/91.

<sup>17</sup> Id., p. 90.

diversidade de nomes, que eram praticados não apenas na Inglaterra, como também nos países continentais europeus.

Eram jogos populares extremamente violentos que aconteciam junto às festividades religiosas. Por sua popularidade, capacidade de aglutinar grande número de pessoas e pela violência que os marcavam foram alvo de diversas proibições por parte dos vários governantes reais ao longo de toda Idade a Medieval.

“Na Idade Média, porém, o futebol era um dentre uma variedade de nomes usados na Grã-Bretanha para se designar uma classe de ‘jogos populares’ – jogos de ‘gente comum’ – que eram, se quisermos estabelecer uma comparação, sem regras, rudes e selvagens. Outros nomes por que era designado eram o ‘camp ball’, o ‘hurling’ e o ‘knappan’. Entre as variantes continentais incluíam-se o ‘la soule’ em França, o ‘rouler la boule’ e o ‘la souile’ na Bélgica e o ‘gioco della pugna’ em Itália.”<sup>18</sup>

A diversidade de países praticantes do futebol atesta o fato de sua origem ser muito mais ampla do que é a crença do senso comum e também aponta direções possíveis para explicar a popularidade do esporte no mundo. No entanto, para podermos acompanhar o desenvolvimento do futebol de sua antiguidade até a modernidade, precisamos circunscrever um determinado local, onde possamos focalizar o desenvolvimento das relações sociais, políticas e culturais – humanas, enfim – que estão envolvidas em tal atividade.

Este local, porque também possui, segundo os estudiosos, maior quantidade e qualidade de registros sobre este esporte, é a Inglaterra. “*Dizem alguns que a primeira bola chutada na Inglaterra foi a cabeça de um odiado invasor danês*”<sup>19</sup>.<sup>20</sup>

A versão moderna do futebol, portanto, vai encontrar a sua origem na Inglaterra. Era um esporte praticado por grupos sociais completamente despossuídos de qualquer organização formal. Era um esporte popular, no sentido que a palavra povo adquire na Idade Média. Apresenta-se como uma tradição inventada possuindo as características de um momento de pura expressão de violência interna e externa aos grupos sociais e também características educativas e recreativas.

---

<sup>18</sup>MURPHY, P., WILLIAMS, J. & DUNNING, E. *O futebol do banco dos réus. Violência dos espectadores num desporto em mudança*. Lousã / Portugal: Celta Editora, 1994, p. 9.

<sup>19</sup> Danês é o termo em francês utilizado para designar os bárbaros originários da atual Dinamarca.

<sup>20</sup> SANTOS, Joel Rufino dos. *História política do futebol brasileiro*. São Paulo: Brasiliense, 1981, p. 12.



O jogo vai aparecer nos festivais religiosos, de uma forma dúbia. Aparece tanto como um ritual religioso quanto como um esporte. Apesar disso, a sua prática tinha um componente fundamental na violência entre as facções em disputa. Participavam desta disputa as crianças, os jovens, os adultos, os homens e as mulheres.

Em várias de suas versões medievais – ‘football’, ‘campball’, ‘hurling’ e ‘knappan’ – a bola era movimentada, atirada e dominada com os pés e também com o auxílio de outros instrumentos, tais como mãos e tacos. O número de jogadores participantes era extremamente variável, dependendo de regras que eram definidas por cada grupamento social, podendo, em alguns locais, ultrapassar até mesmo o número de mil jogadores de cada lado.

A igualdade entre os lados em disputa não parecia ser um fator importante e as regras não existiam na forma escrita. Sua transmissão era oral e, além disso, eram específicas a cada lugar. Os jogos eram disputados tanto nas ruas das cidades quanto em campo aberto. Apesar das variações locais, todos estes jogos populares tinham uma característica em comum: eram jogos-luta em que se permitiam e/ou toleravam as várias formas de violência física típicas da época medieval.

“Neste jogo vingam-se disputas privadas, de modo que todos, até os mais humildes, tiram partido. Ninguém fica de fora, todos apoiam um ou outro lado, e assim podemos às vezes ver quinhentos ou seiscientos homens nus a baterem-se no meio dum pasto, ... ninguém deixa de alinhar por um dos lados, pelo que podemos ver irmão a bater em irmão, amigo contra amigo, armados de bastões, pedras e punhos para baterem nos companheiros, os cavaleiros irrompem por entre as tropas apeadas, cada um armado com o maior cacete que conseguiu encontrar, mais próprio para o abate de bois e cavalos do que para um jogo de homens ... depois de desferido o golpe, todos se juntam em molhada, atacando-se com os desmedidos bastões sem pouparem cabeças, rostos nem qualquer outra parte do corpo. Os homens apeados juntam-se à refrega, vibrando de fúria a ponto de esquecerem de que tudo isto é um jogo, e combatem até ficarem sem fôlego. ... É um jogo em que não pode haver espectadores, todos têm de ser actores, pois assim manda o costume e a cortesia do jogo, pois se aparecer alguém tendo como única finalidade assistir à disputa ... se der consigo no meio das tropas é feito jogador, apanha com uma ou duas Gastonadas se estiver a cavalo ou uma boa dúzia de murros se estiver a pé, sendo esta a cortesia oferecida aos estranhos, apesar destes nada poderem esperar daqueles homens.”<sup>21</sup>

Por sua extrema violência e capacidade de aglomerar as pessoas, o jogo, durante a Idade Média, foi alvo de diversas proibições por parte das autoridades. Existem muitos documentos atestando mortes ocorridas durante estes jogos ao longo dos anos medievais. De 1314 até 1615 foram publicados os mais variados decretos reais de proibição ao jogo que, no entanto, continuava a ser disputado. Algumas pessoas foram aprisionadas por sua prática. A

---

<sup>21</sup> MURPHY, P., WILLIAMS, J. & DUNNING, E. *O futebol do banco dos réus. Violência dos espectadores num desporto em mudança*. Lousã / Portugal: Celta Editora, 1994, p. 31.

título de ilustração, em 1314, em Londres, uma proibição, elaborada pelo interino do rei Eduardo II, foi publicada visando impedir a realização dos jogos de futebol dentro das cidades.

“Manifesto para a Preservação da Paz... Atendendo a que o nosso Senhor o Rei se dirige às regiões da Escócia, na sua guerra contra os inimigos e nos ordenou em especial que mantivéssemos estritamente a paz... E atendendo a que existe grande tumulto na cidade por motivo de certas desordens que ocorrem em grandes jogos de futebol realizados nos espaços do domínio público, dos quais muitos males podem eventualmente surgir – Deus nos defenda – ordenamos e proibimos, em nome do Rei, sob pena de prisão, que tal jogo daqui e diante seja praticado dentro da cidade.”<sup>22</sup>

Por estas razões, às vezes, o futebol entra para a clandestinidade. Torna-se eventualmente um esporte marginalizado diante da impossibilidade legal da bola rolar durante os festivais religiosos e nos terrenos urbanos. No entanto, apesar de sua ilegalidade eventual, o futebol sobrevive. Começará a ser jogado dentro das escolas e universidades. Para poder ser praticado no interior do ambiente educacional ele, necessariamente, sofrerá um refinamento e ganhará contornos diferenciados, assumindo uma postura cuja prática requer o respeito às regras e aos códigos. É, assim, apropriado pelo Estado de maneira militar e disciplinar. É conferido aos praticantes do futebol o mesmo status que possuíam os militares da época: *gentleman*. O futebol se torna, assim, um esporte de *gentlemen*.

Neste momento é que o futebol, a partir de uma aceitação social mais ampla das regras definidas nos interiores das escolas e universidades, transforma-se em um esporte de elite. Inúmeras e diferentes regras foram surgindo nas várias instituições de ensino.

Entre 1810 e 1840, a multiplicação das instituições de ensino que aderiram ao novo jogo, bem como a conseqüente proliferação de regras, impuseram a necessidade de regulamentação. Universitários de Cambridge, após uma série de reuniões realizadas na Old Freemanson's Tavern, fundam no histórico ano de 1863, a Football Association. Definem um pequeno código de regras básicas para o esporte, que irá sofrendo alterações ao longo dos anos, e definem as formas de disputa do jogo. A delimitação de onze jogadores em campo surge em decorrência da quantidade de escolas e universidades que tinham este esporte sendo praticado em seu interior.

---

<sup>22</sup> RILEY, H. T. (ed.) *Munimenta Gildhallae Londoniensis*, Rolls Ser., n° 12, Londres, 1859-62, Vol. III, Apêndice II, excertos do *Liber Memorandum*, pp. 439-41, texto latino e anglo-francês, com tradução inglesa do anglo-francês. APUD ELIAS, Norbert. A busca da excitação. Lisboa/Portugal: Difusão Editorial, 1985, p. 258.

O momento da apropriação disciplinar, estatal e da oficialização do futebol é o mesmo momento de várias das transformações políticas, sociais e econômicas no mundo. Mudanças ocasionadas por acontecimentos tais como a Revolução Francesa e a Revolução Industrial. A Europa sai da Idade Média e entra na modernidade. O fim da sociedade de organização feudal, abrindo espaço à uma sociedade de organização capitalista, fez surgir profundas transformações na economia, na política, na cultura e, principalmente, nas estruturas da sociedade. A institucionalização de uma nova estrutura significou muito mais do que uma simples mudança no modo de produção. Trouxe consigo, também, uma desenfreada aceleração da concentração da massa humana nos centros urbanos e uma busca pelas benesses materiais trazidas pela industrialização. Todas as instituições sociais transformam-se de acordo com as necessidades de produção impostas pelo novo regime econômico e político.

Aprisionado no interior dos colégios e das universidades, o futebol adapta-se aos novos sistemas. Torna-se, assim, um esporte organizado e codificado por regras que visavam coibir a sua violência original e se firma como um esporte terminantemente burguês. Ele surgiu na sociedade completamente despido de artifícios institucionais e, à medida que ganhou popularidade, tornou-se vulnerável às articulações políticas, econômicas e sociais, que as novas ordens mundiais exigiram. O futebol passa por mutações: de jogo muitas vezes proibido na Idade Média passa a diversão burguesa, no início do capitalismo e, posteriormente,

“... transforma-se, por força dos interesses do Estado inglês – sabedor do êxtase da massa –, na maior tradição popular da Inglaterra que passa a definir cada vez mais um palco maior em que se representam as atividades fundamentais das vidas dos súditos e cidadãos.”<sup>23</sup>

No momento em que o futebol é oficializado pela Football Association, ganha outros contornos sociais, diferentes daqueles que o caracterizavam como prática de elite ou como prática popular. No entanto, não é fácil estabelecer o momento preciso em que o futebol é adotado pela massa na Inglaterra. Segregado que foi nas escolas e nas universidades, desenvolveu-se primeiramente como um esporte amador, moderador de caráter, disciplinador, burguês e de classe média. Na medida em que o futebol atinge a profissionalização, rapidamente adequa-se novamente ao gosto popular.

---

<sup>23</sup> PIMENTA, Carlos Alberto Máximo. *Torcidas Organizadas de Futebol. Violência e auto-afirmação. Aspectos da construção de novas relações sociais*. Taubaté / SP: Vogal Editora, 1997, p. 37.

A popularização do esporte vai acontecer aproximadamente a partir de 1870. A Football Association é a responsável direta pela codificação das regras do esporte e, assim, ele assume uma linguagem fácil e universal. O futebol vai ganhando contornos próprios para se tornar parte importante da cultura de massa popular.

O futebol se transforma, aos poucos, numa instituição social sólida, que se baseia em regras e ritualizações tornadas universais. Como tal, foi capaz de aglutinar no mundo um grande número de adeptos – aficionados e apaixonados. Vejamos, por exemplo, o número de espectadores de uma Copa do Mundo.

“Segundo os cálculos da FIFA, uma platéia global acumulada de 31 bilhões de pessoas assistiu aos 52 jogos da Copa – 5 milhões a mais que o Mundial da Itália, em 1990. Foi a primeira vez, por exemplo, que o Vietnã viu a Copa ao vivo.”<sup>24</sup>

O futebol, enquanto instituição social, adquire uma característica extremamente interessante e que podemos encontrar denunciada nos mais diversos trabalhos dos pesquisadores consultados. O futebol apresenta-se como elemento independente das relações nas sociedades onde se desenvolveu, a ponto de ser considerado, simplesmente, um esporte. Esta independência estrutural esconde a história de seu próprio desenvolvimento e procura, de certa forma, retomar a ancestralidade e presença do jogo em todas as culturas, apelando para um saudosismo e romantismo. Mas, procedendo desta forma, oculta e aliena as relações sociais, políticas e econômicas que determinam o fenômeno.

Por outro lado, a estrutura do futebol apresenta algo bastante incomum que o transforma num grande atrativo mundial. Uma atração que se mostra relativamente independente do nível do desenvolvimento dos países e das características sócio-políticas dos respectivos governos. Tal atração deve ser buscada na incorporação de práticas físicas burguesas e aristocráticas, de respeitabilidade às regras, aos adversários, árbitros e códigos. Na medida em que o futebol impõe aos seus praticantes a ilusão de igualdade, ele ultrapassa as fronteiras do esporte e ganha as massas populares, perpetuando-se definitivamente entre elas como o grande fenômeno do século.

Sua estrutura, que determina uma linguagem universal e civilizada, escora-se nos seguintes aspectos:

---

<sup>24</sup> DUARTE, Marcelo. *O guia dos curiosos. Esportes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 259.

“1. igualdade numérica entre os adversários e restrição para ambos os lados, do número de jogadores – onze – presentes no campo em qualquer momento do jogo; 2. estrita e clara demarcação do papel a desempenhar por jogadores e espectadores; 3. especialização no domínio da bola com os pés, peito e cabeça e, no caso do guarda-redes, ainda com as mãos. (...); 4. regulamentação e órgãos dirigentes centralizados, as Federações de Futebol dos diferentes países (...); 5. um conjunto de regras escritas que exigem dos jogadores o auto-domínio em matéria de contactos físicos e uso da força física e que proíbem o uso desta sob certas formas; 6. sanções claramente definidas, como por exemplo os ‘livres’ e ‘grandes penalidades’ aplicadas àqueles que violam as regras, e uma forma de punição máxima para graves e persistentes violações das regras: a possibilidade de expulsão de jogadores, a que se podem juntar períodos de suspensão e/ou multas em dinheiro; e 7. a institucionalização de papéis específicos sobre quem compete o controlo e a fiscalização do jogo, isto é, os papéis de ‘árbitro’ e ‘fiscal de linha’.”<sup>25</sup>

Dentro da moderna sociedade competitiva tal estrutura, como quaisquer outras, adquire um viés político e, desta forma, o futebol também dinamiza os conflitos sociais, escorado na aceitabilidade das regras do jogo e no espírito da competição esportiva. Fenômeno sócio-cultural de grande importância neste final de século, firma-se como uma das instituições sociais mais sólidas do mundo.

A aceitabilidade das regras, que têm início com a fundação da Federação Inglesa de Futebol e continuidade com as transformações sociais e econômicas, expande-se na medida em que o futebol começa a ser praticado no interior das fábricas inglesas. Praticado inicialmente pelo operários como atividade de lazer, rapidamente é apropriado pelo sistema que passa a incentivá-los e organizar, desta forma, os espaços.

“Na medida em que o futebol transpõe os limites da exclusividade e da vaidade física burguesa, ultrapassando os muros das escolas públicas e das universidades, rapidamente deixa de ser uma atividade amadora. O futebol profissionalizado atinge o coração das massas proletárias e o marco fundamental da popularização do jogo foi o deslocamento de uma brincadeira amadora burguesa para uma atividade lúdica proletarizada de reivindicações econômicas.”<sup>26</sup>

As fábricas inglesas passam a incentivar o esporte, contribuindo para sua profissionalização, abrem espaço para que seus operários joguem, utilizam o jogo, inclusive, como doutrina no espaço de lazer. Abrem, assim, dentre outras possibilidades, perspectivas para a melhoria da qualidade de vida do jogador / trabalhador, proporcionando-lhe respeitabilidade, em razão de sua habilidade física. A indústria se torna a mola propulsora na popularização do futebol. “*É altamente provável que os jogadores de futebol tendessem a ser recrutados entre os operários habilitados.*”<sup>27</sup> O futebol, na sua versão moderna, foi criado, mantido e incentivado pelas fábricas e indústrias do mundo inteiro.

---

<sup>25</sup> MURPHY, P., WILLIAMS, J. & DUNNING, E. *O futebol do banco dos réus. Violência dos espectadores num desporto em mudança*. Lousã / Portugal: Celta Editora, 1994, pp. 32/33.

<sup>26</sup> PIMENTA, Carlos Alberto Máximo. *Torcidas Organizadas de Futebol. Violência e auto-afirmação. Aspectos da construção de novas relações sociais*. Taubaté / SP: Vogal Editora, 1997, p. 38.

<sup>27</sup> Ibid.

Os britânicos criaram a tradição de construir, nos arredores e até mesmo no espaço interno das fábricas, campos para a prática de futebol. Na exata medida em que os Grêmios dos trabalhadores se organizavam, crescia o interesse, de ambas as partes – proprietários e trabalhadores –, no incentivo do esporte. Associando esta prática política à proliferação das indústrias britânicas e, também, européias, no mundo inteiro, vamos ter a forma precisa como o futebol, em sua versão moderna, se propagou pelos quatro cantos do planeta.

“O futebol neste contexto histórico de grandes transformações recebe características próprias e universais, gerenciadas por lógicas racionais, regras e códigos, de modo que sua introdução em territórios fronteiriços ou nas demais sociedades, se fez, na maioria das vezes, por expatriados ingleses e até por intermédio de fábricas de administração britânica. O esporte bretão entra na cultura brasileira através de um filho de britânicos – Charles Miller – que estudou na Europa e trouxe o jogo para o Brasil e, em terra fértil, proliferou entre as massas populares.”<sup>28</sup>

O futebol, portanto, apesar da variedade presente nas versões sobre a sua origem e apesar, também, do saudosismo com o qual fazem-se as referências a ele, é um esporte extremamente representativo e ilustrativo das formas pelas quais as relações sociais se estabelecem. As sociabilidades possíveis aos sujeitos numa sociedade estão todas elas expressas através dos mais diversos significados que a prática do jogo possui.

Explorando a diversidade de versões sobre sua origem foi possível perceber aspectos do esporte – futebol como um ritual sagrado, ou como uma diversão medieval e, logo, violenta, ou como uma prática disciplinar, entre tantos outros – antes escondidos por trás de máscaras saudosistas. Aspectos que nos possibilitam repensar o tom romântico e saudosista com o qual, atualmente – neste momento de novas transformações nas relações estabelecidas dentro do futebol – o esporte é significado pelos cronistas esportivos, dirigentes e esportistas. Assim sendo, da mesma forma como fizemos em relação à Inglaterra, vamos proceder em relação ao Brasil.

---

<sup>28</sup> PIMENTA, Carlos Alberto Máximo. *Torcidas Organizadas de Futebol. Violência e auto-afirmação. Aspectos da construção de novas relações sociais*. Taubaté / SP: Vogal Editora, 1997, p. 39.

## O Futebol no Brasil

É necessário fazer uma consideração antes de relatarmos as versões conflitantes sobre a origem do futebol no Brasil. Quando se estuda o tema futebol encontra-se um material extremamente vasto e abrangente produzido no meio acadêmico, no âmbito específico deste esporte, apenas na Europa. Há grande quantidade e qualidade de material sobre o futebol nos países e culturas européias. No entanto, quando queremos pensar este esporte no Brasil, suas influências dentro da cultura, economia, política e sociedade brasileira, ou mesmo sua história, iremos encontrar, comparativamente, um número reduzido de estudos e trabalhos acadêmicos. As ciências humanas brasileiras, apenas muito recentemente, têm voltado suas preocupações em direção ao futebol. Por estas razões, o exame que se segue sobre a história dele em nosso país se apresenta, como toda a história, com algumas lacunas. No entanto, é objetivo aqui preencher algumas das lacunas deixadas pela história oficial – ou, pelo menos, a que é aceita como tal – do futebol em terras brasileiras.

“O esporte contribui para desvendar as facetas históricas, sociológicas, psicológicas, antropológicas e políticas de uma sociedade, abrindo-se possibilidade de caminhar, simultaneamente, na descoberta de segredos diversos. (...) Ele envolve inúmeros interesses de cunhos ideológicos, econômicos, religiosos, entre outros.”<sup>29</sup>

A história oficial da origem do futebol no Brasil nos conta que o paulistano do Brás, Charles Miller, é o responsável direto pela introdução da instituição do futebol. Nascido em 1874 e filho de ingleses e escoceses, foi, aos nove anos de idade, estudar na Inglaterra. Retornou ao Brasil em 1894 trazendo em sua bagagem duas bolas para a prática de futebol, de fabricação inglesa, da marca *Shoot*, dois uniformes completos, uma bomba de ar, uma agulha e um pequeno livro contendo as regras básicas – tais como haviam sido definidas poucos anos antes pela Federação Inglesa de Futebol – além das experiências que teve como jogador de futebol nas escolas inglesas pelas quais passou.

“Excelente jogador, habilidoso no trato da bola e artilheiro implacável. Em 25 partidas oficiais de seu colégio, na Inglaterra, marcou 41 gols, uma admirável média de 1,64 gol por jogo. Foi convocado entre os melhores atletas para jogar no time do Southampton, uma espécie de seleção regional. Chegou a disputar, também, uma partida, na qual teve brilhante atuação, contra a famosa equipe do Corinthian, que, anos depois, inspirou a criação do Corinthians Paulista.”<sup>30</sup>

---

<sup>29</sup> PIMENTA, Carlos Alberto Máximo. Torcidas Organizadas de Futebol. Violência e auto-afirmação. Aspectos da construção de novas relações sociais. Taubaté / SP: Vogal Editora, 1997, p. 39.

<sup>30</sup> MURAD, Maurício. Dos pés à cabeça. Elementos básicos de Sociologia do Futebol. Rio de Janeiro: Irradiação Cultural, 1996, p. 95.

De volta ao Brasil, aos 20 anos de idade, com os instrumentos necessários para a prática do jogo e o gosto por ele adquirido durante sua estada na Inglaterra, começou a formar amizades e abrir caminhos para a prática do esporte nos tradicionais clubes dos ingleses que haviam na cidade de São Paulo. Rapidamente, o esporte ganhou alguma popularidade entre a elite da época.

Charles Miller organizou e participou do “primeiro jogo”, vencido pelo seu time, o São Paulo Railway. Trabalhou incansavelmente, como um verdadeiro apaixonado, pela implantação, difusão e estruturação do futebol. Primeiro, atuou durante muito tempo como jogador. Depois atuou como árbitro por mais alguns anos até falecer em 1953, aos 79 anos de idade. Uma vida inteiramente dedicada ao esporte.

A história acima não está completa e tampouco é a única versão sobre a origem do futebol em nosso país. É certo que à Charles Miller é atribuída a responsabilidade direta pela introdução do futebol no país, ao menos no que concerne às versões oficializadas e institucionalizadas deste esporte. No entanto, existem outras versões que nos falam da influência que os índios tiveram no esporte, de um desenvolvimento marginal do futebol nas grandes cidades e que nos fornecem concepções alternativas sobre qual teria sido realmente o primeiro jogo de futebol realizado em terras brasileiras. Histórias que não podem ser minimamente negligenciadas devido ao seu caráter explicativo da influência que o futebol exerce na cultura e das próprias transformações que ele sofreu ao longo de pouco mais de cem anos em terras brasileiras.

É muito conhecido o fato mais amplo de que os índios brasileiros influenciaram muito a cultura brasileira no que se refere ao gosto, extremamente popular, pelos jogos e brinquedos infantis de arremedo de animais. A popularidade destes jogos, às vezes não tão infantis, como o jogo do bicho, atesta esta afirmação. O jogo do bicho, como é conhecido, consiste em apostar dinheiro em números que, cada grupo de quatro, correspondem a animais, predominantemente da fauna brasileira. Este jogo de azar, entranhado que está na cultura, encontra raízes para sua imensa popularidade, entre outros fatores, nos resíduos animistas e totêmicos das culturas indígenas brasileiras, e ganha um grande reforço com os resíduos animistas e totêmicos das culturas indígenas africanas.



No entanto, o que é pouco conhecido é o fato de que estes mesmos índios influenciaram sobremaneira o mais legítimo esporte bretão exatamente no instrumento que é o principal objeto de toda a disputa – a bola. Pode-se praticar o futebol e quaisquer condições climáticas, geográficas e espaciais e com qualquer quantidade de pessoas, mas nunca sem a bola.

“Há ... uma contribuição ainda mais positiva do menino ameríndio aos jogos infantis e esportes europeus: a bola de borracha por ele usada num jogo de cabeçada. Este jogo brincavam-no os índios com uma bola, provavelmente revestida de caucho, que aos primeiros europeus pareceu de um pau muito leve; rebatiam-na com as costas, às vezes deitando-se de borco para fazê-lo.”<sup>31</sup>

Todas as bolas que apareceram nos diversos relatos sobre as origens do futebol eram feitas de pele animal e recheadas com algum material vegetal ou animal. As bolas utilizadas pelos índios brasileiros era feita de borracha e era muito leve em comparação com as outras. Desta forma, não é de se estranhar que a bola confeccionada pelos índios tenha percorrido, através dos portugueses, toda a Europa. As próprias bolas que Charles Miller trouxe ao país já possuíam a borracha como um dos materiais utilizados em sua confecção. Eram bolas de couro, costuradas por fora, que tinham uma câmara de ar, feita de borracha, por dentro. Existem ainda registros mostrando a presença desta bola – ou de alguma bola que deriva sua tecnologia desta – nas práticas do futebol não oficial, em terrenos de várzea e nas ruas das grandes cidades, quando o futebol já era prática oficializada no Brasil.

Além da influência dos índios, outro ponto que merece destaque é uma certa imprecisão no que diz respeito a data e a quem trouxe o futebol para o Brasil. Talvez possamos acompanhar os estudiosos que designam Charles Miller como o responsável por este feito, mas apenas no que tange à introdução de uma instituição: algo muito mais amplo e abrangente do que a simples prática do jogo de futebol. No entanto, antes de ele retornar ao Brasil, vindo da Inglaterra, já se encontram relatos de ocorrências de jogos de futebol.

“A introdução do futebol no Brasil é polêmica. Há inúmeras versões. Alguns sustentam que os marinheiros ingleses chegaram ao Rio de Janeiro em 1872, com uma bola. Lá, teriam realizado as primeiras partidas. Outros insistem que o primeiro jogo ocorreu em São Paulo, em 1894. Ele teria reunido os operários da Companhia de Gás e os ferroviários da São Paulo Railway. Os ferroviários venceram por 4 a 2.”<sup>32</sup>

---

<sup>31</sup> FREYRE, Gilberto. *Casa grande e senzala*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1963. APUD MURAD, Mauricio. *Dos pés à cabeça. Elementos básicos de Sociologia do Futebol*. Rio de Janeiro: Irradiação Cultural, 1996, p. 92.

<sup>32</sup> RAMOS, Roberto. *Futebol: ideologia do poder*. Petrópolis / RJ: Editora Vozes, 1984, pp. 26/27.

Sempre que aportavam, os marinheiros ingleses, em seus momentos de folga, praticavam o futebol. Há registros de alguns jogos realizados por eles no ano de 1878 nos jardins da residência da Princesa Isabel, a pedido dela que, segundo consta, adorava esportes. Também existem relatos mostrando a prática de futebol por funcionários das fábricas de origem britânica, que aqui existiam. Podemos inferir, portanto, que para além da história oficial, o futebol no Brasil apresenta uma história marginal, que vai sendo construída pelas mais diversas influências. Assim, poderemos inferir também que esta história oficial fundamenta-se em alguns valores que precisam ser explicitados. É uma história que justifica o atual momento político do futebol onde se formam verdadeiros lobbies nacionais para defender um sistema e uma estrutura fracassadas<sup>33</sup>.

“Mas todo lado tem dois lados, e, paralelamente, a esta ‘história oficial’, elitista e racista, vinha sendo gestado, no seio das camadas populares, um processo subterrâneo, clandestino, de paixão, divulgação e prática futebolísticas. Driblando com engenho e arte todas as interdições, por meio da várzea, das peladas e da periferia, pretos, mulatos e brancos, pobres engendraram uma posição firme e marcante historicamente: a da apropriação e inversão do código vigente, isto é, a popularização e democratização do futebol. Este processo, entranhado na realidade brasileira, atravessará os anos da Belle Époque, mais ou menos no anonimato (destaque para a fundação do Corinthians, em 1910, de origem realmente popular), e verá instalada e reconhecida sua vigência, a partir da década de 20, mais precisamente, 1923, quando o Vasco da Gama foi campeão carioca – campanha extraordinária, quase invicta, perdeu somente uma partida para o Flamengo, por 3x2, no chamado ‘Jogo das Pás de Remo’, onde os robustos remadores rubro-negros agrediam com as pás de remo os torcedores vascaínos.”<sup>34</sup>

O futebol nasce elitista e racista em 1894, seis anos após a Abolição da Escravatura. Praticado apenas pelos ingleses e seus descendentes, estudantes brasileiros do College Mackenzie, logo foi sendo praticado também por outros membros da elite. Em 1897, o alemão Hans Nobiling organiza um time e rompe com a exclusividade dos britânicos. Aos poucos foram se organizando os primeiros clubes e em 1902 aconteceu o primeiro Campeonato Paulista, com a participação de apenas cinco clubes. Todos eles formados apenas por jogadores amadores originários da elite paulistana da época. Nenhum jogador negro ou mesmo pobre atuava em algum clube.

Esta situação que caracteriza o futebol como esporte elitista e racista permanece ao longo de mais de três décadas. Aos poucos, neste período, com o crescimento dos campeonatos, com a competitividade dos times e a criação de alguns outros times (Corinthians e Vasco, por exemplo) de origem popular, o futebol ganha outros contornos.

---

<sup>33</sup> Veja-se a este respeito o debate, na sociedade brasileira e, principalmente, no Congresso Nacional, que se prolongou por mais de um ano, em torno das proposições de modernização do esporte contidas no que ficou conhecido como “Lei Pelé”.

<sup>34</sup> MURAD, Maurício. *Dos pés à cabeça. Elementos básicos de Sociologia do Futebol*. Rio de Janeiro: Irradiação Cultural, 1996, p. 97.

Depois que o Vasco da Gama, do Rio de Janeiro, ganha o campeonato estadual, em 1923, com um time formado por negros, mulatos e pobres, se inicia a fase mais clandestina do futebol. Os negros e os pobres, os trabalhadores das fábricas e outras pessoas do povo começam a ser incluídos nos times para dar-lhes mais competitividade. Uma inclusão, nesta época, ainda bastante estigmatizada.

Nestas três décadas o futebol acompanhou bastante de perto o crescimento urbano das cidades. À medida que as vilas operárias iam se criando, times eram formados em centenas de pequenos campos de várzea. Alheios aos campeonatos oficiais dos grandes clubes, foram conquistando a simpatia da sociedade e a admiração do público. Organizavam seus próprios campeonatos e daí surgiram vários times de origem mais popular. Jogadores eram formados nos campos de várzea e eram chamados para atuar nos grandes clubes.

Em 1933, o futebol é profissionalizado. Isto precisou ser feito para conter o êxodo de jogadores brasileiros para o exterior e para oficializar, através do vínculo empregatício, a situação dos jogadores negros e pobres. Neste momento, a maior parte das figuras filantrópicas da elite nacional, que habitavam o comando do esporte, afasta-se. Deixam a administração dos clubes nas mãos dos industriais e comerciantes emergentes da época.

“Com o surgimento do profissionalismo, o capitalismo industrial, tanto na Grã-bretanha quanto no Brasil, passou a atuar nas relações sociais e o futebol penetrou nas culturas urbanas e industriais. (...) Desta forma, a administração dos clubes por negociantes e industriais gerava a possibilidade do atleta habilidoso na arte da bola, trabalhar numa indústria e receber altos salários, obter ganhos extras com os chamados ‘bichos’ e, acima de tudo, adquirir prestígio.”<sup>35</sup>

A profissionalização das relações no futebol inaugura uma fase de transição em direção à popularidade do esporte. Fase esta marcada por relações extremamente paradoxais entre uma prática elitista e racista e outra extremamente negra e popular. É nesta fase, principalmente com o governo populista – o Estado Novo – de Getúlio Vargas, que estas relações paradoxais atingem o seu apogeu.

Os jogadores negros e os de origem humilde passam, aos poucos, a serem aceitos nas equipes. Aceitação esta muito condicionada às suas habilidades e capacidades de contribuir para a competitividade de cada equipe. O investimento estatal, neste sentido, o da inclusão das

---

<sup>35</sup> PIMENTA, Carlos Alberto Máximo. *Torcidas Organizadas de Futebol. Violência e auto-afirmação. Aspectos da construção de novas relações sociais*. Taubaté / SP: Vogal Editora, 1997.

diferenças sociais no esporte e consequente popularização deste, toma um corpo ainda maior com a construção de estádios e a promoção da Copa do Mundo de 1950.

Os maiores marcos deste período são as construções do Estádio Municipal Paulo Machado de Carvalho, o Pacaembú, no início da década de 40 e do Maracanã, o maior estádio do mundo, no final da mesma década, objetivando sediar o jogo final da Copa do Mundo de 1950. A popularidade do futebol se propaga muito nesta época, também por causa das transmissões radiofônicas. Este momento de transição vai ter seu fim marcado pela derrota brasileira na Copa do Mundo de 1950, atribuída à “natural” inferioridade da mestiçagem brasileira.

Depois da Copa, com a popularidade já bastante estabelecida dentro da sociedade, o futebol vive um período de grandes revoluções, que o projetam em nível internacional. Tal feito é acompanhado também da projeção de uma imagem do povo brasileiro, de nossa cultura, enfim, para o mundo. Entre 1950 e 1970 foram três conquistas de Copa de Mundo, feito inédito até aquele momento. Neste período também foram conquistados alguns campeonatos mundiais interclubes. O Santos Futebol Clube, de Pelé e companhia, ganhou dois destes torneios na década de 60.

Assim, o Estado, que já vinha investindo no esporte como um dos instrumentos que pudesse transmitir suas mensagens por todo o território nacional, aumenta sua participação. O futebol, como elemento aglutinador de paixões, foi objeto de altíssimos investimentos por parte do Estado. A construção dos estádios continua em todos os importantes pontos do território nacional. O bicampeonato mundial, conquistado nas Copas de 1958 e 1962, confirma esta idéia.

Neste período ainda, mas já sob os mantos da ditadura militar, a partir de 1964, que o futebol vai encontrar outras formas de expressar sua sociabilidade. Torna-se um dos principais instrumentos ideológicos do Estado. É durante o governo militar que se desenvolvem idéias que associam a imagem do brasileiro diretamente ao universo do futebol. O Brasil será, por exemplo, concebido como o *país da bola* e a *pátria de chuteiras*. Foi a época da criação de alguns slogans, bastante denotativos da relação entre o brasileiro e o futebol e do uso ideológico que o Estado fez desta relação. Slogans, tais como: “*A Taça do Mundo é nossa*,

*com brasileiro não há quem possa!*”, “*120 milhões em ação, prá frente Brasil, do meu coração!*” e “*Ninguém segura mais este país!*”.

Durante o final dos anos sessenta e os anos setenta, quando o Brasil conquista o tricampeonato mundial, o governo construiu estádios de grande porte em todos os pontos estratégicos do território nacional. Todos os Estados da União receberam seus estádios e a visita promocional dos diversos selecionados brasileiros para jogos internacionais. A antiga CBD – Confederação Brasileira de Desportes – recebe a missão de expandir o futebol e o poder político do governo militar. Para tanto, assume para si a organização do calendário dos campeonatos estaduais e a criação do Campeonato Brasileiro. Para contribuir com este projeto também é criada a Loteria Esportiva, com o objetivo de arrecadar dinheiro para as despesas dos clubes e da própria CBD com os campeonatos.

Durante toda a década de 70, juntamente com os sucessivos fracassos brasileiros no futebol mundial, o calendário dos campeonatos de futebol promovidos pela CBD sofreu inúmeras e incontáveis alterações. É suficiente referir que as regras das competições e o número de equipes participantes não se repetiram de um ano para o outro durante este período. Tais alterações transformaram o campeonato nacional em um verdadeiro instrumento de manobras com finalidades políticas. A oposição ao governo criou, inclusive, um slogan bastante ilustrativo desta situação: *Onde a ARENA vai mal, um time no Nacional!* No campeonato de 1979 chegamos a ter a participação de 96 clubes de 70 municípios brasileiros. As fórmulas de disputa dos campeonatos eram criadas, ano após ano, muito mais a partir das necessidades políticas do que de outras. Esta situação sustenta-se por uma década e, no início dos anos 80, começa a sofrer com as transformações políticas da sociedade.

A década de 80 marca a pior fase do futebol brasileiro, tanto no plano interno quanto em nível internacional. No período da abertura política, as discussões, que antes eram proibidas de ir a campo ou mesmo de sair às ruas, tomam exatamente estes espaços. Ganham um determinado corpo justamente dentro das quatro linhas que demarcam o campo de futebol. A maior expressão deste momento histórico foi a “Democracia Corinthiana”, uma gestão na qual diretores e jogadores do clube participavam ativamente de todas as decisões referentes ao futebol. A “Democracia Corinthiana” teve como expoentes jogadores do porte de Sócrates, Casagrande e Vladimir, entre outros, além do dirigente Adilson Monteiro Alves, depois eleito deputado estadual pelo PMDB. Procurando refazer as relações sociais dentro da esfera do

futebol, especificamente no interior do Sport Club Corinthians, foi tomada como exemplo para outros âmbitos. Tornou-se modelo de administração das relações através da prática de valores tais como liberdade e democracia. A conquista de diversos campeonatos também colaborou, e muito, para que esta administração fosse tomada como um modelo.

Ao mesmo tempo estouravam os escândalos em torno do futebol por todo o país. A corrupção foi denunciada para a opinião pública. Os maiores escândalos envolviam a corrupção de dirigentes e árbitros e jogadores para favorecer resultados políticos e, pior, manipulação de resultados de jogos da Loteria Esportiva. Foi a época em que a sociedade ficou conhecendo a famosa *Máfia da Loteria*. Juntamente com estes fatos, que denunciaram as relações criminosas estabelecidas no interior do futebol para monopolizar ganhos pessoais e políticos, a década de 80 também foi marcada pela especulação imobiliária e por um desenvolvimento urbano desorganizado, o que conduziu ao desaparecimento de aproximadamente dez mil campos de várzea. O futebol marginal foi praticamente eliminado do cenário urbano.

Todos estes acontecimentos da década de 80 determinam novos cenários para o futebol dentro da sociedade brasileira. Os grandes craques brasileiros vão para o exterior, os clubes não tem mais condição de competir com o mercado externo. Reinaugura-se, neste momento, uma prática comercial entre clubes que hoje é bastante comum, desejada e que envolve um número cada vez maior de atletas em transações de cifras astronômicas. Toda a desestruturação vivenciada pelo futebol nesta década não conseguiu conter o êxodo dos jogadores, principalmente, para a Europa.

Assim, aos grandes clubes restou a possibilidade de iniciar um investimento massivo na estruturação e consolidação das categorias de base. A várzea não revelava mais craques, mesmo porque havia sido praticamente abolida do cenário urbano. Foi o período de maior expressão de técnicos que investiam nos jovens valores e lhes davam oportunidade. O resultado de tais investimentos mostrou-se bastante satisfatório e técnicos como Telê Santana e Cilinho dominaram o imaginário futebolístico daquele momento. Ficou muito famoso o time do São Paulo Futebol Clube formado, em sua maioria, por jogadores muito novos e que, no entanto, conquistaram vários títulos importantes. Não tiveram maior expressão pelas sucessivas eliminações do Brasil nos torneios mundiais.

Acoplada à idéia da formação de categorias de base nos clubes, surgem por todo o espaço urbano, dezenas de escolinhas de futebol. Grande parte dos craques do passado é convidada a estruturar essas escolas nas quais possam ensinar as crianças a sua experiência e as suas concepções táticas e técnicas. As escolas surgem também como alternativa a inexistência dos antigos campos de várzea, de onde eles mesmos haviam sido descobertos para o futebol. Os convites possuem duas origens distintas. Uma grande parte destes são originários da iniciativa privada, independente até mesmo dos clubes de futebol. Alguns empresários resolvem investir em grandes nomes do passado com objetivo de atrair a classe média e a alta para o esporte. Outra parte dos convites é formulada por algumas prefeituras municipais que decidem bancar a formação de atletas para o futuro, sendo que este projeto se insere mais amplamente em alguns outros projetos de educação e de retirada de crianças carentes das ruas.

No início dos anos 90, outra revolução tomou conta do futebol, mais uma vez expressão das políticas econômicas e sociais mais amplas. Os clubes de futebol deixam de ter a assistência do Estado e o calendário esportivo organizado pela CBF – Confederação Brasileira de Futebol –, ainda catalisador de interesses diversos, mostra-se um elemento impossibilitador do comparecimento do público aos estádios. O prejuízo cresce porque os bons jogadores vão embora e o público também. Os clubes passam a necessitar de reformulações estruturais e inaugura-se a época das ligas independentes de clubes que fazem valer o seu potencial político. Época, também, da entrada de capital privado externo criando os chamados clubes-empresa. Parcerias são firmadas com grande sucesso e o melhor marco deste momento histórico é o convênio entre a Sociedade Esportiva Palmeiras e a multinacional Parmalat. Esta última traz para o Brasil a experiência bem-sucedida da administração de vários clubes de expressão europeus. Com os resultados regionais e nacionais que esta parceria obtém, os outros clubes são obrigados a se reformular para poderem competir e, assim, outras formas de parceria são criadas.

Da competitividade que vai se estabelecendo aos poucos, ao longo dos anos, o melhor resultado é a conquista do tetracampeonato mundial do selecionado brasileiro no ano de 1994. Conquista esta que nos reconduziu ao topo do ranking futebolístico mundial novamente. Somos o único país com quatro campeonatos mundiais em todo o mundo. O Brasil continua ocupando o primeiro lugar no ranking da FIFA, mesmo após ter sido derrotado na final da Copa da França. Permanecemos como *o país do futebol*.

O futebol, portanto, participou ativamente, desde os primeiros momentos, da cena social brasileira. A atual referência saudosista e romântica que se faz ao passado não se justifica pela história deste esporte dentro da sociedade. A sua história, como pudemos acompanhar é permeada pelas mesmas desigualdades, exclusões sociais e políticas diversas que vem caracterizando a sociedade nestes últimos cem anos. O objetivo aqui era mostrar o futebol como um dos possíveis elementos da sociabilidade do brasileiro e, como tal, ele não esconde as ambiguidades deste universo de possibilidades do ser humano.

A referência saudosista que se faz a uma beleza estética perdida é pura mistificação e também é paradigmática das relações sociais burocraticamente disciplinadas. O futebol é, e sempre foi, um espelho no qual estão refletidas as formas pelas quais as relações sociais se estabelecem. A violência dentro de campo e fora dele sempre existiu, desde o início. A violência como prática de exclusão e marginalização social marca o esporte desde o seu início, seis anos após a abolição da escravatura no país. As desigualdades sociais, diferentes em cada momento histórico, sempre encontraram reflexos no interior das relações promovidas pelo futebol. Cobrir o espelho é, portanto, mistificar os aspectos da realidade que ele nos evidencia.

A independência estrutural e institucional que está significada no futebol é falseadora e encobridora das relações de nepotismo, favorecimentos políticos, má administração do dinheiro e corrupção que envolvem o esporte, da mesma forma como envolvem outras instituições sociais. Neste momento de transformações estruturais pelas quais passa o futebol é bastante paradigmática a referência saudosista ao passado.

Analisando as relações burocráticas, Jurandir Freire Costa, nos propõe um olhar para as formas como elas se estabelecem no interior da sociedade e dominam as relações, criando uma cultura cínica e perversa. Acompanhando este seu trabalho, apoiado que está nas análises políticas de Hannah Arendt, vamos poder perceber a forma pela qual os burocratas mistificam o passado e, assim, procuram perpetuá-lo e se eximir das responsabilidades que as novas mudanças impõem.



“O passado da burocracia é sempre um passado cindido em passado remoto e passado próximo. No passado remoto, distanciado do olhar e do testemunho atuais, o burocrata concretiza a fantasia de uma responsabilidade que nunca teve. Tal passado é um mero expediente para desmoralizar o que se tenta fazer no presente. (...) Quanto ao passado recente, é apenas um argumento retórico, usado para revalorizar o passado mistificado e afirmar a não responsabilidade pelo descalabro presente. De qualquer forma, a falácia passadista resulta em mais acusações ao ‘perseguidor’, desta feita, sob o modo especioso de crítica em nome da tradição ou dos bons hábitos dos velhos tempos.”<sup>36</sup>

A referência que o autor aponta em relação a forma com que o burocrata lida com o passado nos serve perfeitamente para pensarmos o que fazem os burocratas do futebol, isto é, todos os envolvidos com o futebol: os cronistas esportivos, os jornalistas, os especialistas, comentaristas etc. Estes burocratas do futebol representam a mídia esportiva nacional e, através dela, colaboram na construção da imagem saudosista romântica do esporte.

---

<sup>36</sup> COSTA, Jurandir Freire. *Psiquiatria burocrática: duas ou três coisas que sei dela*. In ARAGÃO, L.T. (et al.) *Clínica do social: ensaios*. São Paulo: Escuta, 1991, pp. 56/57.

## Capítulo II

# As Torcidas Organizadas de Futebol

Pretende-se, nesta parte do trabalho, analisar-se alguns aspectos históricos e sociais importantes relativos à criação e ao desenvolvimento das *Torcidas Organizadas de Futebol*. Antes disso, porém, critica-se o enfoque unilateral e restritivo que tem caracterizado muitos dos estudos sobre esses grupos, pelo fato de os apresentarem tendo, por motivação e finalidade, unicamente, a prática da violência.

## **A Concepção Unilateral: A Torcida Organizada como contexto centralizador de violência**

As torcidas de futebol, provavelmente, existem desde que existe o esporte. É bastante pertinente acreditar-se que, desde suas origens, exploradas no capítulo anterior, o futebol se fez acompanhar de uma prática torcedora. Se pensarmos em suas raízes, ao ser concebido como uma prática ritualística e sagrada, como um jogo, ou mesmo como um exercício militar e disciplinar, podemos conceptualizar o futebol como um momento de experienciar o conflito.

Podemos vê-lo como uma prática humana onde o conflito, instalado entre dois lados em oposição, sempre se fez atualizável e representável através do jogo. Esta espécie de conflito admite uma terceira posição: a dos espectadores, diretos ou indiretos. De qualquer forma, portanto, é possível admitirmos a presença de expectativas e de alguém que seja seu meio de expressão, em relação ao resultado do conflito.

Apesar desta suposição, a história documentada de práticas torcedoras é bastante escassa. É apenas muito recentemente que os historiadores vêm voltando seus esforços nesta direção. A maior parte dos trabalhos vai localizar o surgimento das torcidas no mesmo momento do aparecimento do futebol moderno – quando ele é codificado por regras e institucionalizado –; isto é, no final do século XIX, na Inglaterra. E, além disso, tais estudos terão como temática central as manifestações de violência. É no momento em que os acontecimentos trágicos em torno das torcidas começam a ter uma relevância maior, que os pesquisadores lhes dirigem suas atenções.

Assim sendo, a maioria das obras produzidas sobre as torcidas de futebol possui, como ponto de partida, a violência que passou a definir este segmento do futebol nas três últimas

décadas do nosso século. Fica muito difícil encontrar trabalhos em que possamos pensar as diferentes formas de torcer, sem o referencial básico da violência. A importância concedida apenas a este aspecto das manifestações grupais tem inviabilizado outras abordagens do fenômeno.

Da mesma forma como se apresenta o cenário acadêmico relativo ao futebol, de modo genérico, a bibliografia produzida na Europa é bastante vasta e também um pouco diversificada, no que concerne ao ângulo de abordagem das torcidas. Os trabalhos encontrados em pesquisas bibliográficas partem da relação entre as torcidas e a violência e procuram tematizar o nomeado *hooliganismo*, mostrando que o fenômeno da violência entre os espectadores de futebol é muito mais antigo do que a mídia quer supor. Essa precocidade, entretanto, é referida ao início da fase moderna e profissionalizada do esporte.

“(...) exploraremos estas questões nas suas vertentes histórica e sociológica, mostrando, em particular, que o problema do hooliganismo no futebol está profundamente enraizado na sociedade britânica, pelo menos em dois sentidos. Em primeiro lugar, está profundamente enraizado porque, ao contrário da crença popular, algumas de suas variantes têm surgido com assinalável frequência em partidas de futebol disputadas no Reino Unido desde as décadas de 1870 e 1880, o período em que a versão profissional do jogo começou a firmar-se. Em segundo, está profundamente enraizado porque os que hoje em dia se dedicam com maior persistência a tais actividades são, no fundo, fortes defensores desse tipo de comportamento.”<sup>37</sup>

A partir deste cenário, construído pelas obras acadêmicas, será importante estabelecer as características dos atuais *hooligans* para que possamos descobrir os aspectos de semelhança e diferença com o grupo que é objeto deste estudo. Vale lembrar que as torcidas brasileiras, em todos os momentos em que se manifestaram de forma violenta, tiveram sua imagem associada à prática do *hooliganismo* europeu. Tal associação, realizada através dos meios de comunicação, colaborou de forma bastante decisiva para excluir as *torcidas organizadas* do universo do futebol profissional brasileiro.

## Os Hooligans

A partir de uma série de conflitos envolvendo torcedores de futebol, ocorridos nos anos que cercaram a realização da Copa do Mundo de 1966, na Inglaterra, os pesquisadores ingleses começaram a se interessar pelo tema. Os jornais da época nomearam os envolvidos e os responsáveis por tais acontecimentos de *hooligans*. Este termo

---

<sup>37</sup> MURPHY, P., WILLIAMS, J. & DUNNING, E. *O futebol no banco dos réus. Violência dos espectadores num desporto em mudança*. Oeiras/Portugal, Celta Editora, 1994, p. 73.

"(...) tem sua origem ligada ao nome de uma família irlandesa que viveu em Londres no fim do século XIX [hoolihan]. Devido às características de violência e de não-sociabilidade de seus membros, esse termo passou, gradativamente, a designar os jovens que se organizavam em gangues (...)"<sup>38</sup>

No início da segunda metade do século XX, a Inglaterra vivia um período de intensa crise econômica e social. Num período marcado por grandes transformações nas relações de produção, o país assistiu ao surgimento de vários grupos de jovens. O cenário urbano inglês passou a conviver com várias turmas de jovens, originárias de todas as esferas sociais, que se caracterizavam pela multiplicidade de formas de sociabilidade oferecidas e pelas formas de ocupação dos espaços.

"(...) a década de 60 não marcou apenas o aparecimento dos 'skinheads'. Caracterizando-se por ser um momento de grandes transformações culturais, ela também foi a época do desejo de 'revolução cultural', da recusa à sociedade de consumo, de busca de renovação social, de desconfiança nas práticas políticas tradicionais, da afirmação da 'não-violência' e do 'flower power'. Ligado a esses valores surgiu o movimento 'hippie', que foi um fenômeno vinculado à classe média. (...) Ao mesmo tempo, quase como uma espécie de 'contraponto', grupos de jovens oriundos da classe operária passaram a se auto-afirmar com um estilo oposto ao dos 'hippies', não sendo, assim, de se estranhar que os 'skinheads' [cuja origem é predominantemente proletária] não gostassem deles e se opusessem a seu pacifismo (...)"<sup>39</sup>

Os grupos de origem proletária – os *mods*, *rockers*, *teddy-boys* e *skinheads* – passam, principalmente no momento em que a Inglaterra iria sediar a realização de uma Copa do Mundo, a vislumbrar no futebol um espaço privilegiado de visibilidade social. É a associação entre os *skinheads* e os torcedores de futebol que irá constituir o fenômeno do *hooliganismo*.

*Hooligan* é um termo utilizado para duas finalidades distintas. Uma primeira acepção do termo nos remete a pensar determinadas posturas e comportamentos perante a sociedade; uma segunda, irá significar grupos específicos de torcedores, que constituem as denominadas firmas. Os dois sentidos implicam a violência como aspecto central. Assim, os *hooligans* são caracterizados como grupos em que o padrão de comportamento aproxima-se de uma

"(...) prática social consubstanciada na transgressão e na violação declarada. De alguma forma, *skinheads* torcedores, ou *hooligans* vislumbram na transgressão uma forma de coesão grupal, protesto, visibilidade social, ainda que difusos. E o futebol consiste, entre outros, num espaço privilegiado por onde tais manifestações são conduzidas, dadas as suas características populares, sendo um esporte de massa, de celebração e de confronto."<sup>40</sup>

<sup>38</sup> COSTA, Márcia Regina. Os carecas do subúrbio: caminhos de um nomadismo moderno. São Paulo: PUC/Antropologia Social. Tese de Doutorado, 1992, p. 12. APUD TOLEDO, Luiz Henrique. *Torcidas Organizadas de Futebol*. Campinas, SP: Autores Associados/Anpocs, 1996, p.125.

<sup>39</sup> Id., p. 23. APUD TOLEDO, Luiz Henrique. *Torcidas Organizadas de Futebol*. Campinas, SP: Autores Associados/Anpocs, 1996, pp.127.

<sup>40</sup> TOLEDO, Luiz Henrique. *Torcidas Organizadas de Futebol*. Campinas, SP: Autores Associados/Anpocs, 1996, p.129.

O futebol, enquanto esporte de massa e em vias de se tornar o centro mundial das atenções por conta da Copa do Mundo, era o campo perfeito para que tais grupos externassem suas formas de protesto contra as instituições públicas, na Inglaterra dos anos 60. Os grupos de jovens passam a frequentar os estádios de futebol e a promover a violência: entre os torcedores e, também, contra os aparelhos de controle públicos. São frequentes as cenas de vandalismo contra os aparatos públicos como, por exemplo, meios de transporte e vias de acesso, que, inclusive demarcam territórios. O protesto e a violência vão se tornar as principais características destes agrupamentos de jovens ligados aos torcedores de futebol. Deste momento em diante é que tais grupos, não apenas ganham visibilidade social, mas também se tornam foco das atenções acadêmicas.

Os estudos acadêmicos realizados na Inglaterra vão procurar caracterizar o *hooliganismo* como um fenômeno originário da classe operária e típico do comportamento masculino destas classes. Irão encontrar sinais de violência entre os torcedores de futebol desde a época da fundação da *Football Association* e tematizarão a violência atual como expressão da estrutura social inglesa.

“Como se pode concluir, na Grã-Bretanha e talvez em particular na Inglaterra, o hooliganismo futebolístico está relacionado, numa forma complexa, com a estrutura de classes. (...) Se estamos certos, o hooliganismo é, nas suas origens, a consequência dum complexo enraizado ou de características da configuração sócio-cultural, mais especificamente numa velha sub-cultura masculina predominantemente, mas não exclusiva, das classes baixas. É uma sub-cultura que exalta noções muito estreitas, rígidas e exclusivas de regionalismo, comunidade e nação, noções estas que envolvem um misto ambivalente de desprezo por e medo de tudo e todos os que sejam ‘diferentes’, ‘estrangeiros’ e ‘estranhos’.”<sup>41</sup>

Com grande incentivo por parte da mídia, responsabilizada pela grande atenção que deu ao fenômeno, os grupos de jovens tiveram sua imagem associada aos grupos nacionalistas e xenófobos. Estes últimos vislumbraram no comportamento torcedor *hooligan* a possibilidade de divulgar suas mensagens por todo o território nacional inglês e, também, pelo continente europeu.

“(…) crescente envolvimento dos partidos políticos nacionalistas e extremistas no problema do hooliganismo futebolístico em Inglaterra, fenômeno cujos começos poderão ser situados em finais da década de 70. Estes partidos foram atraídos para o futebol não só porque o viam como um contexto potencialmente frutuoso para o recrutamento de novos militantes, mas também porque as deslocações a jogos no estrangeiro proporcionava oportunidades de difusão – através do combate aos ‘inimigos estrangeiros’ – das suas idéias sobre a ‘supremacia inglesa’.”<sup>42</sup>

---

<sup>41</sup> MURPHY, P., WILLIAMS, J. & DUNNING, E. *O futebol no banco dos réus. Violência dos espectadores num desporto em mudança*. Oeiras/Portugal, Celta Editora, 1994, p. 16.

<sup>42</sup> Id., pp. 16/17.

As várias teses acadêmicas sobre o fenômeno do *hooliganismo*, explorando os aspectos acima expostos, apresentam divergências no que tange ao enfoque teórico e metodológico e às conclusões a que chegam.

“Basicamente, os estudos voltados para o fenômeno do hooliganism estão subdivididos em quatro grupos. Os trabalhos pioneiros neste campo datam dos anos 70 (Taylor, 1971; Clarke, 1978; Cohen, 1971) e problematizam o fenômeno à luz do marxismo. A tese consiste na vinculação entre a promoção de um pânico moral instaurado na sociedade com a crise do capitalismo. Os hooligans, descritos como sendo indivíduos desempregados e indisciplinados, lumpem-proletariado, serviriam de pretexto para uma política autoritária e populista por parte do Estado na condução dos problemas sociais. Outro grupo de pesquisadores, de Oxford (Marsh, Rosser, Harré, 1978), trabalhou com os aspectos simbólicos da violência. As partidas de futebol como formas rituais de extravasar as agressões, tendências inatas do comportamento humano. Mais recentemente um grupo de Oxford, antropólogos como Gary Armstrong e Rosemary Harris, implementou pesquisas participantes como método de apreensão dos modos de vida dos hooligans. O quarto grupo, de Leicester (Dunning, Murphy, Williams, 1988; 1989; 1990, 1991), enfocou o contexto mais sociológico do fenômeno, mostrando que a violência provém de uma série de fatores: subcultura rude e pobre operária, vinculada às condições materiais de existência (...).”<sup>43</sup>

Há, ainda, um quinto grupo de teóricos que procura estudar o fenômeno do *hooliganismo* tendo como um de seus fatores determinantes o enfoque proporcionado pela mídia, que os evidencia cada vez mais em detrimento de outros fatos sociais importantes. No entanto, todas as teses concordam na caracterização do *hooliganismo* como um fenômeno de transgressão e enfrentamento das instituições sociais constituídas pelo poder público. É bastante comum encontrarmos nos discursos dos torcedores pesquisados e nas caracterizações das organizações *hooligans* o prazer em driblar e ludibriar as organizações responsáveis pelo controle público. Ao contrário das *Torcidas Organizadas de Futebol*, eles evitam quaisquer formas de identificação e de reunião pública.

“Torcedores hooligans geralmente agrupam-se em pubs (bares) para irem às partidas de futebol. Grande parte das suas ações são pautadas pelo anonimato. Procuram se confundir em meio à multidão torcedora, não se utilizam de símbolos hooligans, que os evidenciam imediatamente. (...) Motivos gráficos, tais como a suástica, estão estampados nos braços, camisas e bandeiras. Porém, tal símbolo condensa uma série de outros significados mais explícitos que não os identificam necessariamente como sendo torcedores de futebol. Traçam itinerários complexos para burlarem a vigilância policial. Chegam a subdividir os grupos no intuito de disfarçarem a chegada em massa aos estádios.”<sup>44</sup>

Assim caracterizados, os *hooligans* são um grupo onde o uso instrumental da violência física é o meio privilegiado para a consecução de objetivos. Se transformaram nos bodes expiatórios da sociedade inglesa e motivaram toda uma série de ações policiais, principalmente, direcionadas à sua contenção e eliminação do cenário futebolístico. Os estádios de futebol ingleses se transformaram em verdadeiras fortalezas, separando o público

<sup>43</sup> TOLEDO, Luiz Henrique. *Torcidas Organizadas de Futebol*. Campinas, SP: Autores Associados/Anpocs, 1996, p.126.

<sup>44</sup> Id., pp. 128/129.

com grades e mantendo forte vigilância, até mesmo com o uso de gravações em vídeo dos torcedores.

Portanto, as práticas sociais dos *hooligans* evidenciam formas de protesto e de negação das condições sociais estabelecidas. Utilizam, no protesto, o instrumental proporcionado pela violência direcionada concretamente contra os diversos outros: torcedores, transeuntes, policiais e imigrantes.

“O comportamento hooligan e skin nega em grande medida a ordem liberal e democrática instituída, apontando para outros projetos e ordenações do social (ainda que somente no plano ideológico). Dessa forma, acentua-se uma conotação política expressa na intolerância e no exercício de um conjunto de idéias que, mesmo difusos e dispersos no discurso e prática desses atores, dizem respeito a grupos específicos – os neofascistas e neonazistas, por exemplo.”<sup>45</sup>

## **A Violência e as Torcidas Organizadas de Futebol no Brasil**

Em agosto de 1995 ocorreu uma verdadeira batalha campal entre as torcidas organizadas do São Paulo Futebol Clube e da Sociedade Esportiva Palmeiras. Travada nas dependências e também nos arredores do Estádio Municipal Paulo Machado de Carvalho – o “Pacaembú” –, ainda em reformas, resultou em 102 pessoas feridas e uma morte. O confronto ocorreu durante o jogo entre as equipes *juniores* do São Paulo e do Palmeiras válido para a decisão da Supercopa de *Juniores*; campeonato que, entre outras finalidades, também serve como uma espécie de entressafra dos torneios profissionais estaduais e nacional.

Após este confronto, as torcidas foram responsabilizadas diretamente pelas ocorrências de violência no universo do futebol profissional e foram punidas. Atualmente, as *torcidas organizadas de futebol*, no Estado de São Paulo, encontram-se proibidas de existência legal e de comparecimento aos estádios de futebol. Estão impedidas legalmente de frequentarem uma sede e sequer podem reunir-se ou evidenciar publicamente sinais que comprovem a sua existência enquanto grupo. No entanto, elas ainda existem e vêm ocupando um espaço marginal aos acontecimentos futebolísticos. Por vezes ainda se mostram e vêm procurando retomar uma legalidade que as permita exercer sua prática torcedora.

---

<sup>45</sup> TOLEDO, Luiz Henrique. *Torcidas Organizadas de Futebol*. Campinas, SP: Autores Associados/Anpocs, 1996, p. 131.



Recentemente, por ocasião da péssima campanha do Sport Club Corinthians Paulista e de um ataque que, supostamente, teria sido realizado pela Torcida Organizada Gaviões da Fiel ao ônibus da delegação corinthiana que retornava de uma derrota sofrida para o time do Santos Futebol Clube, em Santos, as torcidas retomaram um certo espaço no noticiário esportivo. Espaço este que é definido pela associação direta estabelecida entre a prática das *torcidas organizadas* e o fenômeno da violência. Aos torcedores organizados são associadas características de uma turma de moleques, de gangues juvenis e, entre outras, de criminosos. Sinônimos que estruturam uma identidade a ser estigmatizada e marginalizada do universo do futebol profissional.

Nas duas últimas décadas, que coincidem com o momento de crise maior e de reestruturação das relações sociais dentro do futebol brasileiro, conforme foi descrito anteriormente, o tema da violência vem sendo amplamente discutido e debatido, inclusive nos meios de comunicação de massa. Motivados pelos acontecimentos que invadiram o cenário cotidiano do futebol e que resultaram em mortes de torcedores, os grupos que compõem o quadro de interesses maior em torno do futebol profissional nacional e mundial – ou seja, os analistas esportivos, os dirigentes, os jogadores, os árbitros, a polícia militar e outros órgãos públicos – têm se dedicado ao debate público do problema.

Alguns destes acontecimentos são bastante esclarecedores das dimensões que o problema da violência adquire dentro do futebol. A seguir, transcrevo alguns deles, escolhidos entre uma infinidade de outros, que podemos encontrar nos jornais toda vez que alguma manifestação de violência ocorre no futebol:

“7 de outubro de 1990, cidade de Resende, a caminho do Rio de Janeiro. O São Paulo Futebol Clube iria jogar com o Botafogo Futebol Clube e, no mesmo horário, a Sociedade Esportiva Palmeiras com o Clube Regatas Vasco da Gama. Houve um confronto entre as Torcidas Independente e Mancha Verde ao se encontrarem em um posto de gasolina na referida cidade. O torcedor Tadeu da Costa, da Independente, foi baleado na perna direita.

23 de janeiro de 1992, estádio do Nacional em São Paulo, semifinais do torneio de juniores, Taça São Paulo, São Paulo Futebol Clube vs Sport Club Corinthians Paulista. Uma bomba de fabricação caseira mata um torcedor corinthiano, Rogério de Gásperi, 13 anos. A responsabilidade recaiu sobre o independente Rogério R. Marin, porém não ficou provada a autoria do crime.

7 de fevereiro de 1992, São Paulo, semifinal do Campeonato Internacional de Futebol Infantil (entre 13 e 14 anos), São Paulo Futebol Clube vs Sociedade Esportiva Palmeiras. Os jogadores do Palmeiras tentam agredir o bandeirinha Irineu Vera após um erro da arbitragem.

29 de setembro de 1992, imediações do estádio Parque Antártica, São Paulo, campeonato Supercopa dos Campeões da Libertadores da América, Santos Futebol Clube vs São Paulo Futebol Clube. Morre a golpes de facada o Mancha Verde Sérgio Vivandini. O suspeito usava a camisa da Tricolor Independente.

25 de janeiro de 1993, imediações do estádio do Pacaembú, São Paulo, São Paulo Futebol Clube e Sport Club Corinthians disputam a final da Taça Cidade de São Paulo de juniores. Depredação de

ônibus e das instalações do Memorial da América Latina, no bairro da Barra Funda, por torcedores corintianos após a derrota do time no referido jogo.

14 de outubro de 1993, Porto Alegre, jogo pela Supercopa dos Campeões da Libertadores da América, Grêmio Portoalegrense vs Peñarol do Uruguai. Ao final da partida a polícia militar, para conter o assédio ao árbitro do jogo, investe com violência contra os jogadores do time uruguaio agredindo-os com cacetetes.<sup>46</sup>

Os relatos acima nos apontam para a multiplicidade de formas da violência no futebol. Temos exemplificados aqui, desde a violência praticada por crianças contra a autoridade constituída dos árbitros de futebol, passando pelos confrontos entre as torcidas que expressam uma rivalidade dentro do campo e, principalmente, fora dele, até a violência exercida pela polícia militar contra os jogadores.

No relato acima aparece também, e é importante fazer notar, o descaso das autoridades em relação ao planejamento necessário à segurança de um jogo de futebol. Tal descaso fica mais evidente quando se trata de mortes ocorridas em virtude de superlotação do estádio, como ocorreu na disputa da final do Campeonato Estadual do Rio de Janeiro, em 1996, no estádio do Maracanã. Porém, também está presente no conflito ocorrido no estádio do Pacaembú, em agosto de 1995, que ainda estava em obras e repleto de entulhos e materiais de construção. Como é possível programar um jogo envolvendo duas equipes, tradicionalmente rivais, para ocorrer em um local tão inseguro?

No entanto, contrariando as evidências que apontam para uma responsabilidade social mais ampla, no que se refere à violência presente no futebol, as autoridades governamentais e a sociedade civil, aqui incluídos os cronistas esportivos, dirigentes de futebol e outros (sem a participação das torcidas), vêm atribuindo às torcidas a responsabilidade pela cultura da violência que domina o esporte. Esta afirmação pode ser verificada nos debates<sup>47</sup> com os especialistas em futebol, que vêm sendo promovidos desde o final da década passada.

---

<sup>46</sup> TOLEDO, Luiz Henrique. *Torcidas Organizadas de Futebol*. Campinas, SP: Autores Associados/Anpocs, 1996, pp.135-137

<sup>47</sup> Por ocasião do conflito ocorrido no Pacaembú, em agosto de 1995, a Secretaria do Estado da Justiça e Defesa da Cidadania, promoveu um seminário com a presença de importantes personalidades do mundo do futebol. Estavam presentes desde jornalistas como Juca Kfourir, Vital Battaglia e Wanderley Nogueira, entre outros, até políticos como o Governador do Estado, Mário Covas e o Ministro dos Esportes, Edson Arantes do Nascimento. Havia alguns sociólogos presentes também no debate, mas nenhum torcedor organizado. O seminário foi publicado em um livro com textos das mais diversas orientações políticas: LERNER, Júlio (ed.) *A violência no esporte*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1996.

É de fundamental importância nos determos brevemente na análise desta associação que se procura estabelecer entre a violência e as referidas torcidas. A adoção deste percurso justifica-se pela possibilidade de se pensar outras finalidades e modos de organizações das torcidas, que não o exclusivo objetivo da prática da violência. Pensar sua organização a partir deste objetivo único apenas concretiza uma linha de pensamento, e conseqüente posição política, que pretende excluir as *torcidas organizadas* do universo do futebol profissional.

A violência é um fenômeno social mais amplo. Ela é, antes de tudo, um fenômeno próprio do tecido social e das relações humanas. É muito mais uma possibilidade inerente ao homem, enquanto parte de sua própria constituição, do que posse exclusiva de alguns grupos que, por este fato, se localizariam de forma diferenciada no tecido social: violência como mais uma das potencialidades presentes nas ações humanas.

A violência, do ponto de vista adotado neste trabalho, não deve ser pensada como propriedade exclusiva de indivíduos ou grupos particulares, ainda que possa existir, eventualmente, interesse em se pensar casos específicos como a violência contra as crianças, ou a violência da Polícia Militar, ou a violência dos bandidos, ou mesmo a violência dos torcedores organizados de futebol. A particularidade de cada uso da violência é, sem sombra de dúvida, de extrema importância para se estudar aspectos específicos do problema e planejar ações de controle e coibição. Mas, perde importância quando se pretende pensar o significado mais amplo do fenômeno dentro do tecido social:

“O fenômeno de desprezo ou ódio contra o exterior, que Freud chamará de ‘narcisismo das pequenas diferenças’ em *O mal-estar na civilização*, reforça a coesão do grupo e coloca-o em posição de guerra potencial contra os estrangeiros, percebidos como inimigos. Assim aparece o elemento que faltava à compreensão do vínculo afetivo que une os membros da organização. O amor não basta, é necessário que o ódio esteja presente, ódio componente da pulsão de morte em sua vertente de pulsão de destruição dirigida ao exterior. Uma organização para existir e durar precisa então construir inimigos. Inimigo exterior contra o qual o grupo fará a guerra, inimigo interior sob a forma do bode expiatório ou sob a forma de guerra civil aberta ou velada. Qualquer grupo só pode existir num campo generalizado de guerra. Assim fazendo, ele cria valores novos e consolida os laços de reciprocidade entre seus membros.”<sup>48</sup>

Assim pensada, a violência tem o caráter da ubiquidade. E a sua expressão física é tão mortal quanto a sua expressão simbólica. A exclusão social praticada através dos discursos estigmatizantes e marginalizantes, oriundos de determinados pontos do tecido social, produz resultados tão fortes quanto o uso de instrumental físico para agredir ou eliminar os outros. E,

---

<sup>48</sup> ENRIQUEZ, Eugène. *Da horda ao estado. Psicanálise do vínculo social*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1990, p. 65.

neste sentido, cabe nos interrogarmos sobre a existência de violência no próprio ato que atribui, às *torcidas organizadas*, a responsabilidade exclusiva pela violência no futebol.

É este movimento que permite identificar as *torcidas organizadas de futebol* com os marginais e com as gangues criminosas. Identificação esta que resulta num congelamento das posições na trama social. Ao projetarmos a violência no outro nos estabelecemos, frente a ele, como vítimas potenciais. Esta vitimização realiza a exclusão deste mesmo outro do universo das relações sociais.

A violência disruptiva e mortal é característica de um grupo colocado do outro lado da fronteira da sociedade. É a barbaridade. Frente ao bárbaro, podemos nos utilizar de formas reguladas de violência, para nos proteger. Esta dinâmica estrutura uma real cultura da violência, da forma como a define Costa: “Ao expor as pessoas a constantes ataques à sua integridade física e moral, a violência começa a gerar expectativas, a fornecer padrões de respostas.”<sup>49</sup>

A observação do cotidiano nos oferece uma visão da realidade social brasileira permeada de violências estruturantes, frente as quais os pequenos grupos sociais se definem construindo e estruturando identificações em torno deste fenômeno. Na montagem social desta cultura da violência, perde-se, pouco a pouco, a noção do que venha a ser um risco real ou um risco potencial. A expectativa de um perigo sempre iminente e projetado para a exterioridade produz sujeitos que se sentem vítimas potenciais. É nesta condição que se aceita facilmente a sugestão ou até mesmo a prática da punição ou do extermínio preventivo dos supostos agressores potenciais, como solução para aplacar o medo. A vulnerabilidade é condição humana; e o ataque é a melhor defesa. Todos vivem sob o temor da represália. O clima de insegurança proporcionado pela cultura da violência é experienciado de forma persecutória, o que se generaliza pelo cotidiano social e passa a determinar as relações entre os sujeitos.

“É daí que nasce o medo social, o pânico com características fóbicas. Posto que o inimigo está em todo lugar e pode apresentar-se nas situações mais imprevisíveis, sob qualquer aparência, tem-se que nomeá-lo e dar-lhe uma visibilidade imaginária qualquer. A palavra violência vira uma entidade. O invisível e imprevisível parecem dessa maneira corporificar-se.”<sup>50</sup>

---

<sup>49</sup> COSTA, Jurandir Freire. O medo social *in* Revista VEJA 25 Anos. São Paulo: Editora Abril, 1993, p. 83.

<sup>50</sup> Id., p. 86.

Enquanto entidade imaginária, a palavra violência deixa de ser utilizada para denominar a série de atos intencionais que se caracterizam pelo uso da força, em situações de conflito, transgressão às leis que visam o bem comum e predomínio da crueldade sobre a solidariedade no convívio humano. Ela passa a ser grafada com ‘V’ maiúsculo e designa não mais o ato em si e sim um fetiche. Fetichização que nos remete a pensar na criação de uma defesa contra o medo que a violência provoca. No entanto, a utilização deste recurso não acontece sem consequências: é uma defesa que

“(…) termina indo de encontro às finalidades que lhe deram origem. Em vez de proteger-nos imaginariamente contra o Mal, a fantasia da Violência paralisa nosso pensamento e nossas ações, aumentando o sentimento de impotência. A Violência, descrita na forma de uma entidade onipotente e onipresente, parece incoercível e imbatível. No entanto, quando observamos os atos violentos de outro ângulo, percebemos que a pretensa homogeneidade e invencibilidade do fenômeno não corresponde às atitudes criminosas reais dos sujeitos. Assim, impedir que torcidas organizadas ajam como vândalos em partidas de futebol não é o mesmo que desbaratar quadrilhas organizadas para lesar o Erário.”<sup>51</sup>

Para desmistificar a Violência em nossa cultura é necessário desconstruir o próprio conceito de violência. Vivemos em uma sociedade que ainda estrutura o seu imaginário em torno de um Homem bom por natureza e que é corrompido pela cultura. A violência é pensada como lhe vindo imposta a partir do exterior. A presente situação destas torcidas nos propõe exatamente esta oposição. No entanto, para que possamos perceber todas as características que definem o grupo organizado é preciso romper com o domínio fantasmagórico e cego que nos é colocado pelo discurso da violência. Assim, não se trata de pensar a sociedade em oposição ou conflito com as *torcidas organizadas de futebol*. Elas são, como todos os grupos humanos, apenas uma possibilidade para o sujeito de se identificar a alguns valores. São estes valores que estão em questão, quando o sujeito se associa a algum grupo. E os valores, as instituições e as identificações que estão presentes no futebol e nas torcidas são muito mais amplos do que os delimitados pela violência. Pudemos ver no capítulo anterior que o futebol reflete, como um espelho, a complexidade da trama social. Portanto, os valores em questão precisam ser referidos à cultura, de forma mais abrangente.

---

<sup>51</sup> COSTA, Jurandir Freire. O medo social *in* Revista VEJA 25 Anos. São Paulo: Editora Abril, 1993, pp. 86/87.

## **A Concepção Ampliada: A Torcida Organizada como contexto de formação de identificações e laços sociais**

Neste momento, é importante ressaltar que a quantidade de trabalhos elaborados em nível nacional é exígua. Dentro deste cenário, grande parte dos estudos adota um ponto de partida semelhante ao das pesquisas inglesas, que toma como pressuposto a associação inevitável entre a violência e as torcidas. Este enfoque prejudica, de certa forma, uma visão mais ampla dos significados diversos que as torcidas oferecem aos sujeitos e ao próprio espetáculo proporcionado pelo futebol profissional.

Para escapar deste viés adotarei como referencial o estudo de Luiz Henrique Toledo<sup>52</sup>, dissertação que foi premiada, pela excelência de sua qualidade, pela Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa de Ciências Sociais, em 1994. Esta escolha deveu-se ao fato de seu relato estar apoiado numa cuidadosa e ampla pesquisa, envolvendo longo período de observação direta e sistemática da dinâmica cotidiana das *torcidas organizadas*. Além do trato com a fenomenologia da violência, Toledo inclui em seu trabalho temas tão ou mais importantes como: lazer, sociabilidade, participação política, estilo de vida, visões de mundo, na intersecção com o espaço urbano.

A *torcida organizada* possui uma história própria, que está intrinsecamente ligada à história do futebol no Brasil e também à história do processo de urbanização e do crescimento econômico das grandes cidades. Sua história é, essencialmente, um reflexo da história econômica, política e social do Brasil das últimas quatro décadas e também do desenvolvimento do próprio esporte ao qual está vinculada.

Não há muita diversidade no que se refere ao princípio da história das *torcidas organizadas de futebol*. Os vários estudos estabelecem este início em dois momentos e em dois lugares distintos: na cidade de São Paulo, entre 1939 e 1940; e na cidade do Rio de Janeiro, em 1942. O que marca ambos os momentos é a criação de alguma forma de organização da prática torcedora. As torcidas já existiam desde o início do futebol

---

<sup>52</sup> Luiz Henrique Toledo é formado em Ciências Sociais pela USP, concluiu o mestrado na área de Antropologia Social – com a pesquisa da qual se originou o livro *Torcidas Organizadas de Futebol* – e atualmente é doutorando e membro do Núcleo de Antropologia Urbana (NAU) e da comissão editorial de *Cadernos de Campo*, revista dos alunos de pós-graduação em Antropologia da USP.

profissional, mas só na década de 40 é que surgem formas distintas de práticas torcedoras com alguma forma de organização.

Em 1939, Manoel Raymundo Paes de Almeida, criou o Grêmio São-Paulino, com a finalidade de agrupar os sócios e torcedores da equipe do São Paulo Futebol Clube. No ano seguinte, inspirados nesta idéia, Manoel Porfírio da Paz e Laudo Natel, fundaram a *Torcida Uniformizada do São Paulo*.

O outro momento, apontado como marco inicial da história das *torcidas organizadas*, foi o da criação, por iniciativa de um funcionário público do Rio de Janeiro, Jaime Rodrigues de Carvalho, em 1942, da famosa *Charanga Rubro-Negra*. A *Charanga*, associada ao Clube de Regatas Flamengo, foi o primeiro grupo a equipar com uniformes e instrumentos musicais os torcedores de um time que, passaram, assim, a acompanhar e animar os jogos de seu time.

Esta prática mostrou-se tão eficaz que o próprio clube passou a financiar e custear as despesas da referida banda. Inaugurou-se, neste momento, além da própria história das torcidas organizadas, uma prática que existe até hoje não apenas dentro do âmbito do futebol: o Governo financia, através do patrocínio do Banco do Brasil, um torcedor-símbolo chamado de *Dartagnan*, que anima o voleibol e o basquetebol brasileiros, masculinos e femininos, em diversas competições nacionais e internacionais.

Estas primeiras organizações de torcedores tinham como propósito organizar efetivamente uma torcida que pudesse acompanhar e incentivar os times no exato momento em que os campeonatos passavam a apresentar uma competitividade maior. Apenas poucos anos antes, o futebol tinha sido profissionalizado e, além disso, a década de 40 marca também o início dos campeonatos interestaduais.

“Naquela época os agrupamentos torcedores eram vinculados aos times, geralmente a alguém envolvido com a organização institucional do futebol (político, dirigente, funcionário de ligas ou federações de futebol) ou ainda oriundos da atividade e do empenho pessoal de alguns indivíduos. O único objetivo de cada um era torcer para o time, (...). Recolhia-se dinheiro (...) entre os dirigentes e pessoas que viviam no clube para contratar ônibus para acompanhar o time. Esta atividade implicava também na subordinação da torcida não somente aos times e clubes em termos financeiros como, de certo modo, à própria memória e história oficiais da cidade (...).”<sup>53</sup>

---

<sup>53</sup> TOLEDO, Luiz Henrique. *Torcidas Organizadas de Futebol*. Campinas, SP: Autores Associados/Anpocs, 1996, p. 22.

Torcedores com a mesma iniciativa de Laudo Natel e Jaime Rodrigues de Carvalho proliferaram pelo Brasil e foram identificados como *torcedores-símbolo*, tendo sua imagem associada a um romantismo apaixonado. Torcedores que se dedicavam, gratuitamente, a organizar um grupo e equipá-lo para auxiliar no incentivo e embelezamento do espetáculo. Com grande prestígio na imprensa, eram verdadeiros pólos atrativos de outros torcedores e colaboraram de forma bastante intensa na popularização do futebol no período compreendido entre as décadas de 1940 e 1960.

Nesta época os torcedores se aglutinavam em torno das lendárias figuras dos torcedores-símbolos. Estes últimos são hoje utilizados pela mídia para representar um saudosismo e romantismo associado a uniformização e paixão pura do torcedor de futebol. Eles possuíam uma visibilidade que personalizava a torcida e identificava todo o grupo. Uma época pensada como romântica em que os torcedores viviam um amor pelo clube e acompanhavam de perto, com suas famílias e amigos. Numa época em que era comum os homens se vestirem de terno e as mulheres de longos vestidos para irem assistir ao jogo, o torcedor-símbolo surgiu como um espetáculo à parte e serviu como elemento aglutinador das paixões clubísticas.

“O Brasil, que começava a ser identificado como o país da bola, é o mesmo que construiu no imaginário popular a figura do torcedor-símbolo, espontâneo e interessado apenas em externar sua paixão pelo time (...).”<sup>54</sup>

Esta imagem do torcedor que personifica a paixão pelo futebol e pelo seu time permanece durante as décadas de 50 e 60, acompanhando de perto um momento da história do Brasil marcado por grandes mudanças na estrutura da sociedade. Não apenas o país viveu um grande momento de transformações econômicas e sociais, com os massivos processos de industrialização das grandes cidades, como também o futebol refletiu estas transformações. O esporte profissionalizado vai adquirindo dimensões cada vez maiores, com a criação de vários torneios entre os estados. Os campeonatos estaduais passam a dividir espaço no calendário esportivo com estas primeiras formas de campeonatos nacionais. A competição representada pelo futebol adquire, desta forma, novos contornos territoriais. As rivalidades regionais existentes dentro do país também passam a ter expressão dentro do campo. A maior rivalidade estabelece-se entre os estados de São Paulo e do Rio de Janeiro.

---

<sup>54</sup> TOLEDO, Luiz Henrique. *Torcidas Organizadas de Futebol*. Campinas, SP: Autores Associados/Anpocs, 1996, p. 23.



Neste período, o futebol, refletindo as transformações nas relações sociais, começa a exigir das torcidas novas formas de organização. Aos poucos, os torcedores-símbolo vão cedendo espaço e comando aos chefes das torcidas, menos carismáticos, mas que mantêm alguma figura personificando a torcida.

“(...) Houve um tempo em que chefes de torcida como Jaime R. Carvalho, o líder da Charanga rubro-negra, mantinham seus comandados sob uma disciplina quase severa. O objetivo da torcida organizada era apenas o de incentivar seu time. E do outro lado do estádio ninguém via inimigos, mas apenas adversários que deviam ser superados não na força, e sim na festa das bandeiras, na animação das batucadas. Hoje, Jaime de Carvalho já não tem essa ascendência sobre sua torcida. Cansou-se (...).”<sup>55</sup>

É apenas no final da década de 60 e nos anos 70 que o futebol se consolida efetivamente como uma paixão nacional, alçado a esta condição ideológica pelo Estado. Os governos militares divulgam e promovem o espetáculo em nível nacional, por vislumbrarem nele a possibilidade de transformar-se em instrumento de propagação de mensagens ideológicas. O Brasil torna-se o “*país da bola*”. Com as conquistas mundiais deste período, a popularidade do futebol expandiu-se substantivamente e, com ele, o governo militar também se expande.

A Loteria Esportiva é instituída e o futebol também se torna um excelente negócio; principalmente, visando a apropriação de verbas federais. Os clubes e as federações se (des)organizam, visando aproveitar as verbas que o governo federal lhes destina. E, conforme já foi mencionado anteriormente, o futebol também se torna um importante instrumento político e serve de cabo eleitoral para vários políticos em todo o país.

“É a partir desta década que ele extravasa domínios mais locais, tornando-se explicitamente um fator de agenciamento de interesses políticos, econômicos e sociais mais abrangentes. O futebol se torna um poderoso polo para obter recursos governamentais e benefícios políticos.”<sup>56</sup>

Nesta época as torcidas também se transformam, acompanhando todas estas mudanças. Surgem as *torcidas organizadas de futebol*, impondo outras formas de sociabilidade e de desfrute do futebol como lazer e hábito. Elas criam outras formas de torcer, de canalizar e expressar a paixão individual por um time de futebol. É claro que esta possibilidade de aglutinar uma grande quantidade de indivíduos em torno de projetos coletivos possibilita que as torcidas exerçam grande pressão política junto aos seus clubes.

---

<sup>55</sup> AREOSA, João. *Placar*, 27 de setembro de 1974. APUD TOLEDO, Luiz Henrique. *Torcidas Organizadas de Futebol*. Campinas, SP: Autores Associados/Anpocs, 1996, p. 21.

<sup>56</sup> TOLEDO, Luiz Henrique. *Torcidas Organizadas de Futebol*. Campinas, SP: Autores Associados/Anpocs, 1996, p. 24.

“São controvertidas as origens destas agremiações, salvo a função óbvia de torcer pelos clubes de preferência. (...) Portanto, enquanto organizações burocratizadas, com relativa autonomia dos clubes, o fenômeno das Torcidas Organizadas é recente e data do fim dos anos 60 e começo dos anos 70.”<sup>57</sup>

A forma de controlar as paixões para um extravasamento apropriado às finalidades que agora estão associadas de modo mais intencional e complexo às questões políticas materializa-se na organização das torcidas. Apesar de serem coletividades mais autônomas do que quaisquer outros grupos sociais, de não se restringirem espacialmente, de serem mais fluídas e muito mais dinâmicas, elas exercem grande força política, na medida em que regulamentam e socializam regras de torcer. Elas inauguram uma organização bastante complexa, estruturada em cargos, presidência, conselhos deliberativos e diretorias diversas.

“As maiores Torcidas Organizadas seguem este modelo. Inauguram, portanto, um novo padrão de sociabilidade entre torcedores expresso nos comportamentos, na estética, na manipulação de um instrumental simbólico, enfim, num determinado estilo de vida.”<sup>58</sup>

A criação das Torcidas Organizadas de Futebol, a partir da década de 70, produziu uma reformulação estrutural nas relações entre o futebol profissional e o torcedor. Este último transformou-se, ele também, em um ‘profissional’. Inaugurou uma prática torcedora que, além do incentivo ao time, cobrava do clube o investimento necessário para as conquistas. Acompanhou de perto, como sempre, as transformações pelas quais o futebol passou nas décadas de 80 e início de 90. E, no entanto, contraditoriamente, sempre exigiu dos jogadores de seu time, cada vez mais profissionais e interessados apenas em projeção no mercado internacional, o amor e a dedicação pelo time. As torcidas estabeleceram, enfim, formas de relação diversas entre elas mesmas, com os dirigentes, imprensa e com o próprio universo do futebol profissional.

Atualmente encontram-se marginalizadas deste mesmo universo que ajudaram a construir. A atual política de implementação de relações mais “empresariais”<sup>59</sup>, isto é, de modernização do futebol, vêm exigindo dos torcedores novas formas de organização para que possam continuar a ter e ocupar um espaço. Este torcedor vem, através destas políticas, sendo definido como um consumidor de um espetáculo. Está sendo envolvido pelas novas relações econômicas, que tomam conta do futebol. O torcedor está sendo chamado a desempenhar o papel de público consumidor, passivo, da competitividade expressa no campo de futebol.

---

<sup>57</sup> TOLEDO, Luiz Henrique. *Torcidas Organizadas de Futebol*. Campinas, SP: Autores Associados/Anpocs, 1996, p. 27.

<sup>58</sup> Id., p. 33.

<sup>59</sup> Vejam-se as políticas de transformação dos clubes em empresas, dos jogadores em trabalhadores e dos campeonatos em negócios entre empresas, por exemplo, o Campeonato Paulista de 1998.

No entanto, dentro deste cenário marcado pela transição, as *torcidas organizadas* ainda existem e, vez por outra, fazem-se ouvir. Recentemente, inclusive, a mesma torcida que teria atacado o ônibus da delegação corinthiana, foi convocada a viajar (e financiada) e a torcer pela equipe em um jogo decisivo em Goiás<sup>60</sup>. Por isso tudo, acredito que as *torcidas organizadas* inauguraram uma prática que merece ser examinada mais de perto.

Tal exame resulta problemático, por conta da marginalidade em que se encontram. No cotidiano da cidade, elas se escondem. Sabemos que existem, mas não podemos analisar com exatidão a sua força. Em dias de jogo, é impossível não notar sua ruidosa presença nas ruas e nos caminhos que as levam de suas sedes até o estádio. Neste momento, “*o tempo é o do jogo e a ética e os comportamentos são os da disputa.*”<sup>61</sup> Elas invadem as ruas, ocupando os espaços e transformando por completo o ritmo da cidade. Até mesmo os aparatos sociais, como a polícia e o transporte, são deslocados para conter a imensa massa torcedora, em seus momentos de alegria e tristeza, medo e raiva.

O que marca e define uma *torcida organizada*, em sua essência, é a manipulação de um determinado instrumental simbólico, com a finalidade de extravasar sua paixão por um time de futebol. Alguns elementos de destaque compõem este instrumental e também definem todo um estilo de vida para seus associados. Fazem parte deste as camisas, os símbolos, os mascotes, as bandeiras (em seus mais diversos tamanhos), as faixas, a bateria, a coreografia, os cantos e os xingamentos.

As camisas de uma *torcida organizada* guardam seus símbolos distintivos. Servem, praticamente, como um documento de identidade para seus associados, através do qual são facilmente reconhecíveis. Elas portam as cores do time, o nome da torcida e o seu símbolo. Esteticamente, quando o grupo está todo junto, as camisas, todas iguais, compõem um time que fica do lado de fora do gramado, torcendo pelo que está dentro.

Os símbolos utilizados por uma *torcida organizada* podem ser divididos em três tipos: animais (a baleia, o porco, o gambá e o gavião, entre outros); personagens dos gibis ou dos *comics* (Mancha Negra, Zé Carioca, por exemplo); e entidades fantásticas ou divindades (São

---

<sup>60</sup> Durante a fase classificatória do Campeonato Brasileiro de 1997, logo após o incidente com a delegação do clube na volta de Santos, a Gaviões da Fiel ganhou um ‘voto de confiança’ dos dirigentes do clube e foi convidada a viajar para Goiânia, onde o time enfrentaria um jogo decisivo para manter-se na 1ª divisão do Futebol Nacional. Foram fretados três ônibus para levarem os torcedores.

<sup>61</sup> TOLEDO, Luiz Henrique. *Torcidas Organizadas de Futebol*. Campinas, SP: Autores Associados/Anpocs, 1996, p. 41.

Jorge, São Paulo, etc). Invariavelmente, os símbolos remetem à esfera do sobre-humano ou do super-humano. Eles falam das forças naturais e das características humanas que se localizam na território do incontrolável, aquém ou além do domínio da cultura, das regras e da ordem social estabelecida.

Além de representar a qualidade da paixão pelo time, os símbolos devem servir como modelo de identificação para o torcedor. Este deve sempre procurar identificar-se com as qualidades inerentes ao símbolo escolhido. Deve identificar-se com aquilo que lhe é diferente de sua vida comum. Os torcedores, então, têm por símbolos coisas que lhes significam bravura, coragem, heroísmo, malandragem, força, apetite, liberdade, etc. Características humanas e animais sempre exaltadas em quase todos os discursos românticos e liberais, principalmente aqueles relativos às batalhas, às conquistas, à sobrevivência e à justiça. Valores altamente exaltados por nossa cultura, mas raramente concretizados. Caracteres que os torcedores desejam associados a eles próprios e aos seus times. Eles querem ver seus jogadores em campo, lutando para vencer a batalha. A festa cabe apenas ao vencedor.

Os torcedores são gaviões, leões, dragões, mosqueteiros, manchas ou santos guerreiros. Assim acondicionados em uma personagem, podem fazer a festa popular. São espertos, belos, fortes, rápidos, grandes ou pequenos. São indivíduos fantasiados; ou melhor, personificando alguma característica heróica. Nada muito diferente do que podemos ver em nossos tradicionais carnavais, cujas fantasias produzem um outro, diferente do *eu*, sendo este lançado ao anonimato. São indivíduos alienados de si mesmos, nesses intervalos especiais do cotidiano. Aliás, este parece ser o objetivo de qualquer aprisionamento: alienar-se de uma vida em sociedade sentida como pouco significativa.

As camisas trazem em si este sentido e, além disso, integram o sujeito em um grupo de iguais. Não importa a origem de cada um ou o espaço que ocupam na cidade ou na sociedade. Todos os torcedores organizados pertencem a grupos específicos, que se definem por características específicas, traduzidas na simbologia que escolhem. O que parece realmente importar é que estão juntos. Fazem parte de um coletivo. As camisas marcam isto muito bem. Marcam a identidade do grupo e de cada um. Assumir ser membro de uma *torcida organizada* é, sobretudo, assumir seus símbolos e marcas.

Além da paixão pelo time, a camisa revela o afeto pela grupo.

“Ela demarca diferenças, delimita espaços, reitera identidades, solidariedades e oposições. Sua eficácia consiste no uso pelas ruas, trajetos até os estádios e mesmo dentro deles. A camisa demarca entre os torcedores uma certa distância simbólica entre aqueles que a usam dos torcedores comuns.”<sup>62</sup>

Uma outra marca característica distintiva das *torcidas organizadas* é o uso que fazem dos seus símbolos: suas bandeiras, bandeirões e faixas. Cada um desses artefatos tem uma importância bastante clara. A quantidade de bandeiras e sua disposição dentro de um estádio definem o prestígio de uma *torcida*. Elas se tornam mais visíveis de acordo com o uso deste instrumental. As bandeiras tem esta incumbência: tornar a *torcida* e seus símbolos visíveis para as outras *torcidas*, para o time e para os outros torcedores comuns.

Colaboram nesta importante tarefa os bandeirões. Estes surgiram há poucos anos e impressionaram a todo o público pela extrema beleza estética que conferiram ao espaço ocupado pelas *torcidas* dentro dos estádios. Logo que surgiram, houve uma pequena competição estabelecida entre os principais agrupamentos torcedores. Quanto maior o bandeirão, maior o prestígio da *torcida*.

Além das bandeiras e bandeirões, as faixas das torcidas também possuem um sentido muito claro. Marcam, ainda que de forma discreta, a presença do grupo e também servem para delimitar os espaços que serão ocupados por cada torcida dentro dos estádios. Nos últimos anos, tornou-se norma de segurança e promoção de espetáculo a determinação de que as *torcidas organizadas* seriam as últimas a entrar no estádio. No entanto, isto causaria alguns tumultos se, quando elas entrassem, os seus lugares estivessem ocupados. Assim, algumas poucas pessoas entrariam antes carregando as faixas e delimitariam um espaço próprio ao tamanho da torcida, que aguardaria o momento de entrar no estádio. Portanto, as faixas, que contêm o nome por extenso dos grupos, são utilizadas como endereços na demarcação e delimitação de territórios, nas arquibancadas, nos dias de jogos.

Sem dúvida, o instrumental simbólico é vasto e também o são os significados que eles imprimem em um contexto social mais amplo. Eles todos falam de uma sociabilidade possível para cada sujeito. Mas, os símbolos de uma *torcida* não se esgotam aqui. Ainda falta citar a bateria e toda a diversidade da fala torcedora.

---

<sup>62</sup> TOLEDO, Luiz Henrique. *Torcidas Organizadas de Futebol*. Campinas, SP: Autores Associados/Anpocs, 1996, p. 57.

A bateria é o suporte sonoro que sustenta e dita os ritmos específicos na realização das diversas manifestações empreendidas pelo conjunto, nas arquibancadas. Ela jamais pára de tocar durante o jogo e isto nos mostra que a torcida não se limita a incentivar ou vaiar o time. A bateria é o coração da torcida. Fica sempre localizada no meio do grupo e seus integrantes invariavelmente ficam de costas para o gramado. São responsáveis pela marcação dos cantos, dos gritos de guerra, dos hinos, dos xingamentos contra o time e as outras organizações torcedoras adversárias. Além de tudo isso, é a responsável pela manutenção e sintonia dos movimentos e coreografias, pelo tremular das bandeiras e entusiasmo dos integrantes, exigindo sempre, dos torcedores organizados, uma postura e uma garra que transcende a posição de meros espectadores do jogo que se desenrola entre as quatro linhas.

Junto à bateria, destacam-se os cantos, as falas e os xingamentos dos torcedores. Este instrumental simbólico verbal caracteriza-se pela criatividade, ofensividade, ironia, graça e sátira. Os usos e abusos de uma linguagem cotidiana, popular e também de palavrões, pelos torcedores organizados, compõem verdadeiros duelos verbais, típicos e característicos da batalha protagonizada pelo esporte de origem anterior: aquela romanticamente nomeada como britânica.

Os cantos e gritos de guerra podem ser observados ao longo de todo o percurso das torcidas: de suas sedes até o estádio e de volta à sede. Nestes momentos, podem ser classificados em quatro categorias distintas: a) de incentivo ao time e aos jogadores, individualmente; b) de protestos diversos (não apenas contra o desempenho do time e jogadores, mas também de cunho político e social); c) intimidadores; e d) de auto-afirmação. Todos traduzem e reproduzem os estereótipos sociais que compõem nossa sociedade moderna: os conflitos, as oposições entre os interesses das diversas instituições sociais, os papéis desempenhados e atribuídos aos sexos, as fissuras entre o público e o privado e as relações de poder.

Nos cantos de auto-afirmação e incentivo, os palavrões utilizados pelos torcedores falam de atributos masculinos, de potência e de virilidade. Atributos que, ao mesmo tempo que afirmam uma condição masculina idealizada pelo contexto cultural, de forma a estabelecer identidades sólidas, afirmam a condição inferior das pessoas às quais o discurso deixa de fora ou utiliza comparativamente.

Nos cantos de protestos e intimidação, os palavrões, contrariamente, buscam afirmar a condição passiva, impotente e feminina (pelo menos no imaginário cultural) dos outros. Entre os atingidos por essa categoria de cantos e xingamentos, estão os jogadores do próprio time e do adversário, os dirigentes de futebol, os árbitros, a polícia e os torcedores comuns ou adversários.

Em todas as formas de cantos e xingamentos, podemos observar sentidos diversos que contrariam a idéia de que a violência expressa por eles seja gratuita. Eles fazem parte do mesmo jogo dramático representado pelo futebol. Também é uma forma de participação e, sem dúvida, as agressões dirigem-se por objetivos e finalidades reconhecíveis. Entre os alvos, pode-se destacar (embora não apenas eles) aqueles que já desenvolveram ações contra a existência dos agrupamentos torcedores e contra aqueles que usufruem do futebol visando apenas o ganho pessoal, manipulando o jogo política e economicamente: é este o caso de certos dirigentes de clubes e associações.

O grupo assim caracterizado mostra, além da capacidade de manipulação de um determinado instrumental simbólico, uma capacidade de organização que funciona, dado o contexto das relações sociais em nossa cultura, como o principal elemento aglutinador para os sujeitos. Nesta sociedade globalizada e miserável, que promove relações sociais sempre calcadas nos princípios de um neo-liberalismo econômico e cujo valor principal é o indivíduo, a tarefa de construção de identificações também ancoradas nos grupos e relações sociais que o sujeito possa realizar fica extremamente dificultada. Por isso, os grupos que oferecem a possibilidade de organização (as torcidas, as religiões, as gangs, etc) ganham tanta simpatia dos sujeitos. A organização destes grupos suprem as deficiências e suplantam a própria (des)organização familiar.

Para o sujeito, pertencer ao grupo é a possibilidade de identificar-se e de organizar o seu *eu*. Tal organização surge na escolha ou opção pelo pertencimento e pela identificação com um grupo. Escolher significa ir em direção a algo e não ir em direção a outras coisas: um caminho que inviabiliza outros, delimitam a trilha a seguir. Esta escolha, como todas as demais da vida, produz necessariamente um corte frente às outras possibilidades. Com ela, o sujeito torna-se apto a utilizar-se, de uma determinada forma, um instrumental simbólico, para construir um *eu* específico, ao mesmo tempo semelhante a alguns e diferenciado de outros.

O universo das *torcidas organizadas de futebol* proporciona uma série de valores aos quais o sujeito pode identificar-se, que vão muito além da simples possibilidade do uso instrumental da violência. Este processo de identificação e reconhecimento de pertencimento a um grupo, pelo sujeito, só pode ser pensado levando-se em conta os valores e ideais assumidos no processo. São eles que compõem e estruturam a sociabilidade, o modo de vida, a visão de mundo, a ocupação do espaços, a participação política e a inserção social dos sujeitos.

As *torcidas organizadas de futebol* são, portanto, apenas um entre milhares de outros grupos localizados em pontos estratégicos da trama social, que se oferecem ao sujeito na qualidade de um núcleo de identificações possíveis. No entanto, como caracterizado acima, um grupo composto de valores e ideais de sociabilidade bastante específicos, mas nada distantes dos valores e ideais da sociedade mais ampla.



## Capítulo III

# Delimitação do Objeto de Estudo e Finalidade da Investigação

## **Delimitação do Objeto de Estudo e Finalidade da Investigação**

Todos os fenômenos sociais, e entre eles o das *torcidas organizadas de futebol*, requerem uma compreensão que envolva diferentes planos de análise. Em um primeiro nível, podemos interrogarmo-nos a respeito das formas de funcionamento e organização de um determinado grupo social, quais as redes de interrelações e determinações que o envolvem e o inscrevem no tecido social, influenciando o seu modo de comportamento e as representações simbólicas que elabora. Em um segundo plano de análise, não necessariamente independente do primeiro, podemos questionar quais as interações existentes entre esse fenômeno social, os demais acontecimentos sócio-culturais e as condições históricas, econômicas, políticas e sociais. Mas, é necessário incluir ainda um terceiro nível de reflexões, correspondente à busca de se compreender as interconexões entre o fenômeno social, objeto da análise anterior, e os processos psíquicos individuais que ocorrem nos membros dos grupos que o constituem.

Tradicionalmente, a fronteira que demarca os limites entre os fenômenos individuais e os fenômenos sociais tem se constituído como um problema para as ciências humanas. Abordagens unilaterais que restringem os fenômenos, exclusivamente, a um único aspecto – individual ou social – tendem a oferecer concepções distanciadas, pela sua unilateralidade. Perde-se a possibilidade de se enxergar o fenômeno em sua completude: isto é, naquilo que o mantém como ponto de tensão entre o individual e o social.

“Sabemos que a Psicologia Social surgiu com a intenção de responder a essa demanda, mas não se defrontou com uma tarefa de fácil realização: a escolha do ponto apropriado de inserção da nova área, entre os universos dos eventos psicológicos e dos eventos sociais, gerou novas dificuldades. A melhor evidência disto talvez seja a conhecida cisão da nova área de estudos em duas perspectivas distintas, disputando a simpatia dos estudiosos: uma psicologia social de orientação sociológica e uma psicologia social de orientação psicológica.”<sup>63</sup>

A relação entre o indivíduo e a sociedade está na base da produção do fenômeno social e, conseqüentemente, esta relação requer uma análise cuidadosa. Para uma compreensão mais abrangente dos fatos necessitamos do estudo do fenômeno social; porém, também é de extrema importância o estudo da subjetividade e das formas pelas quais ela interage com a sociedade, construindo-a e por ela sendo construída. Freud já havia se debruçado sobre este assunto, quando da elaboração de seu trabalho *Psicologia das Massas e a Análise do Eu*

---

<sup>63</sup> PACHECO FILHO, Raul Albino. “O conhecimento da sociedade e da cultura: a contribuição da psicanálise”. *Psicologia & Sociedade*; 9(1/2): p. 125; jan./dez. 1997.

(1921), no qual dedica uma grande parte ao exame da proximidade entre uma psicologia individual e uma psicologia social. Mais do que uma simples proximidade, ele trabalha no sentido de nos apontar a interdependência que acredita existir entre ambas.

“O contraste entre a psicologia individual e a psicologia social ou de grupo, que à primeira vista pode parecer pleno de significação, perde grande parte de sua nitidez quando examinado mais de perto. É verdade que a psicologia individual relaciona-se com o homem tomado individualmente e explora os caminhos pelos quais ele busca encontrar satisfação para seus impulsos instintuais; contudo, apenas raramente e sob certas condições excepcionais, a psicologia individual se acha em posição de desprezar as relações desse indivíduo com os outros. Algo mais está invariavelmente envolvido na vida mental do indivíduo, como um modelo, um objeto, um auxiliar, um oponente, de maneira que, desde o começo, a psicologia individual (...) é, ao mesmo tempo, também psicologia social.”<sup>64</sup>

A dicotomia entre indivíduo e sociedade é tão antiga quanto a existente ainda nos discursos científicos entre corpo e mente. Muito se tem feito com base nestas cisões. Mas são linhas demarcatórias puramente artificiais, construídas pelo homem de ciência e datadas pela modernidade. No entanto, assim como percebemos grande lacunas na compreensão que se limita a explorar a individualidade do sujeito, vamos observar também grandes lacunas no que se refere à determinação puramente coletiva dos fatos sociais. São visões que, ao invés de nos lançar alguma luz sobre os fatos, apenas nos remetem a uma certa obscuridade.

Assim sendo, a análise de um fenômeno como o das *Torcidas Organizadas de Futebol* inclui um plano sociológico e histórico que, conforme se procurou evidenciar por meio da consulta à literatura pertinente, que busque compreender o funcionamento dos grupos sociais em suas manifestações e determinações coletivas. Contudo, para sermos coerentes com Freud e com a necessidade de romper as linhas demarcatórias entre sociedade e indivíduo – já que um não existe sem o outro – temos também que incluir a busca da compreensão de como este fenômeno grupal se interconecta com os processos psíquicos individuais: os eventos conscientes e inconscientes, as identificações que os indivíduos estabelecem, os fantasmas que elaboram, as representações simbólicas que criam e, finalmente, a maneira pela qual internalizam e expressam os valores éticos e morais, as regras e leis sociais e os símbolos da cultura.

Este é o objetivo deste estudo, em sua abordagem do fenômeno das *Torcidas Organizadas*: incluir esta perspectiva às outras já estabelecidas sobre o assunto. É aqui que

entra a contribuição da Psicanálise, sem com isso se pretender subestimar a realidade histórica e social do fenômeno, incorrendo-se em *psicologismos* ou *psicanalismsos reducionistas*. Uma contribuição que pode ser pensada a partir da concepção psicanalítica de homem:

“A concepção de sujeito trazida pela psicanálise aponta inequivocamente na direção de um ser dividido em um eu auto-representado como consciente, racional e pretensamente dono de suas próprias decisões e um inconsciente passional, desconhecido e irracional, permanentemente ameaçando de dissolução a precária coerência e unidade do eu. Um indivíduo que ingressa no lugar a ele previamente reservado na sociedade pelos membros do círculo significativo de convivência, através das vicissitudes o Édipo e da Castração, que o impelem na direção de uma relação com o mundo e com os outros mediatizada pela ordenação dos símbolos da cultura. Símbolos estes que coordenam, moldam e organizam simultaneamente a sua sexualidade e a sua relação com os outros, possibilitando-lhe a troca social e o deslocamento do estado de organismo meramente biológico para a condição de sujeito da sociedade e da cultura; e que inauguram-lhe a dialética torrencial das identificações alienantes, em que se verá envolvido daí para frente.”<sup>65</sup>

Neste sentido, além do conhecimento que já se encontra produzido e estabelecido sobre o fenômeno das *Torcidas Organizadas*, percorrido nos capítulos anteriores, interessa pesquisar os pontos de intersecção entre o fenômeno psíquico dos torcedores individuais e os acontecimentos coletivos que caracterizam o fenômeno social das *Torcidas Organizadas*: ou seja, as articulações entre os sujeitos e o grupo.

Portanto, esta pesquisa tem por objetivo principal analisar os aspectos relevantes do processo de constituição das identificações de indivíduos associados às *Torcidas Organizadas*. Compreendem-se esses agrupamentos como contextos de formação de laços sociais no interior da sociedade mais ampla. Pretende-se acompanhar, nos sujeitos investigados, as relações que se estabelecem entre: a) os seus valores e ideais; b) os valores e ideais que se cultivam no interior do grupo de torcedores; e c) os valores e ideais que vigem na sociedade mais ampla. Pretende-se discutir, finalmente, a partir desses elementos, alguns aspectos do significado da existência desses grupos, como ocasião para a formação de laços sociais, no contexto mais amplo da sociedade brasileira contemporânea.

---

<sup>64</sup> FREUD, Sigmund (1921). *Massenpsychologie und Ich-Analyse*. Ed. Consultada: *Psicologia de grupo e a análise do ego*. Ed. Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Rio de Janeiro: Imago, 2ª ed., vol. XVIII, 1987, p. 91.

<sup>65</sup> PACHECO FILHO, Raul Albino. “O conhecimento da sociedade e da cultura: a contribuição da psicanálise”. *Psicologia & Sociedade*; 9(1/2): p. 127; jan./dez. 1997.

# **Capítulo IV**

## **Metodologia**

## Metodologia

Objetivando explicitar as razões da escolha de um determinado aporte metodológico que atenda às necessidades investigativas deste trabalho, faz-se importante esclarecer o que está sendo entendido como pesquisa. Não se pretende aqui realizar extensas discussões sobre as várias concepções e abordagens metodológicas. Pretende-se apenas apresentar sucintamente a concepção de realidade que fundamenta toda a escuta e a interpretação psicanalíticas, que nos conduzirá através das entrevistas com sujeitos participantes de *torcidas organizadas* e envolvidos no e pelo universo do futebol profissional.

A realidade têm, já há alguns séculos, se constituído como um dos principais problemas para a ciência. Em todos os tempos e épocas têm-se buscado a resposta do que é a própria realidade; ou melhor, tem-se buscado encontrar aquilo que estabeleça a coincidência definitiva entre a idéia de realidade e a própria realidade. Esta tem sido a visão hegemônica de ciência, que demarca uma postura empirista e positivista e que trata somente daquilo que é mensurável, testável, operacionalizável, considerando realidade aquilo que é subsumível aos métodos de captação das ciências naturais. O método, nesta concepção de ciência, sobrepõe-se à realidade e visa dominá-la. E, para tanto, o cientista deve ser neutro, a fim de estudar, pesquisar, sistematizar e teorizar uma realidade que pode ser conhecida porque é objetiva.

Ao conceber assim a realidade, distinguindo claramente sujeito e objeto, bem como teoria e prática e ao se considerar como real apenas o que é *empírico*, as ciências naturais consagraram a pesquisa como um método científico importante para a coleta e tratamento dos dados. Pesquisa científica, nesta concepção, caracteriza-se por proporcionar ao cientista o desvelamento da realidade. Supõe-se que a realidade apresenta-se ao cientista porque a pesquisa científica rigorosa e disciplinada, lhe proporciona o conhecimento do objeto em todas as suas propriedades: dissecado, decomposto e analisado. O pressuposto aqui é o de que a realidade esgota-se no objeto da ciência e na forma como é estudado. A ciência, assim concebida, caracteriza-se como instrumentação técnica e define-se unicamente pelo critério formal.

As ciências sociais e humanas, entre as quais a Psicologia deve ser incluída, foram muitas vezes profundamente marcadas pelo modo de se produzir conhecimento nas ciências naturais. No entanto, o critério formal estabelecido por estas últimas para atestar a cientificidade das suas disciplinas tem-se mostrado inconveniente no caso das ciências humanas. Do mesmo modo, uma concepção representacional estrita de ciência, como uma espécie de espelho fiel capaz de fornecer uma imagem inquestionável e completa da realidade, oferece uma visão distorcida das ciências humanas.

“A ciência é somente um modo possível de ver a realidade, nunca único e final. As próprias disciplinas acadêmicas representam recortes parciais de uma realidade complexa, que nunca é apenas sociológica, econômica, psicológica... Nesse sentido, é possível mesmo dizer que, não se esgotando nunca a realidade, o esforço de captação científica possui o lado da descoberta daquilo que se pode conhecer mais e melhor, bem como o lado do desconhecimento daquilo que está fora de interesse.”<sup>66</sup>

Pode-se, portanto, dizer que a realidade pesquisada pela ciência é sempre uma **“realidade construída”**, através de um sujeito: o pesquisador. Isto significa que existem interesses e intencionalidades ao se fazer ciência e que uma pretensa neutralidade científica é uma suposição impeditiva da visão da ideologia operante.

“Ciências sociais são simplesmente o produto lógico e social da atividade científica dos cientistas sociais. É um produto impensável sem a marca do produtor. Isto explicita porque, embora todos procurem a mesma verdade, há tantas concepções diferentes e divergentes dela. Não é possível ver a realidade sem um ponto de vista, sem um ponto de partida, porque não há vista sem ponto, nem partida sem ponto. Este ponto é do sujeito, não da realidade. A ciência só seria objetiva se o sujeito conseguisse sair de si e ver-se de fora.”<sup>67</sup>

Disso decorre que, sobretudo as ciências humanas, são construções históricas da realidade e que as teorias científicas são concebidas e transformadas neste processo. A verdade é sempre um conceito importante como um ideal utópico a ser atingido, mas que está marcado, ao mesmo tempo, por sua impossibilidade. Não se pode pensar as teorias como abstrações, destacáveis do momento histórico, assim como os problemas que se busca responder.

“Somente em teoria se pode dizer que a ciência é a interpretação verdadeira da realidade, porque na prática realiza apenas visão historicamente possível. A verdade é, pois, um conceito negativo, visto que diz muito mais o que as teorias não são. Mesmo assim, é indispensável para a inteligência do processo científico. Sem ele, perderíamos a noção de superação de teorias, porque é em nome de uma verdade historicamente inatingível que contestamos toda e qualquer teoria e que propomos outras.”<sup>68</sup>

---

<sup>66</sup> DEMO, Pedro. *Metodologia científica em ciências sociais*. São Paulo: Ed. Atlas, 1989, p. 28.

<sup>67</sup> Id., p. 30

<sup>68</sup> Id., p. 37.

Nesse sentido o diálogo é uma discussão crítica de suma importância, pois mantém o conhecimento em movimento; mais precisamente, mantém o vir-a-ser como modo da produção humana no mundo.

“Todo cientista, ao fazer ciência, saberá que não faz a ciência, mas oferece apenas **um** enfoque, **um** ponto de vista, **uma** interpretação, já que ele próprio não passa de um cientista. Assim, o critério de demarcação científica mais importante será a discussão crítica, até o ponto de reconhecer como científico somente aquilo que se apresentar discutível e assim se mantiver.”<sup>69</sup>

Podemos, desta forma, pensar a pesquisa como se constituindo através de um ato de interlocução: com problemas, argumentos e teorias. Um diálogo que pretende possibilitar o surgimento do novo, ou melhor, que se propõe a produzir um outro discurso. A pesquisa é assim um ato transformador e criativo, pois potencializa outros sentidos de um mesmo discurso. A pesquisa é, então, essa possibilidade de dar lugar a múltiplos sentidos através da *escuta* das perguntas que estamos fazendo ao problema, constituindo-se como um discurso dialógico que deve contudo atender à exigência formal de rigor. É fundamental que a pesquisa possa identificar problemas, para que se possa realmente dimensionar ou redimensionar a estrutura conceitual que pretende responder a isso.

“Esse rigor não deve ser confundido com a correção formal dos conceitos. Se essa correção formal é necessária, ela não é contudo suficiente para caracterizar a natureza do conceito e da teoria. Se por um lado, o conceito é o que impede o pensamento de ser uma simples opinião, é fundamental, por outro lado, que ele seja investido de uma necessidade, que ele não seja identificado com a idéia geral e abstrata, mas sim que seja considerado como uma **singularidade**, como algo datado e capaz de transformação numa criação continuada. O que confere necessidade ao conceito é o fato dele responder a um verdadeiro problema.”<sup>70</sup>

É esta, em linhas gerais, a concepção de pesquisa subjacente a este trabalho. Com este horizonte, empreendemos a coleta de dados através da realização de entrevistas, de caráter semi-dirigido, com sujeitos associados às *torcidas organizadas* e sujeitos não associados às *torcidas organizadas*, mas que tinham a experiência de frequentar estádios de futebol. Entrevistamos sujeitos, dividindo-os em quatro grupos, a saber:

- Torcedores Organizados que praticam a violência;
- Torcedores Organizados contrários à violência;
- Torcedores não organizados que praticam a violência; e
- Torcedores não organizados contrários à violência.

---

<sup>69</sup> DEMO, Pedro. *Metodologia científica em ciências sociais*. São Paulo: Ed. Atlas, 1989, p. 30.

<sup>70</sup> GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. Pesquisa de tipo teórico *In Psicanálise e Universidade. Atas do 1º Encontro de Pesquisa Acadêmica em Psicanálise*. São Paulo: Núcleo de Pesquisa em Psicanálise do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP, nº 1, fevereiro de 1994, p. 18.



Dado que a questão da violência tem sido um dos argumentos centrais na prática de exclusão das *torcidas organizadas* do universo de relações do futebol, pela mídia especializada e pela opinião pública, optamos por entrevistar sujeitos nestas categorias para termos uma amostra da presença de tal fenômeno.

No entanto, como já sabemos, a violência não é o aspecto central da organização das torcidas, assim, também exploramos e investigamos o amplo universo de valores e relações que regulam a vida dos sujeitos em torno do fenômeno. Buscamos saber as maneiras pelas quais os sujeitos percebem e expressam o seu vínculo com um time de futebol e com uma *torcida organizada*, sua compreensão dos valores e ideais de seu grupo específico e as articulações que faz entre estes e os seus próprios, bem como em relação aos valores e ideais da sociedade mais ampla. Procuramos indagar os sujeitos a respeito de sua percepção das diferenças em relação a outros torcedores, torcidas, times e sociedade.

Além disso, as entrevistas também tinham por objetivo descobrir se os sujeitos possuíam um reconhecimento das dimensões políticas e éticas de suas ações, se tinham a percepção e a vivência dos vários elementos que compõem o instrumental simbólico utilizado por seu grupo, incluindo-se aqui as formas como percebiam e pensavam a questão da violência. Buscamos, enfim, descobrir quais os referenciais identificatórios que os sujeitos possuíam no interior de seu grupo.

# Capítulo V

## Referencial Teórico

## Referencial Teórico

O referencial teórico desta dissertação é a Psicanálise e, para ser mais específico, estaremos nos baseando, além de outras disciplinas, nas formulações freudianas sobre os fenômenos psicológicos individuais e sociais. Antes de explicitar a teoria, porém, percebe-se que ela suscita algumas questões bastante relevantes e que, assim, carecem de um posicionamento. São todas questões referentes à história da construção do conhecimento psicanalítico na relação delimitada pela eleição de um objeto de estudo.

As várias questões e suas variantes podem ser expressas na seguinte formulação: de que formas a Psicanálise, uma ciência constituída fundamentalmente a partir do estudo do psiquismo individual em situação clínica, poderia contribuir com as outras ciências – psicológicas ou não – a pensar os processos que presidem o funcionamento de nossas sociedades? De extrema importância, esta questão nos remete a pensar quais as possibilidades que o aporte teórico da Psicanálise tem para “deslocar-se” de seu *ethos* e voltar-se para a solução de problemas realmente tidos como pertinentes e exclusivos das sociologias e psicologias sociais.

Quando da revisão bibliográfica encontramos vários trabalhos voltados para a solução dos problemas suscitados por esta questão. Não foram poucos os autores<sup>71</sup>, a começar pelo próprio Freud.

Freud foi o iniciador e fomentador de uma tradição em psicanálise quando da elaboração de seus chamados trabalhos sobre a cultura, tais como: *Totem e Tabu* (1913), *Reflexões para os tempos de guerra e morte* (1915), *Psicologia de grupo e análise do ego* (1921), *O futuro de uma ilusão* (1927), *O mal-estar na civilização* (1930), *Porque a guerra?* (1933) e *Moisés e o Monoteísmo* (1939). Mesmo nestes, suas questões sobre a cultura dividem espaço e preocupações com formulações sobre a psicologia individual. Mas, isto não nega o caráter empreendedor de Freud. Senão vejamos:

“Creio que a linha de pensamento que procura descobrir nos fenômenos de desenvolvimento cultural o papel desempenhado por um superego promete ainda outras descobertas. (...) Se o desenvolvimento da civilização possui uma semelhança de tão grande alcance com o desenvolvimento do indivíduo, e se emprega os mesmos métodos, não temos nós justificativa em

---

<sup>71</sup> Entre os psicanalistas preocupados em desvendar os processos sociais podemos mencionar: Eugène Enriquez, Contardo Calligaris, Jurandir Freire Costa e Sérvulo Figueira; há ainda diversos outros que estão mencionados na bibliografia.

diagnosticar que, sob a influência de premências culturais, algumas civilizações, ou algumas épocas da civilização – possivelmente a totalidade da humanidade – se tornaram neuróticas? (...) Eu não diria que uma tentativa desse tipo, de transportar a psicanálise para a comunidade cultural, seja absurda ou que esteja fadada a ser infrutífera. Mas teríamos de ser muito cautelosos e não esquecer que, em suma, estamos lidando apenas com analogias e que é perigoso, não somente para os homens mas também para os conceitos, arrancá-los da esfera em que originaram e se desenvolveram.”<sup>72</sup>

No intuito de discutir esta problemática adotaremos o seguinte percurso neste capítulo: inicialmente apresentaremos uma discussão acerca da constituição do espaço psicológico dentro da modernidade; em seguida, procuraremos refletir sobre o espaço que a Psicanálise ocupa dentro do terreno das psicologias; assim, estaremos prontos a apresentar o referencial psicanalítico que pode nos auxiliar a pensar o fenômeno social e, mais especificamente, o objeto deste estudo que é o processo de identificação em torcedores organizados de futebol.

## **A Constituição do Espaço Psicológico na Modernidade**

Faz-se importante para o movimento de um pensamento crítico que busquemos a compreensão das origens da Psicologia como ciência independente de outras áreas de saber, ou seja, o processo de criação de um território próprio da Psicologia, que remeteu à definição de um objeto próprio e métodos adequados ao estudo deste objeto. Neste sentido, os trabalhos realizados pelo Prof. Dr. Luís Cláudio Mendonça Figueiredo sobre este tema são fundamentais para quem pretenda adentrá-lo e é a eles que estarei recorrendo para a discussão sobre a construção do objeto de estudo da ciência psicológica.

Desde a década de 80, Figueiredo têm voltado seus esforços em direção a duas linhas de pesquisa: a psicologia como um campo de dispersão teórica e prática e o processo de constituição das subjetividades modernas e contemporâneas. Publicou alguns importantes trabalhos ao longo dos últimos anos expondo os resultados de suas pesquisas entre os quais estão *Matrizes do pensamento psicológico* (1991), *A invenção do psicológico: quatro séculos de subjetivação – 1500/1900* (1992), *Revisitando as psicologias: da epistemologia à ética das práticas e discursos psicológicos* (1995) e *Modos de subjetivação no Brasil e outros escritos* (1995). Acompanhando um pouco o percurso de Figueiredo vamos poder encontrar alguns pontos de ancoragem fundamentais para os objetivos desta pesquisa. O principal aspecto que

---

<sup>72</sup> FREUD, Sigmund [1930 (1920)]. *Das unbehagen in der kultur*. Edição consultada: *O mal-estar na civilização*. Ed. Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Rio de Janeiro: Imago, 2ª edição, Vol. XXI, 1987, p. 146.

pretendemos ressaltar aqui é o da relação que a Psicanálise pode manter com as outras ciências, partindo do campo que ocupam no espaço histórico e social da modernidade.

O psicológico, nomeado enquanto tal, apenas pode surgir como objeto de conhecimento de uma ciência no momento em que a subjetividade privatizada entrou em crise. Alguns acontecimentos históricos marcam estes momentos. Entre os vários, vamos destacar as profundas transformações culturais e de organização social provocadas pelo Renascimento e pelo movimento de descobertas de novos e diferentes lugares. As transformações econômicas e políticas que o mundo conheceu a partir destes acontecimentos foram responsáveis pela abertura de novos e infinitos espaços e perspectivas para a existência do homem. Os reflexos disto encontram-se registrados na produção filosófica, científica, artística, literária e musical dos séculos seguintes.

“Nesse contexto, o recurso às experiências subjetivas individualizadas e de caráter privativo passou a ser tanto uma *possibilidade* como uma *exigência* na tarefa de reconstruir crenças e regras de ação, valores e critérios de decisão seguros e confiáveis, já que os dispositivos da tradição não se mostravam mais aptos à manutenção e à legitimação das existências individuais e coletivas. O exercício cada vez mais frequente e indispensável deste capital auto-gerado e auto-administrado por cada um – o capital da consciência reflexiva – marcou e acentuou uma crescente separação entre cada sujeito e os seus objetos de exame e cogitação e entre os indivíduos e suas coletividades.”<sup>73</sup>

A partir disto, Figueiredo procura definir as condições necessárias para a construção do conhecimento científico em psicologia.

“Para que exista um interesse em conhecer cientificamente o ‘psicológico’ são necessárias duas condições (além, naturalmente, da crença de que a ciência com seus métodos e técnicas rigorosas é um meio insubstituível para o conhecimento): a) uma experiência muito clara da subjetividade privatizada; e b) a experiência da crise desta subjetividade.”<sup>74</sup>

Quanto à primeira condição o autor a situa em situações de crise social, quando uma tradição cultural (valores, normas e costumes) é contestada e surgem novas formas de significar as relações humanas, nas quais cada homem se vê obrigado a recorrer com maior constância ao seu foro íntimo - aos seus sentimentos e aos seus critérios do que é certo e do que é errado, ou seja, o homem descobre que é capaz de tomar suas próprias decisões e que é responsável por elas. Pode-se dizer, segundo ele, que as experiências da subjetividade privatizada tornaram-se determinantes de um desenvolvimento da reflexão moral, do sentido

<sup>73</sup> FIGUEIREDO, Luís Cláudio Mendonça. *Revisitando as psicologias: da epistemologia à ética das práticas e discursos psicológicos*. São Paulo: EDUC; Petrópolis/RJ: Vozes, 1995, p. 15

<sup>74</sup> FIGUEIREDO, Luís Cláudio Mendonça. *Psicologia, uma introdução: uma visão histórica da Psicologia como ciência*. São Paulo: EDUC, 1991, p. 16.

da tragédia (quando um indivíduo se encontra numa situação de conflito entre duas obrigações igualmente fortes, mas incompatíveis) e, primordialmente, da consciência que os homens têm da sua própria existência. O autor salienta que

“(…) nos primórdios da nossa história eram poucos os elementos de uma sociedade que podiam gozar de liberdade para se reconhecerem como seres moralmente autônomos, capazes de iniciativas, dotados de sentimentos e desejos próprios. Hoje, ao contrário, esta se tornou a imagem generalizada que temos de nós mesmos.”<sup>75</sup>

E ele continua afirmando que foi o desenvolvimento, na cultura ocidental, nos séculos XVIII e XIX de duas formas de pensamento – a ideologia liberal iluminista e o Romantismo – que refletiram as experiências da subjetividade privatizada e a afirmaram como um dado inquestionável. Assim,

“(…) segundo a ideologia liberal, todos são iguais, mas têm interesses próprios (individuais); segundo o Romantismo, cada um é diferente, mas sente saudade do tempo em que todos viviam comunitariamente e espera pelo retorno deste tempo. Enquanto isso não vêm, os românticos acreditam que os grandes e intensos sentimentos podem reunir os homens apesar de suas diferenças. Já os liberais apostam na utópica fraternidade.”<sup>76</sup>

O autor apresenta também um terceiro pólo – o regime disciplinar – ao qual pertencem as novas práticas de exercício de poder. Existem, segundo ele, afinidades entre estes três pólos de idéias e práticas de organização da vida em sociedade, mas também existem, paralelamente às linhas que ligam entre si os três pólos, outras linhas sinalizando a sua mútua rejeição, que, no entanto, não é consumada numa separação efetiva.

“Desta tensão persistente gera-se um território novo e, no século XIX, ainda sem nome. É da natureza deste espaço que ele seja um espaço de desconhecimento. As relações de coalizão e de conflito que o constituem sobrevivem numa certa clandestinidade. (...) Algumas das camadas deste terreno serão experimentadas e reconhecidas como constituindo o ‘psicológico’, dotado de especificidade e disponível como objeto de saber e de intervenção. Estas áreas nascem, por assim dizer, dos escombros do liberalismo e do romantismo triunfantes, embora subsistam em um terreno formado e adubado por estes mesmos ingredientes, só que agora condenados a uma existência problemática, insegura e defensiva.”<sup>77</sup>

Isso nos remete de imediato à segunda condição para a formulação de projetos de Psicologia científica: a experiência da crise da subjetividade privatizada. Segundo o mesmo autor, esta crise se situa na descoberta de “(…) *que a liberdade e a diferença são, em grande medida, ilusões.*” Ou seja, é a experiência de que não somos assim tão livres e tão diferentes quanto imaginávamos que levanta

---

<sup>75</sup> FIGUEIREDO, Luís Cláudio Mendonça. Psicologia, uma introdução: uma visão histórica da Psicologia como ciência. São Paulo: EDUC, 1991, p. 20.

<sup>76</sup> Id., pp. 27-28.

“(…) a suspeita de que há outras ‘forças invisíveis’ nos controlando e de que não conseguimos espontaneamente ver com clareza as causas e os significados de nossas ações que nos levam a investigar o que há por detrás das aparências.”<sup>78</sup>

Está aberto o espaço para os projetos de previsão e controle científicos do comportamento individual e estes serão alguns dos principais objetivos da Psicologia como ciência.

“Nas práticas científicas modernas a posição do sujeito que produz o conhecimento é bastante contraditória. (...) Em outras palavras: a ciência moderna está baseada na suposição de que o homem é o senhor que tem o poder e o direito de colocar a natureza a seu serviço. Esta suposição está claramente associada ao que dissemos acerca do aprofundamento da experiência subjetiva individualizada, já que esta enfatiza a liberdade dos homens para decidir e agir de acordo com sua própria cabeça e sem qualquer tipo de limitação, elaborando suas crenças e avaliando-as a partir de suas experiências pessoais, livres do domínio das autoridades e das tradições. Por outro lado, os procedimentos científicos exigem que os cientistas sejam capazes de ‘objetividade’, isto é, que deixem de lado seus preconceitos, seus sentimentos e seus desejos para obterem um conhecimento ‘verdadeiro’.”<sup>79</sup>

Isto só acontecerá através da disciplinarização da mente e da eliminação de todos os ‘subjetivismos’. No entanto, segundo Figueiredo, foi o próprio esforço para impor esta disciplina que levou os cientistas a reconhecerem de que há fatores subjetivos permanentemente em ação no momento mesmo em que se faz um enorme esforço para ser objetivo.

“Isto reforça a idéia de uma experiência subjetiva individualizada, privada, acessível apenas a quem a vive. Mas para a ciência progredir seria necessário conhecer e controlar esta subjetividade e estas diferenças individuais, e é assim que o homem, o sujeito individual, deixa de ser apenas um possível pesquisador para vir a se tornar um possível objeto da ciência.”<sup>80</sup>

Assim, o sujeito da modernidade começaria por impor a si mesmo a auto-disciplina de um método, da qual esperava-se uma espécie de ascese. Nas palavras de Figueiredo, esperava-se a construção de um sujeito epistêmico pleno, sede e fundamento de todas as certezas.

“O sujeito epistêmico plenamente constituído deveria ser o sujeito plenamente consciente de si, coincidente consigo mesmo e senhor absoluto de sua consciência e de sua vontade, um sujeito qualificado para a função de fundamento auto-fundante dos sistemas representacionais e de assento seguro para o mundo das representações. Tratava-se, enfim, de produzir metodicamente um sujeito capaz de trazer o mundo para diante de si (de representá-lo), de forma a poder contemplá-lo com toda a isenção e sem qualquer mediação interposta, livre, portanto de qualquer risco de ilusão. O método deveria, portanto, operar uma cisão: de um lado uma subjetividade ascética e expurgada — a do conhecedor ideal — de outro, tudo aquilo que comprometesse a confiabilidade do sujeito epistêmico, tudo que o tornasse variável, singular, desejante, padecente,

<sup>77</sup> FIGUEIREDO, Luís Cláudio Mendonça. *A invenção do psicológico: quatro séculos de subjetivação (1500-1900)*. São Paulo: EDUC: Escuta, 3ª edição, 1996, pp. 151 e 156.

<sup>78</sup> FIGUEIREDO, Luís Cláudio Mendonça. *Psicologia, uma introdução; uma visão histórica da Psicologia como ciência*. São Paulo: EDUC, 1991, p. 32.

<sup>79</sup> Id., pp. 34-35.

<sup>80</sup> Id., p. 36.

afetável, em outras palavras, tudo que o encarnasse e o mundanizasse trazendo para ele as marcas da finitude; enfim, era preciso neutralizar tudo que o pudesse colocar na condição de fonte de suas próprias ilusões e engeunismos. Não é difícil perceber que estamos falando da separação, a ser idealmente instituída pelo método, entre a mente, na sua suposta liberdade, e o corpo, na prisão dos seus determinismos naturais e condicionamentos sociais.”<sup>81</sup>

Figueiredo aponta que boa parte da história do projeto epistemológico moderno reitera o fracasso dessa cisão, apesar de não ter impedido que este projeto tivesse uma certa eficácia e que um dos resultados desta eficácia viesse a ser, algum tempo depois, a constituição do espaço psicológico. No entanto, o autor nos alerta de que é preciso compreender porque o caráter subjetivista de todo o projeto epistemológico da modernidade não foi capaz de gerar uma Psicologia Científica.

De fato, embora tenha havido uma espécie de flerte do pensamento empirista, desde o final do século XVII e ao longo do século XVIII, com as questões da Psicologia tal como hoje a entendemos, e embora tenha havido também um flerte ainda mais comprometedor do pensamento romântico com diversos temas privilegiados pelas psicologias do século XX, nada de semelhante poderia se constituir às psicologias contemporâneas enquanto a supremacia do sujeito epistêmico e a viabilidade da cisão metodicamente efetuada na esfera da subjetividade não fossem radicalmente postas em questão: o sujeito epistêmico é visceralmente avesso ao olhar psicológico; este, por sua vez, vai se caracterizar pelo projeto de desvendar exatamente o avesso do sujeito supostamente pleno.

É fácil perceber que o lugar do excluído ou do expurgável pelo método, que se constituía como o negativo do sujeito pleno, veio a ser precisamente o território de eleição de todas as psicologias. Há, portanto, um radical desencontro histórico entre o projeto epistemológico moderno e os novos saberes psicológicos. A Psicologia tornou-se possível como ciência independente no bojo de uma crise e, portanto, a multiplicidade de seus lugares não é casual e nem se deve esperar que esta (multiplicidade) seja facilmente superada. O autor indica, então, que

“ (...) o campo próprio das psicologias é o que, do ponto de vista epistemológico, teria o estatuto de dejetos do expurgo operado pelo método no processo de constituição de um sujeito purificado. A consideração dessas dimensões supostamente descartáveis e excluídas da subjetividade como dignas de estudo, o reconhecimento de sua força e eficácia incontornáveis e incontornáveis são

---

<sup>81</sup> FIGUEIREDO, Luís Cláudio Mendonça. *Revisitando as psicologias: da epistemologia à ética das práticas e discursos psicológicos*. São Paulo: EDUC; Petrópolis/RJ: Vozes, 1995, p. 17.



incompatíveis com a manutenção da crença numa subjetividade supramundana, desencarnada e infinita, capaz de contemplar desinteressadamente seus objetos.”<sup>82</sup>

## **As matrizes do pensamento psicológico: breve histórico**

Os diversos projetos de Psicologia a dividiram entre diferentes linhas de pensamento, caracterizando-a

“(…) como um espaço de dispersão teórica e prática que, ao mesmo tempo que conserva alguma unidade, abriga em seu seio uma pluralidade aparentemente caótica de ocupantes: refiro-me, obviamente, aos diferentes e muitas vezes antagônicos sistemas psicológicos.”<sup>83</sup>

O espaço psicológico está estruturado na forma de “lugares” que vieram a ser ocupados pelas diversas teorias, sistemas e modelos de atuação hoje disponíveis, o que nos alerta que

“(…) os diferentes sistemas de pensamento psicológicos não visam os mesmos objetos, das mesmas maneiras, com os mesmos objetivos e de acordo com os mesmos valores.”

e que

“(…) as noções de ‘realidade’, ‘homem’, ‘psíquico’, etc., variam; igualmente, varia o que se entende por ‘teoria’, ‘conhecimento’ e ‘verdade’; em decorrência, variam os critérios de avaliação do conhecimento e dos métodos e procedimentos adequados.”<sup>84</sup>

Estes grandes conjuntos de valores, normas, crenças metafísicas e concepções epistemológicas e metodológicas são denominados por Figueiredo de matrizes do pensamento psicológico. O referido autor distingue três matrizes que organizam a quase infinita variedade de sistemas e teorias psicológicos, a saber: matrizes científicas, matrizes românticas e matrizes pós-românticas.

“Enquanto as primeiras matrizes procuravam gerar um conhecimento apto a previsões e controles e, nesta medida, se obrigavam a explicar os eventos psíquicos e comportamentais inserindo-os numa ordem natural, as segundas têm como meta compreender; ou seja, gerar conhecimentos aptos à apreensão do sentido das formas expressivas. Destas matrizes românticas destacam-se as que eu denomino matrizes pós-românticas. Nestas, o que observamos é o resgate da grande questão colocada pelas matrizes românticas — a questão da compreensão — aliado à renúncia à esperança de uma apreensão fácil e imediata do sentido. Nestas matrizes supõe-se que, por trás do sentido, há outros sentidos e, por trás destes, há processos que não se dão espontaneamente à nossa consciência. É preciso, portanto, elaborar métodos, técnicas e critérios interpretativos, que permitam ir além de uma compreensão ingênua dos outros e de nós mesmos.”<sup>85</sup>

<sup>82</sup> FIGUEIREDO, Luís Cláudio Mendonça. Revisitando as psicologias: da epistemologia à ética das práticas e discursos psicológicos. São Paulo: EDUC; Petrópolis/RJ: Vozes, 1995, p. 23.

<sup>83</sup> Id., p. 13.

<sup>84</sup> FIGUEIREDO, Luís Cláudio Mendonça. Reflexões acerca das matrizes do pensamento psicológico. Palestra proferida aos alunos da Faculdade de Psicologia da PUCSP, mimeo, 1992, p. 5.

<sup>85</sup> FIGUEIREDO, Luís Cláudio Mendonça. Reflexões acerca das matrizes do pensamento psicológico. Palestra proferida aos alunos da Faculdade de Psicologia da PUCSP, mimeo, 1992, p. 6.

Segundo o autor, as assim chamadas “tarefas cognitivas” da Psicologia – explicar, compreender e interpretar – implicam em diferentes posições das teorias psicológicas em relação à sociedade e à cultura. Quando se reconhece a falência da subjetividade individual e se elabora novas modalidades de controle social é necessária a construção de

“(…) uma psicologia dotada dos conhecimentos e técnicas objetivantes, aptas ao exercício do controle e da previsão e assimiláveis às práticas de dominação das agências sociais normatizadoras e disciplinares.”<sup>86</sup>

Quando, pelo contrário, se reconhece

“(…) as invasões sofridas pelas subjetividades individualizadas, por parte das novas técnicas de controle e padronização, para resistir a elas e garantir um território de comunicação livre entre os homens (…)”<sup>87</sup>

é necessária a construção de uma Psicologia

“(…) assentada na diferença específica do humano em relação a todos os outros objetos e coisas: a capacidade humana de agir, de produzir e de se expressar espontaneamente.”<sup>88</sup>

Quando, enfim, trata-se da construção de uma Psicologia interpretativa e crítica, busca-se estabelecer o ato de

“(…) questionar tanto as utopias tecnológicas quanto as utopias restauradoras do humano, investigando o psíquico tanto na sua passividade como na sua atividade, tanto nas suas possibilidades de ação como nas suas condições e determinações, tanto nas suas ilusões de onipotência e liberdade como nas ilusões de impotência e alienação (…)”<sup>89</sup>

Pode-se observar, portanto, que as diversas versões contemporâneas da Psicologia advêm de um território, no qual convivem idéias e práticas liberais, românticas e disciplinares e que esta diversidade foi se configurando na medida em que houveram aproximações com um destes três pólos.

“Há diversas maneiras de pensar e fazer psicologia, por que há diversas possibilidades de lidar com estes elementos, sua estrutura e dinâmica.”<sup>90</sup>

No entanto, Figueiredo ressalta que a convivência entre os valores e procedimentos iluministas, os modos românticos e o regime disciplinar está marcada por vínculos complexos, na medida em que esses três vértices mantêm entre si relações de complementaridade e conflito. Esta relação, marcada por afinidades e oposições, define um espaço caracterizado pelo conflito. Figueiredo nomeia este espaço como um território de

---

<sup>86</sup> Id., p. 7.

<sup>87</sup> Id., p. 8.

<sup>88</sup> Ibid.

<sup>89</sup> Ibid.

<sup>90</sup> FIGUEIREDO, Luís Cláudio Mendonça. *A invenção do psicológico: quatro séculos de subjetivação (1500-1900)*. São Paulo: EDUC/Escuta, 1996, 3ª edição, p. 167.

desconhecimento, dado que qualquer posição que se ocupe dentro deste conterà aspectos interditados à consciência reflexiva. E aquilo que está interditado são as próprias relações de coalizão e conflito que estruturam este espaço.

“Algumas das camadas deste terreno serão experimentadas e reconhecidas como o ‘psicológico’, dotado de especificidade e disponível como objeto de saber e intervenção.”<sup>91</sup>

Segundo Figueiredo, o significado existencial do ‘psicológico’ se constitui nisto que se torna invisível, excluído, fora do alcance de uma consciência integradora, fora do âmbito da identidade e que, simultaneamente, se localiza no campo das experiências possíveis. Isso exige, para a sobrevivência neste espaço, formas de subjetivação inevitavelmente ilusórias, em busca de uma unidade de si. No entanto, esta tentativa de incorporação daqueles elementos excluídos será sempre parcial. O outro de si que a identidade incorpora é sempre apenas um dos muitos e plurais outros.

“O espaço do ‘psicológico’ será exatamente o que abriga as forças alienadas do *eu*, os elementos dos três vértices do espaço triangular expulsos da identidade-estilo, as relações entre eles e os processos de subjetivação / ‘des-subjetivação’ que promovem incessantemente.”<sup>92</sup>

Figueiredo evidencia, assim, que a Psicologia pode ser pensada a serviço da desidentificação, numa proposta eminentemente analítica, crítica, desilusionadora e desconstrutiva. Ou então, pelo contrário, é possível pensar a Psicologia como uma estratégia a serviço da integração dos elementos alienados em formas mais ou menos centradas e flexíveis de identidade.

Esse breve histórico nos permite compreender que a história do ‘psicológico’ indica a pré-história das posições da própria Psicologia no século XX, assim como indica a proveniência de seus ‘objetos’. Mais do que isso, uma rápida reflexão, como a aqui apresentada, sobre as matrizes do pensamento psicológico nos revela que as

“As diferentes teorias e práticas psicológicas são dispositivos culturais: sistemas de discurso e ações voltados para a interpretação e explicação da existência humana e para a ordenação das vidas em sociedade.”<sup>93</sup>

Neste sentido, espera-se desta reflexão uma ampliação da nossa capacidade de pensar acerca do que acreditamos, acerca do que fazemos e acerca de quem somos e, principalmente, a revelação dos limites da Psicologia, o que nos permite dar um passo para fora do campo

---

<sup>91</sup> Id., p. 156.

<sup>92</sup> Id., p. 167.

<sup>93</sup> FIGUEIREDO, Luís Cláudio Mendonça. Reflexões acerca das matrizes do pensamento psicológico. Palestra proferida aos alunos da Faculdade de Psicologia da PUCSP, mimeo, 1992, p. 9.

psi, efetuando um mínimo descentramento para a abertura de um novo espaço, suficiente para que se possam insinuar a alteridade, a negatividade e a transformação.

## A Psicanálise

Figueiredo, ao se referir especificamente à Psicanálise, explicita que é provável que nenhum dos outros saberes contemporâneos tenha expressado melhor e mais fundamentalmente a falência do sujeito da modernidade com suas pretensões de autonomia, reflexividade e autocentramento. O que tem cabido à Psicanálise é a contraposição da sua compreensão sobre a subjetividade às visões ingênuas e idealizadas de subjetividade que impregnam em maior ou menor medida os pensamentos epistemológicos.

“Nenhum sistema teórico foi mais longe que a Psicanálise no descrédito do autodomínio, no descentramento e na dissolução da unidade do sujeito, na impugnação da suposta transparência de sua consciência, na contestação da força de sua vontade (...)”<sup>94</sup>

Esta concepção da Psicanálise dentro do campo psicológico ganha ainda outros contornos.

“Se os lugares das psicanálises me parecem paradigmáticos do que podem ser as novas moradas do homem, é porque vejo em todas elas, para além de suas diferenças doutrinárias, um movimento permanente de trânsito entre o fenomenal e o meta-fenomenal, entre o que se mostra e o que resiste, entre a representação e seus avessos (suas condições e seus outros sentidos), entre as identidades e seus subterrâneos, entre o discurso clínico e o discurso metapsicológico. Nas psicanálises o psicológico terá sempre e assumidamente esta fisionomia bifronte em que se reconhecem os compromissos simultâneos com o plano da experiência e com os planos de suas condições e outros sentidos e, mais profundamente, o compromisso simultâneo com o 'plano do significado' e com o das 'forças', sem qualquer possibilidade de que estas oposições e heterogeneidades possam ser magicamente resolvidas ou ignoradas.”<sup>95</sup>

E, complementa,

“Aqui reside, creio eu, uma plataforma básica para a elaboração de uma ética na medida dos novos modos de subjetivação: é melhor uma teoria que teorize a cisão – do que uma que nos mantenha na ilusão de uma unidade do sujeito e de uma soberania e transparência da consciência – e é melhor uma teoria que teorize e propicie o trânsito – ao invés de uma que se estabeleça rigidamente num dos lugares disponíveis, impedindo-se o contato com todos os impensáveis que deste lugar são constituídos.”<sup>96</sup>

A teoria psicanalítica nos descreve exatamente as cisões provocadas pela dominância do inconsciente no sujeito. Sem dúvida, portanto, ela nos proporciona um conhecimento bastante interessante para que possamos nos dispor a percorrer o caminho que vai dos processos

<sup>94</sup> FIGUEIREDO, Luís Cláudio Mendonça. *Revisitando as psicologias: da epistemologia à ética das práticas e discursos psicológicos*. São Paulo: EDUC; Petrópolis/RJ: Vozes, 1995, p. 21.

<sup>95</sup> FIGUEIREDO, Luís Cláudio Mendonça. *Revisitando as psicologias: da epistemologia à ética das práticas e discursos psicológicos*. São Paulo: EDUC; Petrópolis/RJ: Vozes, 1995, pp. 32-33.

individuais até as regulações sociais. Desde Freud, existe uma tradição dentro da Psicanálise em pensar também as questões sociais, além e nada distantes das individuais. Uma tradição, no entanto, bastante criticada. Oposições que, na história do conhecimento psicanalítico, irão aparecer tanto do lado da própria Psicanálise quanto do lado das psicologias sociais. Críticas que, além de tentarem estabelecer limites e fronteiras específicas aos objetos de estudo para cada ciência, ou seja, separar os fenômenos individuais de outros sociais, para finalidades de estudo; críticas que, por outro lado, contribuíram em muito na importante tarefa de buscar um rigor científico para aqueles que se dispunham a utilizar a Psicanálise para auxiliar na compreensão dos fenômenos sociais. Desta forma, todos os psicanalistas que enveredaram por este percurso tiveram que retomar a trajetória freudiana desenhada em seus textos sobre a cultura e civilização e dar-lhes continuidade, a ponto de elaborar suas próprias convicções acerca da utilidade e possibilidade da Psicanálise para a compreensão dos fenômenos sociais. Neste trabalho, no entanto, vamos nos ater ao percurso estabelecido por Freud, naquilo que, em sua teoria sobre a constituição do sujeito, nos auxilia a pensar o fenômeno específico da estruturação de identificações em sujeitos filiados às *torcidas organizadas de futebol*.

Porque utilizar a Psicanálise para este estudo? A resposta para tal questionamento nos oferece a possibilidade de adentrarmos àquilo que é fundamental à Psicanálise e que a justifica como referencial teórico dessa dissertação: sua visão de homem e de mundo, onde encontraremos uma compreensão possível para a constituição do sujeito, para a estruturação de um mundo psíquico e as influências de um universo simbólico, social e cultural nesse psiquismo.

O sujeito conceptualizado pela Psicanálise é um ser marcado pela ambiguidade. Em contraposição à suposta dominância de uma racionalidade e de uma consciência capazes de fazer com que o sujeito acredite ser o autor de sua história (de sua própria e também de sua cultura), escolhas e decisões – como tão bem nos atesta a tradição do pensamento judaico-cristão, fundado na Razão; a Psicanálise aponta para a supremacia do inconsciente.

Um inconsciente absolutamente passional, desconhecido – incognoscível em sua totalidade – e que não opera de acordo com qualquer princípio de racionalidade, possuindo suas próprias leis. Um inconsciente, ele mesmo, produto das forças que, para a Psicanálise, constituem o ser humano: a conflitiva pulsional entre a pulsão de vida e a pulsão de morte.

---

<sup>96</sup> Id., p. 33.

Um inconsciente que, além do mais, clama por ser ouvido, ameaçando constantemente os precários sentimentos de unidade, de coerência e, por que não dizer, de identidade, de um sentimento de *eu* do sujeito.

Este sujeito ingressará nas tramas sociais por meio da vivência e das vicissitudes do *Édipo* e da *Castração*. O *Édipo* é o complexo nuclear do sujeito, complexo de relações estabelecidas com o grupo significativo, familiar ou não, que estrutura o psiquismo em torno da vivência dos sentimentos de amor e ódio frente aos objetos que se lhe oferecem. A *Castração* se refere à experiência socializante. Surge como um momento vital na experiência edipiana em que o sujeito se defronta com uma autoridade que lhe restringe possibilidades de acesso aos objetos do desejo e, ao mesmo tempo, inaugura outro campo de possibilidade para a realização deste mesmo desejo.

As formas pelas quais o sujeito percorre estas vivências refletirá sua relação com os outros, de seu grupo significativo ou não, enfim, com o mundo da cultura. As maneiras que este sujeito encontra para vivenciar o *Édipo* e a *Castração* se encontram, ainda, mediatizadas pela ordenação dos símbolos da cultura, tal como eles se apresentam ao sujeito em cada momento histórico, político e social.

“Estes símbolos coordenam, moldam e organizam simultaneamente a sua sexualidade e a sua relação com os outros, possibilitando-lhe a troca social e o deslocamento do estado de organismo puramente biológico para a condição de sujeito da sociedade e da cultura; e que inauguram-lhe a dialética torrencial das identificações alienantes, em que se verá envolvido daí para a frente.”<sup>97</sup>

Esta concepção de sujeito nos conduz a um ponto extremamente interessante. Um ponto de onde é possível visualizar o sujeito na confluência com o social. Assim sendo, gostaria de tomar de empréstimo as palavras de Enriquez:

“Gostaria de mostrar aqui que o mais íntimo do ser humano nos leva ao mais essencial do social, que os problemas fundamentais da sociedade se inscrevem no corpo e no psiquismo. O conjunto desses problemas se condensa nos fenômenos de poder e de vínculo social, que são para nós os fenômenos primordiais, na medida em que nos colocam diretamente em relação com as questões do amor (da fascinação, da sedução, da reciprocidade), do trabalho (criativo ou alienado), da morte (em seu trabalho do negativo ou em sua obra destrutiva), da imutabilidade e da mudança. Essas são e continuam sendo as questões essenciais às quais todo ser humano, como todo corpo social, deve responder, sob o risco de desaparecer ou de subsistir no estado do ectoplasma, de folclore ou de fóssil.”<sup>98</sup>

<sup>97</sup> PACHECO FILHO, Raul Albino. “O conhecimento da sociedade e da cultura: a contribuição da psicanálise”. *Psicologia & Sociedade*; 9 (1/2): p. 128; jan./dez. 1997.

<sup>98</sup> ENRIQUEZ, Eugène. *Da horda ao Estado. Psicanálise do vínculo social*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990, p. 24.

## Psicanálise e Vínculo Social

No intuito de esclarecer a forma pela qual a Psicanálise pensa o vínculo social, ou melhor, a construção da subjetividade e do laço social; iremos percorrer os quatro principais textos “sociológicos” de Freud, *Totem e Tabu* (1913), *Psicologia de grupo e análise do ego* (1921), *O futuro de uma ilusão* (1927) e *O mal-estar na civilização* (1930).

### Totem e Tabu

O primeiro texto que encontramos é o polêmico *Totem e Tabu* (1913). Grande parte da polêmica sobre este texto gira em torno de críticas quanto a veracidade histórica daquilo que será tomado aqui como um mito, o da horda primitiva. No entanto, cumpre ressaltar, este caráter mitológico não se encontra no texto freudiano, pelo contrário, ele pensa a história da horda primitiva como algo da ordem do real. As críticas históricas foram, assim, com toda razão, formuladas em direção ao caráter de realidade dos fatos. Muito se discutiu sobre esta hipótese até o momento em que Lévi-Strauss nos tornou possível pensar que o que era ato, na verdade, é sonho.

“Mas, como todos os mitos, o que é apresentado com tão grande força dramática em *Totem e Tabu* admite duas interpretações. O desejo da mãe ou da irmã, o assassinato do pai e o arrependimento dos filhos não correspondem, sem dúvida, a qualquer fato, ou conjunto de fatos, que ocupam na história um lugar definido. Mas traduzem, talvez, em forma simbólica, um sonho, ao mesmo tempo, duradouro e antigo. O prestígio deste sonho, seu poder de modelar, sem que se saiba, os pensamentos dos homens, provém justamente do fato dos atos por ele evocados nunca terem sido cometidos, porque a cultura sempre e em toda a parte se opôs a isso. As satisfações simbólicas nas quais, segundo Freud, se expande o sentimento do incesto não constituem, portanto, a comemoração de um acontecimento. São outra coisa e, mais do que isso, são a expressão permanente do desejo de desordem, ou antes, de contra-ordem.”<sup>99</sup>

Levi-Strauss renova, desta forma, o valor inovador das idéias sobre a origem da civilização que estão presentes neste trabalho e nos seguintes. O próprio Freud considera este seu trabalho como o mais inovador depois de *A Interpretação dos Sonhos* (1900). E, realmente, é um trabalho que inicia um processo, que vai desembocar em 1920<sup>100</sup>, de completa transformação da teoria e da prática psicanalíticas.

“Não é por acaso, então, que depois de *Totem e Tabu* Freud se inclina ao estudo do narcisismo, onde o ‘ego’ se transforma em um ‘objeto’, uma imagem, um vestígio de identificações passadas, e sua teoria se orienta em direção à psicologia das massas e da pulsão de morte. *Totem e Tabu*

<sup>99</sup> LEVI-STRAUSS. As estruturas elementares do parentesco. APUD ENRIQUEZ, Eugène. *Da horda ao Estado. Psicanálise do vínculo social*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990, pp. 43-44.

<sup>100</sup> Neste ano Freud publicou *Além do princípio do prazer*. Este livro representa, na história da Psicanálise, um grande corte por causa da introdução do conceito de pulsão de morte e de uma nova dualidade que estrutura a vida mental do ser humano.

traçou uma nova via (...), a da especulação filosófica, da reflexão sobre o social e a cultura, e sobretudo da exploração *do que resiste* à análise, daquilo que impede radicalmente a felicidade da humanidade; a presença persistente do desejo de assassinar.”<sup>101</sup>

Freud, em *Totem e Tabu*, inicia procurando descobrir algumas aproximações possíveis entre a vida dos povos selvagens, como retratada pelos antropólogos, e a dos neuróticos, que há um bom tempo vinha sendo pensada pela psicanálise. O objetivo de Freud nesta empreitada pelos caminhos da antropologia social é o de encontrar no modo de vida dos povos descritos como selvagens um retrato bem conservado de um estágio mais primitivo de nosso próprio desenvolvimento psicológico e cultural.

Para tanto, ele analisa o sistema do totemismo, que substitui para estes povos as instituições religiosas e sociais. No sistema totêmico, as tribos dividem-se em grupos menores ou clãs e recebem o nome de acordo com o totem adotado. O totem usualmente é um animal e mais raramente um vegetal ou fenômeno da natureza. Ele é o antepassado comum da tribo, é seu espírito guardião e, além da proteção, oferece auxílios enviando oráculos. O totem é perigoso para os que são de fora, mas para os seus é um protetor. Em troca desta segurança e deste nome, todos os membros do clã se acham na obrigação sagrada de jamais matar ou destruir o totem ou tirar algum proveito dele. Além disso, de tempos em tempos, são celebrados festivais em que o totem é reverenciado em cerimoniais através de danças e da imitação de seus movimentos e características particulares.

Todos os aspectos acima atraem a atenção de Freud, mas ele nos remete a pensar uma característica bastante peculiar e de interesse para a psicanálise: em quase todos os lugares em que existem totens encontra-se também a exogamia, isto é, a proibição de relações sexuais entre sujeitos pertencentes ao mesmo totem. Associada à exogamia, ele encontra, nos relatos dos antropólogos, um verdadeiro horror ao incesto por parte dos “selvagens”. Para a prevenção deste ato os povos criaram uma série de “evitações”. Estas últimas, Freud aproxima de uma característica infantil comumente encontrada nas pessoas neuróticas.

“(…) se trata de uma característica *infantil*, e que revela uma notável concordância com a vida mental dos pacientes neuróticos. A psicanálise nos ensinou que a primeira escolha de objetos para amar feita por um menino é incestuosa e que esses são objetos proibidos: a mãe e a irmã. Estudamos também a maneira pela qual, à medida que cresce, ele se liberta dessa atração incestuosa. Um neurótico, por outro lado, apresenta invariavelmente um certo grau de infantilismo psíquico; ou falhou em libertar-se das condições psicosexuais que predominavam em sua infância ou a elas retornou; duas possibilidades que podem ser resumidas como inibição e regressão no desenvolvimento. Assim, as fixações incestuosas da libido continuam (ou novamente começam) a desempenhar o papel principal em sua vida mental inconsciente. Chegamos ao ponto de considerar

---

<sup>101</sup> ENRIQUEZ, Eugène. *Da horda ao Estado. Psicanálise do vínculo social*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990, p. 29.



a relação de uma criança com os pais, dominada como é por desejos incestuosos, como o complexo nuclear das neuroses.”<sup>102</sup>

Esta primeira aproximação anima Freud e ele continua seu trabalho, agora analisando o tabu. Descobre ser uma palavra de significado ambíguo: por um lado significa ‘sagrado’ ou ‘consagrado’ e, por outro, ‘misterioso’, ‘perigoso’, ‘proibido’ ou ‘impuro’. Tabu seria, então, algo próximo da expressão ‘temor sagrado’. Os tabus são restrições impostas aos sujeitos que diferem muito das proibições religiosas e morais. Como tal, são considerados, pela comunidade científica da época – alvo da pesquisa empreendida por Freud – como mais antigos que os deuses e remontando a um período anterior à existência de qualquer espécie de religião.

Vislumbra-se, assim, para Freud a possibilidade de, através de um exame psicanalítico do fenômeno tabu, descobrir as formas mais primitivas de pensamento e de crenças do ser humano. Desenvolve um interesse pelas proibições que sujeitam os povos primitivos e percebe que tudo lhes é proibido e que não lhes ocorre qualquer questionamento sobre estas proibições. Interessa-se especialmente pela atitude dos sujeitos frente aos tabus. Descobre que eles se encontram convencidos da naturalidade das proibições e da severidade das punições.

Uma caracterização do fenômeno tabu, imparcial, segundo Freud, é encontrada por ele na Enciclopédia Britânica, em um artigo de autoria do antropólogo Northcote W. Thomas. Resumidamente, o tabu abrange o caráter sagrado ou impuro de pessoas ou coisas, a espécie de proibição resultante e a santidade ou impureza que advém de uma violação da proibição. Os tabus podem ser naturais e diretos ou comunicados e indiretos. Objetivam uma série de coisas, tais como: a proteção de pessoas ou coisas importantes contra o mal; a proteção das pessoas mais fracas contra a influência mágica dos poderosos, a precaução contra o contato com cadáveres e certos alimentos; a salvaguarda dos principais atos da vida contra interferências externas; e, a proteção dos seres humanos contra a ira dos deuses e dos espíritos.

---

<sup>102</sup> FREUD, Sigmund. (1913). **Totem und Tabu**. Edição consultada: **Totem e Tabu**. Ed. Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Rio de Janeiro: Imago, 2ª edição, Vol. XIII, 1987, p. 35.

Os tabus foram, para Freud, sem dúvida, os primeiros sistemas penais da humanidade, sua violação transformava o próprio transgressor em tabu. Sua fonte é atribuída a um poder mágico, próprio de algumas pessoas e dos espíritos, e por eles transmissível para objetos. As proibições, segundo ele, delimitam a liberdade de prazer e de movimentos e de comunicação. Várias possuem um significado bastante incompreensível, e outras, visam claramente a abstinência e renúncias.

“Por trás de todas essas proibições parece haver algo como uma teoria de que elas são necessárias porque certas pessoas e coisas estão carregadas de um poder perigoso que pode ser transferido através do contato com elas, quase como uma infecção.(...) O fato mais estranho parece ser que qualquer um que tenha transgredido uma dessas proibições adquire, ele mesmo, a característica de ser proibido – como se toda carga perigosa tivesse sido transferida para ele. Esse poder está ligado a todos os indivíduos *especiais*, como reis, sacerdotes, ou recém-nascidos, a todos os estados *excepcionais*, como os estados físicos da menstruação, puberdade ou nascimento, e todas as coisas *misteriosas*, como a doença e a morte e o que está associado a elas através do seu poder de infecção ou contágio.”<sup>103</sup>

O tabu e a atitude mental dos sujeitos frente a ele, é, para Freud, na verdade, a descrição da própria neurose obsessiva. Os aspectos semelhantes entre um e outro são muito evidentes. Os sintomas da neurose obsessiva coincidem com a prática do tabu em pelo menos quatro aspectos fundamentais, são eles: a ausência de motivos racionais às proibições, a existência de uma necessidade interna e inconsciente que sustentam estas proibições, os fatos do contágio e do deslocamento e a realização de atos cerimoniais. A neurose obsessiva surge a partir de um desejo infantil que é reprimido e banido para o inconsciente porque há uma proibição para sua realização. A persistência da proibição e do instinto cria uma fixação psíquica, da qual decorre uma atitude ambivalente do sujeito frente ao objeto. A proibição permanece consciente e o desejo persiste no inconsciente. O conflito entre estas duas forças produz uma necessidade de descarga, que se torna a razão para a realização dos atos obsessivos. Os atos obsessivos são, assim, tentativas de expiação, provas de remorso e atos substitutivos visando compensar o que foi negado ao instinto.

Neste ponto de suas investigações, Freud acha-se pronto para enunciar que os tabus não se encontram tão longe de nossa cultura e que as proibições morais do nosso sistema de crenças tem uma relação fundamental com os tabus primitivos. Para tanto, procede a uma análise dos tabus como se fossem eles uma proibição obsessiva. Descobre que a origem do tabu é inconsciente e que é possível reconstruir a história do tabu através do modelo das proibições obsessivas.

“O tabu é uma proibição primeva forçadamente imposta (por alguma autoridade) de fora, e dirigida contra os anseios mais poderosos a que estão sujeitos os seres humanos. O desejo de violá-lo persiste no inconsciente; aqueles que obedecem ao tabu têm uma atitude ambivalente quanto ao que o tabu proíbe. O poder mágico atribuído ao tabu baseia-se na capacidade de provocar a tentação e atua como um contágio porque os exemplos são contagiosos e porque o desejo proibido no inconsciente desloca-se de uma coisa para outra. O fato de a violação de um tabu poder ser expiada por uma renúncia mostra que esta renúncia se acha na base da obediência ao tabu.”<sup>104</sup>

Após traçar este paralelo entre o tabu e a neurose obsessiva, Freud continua colocando esta sua hipótese em questão e, para tanto, procura analisar extensamente os tabus que se vinculam a inimigos, a chefes e aos mortos. Todos eles são, em essência, os tabus contra os estrangeiros, ou seja, o inimigo é o estrangeiro à tribo, o chefe é o estrangeiro em relação ao grupo e os mortos são estrangeiros em relação a vida. O que os assemelha nesta categoria de estrangeiros é o seu caráter fora do comum, o poder que eles possuem em relação ao restante das pessoas. O inimigo os mata, o chefe os subjuga e os mortos desejam vingança e, para isso, assombram e os chamam. Seu objetivo aqui é o de demonstrar que a ambivalência (a dominância de tendências opostas) também pode ser encontrada nos tabus. Pretende com este procedimento confirmar os determinantes psicológicos do tabu.

Freud nos mostra, analisando o relato de antropólogos sobre o tabu contra os inimigos, que os homens primitivos deixavam-se reger por um grande número de observâncias em relação a morte de um inimigo. Tais observâncias exigiam o apaziguamento do inimigo que havia sido morto, restrições graves sobre a pessoa do assassino, diversos atos de expiação e purificação por parte deste e algumas observâncias cerimoniais. Sua explicação para tais

---

<sup>103</sup> FREUD, Sigmund. (1913). **Totem und Tabu**. Edição consultada: **Totem e Tabu**. Ed. Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Rio de Janeiro: Imago, 2ª edição, Vol. XIII, 1987, p. 40.

<sup>104</sup> FREUD, Sigmund. (1913). **Totem und Tabu**. Edição consultada: **Totem e Tabu**. Ed. Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Rio de Janeiro: Imago, 2ª edição, Vol. XIII, 1987, p. 51

acontecimentos nos levam a pensar em dois princípios que se combinam: a extensão do tabu do homem assassinado a tudo que tenha entrado em contato com ele e o medo do seu fantasma. Estes dois princípios são, na verdade, um único apenas, ou seja, a ambivalência emocional para com o inimigo.

Os tabus em relação aos governantes, chefes e sacerdotes são bastante interessantes. O princípio destes tabus dizem que estas figuras devem ser protegidas e, por outro lado, os membros do clã devem se proteger contra elas. Os governantes, chefes e sacerdotes são os representantes das forças mágicas e qualquer contato com eles poderia afetar a pessoa comum, através do contágio. E, eles também devem ser protegidos, porque são eles que, com o poder que possuem, regulam todo o curso da existência. A relação entre os selvagens e seus governantes é permeada de afeição e hostilidade, contudo, esta última, por não poder ter expressão, retorna na forma de cerimoniais. Novamente aqui Freud aponta a ambivalência emocional presente e determinante nos tabus.

Finalmente, analisando os tabus em relação aos mortos, Freud nos relata que estes recebiam um tratamento tão severo em relação às evitações (contato, proferir o nome e etc.) que eram tratados como verdadeiros inimigos. Eram perigosos e tinham que ser mantidos distantes, assim como os que estavam enlutados. O medo em relação aos mortos traduzia-se no horror de que retornassem, mesmo porque a crença era de que se alguém havia morrido era porque fôra assassinado. Ninguém morria de forma natural e o próprio conceito de tempo não existia. O morto, portanto, tinha motivos para odiar os que ficaram. As almas dos que morreram eram transformadas em demônios, dos quais os sobreviventes tinham que proteger-se contra sua hostilidade.

Freud compara estas diversas atitudes ambivalentes descobertas nos tabus com o seu estudo das perturbações psiconeuróticas, mais especificamente algumas formas patológicas de luto e revela os motivos inconscientes de tais atitudes. Nestes casos de luto, a pessoa sentia-se culpada pela morte do ente querido e Freud demonstrou que havia algo nestas pessoas que dizia que realmente não ficariam de todo insatisfeitas com a morte, algo como um desejo inconsciente que, caso tivessem o poder para tal, as faria cometer o assassinato. E é contra esse desejo inconsciente que as censuras e proibições são uma reação. Freud vai um pouco mais além e revela a descoberta feita pela psicanálise de que em toda relação emocional intensa com uma pessoa, existe uma hostilidade oculta no inconsciente.

Apesar de todas as semelhanças anteriormente descritas, Freud acredita que exista uma diferença entre os neuróticos e os primitivos. Uma diferença que se expressa no grau elevado de ambivalência dos últimos e na forma de se defender deste sentimento de hostilidade. Enquanto que os obsessivos desenvolvem uma autocensura exacerbada, o procedimento defensivo adotado pelos selvagens é o mecanismo da projeção, comum tanto na vida mental normal quanto na patológica.

A projeção da hostilidade inconsciente sobre os demônios, sem dúvida, é um dos processos de maior importância na formação da mente primitiva, mas ela não foi criada com o propósito de defesa, isto é, ela também ocorre onde não há conflito. A projeção de qualquer percepção nossa tem um grande papel na determinação da forma que nosso mundo exterior assume aos nossos olhos. A projeção de impulsos hostis contra os espíritos e demônios, realizada pelos primitivos, responde apenas a uma das partes de sua visão de mundo, aquilo que conhecemos como animismo.

A diferença entre os selvagens e os obsessivos encontra-se no fato de que a ambivalência diminuiu extraordinariamente através das épocas.

*“Somente nos neuróticos o luto pela perda dos que lhe eram caros é ainda perturbado por autocensuras obsessivas, cujo segredo é revelado pela psicanálise como sendo a velha ambivalência emocional. Não precisamos discutir aqui como foi que esta alteração ocorreu, que parte dela é devida a uma modificação constitucional e qual a parte que se deve a uma melhoria real nas relações familiares. Mas este exemplo sugere a probabilidade de que os *impulsos psíquicos dos povos primitivos fossem caracterizados por uma quantidade maior de ambivalência que a que se pode encontrar no homem moderno civilizado. É de supor-se que como essa ambivalência diminuiu, o tabu (sintoma da ambivalência e um acordo entre os dois impulsos conflitantes) lentamente desapareceu.*”<sup>105</sup>*

Pensar o desaparecimento do tabu ao longo dos tempos, abre para Freud a possibilidade de lançar uma luz sobre a natureza e a origem do fenômeno da consciência. É possível para ele falar em uma consciência tabu e, após um tabu ter sido transgredido, de um senso de culpa tabu. Acredita ser esta a forma mais antiga de consciência, entendendo por isto aquilo de que se está consciente com mais clareza. Esta certeza, por fim, apenas poderia advir da percepção interna da rejeição de um determinado desejo, os desejos hostis em relação às proibições dos tabus, os desejos de transgressão e violação das normas.

Durante todo o exame psicanalítico do fenômeno do tabu, Freud procurou estabelecer as concordâncias entre este e a neurose obsessiva e acredita ter chegado a um bom termo nesta comparação. No entanto, ele nos alerta para o fato de que o tabu é uma instituição social, uma criação cultural e não uma neurose de um sujeito. Esta diferença faz com que ele constate que os neuróticos são altruístas ao construir seus sintomas, ao passo que os primitivos atuam egoisticamente. Apenas quando a violação de um tabu específico apresenta caráter contagioso é que estes últimos se tornam solidários, caso contrário respondem de forma egoísta. São as exigências de autopreservação que estão atuando aqui com os selvagens.

Os neuróticos, ao contrário, temem que o castigo pelo seu impulso inconsciente hostil recaia sobre os outros. O desejo de matar alguém se transforma para eles em medo de que este alguém morra. As neuroses são estruturas anti-sociais, seu objetivo é a fuga de uma realidade insatisfatória em direção a um mundo de fantasia que seja mais agradável, onde os conflitos não sejam tão intensamente sentidos.

*“Assim, o fato que é característico da neurose é a preponderância dos elementos sexuais sobre os elementos instintivos sociais. Os instintos sociais, contudo, derivam-se eles próprios de uma combinação de componentes egoísticos e eróticos em totalidades de um tipo especial. Esta simples comparação entre o tabu e a neurose obsessiva é suficiente para fazer-nos compreender a natureza da relação entre as diferentes formas de neuroses e as instituições culturais e perceber como o estudo da psicologia das neuroses é importante para a compreensão do desenvolvimento da civilização.”<sup>106</sup>*

Sem dúvida nenhuma Freud atinge um ponto bastante alto em seus propósitos iniciais de encontrar alguns pontos de concordância entre a vida mental dos selvagens e a dos neuróticos, mas ainda está um pouco distante de seu objetivo, que era o de vislumbrar através deste estudo um estágio mais primitivo de nosso próprio funcionamento mental. Com vistas, agora, a percorrer o restante de seu percurso procurará analisar psicanaliticamente o fenômeno do animismo, definido como a doutrina de almas, a doutrina de seres espirituais em real, a teoria do caráter vivo daquelas coisas que parecem ser objetos inanimados. Prática amplamente empregada pelos primitivos para explicar e compreender o seu mundo. Os tabus falam disto, do povoamento do mundo com inumeráveis seres espirituais – bons e maus – responsáveis pelos fenômenos atualmente conhecidos como naturais.

---

<sup>105</sup> FREUD, Sigmund. (1913). **Totem und Tabu**. Edição consultada: **Totem e Tabu**. Ed. Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Rio de Janeiro: Imago, 2ª edição, Vol. XIII, 1987, p. 79.

<sup>106</sup> FREUD, Sigmund. (1913). **Totem und Tabu**. Edição consultada: **Totem e Tabu**. Ed. Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Rio de Janeiro: Imago, 2ª edição, Vol. XIII, 1987, p. 85.

A questão para Freud é saber de que forma os homens primitivos chegaram a esta concepção animista de mundo. A resposta é encontrada na suposição de que foi através da observação dos fenômenos do sono, do sonho e, principalmente, da morte. Sem uma compreensão da mortalidade do homem, fornecida por outros dois sistemas de pensamentos – a religião e a ciência – a crença em sua permanência eterna parecia a alternativa mais provável para os primitivos.

“O animismo é um sistema de pensamento. (...) A raça humana, se seguirmos as autoridades no assunto, desenvolveu, no decurso das eras, três desses sistemas de pensamento – três grandes representações do universo: animista (ou mitológica), religiosa e científica. Destas, o animismo, o primeiro a ser criado, é talvez o mais coerente e completo e o que dá uma explicação verdadeiramente total da natureza do universo. A primeira *Weltanschauung* humana é uma teoria psicológica.”<sup>107</sup>

A abordagem psicanalítica do animismo conduz Freud a assertiva de que tal sistema foi construído no intuito de controlar o universo, por uma real necessidade prática. Não é por acaso que as práticas da magia e da feitiçaria sustentam o sistema animista. Tais práticas tem a função de controlar e dominar os fenômenos naturais que, caso contrário, conduziriam (e fatalmente conduzem) à extinção do homem.

A magia e a feitiçaria fundamentam-se em dois princípios básicos: o princípio da semelhança entre o ato executado e o resultado desejado; e o princípio de contiguidade. Em psicanálise, estes também são os dois princípios essenciais da associação de idéias, técnica fundante da prática psicanalítica e que propicia o acesso aos conteúdos inconscientes, aos desejos inconscientes, que, em suma, voltando ao homem primitivo, são a base de suas ações no mundo. Além de serem os princípios da associação de idéias, são também a forma natural de pensamento da criança.

A onipotência dos pensamentos, termo cunhado por um paciente de Freud, é a capacidade que o sujeito possui de transformar suas idéias em fenômenos reais. A criança, em sua relação com o outro cria a vida e a morte, supervaloriza os pensamentos, as coisas se tornam menos importantes do que as idéias das coisas. A criança funda um mundo de acordo com o seu desejo, afasta de si seus impulsos agressivos projetando-os no exterior e investe o seu próprio ego com os impulsos eróticos. Vê-se aqui a relação entre a onipotência de pensamentos e o narcisismo.

---

<sup>107</sup> FREUD, Sigmund. (1913). *Totem und Tabu*. Edição consultada: *Totem e Tabu*. Ed. Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Rio de Janeiro: Imago, 2ª edição, Vol. XIII, 1987, p. 89.

“Fundar um mundo segundo nosso desejo, fazer desaparecer aquilo que ele tem de nocivo é, no mínimo, trabalhar para a destruição do outro. Percebe-se assim a conexão necessária entre a onipotência de pensamentos e o narcisismo, fase na qual o sujeito se toma pelo objeto de amor e onde o outro não existe como tal (na sua própria alteridade), mas somente como instrumento da satisfação do sujeito e, mesmo, de sua vontade de dominar o mundo.”<sup>108</sup>

É, ainda, nas neuroses obsessivas que se observa mais claramente a sobrevivência da onipotência de pensamentos. Mas, isto está longe de ser uma especificidade dela, pois partilham esta característica com todas as outras neuroses. Em todas, o que determina a formação de sintomas, é a força da realidade do pensamento, em detrimento da realidade da experiência. A sensação de culpa destes pacientes comprova tal assertiva. Ela se funda nos intensos desejos inconscientes de morte para seus semelhantes, muito mais do que em qualquer possibilidade real de ter pensado ou cometido algum ato dessa natureza destrutiva em relação aos outros.

Desta forma, Freud se aproxima da conclusão inevitável de que o progresso da civilização deve-se, em grande parte, à repressão dos instintos humanos. Acompanhando a evolução da forma com que o homem pensa o seu mundo, do animismo até a ciência, passando pela religião, ele nos escreve:

“Na fase animista, os homens atribuem a onipotência a *si mesmos*. Na fase religiosa, transferem-na para os deuses, mas eles próprios não desistem dela totalmente, porque se reservam o poder de influenciar os deuses através de uma variedade de maneiras, de acordo com os seus desejos. A visão científica do universo já não dá lugar à onipotência humana; os homens reconheceram a sua pequenez e submeteram-se resignadamente à morte e às outras necessidades da natureza. Não obstante, um pouco da crença primitiva na onipotência ainda sobrevive na fé dos homens no poder da mente humana, que entra em luta com as leis da realidade.”<sup>109</sup>

Neste ponto de suas argumentações, quando parece ter atingido seus objetivos iniciais, Freud ainda nos reserva aquilo que de mais polêmico este seu trabalho possui. Quando formula a assertiva de que o totemismo é uma fase regular em todas as culturas, questiona-se sobre a origem histórica e psicológica deste. Analisa algumas teorias sobre a origem do totemismo, dividindo-as em três grupos. No primeiro grupo, as teorias nominalistas, relaciona as importantes descobertas de Garcilasso de la Vega (século XVII), Max-Müller (1897), Julius Pikler (1900), Herbert Spencer (1870 e 1893) e Andrew Lang (1903 e 1905), entre outros. As teorias nominalistas estão abrigadas sob este nome porque atribuem a origem do totemismo a uma necessidade de diferenciação dos sujeitos através do uso de nomes diversos. O segundo grupo, das teorias sociológicas, reúne alguns argumentos. Durkheim (1912) argumenta que o totem é o representante da religião social entre os povos que tem relação

<sup>108</sup> ENRIQUEZ, Eugène. *Da horda ao Estado. Psicanálise do vínculo social*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990, p. 39.

<sup>109</sup> FREUD, Sigmund. (1913). *Totem und Tabu*. Edição consultada: *Totem e Tabu*. Ed. Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Rio de Janeiro: Imago, 2ª edição, Vol. XIII, 1987, p. 98-99.



com ele, corporificando a comunidade que é o verdadeiro objeto de sua adoração. Outros autores, como Haddon (1902), supõem que a origem do totem está no fato de que a comunidade subsistiu originalmente através de seu totem, animal ou vegetal.

O terceiro grupo, o das teorias psicológicas, é representado pelas explicações de Frazer (1910), G. A. Wilken (1884) e Wundt (1912). O primeiro deles procurou alguma superstição primitiva que sustentasse a estrutura do totem e encontrou uma explicação para isto na ignorância dos selvagens a respeito dos processos que homens e animais utilizam para reproduzirem. Estes selvagens atribuíam a responsabilidade pela concepção de um novo sujeito ao totem. Wilken, por outro lado, trabalhou no sentido de vincular o totemismo à crença na transmigração das almas. Por fim, Wundt, credita a origem do totemismo à crença no espírito, isto é, no animismo. Pensava ele serem os animais totêmicos receptáculos apropriados para as almas que haviam abandonado os corpos.

Estes estudos sobre a origem do totemismo, ao invés de nos conduzirem ao esclarecimento, nos levam a uma região bastante obscura. Analisando as teorias sobre a origem do exogamismo, Freud também chega a mesma conclusão. Procurando, então, lançar alguma luz sobre os fatos traz para o texto a idéia de que existe uma grande semelhança entre os homens primitivos e as crianças naquilo que concerne ao relacionamento com os animais. No intuito de comprovar seu ponto de partida relata o quadro clínico de uma fobia de animal, o caso que ficou conhecido como Pequeno Hans, publicado em 1909 sob o título *Análise de uma fobia num menino de cinco anos*.

O menino possuía um intenso medo de cavalos que o impedia sequer de sair à rua. Expressava o medo de que o cavalo entrasse em seus aposentos e o mordesse. Este medo era reflexo de um castigo pelo desejo de que o cavalo morresse. O próprio pai do menino encarregou-se de eliminar este medo renovando a sua confiança. Após isto

“(…) tornou-se evidente que ele estava lutando contra desejos que tinham como tema a idéia de o pai estar ausente (partindo para uma viagem, morrendo). Encarava o pai (como deixou bem claro) como um competidor nos favores da mãe, para quem eram dirigidos os obscuros prenúncios de seus desejos sexuais nascentes. Desse modo, estava situado na atitude típica de uma criança do sexo masculino para com os pais, a que demos o nome de ‘complexo de Édipo’ e que em geral consideramos como o complexo nuclear das neuroses. O fato novo que aprendemos com a análise do ‘pequeno Hans’ – fato com uma importante relação com o totemismo – foi que, em tais circunstâncias, as crianças deslocam alguns de seus sentimentos do pai para um animal.”<sup>110</sup>

---

<sup>110</sup> FREUD, Sigmund. (1913). **Totem und Tabu**. Edição consultada: **Totem e Tabu**. Ed. Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Rio de Janeiro: Imago, 2ª edição, Vol. XIII, 1987, p. 134.

A analogia trazida por este caso clínico, entre as crianças e os homens primitivos, possibilita a Freud reconstituir os caminhos associativos que levam a realização de uma tal espécie de deslocamento, bem como dos motivos deste. O sujeito se alivia do conflito oriundo da atitude emocional ambivalente para com o pai ao deslocar seus sentimentos de hostilidade em um substituto daquele. É importante notar que o deslocamento não elimina o conflito, apenas o estende para outro objeto.

Não satisfeito com apenas esta analogia, Freud lança mão de um outro caso clínico, cuja comunicação é creditada a seu colega e colaborador Sandor Ferenczi (1913). Um menino de dois anos e meio, Árpád, durante uma incursão ao galinheiro foi bicado em seu pênis. Desenvolveu, a partir disto, uma atitude super ambivalente para com o animal, isto é, mostrava tanto ódio quanto amor num grau exorbitante. Todos os seus interesses, brinquedos, conversas giravam em torno do tema: aves domésticas. Seu jogo predileto (brincar de matar galinhas) configurava-se para ele como um verdadeiro festival, após o qual beijava e acarinhava o animal. O terror à castração produziu nele um comportamento de ameaçar outras pessoas com o mesmo destino, ou seja, brincava de castrar os outros.

“O mesmo papel é desempenhado pelo pai tanto no complexo de Édipo quanto no complexo de castração, ou seja, o papel de um inimigo temível dos interesses sexuais da infância. O castigo com que ele ameaça é a castração, ou o seu substituto, a cegueira.”<sup>111</sup>

Em ambos os casos, Hans e Árpád, encontram-se pontos de concordância fundamentais com o totemismo: a completa identificação da criança com o animal totêmico e o vínculo emocional ambivalente. Estes pontos são, para Freud, suficientes para justificar a substituição da figura do animal totêmico pela do pai no sistema do totemismo. Essa substituição, tem por consequência, mostrar-nos o fato de que as duas principais observâncias do sistema totêmico coincidem com os dois desejos mais primários das crianças, cuja repressão parcial constitui o núcleo de todas as neuroses.

Prosseguindo em sua tentativa de recolher elementos que permitam a formulação de uma concepção psicanalítica da origem do totemismo, Freud nos apresenta as hipóteses de William Robertson Smith (1889) sobre uma espécie de cerimônia conhecida como ‘refeição totêmica’, que era parte estruturante do sistema desde o início. Robertson Smith nos apresenta a idéia de que a matança sacramental e a ingestão comunal do totem animal eram uma

---

<sup>111</sup> FREUD, Sigmund. (1913). **Totem und Tabu**. Edição consultada: **Totem e Tabu**. Ed. Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Rio de Janeiro: Imago, 2ª edição, Vol. XIII, 1987, p. 135.

característica importante do culto totêmico. Acrescida destes dois componentes, o cerimonial da refeição totêmica nos mostrará o seguinte:

“O clã se acha celebrando a ocasião cerimonial pela matança cruel de seu animal totêmico e está devorando-o cru – sangue, carne e ossos. Os membros do clã lá se encontram vestidos à semelhança do totem e imitando-o em sons e movimentos, como se procurassem acentuar sua identidade com ele. Cada homem se acha consciente de que está executando um ato proibido ao indivíduo e justificável apenas pela participação de todo o clã, não podendo ninguém ausentar-se da matança e da refeição. Quando termina, o animal morto é lamentado e pranteado. O luto é obrigatório, imposto pelo temor de uma desforra ameaçada. (...) seu objetivo principal é renegar a responsabilidade pela matança. Mas o luto é seguido por demonstrações de regozijo festivo: todos os instintos são liberados e há permissão para qualquer tipo de gratificação. (...) o sentimento festivo é produzido pela liberdade de fazer o que via de regra é proibido.”<sup>112</sup>

A partir da cena acima, Freud reúne a interpretação psicanalítica do totem com a refeição totêmica e com as teorias darwinianas<sup>113</sup> sobre o estágio mais primitivo da sociedade humana; reúne-as para lançar a sua hipótese sobre a origem do totemismo. Hipótese psicanalítica esta que será aqui pensada em seu caráter de mitologia das origens. Não iremos nos prender a discussão extremamente polêmica que se seguiu à sua formulação sobre a veracidade histórica. Mas, sem dúvida, interessa-nos a sua força explicativa da subjetividade e do laço social.

O que Freud nos conta é o seguinte: em algum momento, os filhos, que haviam sido expulsos, retornaram juntos decididos a matar e devorar o pai. Os irmãos conseguiram colocar um fim à horda patriarcal porque o fizeram unidos, a coragem do grupo propiciou o crime. Individualmente, seria impossível cometê-lo. Após o assassinato, canibais que são, devoram o pai, antes o temido e invejado modelo de cada um dos irmãos. A refeição proporciona que eles incorporem os elementos que davam força ao pai, ao mesmo tempo, que faz surgir o sentimento de culpa, fruto da afeição que sentiam por ele. Recalcada a afeição, após o ato, ela retorna como remorso, e isto faz com que o pai se torne mais forte, agora, morto.

“O que até então fora interdito por sua existência real foi doravante proibido pelos próprios filhos, de acordo com o procedimento psicológico que nos é tão familiar nas psicanálises, sob o nome de ‘obediência adiada’. Anularam o próprio ato proibindo a morte do totem, o substituto do pai; e renunciaram aos seus frutos abrindo mão da reivindicação às mulheres que agora tinham sido libertadas. Criaram assim, o sentimento de culpa filial, os dois tabus fundamentais do totemismo, que, por essa própria razão, corresponderam inevitavelmente aos dois desejos reprimidos do

---

<sup>112</sup> FREUD, Sigmund. (1913). *Totem und Tabu*. Edição consultada: *Totem e Tabu*. Ed. Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Rio de Janeiro: Imago, 2ª edição, Vol. XIII, 1987, p. 144.

<sup>113</sup> Darwin, em sua teoria da evolução das espécies, fala de uma horda primeva. Ele não menciona nada sobre as origens do totemismo nesta horda. Tudo que pode-se depreender de sua teoria é uma horda composta por um pai violento e ciumento que guardava todas as fêmeas para si próprio e que expulsava os filhos à medida que iam crescendo. Freud observa que tal estágio nunca foi observado na espécie humana.

complexo de Édipo. Quem quer que infringisse esse tabus tornava-se culpado dos dois únicos crimes pelos quais a sociedade primitiva se interessava.”<sup>114</sup>

No intuito óbvio de provar a validade deste mito, Freud nos apresenta ainda mais alguns argumentos. Diz-nos que os dois tabus do sistema totêmico, o que protege o animal símbolo e o que impede o incesto, não estão psicologicamente no mesmo nível. O primeiro, que objetiva anular o ato pela preservação do totem, é de ordem puramente emocional. É um pacto com o pai proporcionado pelo sentimento de culpa, natureza da religião<sup>115</sup>.

O segundo, a exogamia, objetiva organizar a comunidade. Se o caminho tivesse sido deixado livre para a sexualidade, fatalmente ainda estaríamos brincando de horda primeva. Ou melhor, a sexualidade não organiza os sujeitos, todos os irmãos iriam querer e lutar contra todos para assumir o lugar do pai. A sexualidade divide os homens, a ponto de a repressão ser a base da organização da vida comunitária.

Freud, portanto, procura nos mostrar através de sua investigação que as origens da civilização, da moral, da religião, convergem todas para o complexo de Édipo, para o complexo de castração e para a ambivalência emocional. No início foi o ato que impulsionou ao crime. A violência é o ato fundador da cultura. Foi o ódio que transformou os sujeitos submissos à força de um outro, em irmãos, irmãos na cumplicidade e na culpa pelo assassinato. A união dos irmãos em um grupo só foi possível devido a um projeto comum e a natureza deste primeiro projeto apenas pôde ser uma conspiração contra um poder vivenciado como cruel e impiedoso, um poder totalitário. Freud nos alerta para o fato de que *NÃO* seria o termo originário de todo o grupo e, por que não dizer também, de todo sujeito.

É o assassinato que fez com que o chefe da horda fosse chamado de pai. Não existe um pai real, mas um pai simbólico, um ser mítico. O chefe da horda é aquele que causa terror e angústias, porque sua força supera a dos outros. Contudo, se ele suscita amor, transforma-se em um amigo, uma espécie de grande irmão.

“Mas o pai, em sua função mítica, é aquele que provoca reverência, terror e amor ao mesmo tempo, o pai é aquele que sufoca, castra e que deve então ser morto ou, no mínimo, vencido; ele é, além disso, o portador e depositário das proibições. Seu assassinato é acompanhado de culpa e veneração. Não existe jamais o pai real. O pai é sempre um pai morto, e o pai morto é sempre um

---

<sup>114</sup> FREUD, Sigmund. (1913). *Totem und Tabu*. Edição consultada: *Totem e Tabu*. Ed. Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Rio de Janeiro: Imago, 2ª edição, Vol. XIII, 1987, p. 147.

<sup>115</sup> Uma idéia mais completa sobre a origem da religião e do sentimento religioso será abordada por Freud em *O futuro de uma ilusão* e *O mal-estar na civilização*, que serão abordados mais adiante.

pai mítico. A partir do momento em que a função paterna é reconhecida, os filhos são oprimidos. Eles estão numa posição de dependência, presos entre o desejo e a identificação. Sem a referência paterna, nenhuma cultura é concebível. O acesso à cultura passa por essa referência. Já aí se delineia a idéia de que a mola da civilização é sempre de essência conflituosa e tem vocação neurótica.”<sup>116</sup>

Resumidamente, portanto, estas são as idéias centrais do polêmico livro *Totem e Tabu*. Freud soube nos conduzir ao longo de seu trabalho em direção da interpretação psicanalítica de fenômenos muito instigantes para pensarmos a natureza do vínculo social e da subjetividade. Como dissemos no início, este é apenas o primeiro de seus trabalhos sobre o social. O ponto de vista expresso nesta primeira obra será reformulado em alguns aspectos nas próximas, mas em vários outros será mantido. A próxima obra, objeto de análise, será *Psicologia de grupo e análise do ego*, publicada em 1921, logo após o texto que provocou uma grande ruptura no corpo teórico da Psicanálise, com a introdução de um conceito que visa explorar o que estaria mais *Além do princípio de prazer* (1920).

### ***Psicologia de Grupo e Análise do Ego***

Escrita entre os anos de 1919 e 1921, esta obra apresenta uma relação muito especial com o último capítulo de *Totem e Tabu*. O percurso de Freud aqui visa explorar a psicologia dos grupos, a natureza dos laços entre os sujeitos em grupo, e submetê-los à Psicanálise. Há que ser considerada que a tradução do título segue a tradução inglesa. Na versão francesa do original alemão encontramos o termo ‘massa’ ao invés de ‘grupo’. Ambas as palavras, no entanto, correspondem à obra visto que Freud inicia analisando a psicologia das de massas para, logo depois, tentar provar a validade de suas hipóteses junto aos grupos organizados.

Inicia este trabalho defendendo a idéia de que não existem diferenças entre uma psicologia individual e uma psicologia social ou de grupo. O seu argumento é o de que as relações de amor e de ódio, ambivalentes portanto, que o sujeito estabelece ao longo da vida são fenômenos sociais e individuais ao mesmo tempo. Sociais porque são estas relações que inserem o sujeito em sua cultura e, individuais porque são as relações determinantes de sua subjetividade. No entanto, entre as duas psicologias existe um grande campo de investigações que precisa ser explorado. E é a este trabalho que Freud se propõe.

---

<sup>116</sup> ENRIQUEZ, Eugène. *Da horda ao Estado. Psicanálise do vínculo social*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990, p. 33-34.

Ele parte do reconhecimento de que a Psicanálise parece saber explicar as predisposições, os impulsos instintuais, os motivos e os fins do sujeito e também suas relações com os seus. Mas, acrescenta que a teoria psicanalítica ainda não consegue explicar as transformações que este sujeito sofre em suas ações e em seus sentimentos ao entrar em um grupo. Tais alterações podem ser explicadas, segundo Freud, se três perguntas forem respondidas: o que é um grupo, como ele consegue exercer influência sobre o sujeito e qual a natureza da alteração mental que o grupo impõe ao sujeito. Freud irá partir do terceiro questionamento e, para tal, analisará o trabalho de Le Bon, *Psychologie des foules* (1855). Encontra no ‘diálogo’ com este autor um solo bastante fértil para suas considerações e, a análise desta obra, lhe permitirá, aos poucos, mostrar suas descobertas a respeito do laço que une os sujeitos em um grupo.

Para Freud, a união dos sujeitos em um grupo deve-se pela existência de algo em comum, um elo que liga cada indivíduo isolado aos outros e, ao mesmo tempo, todos a este elo. No entanto, Le Bon escolhe outro ponto de partida, a consideração da alteração mental que o sujeito experimenta no grupo. Ele acredita que as particularidades de um sujeito se apagam em um grupo porque o inconsciente racial emerge. As alterações teriam como causas, entre outras, o contágio e a sugestibilidade. Dificilmente Freud concordaria com a idéia de um inconsciente racial, mas concorda com a noção de que o sujeito sofre um rebaixamento intelectual no grupo e o credita às condições grupais que permitem o sujeito despir-se das repressões de seus impulsos instintuais inconscientes. O contágio, diz-nos Freud, poderia ser pensado na relação dos sujeitos entre si e a sugestibilidade na relação dos sujeitos com o ideal que os une.

Le Bon, todavia, não explora este elo ou este ideal que parece hipnotizar os sujeitos. Ele, pelo contrário, apresenta uma concepção muito interessante sobre o rebaixamento intelectual que o sujeito apresenta no grupo, ainda, muito em voga, principalmente nos meios de comunicação que procuram, às pressas, caracterizar os diversos fenômenos grupais.

“Além disso, pelo simples fato de fazer parte de um grupo organizado, um homem desce vários degraus na escada da civilização. Isolado, pode ser um indivíduo culto; numa multidão é um bárbaro, ou seja uma criatura que age pelo instinto. Possui a espontaneidade, a violência, a ferocidade e também o entusiasmo e o heroísmo dos seres primitivos.”<sup>117</sup>

---

<sup>117</sup> LE BON. *Psychologie des foules*. 1855, p. 36 APUD FREUD, Sigmund (1921). *Massenpsychologie und ich-analyse*. Edição consultada: *Psicologia de grupo e análise do ego*. Ed. Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Rio de Janeiro: Imago, 2ª edição, Vol. XVIII, 1987, p. 87.

Deixando de lado, apenas por pouco tempo, as considerações acerca do indivíduo no grupo, Freud volta-se para a descrição da mente grupal. Apresenta-a junto com Le Bon, mesmo porque seus pontos de vista são semelhantes no que concerne à descrição de um grupo. É de extrema importância ressaltar que a análise de Le Bon se faz sobre os grupos de caráter bastante efêmero, tais como os grupos revolucionários que participaram da grande Revolução Francesa.

Um grupo apresenta-se normalmente como impulsivo, sujeito a mudanças constantes e extremamente irritável. É conduzido quase sempre por seu inconsciente, os impulsos amorosos ou hostis fazem-se expressar de forma tão imperiosa que nenhum outro interesse, mesmo o da autopreservação, tem espaço. Um grupo não reconhece a possibilidade de adiar a satisfação de seus desejos e possui um sentimento de onipotência, os limites e as impossibilidades de realizar algo desaparecem sob a crença na força da união. O grupo respeita a força e a exige de seus heróis. Precisa ser dirigido e teme os líderes. Apresenta ainda um caráter extremamente conservador e possui grande respeito pela tradição.

“A fim de fazer um juízo correto dos princípios éticos do grupo, há que levar em consideração o fato de que, quando indivíduos se reúnem num grupo, todas as suas inibições individuais caem e todos os instintos cruéis, brutais e destrutivos, que neles jaziam adormecidos, como relíquias de uma época primitiva, são despertados para encontrar gratificação livre. Mas, sob a influência da sugestão, os grupos também são capazes de elevadas realizações sob forma de abnegação, desprendimento e devoção a um ideal. Ao passo que com os indivíduos isolados o interesse pessoal é quase a única força motivadora, nos grupos ele muito raramente é proeminente. É possível afirmar que um indivíduo tenha seus padrões morais elevados por um grupo. Ao passo que a capacidade intelectual de um grupo está sempre muito abaixo da de um indivíduo, sua conduta ética pode tanto elevar-se muito acima da conduta deste último, quanto cair muito abaixo dela.”<sup>118</sup>

Da forma como estão descritos os grupos, com a grande ambivalência de sentimentos e de idéias, podemos perceber que os grupos se assemelham em muito com a mente dos povos primitivos e das crianças pequenas. E, assim como eles, percebe-se também que os grupos não são os maiores amigos das verdades, pelo contrário, anseiam pelas ilusões e demonstram não poderem passar sem elas.

“Na verdade, tal como nos sonhos e na hipnose, nas operações mentais de um grupo a função de verificação da realidade das coisas cai para segundo plano, em comparação com a força dos impulsos plenos de desejo com sua catexia afetiva.”<sup>119</sup>

O passo seguinte na descrição dos grupos é a caracterização do líder e, aqui, Freud não fica nada satisfeito com as considerações de Le Bon. As idéias deste último sobre liderança

---

<sup>118</sup> FREUD, Sigmund (1921). *Massenpsychologie und ich-analyse*. Edição consultada: *Psicologia de grupo e análise do ego*. Ed. Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Rio de Janeiro: Imago, 2ª edição, Vol. XVIII, 1987, pp. 89-90.

<sup>119</sup> FREUD, Sigmund (1921). *Massenpsychologie und ich-analyse*. Edição consultada: *Psicologia de grupo e análise do ego*. Ed. Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Rio de Janeiro: Imago, 2ª edição, Vol. XVIII, 1987, p. 91.

falam da necessidade de obediência do grupo e de um poder misterioso e irresistível que estes líderes possuem, ou em suas idéias ou em sua personalidade. Pouco esclarecedoras estas assertivas, Freud necessita buscar outros referenciais para a descrição da vida mental coletiva. Sua avaliação de tudo o que Le Bon constrói em detrimento e depreciação das manifestações grupais nos diz de algum grau de assertividade, mas deixa de lado outras tantas manifestações de grupo que atuam em sentido exatamente contrário. De um exame destas últimas, Freud pretende retirar uma opinião mais elevada da mente grupal. Estas manifestações, ao contrário das utilizadas por Le Bon, possuem o caráter da permanência, são os grupos ou associações mais estáveis em que os sujeitos passam grande parte da sua vida e que estão profundamente corporificados nas instituições da sociedade.

Freud então lança mão de McDougall que, em seu trabalho *The Group Mind* (1920), descreve as diferenças entre grupos efêmeros, uma multidão sem organização alguma, e os grupos organizados. McDougall entende que a efemeridade de uma multidão não constitui um grupo a não ser que os sujeitos tenham algo em comum entre si, um interesse comum em um objeto ou uma inclinação emocional parecida numa ou noutra situação. Neste sentido, os grupos atuam como intensificadores da emoção por possuírem um poder ilimitado e substituírem para o indivíduo toda a sociedade, detentora da autoridade.

Desta forma, McDougall pode estabelecer um contraste destes grupos efêmeros em relação aos grupos altamente organizados. Ele elenca cinco condições para a existência de um grupo organizado, responsável pela elevação da vida mental coletiva. Vejamos quais são estas condições e, antes, lembremos que elas permanecem constituindo as condições de uma organização grupal para vários autores contemporâneos. São elas: a) existência de um certo grau de continuidade na vida do grupo; b) consciência clara da natureza, funções, composição e capacidades do grupo para que seja possível que cada membro desenvolva alguma relação emocional com o grupo; c) necessidade do estabelecimento de fronteiras (através de rivalidade) com outros grupos; d) o grupo deve possuir tradições e hábitos que determinem as relações entre seus membros; e, finalmente, e) o grupo também deve possuir estrutura definida, sendo que esta deve ser expressa pela especialização e diferenciação das funções de cada um de seus membros.

Neste momento, Freud interrompe a apresentação das idéias de McDougall para questionar se sua pergunta sobre as razões subjacentes ao fato de o sujeito encontrar-se



profundamente alterado em suas capacidades intelectuais havia sido respondida. Faz-nos parecer que ainda não foram respondidas, mas nos adverte para o fato de termos aprendido um pouco mais sobre o funcionamento dos grupos, organizados e não organizados.

Retomando o seu percurso até o momento, Freud nos faz ver que o indivíduo no grupo está sujeito a uma profunda alteração em sua atividade mental com vistas a aproximá-lo dos outros indivíduos do grupo. Tal alteração é provocada pela sua submissão à emoção intensificada e a um rebaixamento de suas capacidades intelectuais. Diz-nos ainda que tal resultado apenas pode ser obtido através da remoção das inibições aos instintos e pela resignação destes às suas inclinações inconscientes. Essas duas consequências podem ser evitadas, pelo menos até um certo ponto, pela organização do grupo, mas, de qualquer forma, esta não contradiz os fatos fundamentais da psicologia de grupo (intensificação das emoções e inibição intelectual).

Isto posto, seu interesse irá direcionar-se para descobrir a explicação psicológica para essa alteração mental vivenciada pelo sujeito em um grupo. Retoma a análise do conceito de sugestão e encontra uma explicação psicológica ao argumentar que se trata de um fenômeno irreduzível e primitivo, ou seja, que na realidade, a sugestão é um fato fundamental na vida mental do homem. A explicação da natureza da sugestão reside no conceito de *libido*,

“Libido é expressão extraída da teoria das emoções. Damos esse nome à energia, considerada como uma magnitude quantitativa (embora na realidade não seja presentemente mensurável), daqueles instintos que têm a ver com tudo o que pode ser abrangido sob a palavra ‘amor’. O núcleo do que queremos significar amor consiste naturalmente (...) no amor sexual, com a união sexual como objetivo. Mas não isolamos disso (...), por um lado, o amor próprio, e, por outro, o amor pelos pais e pelos filhos, a amizade e o amor pela humanidade em geral, bem como a devoção a objetos concretos e a idéias abstratas.”<sup>120</sup>

A justificativa de que Freud se utiliza para entender a sugestão através do exame da libido reside naquilo que a psicanálise descobriu sobre esta energia, ou seja, os impulsos instintuais na relação entre os sexos forçam seu caminho no intuito da união sexual, mas, na maioria das vezes, são desviados desse seu objetivo ou impedidos de atingi-lo. Assim, estamos prontos a encarar o fato de que as relações amorosas, isto é, os laços emocionais constituem também a essência da mente grupal.

“(...) nossa hipótese encontra apoio em duas reflexões (...). Primeiro, a de que um grupo é claramente mantido unido por um poder de alguma espécie; e a que poder poderia essa façanha ser mais bem atribuída do que a Eros, que mantém unido tudo o que existe no mundo? Segundo, a de

---

<sup>120</sup> FREUD, Sigmund (1921). *Massenpsychologie und ich-analyse*. Edição consultada: *Psicologia de grupo e análise do ego*. Ed. Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Rio de Janeiro: Imago, 2ª edição, Vol. XVIII, 1987, p. 101.

que, se um indivíduo abandona a sua distintividade num grupo e permite que seus outros membros o influenciem por sugestão, isso nos dá a impressão de que o faz por sentir necessidade de estar em harmonia com eles, de preferência a estar em oposição a eles, de maneira que, afinal de contas, talvez o faça *'ihnen zu Liebe'*<sup>121</sup>,<sup>122</sup>.

Ao formular a hipótese de que as relações amorosas são a essência dos laços grupais, resta a Freud demonstrar sua validade. Para tanto, ele escolherá, como objeto de sua tese, dois grupos artificiais altamente organizados, a Igreja e o Exército, o primeiro sem líder e o segundo com líder, o que já nos remete a outro aspecto essencial que havia sido deixado de lado pelos estudiosos de grupos, a liderança. A artificialidade destes grupos explica-se no fato de que uma certa força externa é utilizada para impedir sua desagregação e prevenir mudanças estruturais.

Em ambos os grupos, por mais que em outros aspectos eles difiram, prevalece a ilusão de que existe um líder que distribui seu amor de forma absolutamente homogênea. Na Igreja este amor foi expresso por Cristo, se tomarmos, como Freud fez, a Igreja Católica como objeto de análise. No exército, o amor homogêneo é distribuído pelo comandante-chefe. É um amor de um irmão mais velho extremamente bondoso. Um irmão que, como vimos em *Totem e Tabu*, substitui o pai. Não há dúvidas, assim, de que o laço amoroso que liga cada sujeito a este irmão/pai é o mesmo que une os membros do grupo entre si, numa fraternidade que reconhece poucos limites. Percebe-se, desta forma, a existência de dois laços libidinais que prendem o sujeito ao grupo: o laço com o líder e o laço que o une aos demais membros.

“Pareceria que nos achamos no caminho certo para uma explicação do principal fenômeno da psicologia de grupo: a falta de liberdade do indivíduo num grupo. Se cada indivíduo está preso em duas direções por um laço emocional tão intenso, não encontraremos dificuldade em atribuir a essa circunstância a alteração e a limitação observadas em sua personalidade.”<sup>123</sup>

A comprovação da existência desses laços encontra-se, de acordo com Freud, no fenômeno do pânico. No momento em que um grupo desses se desintegra o que se observa é que cada indivíduo passa a se preocupar apenas consigo mesmo e ignora totalmente as ordens de seus superiores. O medo pânico produz um relaxamento na estrutura libidinal do grupo e os mesmos perigos, que antes eram enfrentados pelo grupo, tornam-se insuportáveis para cada sujeito, que se vê completamente isolado. O pânico surge sempre que o grupo perde seu líder, algo que acontece com alguma frequência nos exércitos e, mais dificilmente, nas igrejas.

---

<sup>121</sup> Expressão idiomática que significa ‘em consideração a eles’ e, literalmente, ‘pelo amor deles’.

<sup>122</sup> Id. pp. 102-103.

<sup>123</sup> FREUD, Sigmund (1921). *Massenpsychologie und ich-analyse*. Edição consultada: *Psicologia de grupo e análise do ego*. Ed. Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Rio de Janeiro: Imago, 2ª edição, Vol. XVIII, 1987, p. 107.

Desta forma, nota-se ainda que o laço emocional que une todos os sujeitos ao líder parece ser mais forte do que o laço que os une entre si.

Tendo conseguido provar a natureza da sugestão, Freud procede à análise dos laços libidinais. A psicanálise demonstra que as relações emocionais mais ou menos íntimas entre as pessoas possuem uma certa quantidade de sentimentos hostis reprimidos. Quando essa hostilidade é externada, por conta de pequenos conflitos de interesses, a pessoas que são amadas, a psicanálise fala da ambivalência dos sentimentos. No entanto, quando essa aversão e essa hostilidade se dirigem para pessoas estranhas, a psicanálise explica o fato como sendo expressão do narcisismo.

De uma maneira ou de outra, quando o grupo se forma e durante sua permanência, estes sentimentos desaparecem.

“Enquanto uma formação de grupo persiste ou até onde ela se estende, os indivíduos do grupo comportam-se como se fossem uniformes, toleram as peculiaridades de seus outros membros, igualam-se a eles e não sentem aversão por eles. Uma tal limitação do narcisismo, de acordo com nossas investigações teóricas, só pode ser produzida por um determinado fator, um laço libidinal com outras pessoas. O amor por si mesmo só conhece uma barreira: o amor pelos outros, o amor por objetos.”<sup>124</sup>

Freud nos conduz à inevitável conclusão daquilo que ele já havia explorado na obra anteriormente analisada, ou seja, de que o egoísmo, no curso da evolução da humanidade e por obra do amor – que atua como fator civilizador – modifica-se em altruísmo. Esta conclusão faz com que ele pense na existência de novos tipos de laços libidinais e volta seus esforços para explicá-los. Os laços de que a psicanálise vinha falando eram aqueles calcados nos objetivos sexuais e, nos grupos, dificilmente, eles encontram lugar. Os laços que constituem o grupo são de natureza diferente, são instintos amorosos desviados de seus objetivos sexuais, mas que agem com a mesma intensidade. Esses haviam sido descritos como gradações do estado de estar amando e causavam certo grau de usurpação do ego. A psicanálise já havia notado a existência de outros mecanismos para os laços emocionais, as *identificações*. Neste ponto, portanto, a investigação de Freud terá que se afastar da psicologia de grupo para poder pensar esta nova temática, a das *identificações*.

---

<sup>124</sup> Id., p. 113.

A identificação já havia sido pensada pela psicanálise dentro do contexto do complexo de Édipo. Ela é a mais remota e primitiva expressão de um laço emocional do sujeito com um outro. No caso do complexo de Édipo do menino (sobre o qual Freud está falando neste texto), a identificação fala do desejo da criança em assumir – ‘ser como’, tornar-se o outro’ – o lugar do pai. A criança toma o pai como seu ideal e, este movimento primitivo de colocar o objeto no lugar de um ideal, molda, por assim dizer, o ego da pessoa, segundo os aspectos daquele que foi tomado por modelo.

“Ao mesmo tempo que essa identificação com o pai, ou pouco depois, o menino começa a desenvolver uma catexia de objeto verdadeira em relação à mãe, de acordo com o tipo [anaclítico] de ligação. Apresenta então, portanto, dois laços psicologicamente distintos: uma catexia de objeto sexual direta para com a mãe e uma identificação com o pai que o toma como modelo. Ambos subsistem lado a lado durante certo tempo, sem qualquer influência ou interferência mútua. Em consequência do avanço irresistível no sentido de uma unificação da vida mental, eles acabam por reunir-se e o complexo de Édipo normal origina-se de sua confluência. (...) A identificação, na verdade, é ambivalente desde o início; (...) Comporta-se como um derivado da primeira fase da organização da libido, da fase *oral*, em que o objeto que prezamos e pelo qual ansiamos é assimilado pela ingestão, sendo dessa maneira aniquilado como tal.”<sup>125</sup>

A distinção entre identificação e catexia objetal é muito fácil de ser pensada. Para Freud, a identificação expressa o que o ego do sujeito gostaria de *ser* e a catexia de objeto expressa aquilo que o ego gostaria de *ter*. Mas, avisa ele, é muito mais complexo pensar uma representação metapsicológica clara sobre esta distinção entre *ter e ser*. Isto porque a única observação possível é a de que o mecanismo da identificação volta todas as suas forças apenas no sentido de “(...) *moldar o próprio ego de uma pessoa segundo o aspecto daquele que foi tomado como modelo*”<sup>126</sup>.

No intuito de vencer esta dificuldade, Freud discute o sintoma histérico, apresentando sua compreensão de que nele a pessoa assume para si o mesmo sintoma que o da pessoa amada. Descreve este estado dizendo que a identificação toma o lugar da escolha de objeto e esta regride para a identificação, por força da repressão e da ação dos mecanismos inconscientes. Nota, ainda, que esses casos de identificação ignoram, por assim dizer, a qualidade do afeto em relação ao objeto (amado ou odiado) e a totalidade deste, a identificação é parcial e extremamente limitada.

A identificação também aparece em um terceiro caso, fundamentada na possibilidade ou desejo da pessoa de colocar-se em situação semelhante à da outra. É um mecanismo muito

---

<sup>125</sup> FREUD, Sigmund (1921). *Massenpsychologie und ich-analyse*. Edição consultada: *Psicologia de grupo e análise do ego*. Ed. Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Rio de Janeiro: Imago, 2ª edição, Vol. XVIII, 1987, p. 115.

frequente na formação dos sintomas onde as pessoas deixam de lado qualquer relação objetal com o outro, alvo da identificação e, mais ainda, sob a influência do sentimento de culpa, aceitam inclusive o sofrimento envolvido na situação.

“O que aprendemos dessas três fontes pode ser assim resumido: primeiro, a identificação constitui a forma original de laço emocional com um objeto; segundo, de maneira regressiva, ela se torna sucedâneo para uma vinculação de objeto libidinal, por assim dizer, por meio de introjeção do objeto no ego; e, terceiro, pode surgir com qualquer nova percepção de uma qualidade comum partilhada com alguma outra pessoa que não é objeto de instinto sexual. Quanto mais importante essa qualidade comum é, mais bem-sucedida pode tornar-se essa identificação parcial, podendo representar assim o início de um novo laço.”<sup>127</sup>

O exame do fenômeno das identificações permite a Freud retomar brevemente o tema da psicologia dos grupos e afirmar que o laço emocional mútuo entre os membros de um grupo é da natureza da terceira identificação relatada, aquela baseada em uma importante qualidade emocional comum. Esta qualidade reside, por sua vez, na natureza do laço com o líder do grupo.

No entanto, muito resta a ser esclarecido sobre a temática anterior. Existe um quarto caso de identificação, descoberto a partir da análise da melancolia, no qual o objeto, renunciado ou perdido, é introjetado no ego e a pessoa substitui sua própria personalidade pela do objeto. Este mecanismo demonstra-nos o ego dividido em duas partes e em conflito. Aponta, assim, para a existência de uma instância psíquica análoga ao ego, o ideal do ego. Herdeiro do narcisismo original, ele aparece como uma formação autônoma que serve de referência ao ego. Entre suas funções, inclui-se a auto-observação, a consciência moral, a censura dos sonhos e a principal influência na repressão. Em determinados momentos, isola-se do ego, exerce uma função crítica em relação a este e pode ser fonte de algum grau de satisfação. Sua crítica provém exatamente da distância entre aquilo que, ao longo da vida, o sujeito consegue efetivamente realizar e aquilo que era esperado. Entre uma auto-suficiência original e uma vida evitando o sofrimento, o sujeito pode encontrar satisfações no ideal do ego.

A existência de uma instância com estas características pode ser demonstrada através do exame das diversas possibilidades de relações emocionais estabelecidas entre objeto e ego

---

<sup>126</sup> FREUD, Sigmund (1921). *Massenpsychologie und ich-analyse*. Edição consultada: *Psicologia de grupo e análise do ego*. Ed. Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Rio de Janeiro: Imago, 2ª edição, Vol. XVIII, 1987, p. 116.

<sup>127</sup> Id., p. 117.

naquilo que é agrupado pelo nome de ‘amor’. Em alguns casos, observa Freud, o sentimento de estar amando refere-se basicamente a uma catexia de objeto com vistas a uma satisfação diretamente sexual, que quando acontece esgota momentaneamente o investimento libidinal no objeto. Com maior frequência, isto é, na maior parte da vida do sujeito, o sentimento de amor é referido como um laço afetoso e trata-se aqui, nesta série de casos, sem dúvida alguma, de instintos inibidos em seus objetivos. Tal inibição é, na verdade, a repressão que obriga a criança, na sua vivência edípica, a renunciar à maior parte de seus objetivos sexuais infantis. Possui, portanto, um caráter estrutural e constitutivo na evolução da vida erótica do sujeito.

Além disso, Freud detecta um outro fenômeno relacionado ao sentimento de estar amando, o fenômeno da supervalorização sexual. Uma situação onde o objeto é colocado no lugar do ideal do ego e, mais do que isso, o objeto é idealizado de maneira tal que uma quantidade considerável de libido narcisista transborda para ele. Por esta razão, ele se encontra completamente isento de críticas e altamente idealizado em todos os seus aspectos. Trata-se de uma super valorização, acima, inclusive, do próprio ego do sujeito.

Da forma como as considerações teóricas estão colocadas, talvez fosse fácil referir a diferença entre o fenômeno da identificação e o da idealização por meio de um enriquecimento egóico e sua contrapartida. Isto é, no primeiro caso, o ego se enriqueceria ao introjetar e assimilar propriedades do objeto, enquanto que na idealização aconteceria um empobrecimento deste ego por manter o objeto fora de si e investir grande parte de sua libido nele. No entanto,

“Uma consideração mais próxima, contudo, logo esclarece que esse tipo de descrição cria uma ilusão de contradições que não possuem existência real. Economicamente, não se trata de empobrecimento ou enriquecimento; é mesmo possível descrever um caso extremo de estar amando como um estado em que o ego introjetou o objeto em si próprio. Outra distinção talvez esteja mais bem talhada para atender à essência da questão. No caso da identificação, o objeto foi perdido ou abandonado; assim ele é novamente erigido dentro do ego e este efetua uma alteração parcial em si próprio, segundo o modelo do objeto perdido. No outro caso, o objeto é mantido e dá-se uma hipercatexia dele às expensas do ego.”<sup>128</sup>

Desta assertiva, surge uma nova dificuldade: o mecanismo da identificação pressupõe o abandono do objeto? Freud não se detém nessa delicada questão e introduz a idéia de que

---

<sup>128</sup> FREUD, Sigmund (1921). *Massenpsychologie und ich-analyse*. Edição consultada: *Psicologia de grupo e análise do ego*. Ed. Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Rio de Janeiro: Imago, 2ª edição, Vol. XVIII, 1987, pp. 123-124.

mais uma outra alternativa talvez abarque a essência real da questão, isto é, se o objeto é colocado no lugar do ego ou no lugar do ideal do ego.

Um caminho possível para o exame desta alternativa está no fenômeno da hipnose. Freud nos mostra que a hipnose se assemelha, em alguns aspectos, ao estado de estar amando. Lá estão a mesma sujeição humilde e o mesmo debilitamento da iniciativa própria do sujeito. O hipnotizador coloca-se no lugar do ideal do ego e constitui-se como o único objeto para o sujeito. A realidade experimentada pelo sujeito hipnotizado, porém, aponta para uma diferença fundamental entre ela e o enamoramento: a relação amorosa apóia-se na inibição (temporário refreamento) dos impulsos sexuais e a relação hipnótica não inclui a satisfação sexual.

Por outro lado, Freud procura explorar a proximidade existente entre a relação hipnótica e a formação de grupo afirmando que ela poderia nos auxiliar a explicar o comportamento do indivíduo em relação ao líder. Para ele, a hipnose poderia ser pensada como uma formação de grupo composta por duas pessoas e ocuparia, então, uma posição intermediária entre o grupo e o estado de estar amando. Difere-se do grupo pelo caráter numérico e da relação amorosa pela ausência de impulsos sexuais. No entanto, a proximidade pretendida entre a hipnose e o grupo para explicar o tema da sugestão, parece não ter chegado a um bom termo. Há vários aspectos ainda desconhecidos na hipnose e, entre eles, uma espécie de ‘paralisia’ que a pessoa sente ao submeter-se a alguém com poderes superiores aos seus. Trata-se aqui de uma submissão sugestiva, apesar de a consciência moral do hipnotizado ainda poder resistir.

O exame das identificações, do estado de estar amando e da hipnose permitem a Freud propor uma formulação para a constituição libidinal de um determinado tipo de grupo, aqueles que têm um líder e que possuem um grau de organização insuficiente para adquirirem as características de um indivíduo.

“Um grupo primário desse tipo é um certo número de indivíduos que colocaram um só e mesmo objeto no lugar de seu ideal do ego e, conseqüentemente, se identificaram uns com os outros em seu ego.”<sup>129</sup>

---

<sup>129</sup> FREUD, Sigmund (1921). *Massenpsychologie und ich-analyse*. Edição consultada: *Psicologia de grupo e análise do ego*. Ed. Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Rio de Janeiro: Imago, 2ª edição, Vol. XVIII, 1987, p. 126.

A formulação acima está muito longe de esgotar o fenômeno dos grupos. Ela deslocou o enigma da sugestão para o da hipnose e é apenas suficiente para explicar a falta de independência e de iniciativa dos sujeitos em um grupo. É pouco útil para esclarecer outras características do grupo, tais como: a diminuição da capacidade intelectual, ausência de controle das emoções, incapacidade de tolerar frustrações e inclinação a exceder todos os limites na descarga da emoção sob a forma de ato. Todas estas representam, indubitavelmente, uma regressão da atividade mental do sujeito normal a um estágio mais primitivo, como o dos selvagens analisados em *Totem e Tabu* e das crianças. Esta regressão é altamente controlada nos grupos artificiais e organizados, mas é aspecto essencial dos grupos comuns.

Nestes grupos, o sujeito fica num estado tal que seus impulsos emocionais e atividades intelectuais parecem ser demasiadamente fracos. A força que existe nestes depende do reforço, por repetição, realizada pelos demais membros do grupo. Estes fenômenos de dependência são parte da constituição normal da sociedade humana e se apresentam na forma de opiniões públicas, preconceitos raciais, de classe, de sexo, opinião pública e etc.

As consequências desta espécie de regressão nos conduzem, novamente, ao enigma da sugestão. Mas, uma correção tem que ser feita. Freud reconhece que concedeu demasiada importância à figura do líder e que a possibilidade de retomar o problema da sugestão ofereceu-lhe a oportunidade de pensar um novo fator, o da sugestão mútua existente entre os membros do grupo. Neste sentido, ele recorre ao conceito de rebanho ou instinto gregário, como formulado por Trotter (1916). Procura analisar a proposição deste autor de que existiria um instinto inato aos seres humanos, o gregarismo, responsável pelos fenômenos mentais dos sujeitos em um grupo. Procurando traçar a ontogênese de tal instinto termina por se afastar dele e encontra uma explicação para esta regressão nos vínculos emocionais que as crianças estabelecem entre si através da rivalização pelo amor parental durante as vivências do complexo edipiano e de castração. Na vida da criança só é possível observar algo semelhante ao instinto gregário na forma de uma reação à inveja inicial que se estabelece a partir do filho mais velho em direção ao mais novo. A impossibilidade de manifestar sua hostilidade sem prejudicar a si mesmo, força-o a desenvolver uma identificação com as outras crianças e, assim, desenvolver um sentimento comunal ou de grupo.

“A primeira exigência feita por essa formação reativa é de justiça, de tratamento igual para todos.  
(...) Originariamente rivais, conseguiram identificar-se umas com as outras por meio de um amor



semelhante pelo mesmo objeto. (...) O que posteriormente aparece na sociedade sob a forma de *Gemeingeist*, *esprit de corps*, 'espírito de grupo' etc. não desmente a sua derivação do que foi originalmente inveja. Ninguém deve querer salienta-se, todos devem ser o mesmo e ter o mesmo. A justiça social significa que nos negamos muitas coisas a fim de que os outros tenham de passar sem elas, também, ou, o que dá no mesmo, não possam pedi-las. Essa exigência de igualdade é a raiz da consciência social e do senso de dever. (...) O sentimento social, assim, se baseia na inversão daquilo que a princípio constituiu um sentimento hostil em uma ligação de tonalidade positiva, da natureza de uma identificação."<sup>130</sup>

A exigência de igualdade aplica-se apenas aos membros do grupo. Desta forma, pode-se pensar os grupos artificiais e organizados apoiados na identificação com o líder, por um lado, e nesta identificação de igualdade entre os membros, por outro. Esta formulação dos laços libidinais existentes nos grupos capazes de subsistir permite a Freud opor-se ao pronunciamento de Trotter de que o homem seria um animal gregário, de que existiria no homem um instinto específico para o agrupamento que o tornaria um animal de rebanho, como tantos outros na natureza.

Freud, com a fórmula acima, parece ter solucionado o enigma da sugestão nos grupos e, tal solução permite a ele retomar o tema da horda primitiva.

"Os grupos humanos apresentam mais uma vez o quadro familiar de um indivíduo de força superior em meio a um bando de companheiros iguais, quadro que também é abarcado em nossa idéia de horda primeva. A psicologia de um grupo assim, (...), o definhamento da personalidade individual consciente, a focalização de pensamentos e sentimentos numa direção comum, a predominância do lado afetivo da mente e da vida psíquica inconsciente, a tendência à execução imediata das intenções tão logo ocorram: tudo isso corresponde a um estado de regressão a uma atitude mental primitiva, exatamente da espécie que estaríamos inclinados a atribuir à horda primeva."<sup>131</sup>

Em *Totem e Tabu*, ele havia concordado com a hipótese de Darwin de que a forma mais primitiva da sociedade humana havia sido uma horda governada despoticamente por um macho poderoso. Partindo disto, procurou demonstrar a evolução desta organização em direção ao totemismo, onde incluiu os primórdios da religião, da moralidade e da organização social. A passagem da horda para o sistema totêmico apenas foi possível porque os irmãos haviam se reunido numa comunidade para assassinar o pai.<sup>132</sup>

---

<sup>130</sup> FREUD, Sigmund (1921). *Massenpsychologie und ich-analyse*. Edição consultada: *Psicologia de grupo e análise do ego*. Ed. Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Rio de Janeiro: Imago, 2ª edição, Vol. XVIII, 1987, pp. 130-131.

<sup>131</sup> FREUD, Sigmund (1921). *Massenpsychologie und ich-analyse*. Edição consultada: *Psicologia de grupo e análise do ego*. Ed. Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Rio de Janeiro: Imago, 2ª edição, Vol. XVIII, 1987, p. 133.

<sup>132</sup> É importante notar que neste momento em que retoma o mito da horda primitiva, Freud procura responder a seus críticos apresentando-nos a noção de que se trata de uma hipótese útil para trazer coerência e compreensão a um número cada vez maior de fenômenos, como este do qual está tratando.

As semelhanças entre a horda e o grupo se mostram frutíferas para esclarecer alguns pontos ainda obscuros concernentes à sugestão e hipnose. Considerando os grupos como uma revivescência da horda primitiva é possível compreender os mistérios proporcionados pelo poder que o líder possui no grupo e pela ilusão de um amor igual a qual todos os membros se submetem. Na horda, todos os filhos sabiam que eram perseguidos pelo chefe e o temor que sentiam perante a este estado de coisas é que traz em si a característica da igualdade entre eles. Nos grupos organizados e artificiais, a ilusão de que o líder ama a todos de modo igual pode, assim, ser considerado como uma remodelação idealística do temor característico da horda. A transformação do terror em amor é o fator de civilização. Apenas o amor é capaz de refrear o narcisismo e, portanto, permitir que a libido ligue-se a objetos externos ao ego. O poder do chefe está, como já visto, na fonte do tabu, isto é, na repressão do amor pela autoridade. Isto faz com que os grupos se apresentem, como dito por Le Bon, com sede de obediência, um desejo de ser governado. O pai primitivo é, portanto, ainda, o ideal do grupo.

Ao chegar a estas conclusões, Freud se encontra satisfeito com o percurso traçado até o momento sobre a psicologia dos grupos. Propõe, agora, que retornemos à psicologia individual para tentar eliminar as últimas diferenças entre ambas, conforme o objetivo proposto no início de seu trabalho. Ele nos mostra que o indivíduo tem sua subjetividade estruturada a partir de sua vivência em numerosos grupos, dos mais variados tipos, identificando-se e abandonando seu ideal do ego pelos ideais do grupo, ao longo de sua vida.

“Cada indivíduo é uma parte componente de numerosos grupos, acha-se ligado por vínculos de identificação em muitos sentidos e construiu seu ideal do ego segundo os modelos mais variados. Cada indivíduo, portanto, partilha de numerosas mentes grupais – as de sua raça, classe, credo, nacionalidade etc. – podendo também elevar-se sobre elas, na medida em que possui um fragmento de independência e originalidade.”<sup>133</sup>

O aspecto central deste seu trabalho está na importância vital da alteridade para a consideração do que antes era pensado como aquisições individuais. O sujeito é estruturado a partir das identificações que realiza com os seus diversos outros: modelos, objetos, apoios e adversários. O sujeito se constitui enquanto tal pela existência do outro, e a presença do outro só é possível porque existe um investimento afetivo por parte do sujeito.

“É possível, assim, voltar ao termo *outrem* (...): o outro só existe enquanto existe *para nós*, o que significa que uma forma de *ligação* (identificação, amor, solidariedade, hostilidade) é indispensável para constituir aquilo que é um *outro*. É preciso então a existência de um *vínculo libidinal*. O outro não é um *ser indiferente* (no sentido de que não provoque em nós nenhuma

---

<sup>133</sup> FREUD, Sigmund (1921). *Massenpsychologie und ich-analyse*. Edição consultada: *Psicologia de grupo e análise do ego*. Ed. Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Rio de Janeiro: Imago, 2ª edição, Vol. XVIII, 1987, p. 139.

emoção ou sentimento), ou um ser totalmente distante de nós (o chefe da horda não pode vivido como *outro*: só depois de morto ele é transformado em pai). Assim, a psicologia social é o estudo das formas de alteridade, ela deve criar seu lugar, e um lugar essencial aos investimentos afetivos, sem os quais *nenhum grupo organizado chegará a se constituir*. (...) ‘a psicologia individual é também, desde o princípio e simultaneamente, uma psicologia social’.<sup>134</sup>

Vemos, desta forma, a concretização dos objetivos inicialmente propostos de aproximar a psicologia social e a psicologia individual. Tal feito habilita Freud, definitivamente, a retomar seu interesse antigo de utilizar a psicanálise para estudar o social. Poderemos perceber, através do exame dos dois próximos trabalhos, que estes primeiros são ainda muito gentis na análise dos problemas da civilização. Os próximos serão, como veremos, textos de maior densidade e extremamente críticos quanto as condições de vida do ser humano na cultura.

### ***O Futuro de uma Ilusão***

Esse trabalho foi escrito seis anos depois de *Psicologia de grupo e análise do ego*. O início de sua escrita foi na primavera de 1927 e sua publicação aconteceu em novembro do mesmo ano. Freud nos propõe uma reflexão sobre a natureza da civilização, seu desenvolvimento atual, seu futuro provável e, principalmente, sobre suas ilusões. Essa obra lhe permite precisar o tema do vínculo social, o que a torna tão importante para esta dissertação.

Ele inicia afirmando um certo desprezo em distinguir cultura de civilização. Prefere utilizar-se de civilização e, designa com ela, *tudo aquilo em que a vida humana se elevou acima de sua condição animal e difere da vida dos animais*.<sup>135</sup> Ela inclui todo o conhecimento que o homem pode construir no intuito de dominar as forças da natureza e explorá-la para sua satisfação. Inclui também todos os regulamentos que normatizam as relações entre os homens e, acredita ele, especialmente, a distribuição da riqueza.

“As duas tendências da civilização não são independentes uma da outra; em primeiro lugar, porque as relações mútuas dos homens são profundamente influenciadas pela quantidade de satisfação instintual que a riqueza existente torna possível; em segundo, porque, individualmente, um homem pode, ele próprio, vir a funcionar como riqueza em relação a outro homem, na medida em que a outra pessoa faz uso de sua capacidade de trabalho ou o escolha como objeto sexual; em terceiro,

<sup>134</sup> ENRIQUEZ, Eugène. *Da horda ao Estado. Psicanálise do vínculo social*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990, p. 52.

<sup>135</sup> FREUD, Sigmund (1927). *Die zukunft einer illusion*. Edição consultada: *O futuro de uma ilusão*. Ed. Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Rio de Janeiro: Imago, 2ª edição, Vol. XXI, 1987, p. 15.

ademais, porque todo indivíduo é virtualmente inimigo da civilização, embora se suponha que esta constitui um objeto de interesse humano universal.”<sup>136</sup>

Das três razões acima expostas, a que mais salta aos nossos olhos, é a noção de que os indivíduos são inimigos da civilização. A hostilidade deles para com a civilização pode ser concebida como tendências antisociais e anticulturais, evidenciadas pela facilidade com que as criações humanas são destruídas e pelo uso da ciência e da tecnologia para a aniquilação das mesmas coisas que auxiliaram na construção. Tais tendências nos mostram a seguinte ambiguidade: por um lado, os sujeitos sentem que as renúncias instintuais a que são obrigados são um fardo pesado demais para carregarem ao longo da vida; e, por outro lado, todas as instituições e regulações sociais são erigidas com o intuito da coerção e da renúncia instintual. Se isto é verdade, a questão que temos pela frente é descobrir até que ponto é possível diminuir o ônus dos sacrifícios instintuais impostos aos homens.

Na busca de uma solução do problema, Freud irá analisar os sentimentos do homem frente à coerção e renúncia instintual impostas pela civilização. Nos propõe a adoção da seguinte terminologia: designa por ‘frustração’ o fato de o instinto não encontrar satisfação, por ‘proibição’ o regulamento pelo qual essa frustração é estabelecida, e por ‘privação’ a condição produzida pela anterior. O primeiro passo será o de distinguir entre privações que são para todos e privações que afetam somente a poucos. Descobre que as privações que afetam indistintamente todos os homens são as mais antigas e que, através das proibições que as instituíram, a civilização começou a separar o homem de sua condição de animal. Essas privações que afetam sem distinção os homens ainda são operantes e constituem o âmago da hostilidade para com a civilização. As proibições se dirigem aos desejos instintuais, como os do canibalismo, do incesto e da ânsia de matar, e são responsáveis por um importante progresso mental.

“Essas primeiras renúncias instintuais já envolvem um fator psicológico igualmente importante para todas as outras renúncias instintuais. Não é verdade que a mente humana não tenha passado por qualquer desenvolvimento desde os tempos primitivos e que, em contraste com os avanços da ciência e da tecnologia, seja hoje a mesma que era nos primórdios da história. Podemos assinalar de imediato um desses progressos mentais. Acha-se em consonância com o curso do desenvolvimento humano que a coerção externa se torne gradativamente internalizada, pois um agente mental especial, o superego do homem, a assume e a inclui entre seus mandamentos. Toda criança nos apresenta esse processo de transformação; é só por esse meio que ela se torna um ser moral e social. Aqueles em que se realizou são transformados de opositores em veículos da civilização.”<sup>137</sup>

---

<sup>136</sup> Id. p. 16.

<sup>137</sup> FREUD, Sigmund (1927). *Die zukunft einer illusion*. Edição consultada: *O futuro de uma ilusão*. Ed. Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Rio de Janeiro: Imago, 2ª edição, Vol. XXI, 1987, p. 21.

Freud nos aponta que estas primeiras exigências da cultura já se encontram, com a infeliz exceção dos neuróticos, amplamente internalizadas. Mas, o cenário é totalmente diferente no que concerne às outras exigências, estas apenas são obedecidas sob coerção externa. O mesmo acontece em relação às exigências morais da civilização e podemos observar de forma muito clara como um grande número de pessoas civilizadas, que se recusam a matar ou praticar incesto, não se recusam a prejudicar outras pessoas das mais diversas maneiras (avareza, agressividade, mentiras, fraudes, calúnias, etc.).

De outra maneira, as restrições que atingem apenas algumas parcelas da sociedade, indicam para Freud que as classes menos privilegiadas fazem tudo que podem para se liberarem do excesso de privação a que estão submetidas, ao mesmo tempo que invejam as outras classes. O problema central em relação a esta privação é que a sociedade também se estrutura por meio dela, ou seja, a riqueza de uma parte dos membros da sociedade depende inteiramente da opressão de outra parte maior. É compreensível, portanto, a hostilidade da maioria para com a civilização. Seu trabalho auxilia na tarefa de construir a civilização, mas recebem apenas uma quota mínima da riqueza, inclusive da riqueza moral. Seu desejo de aniquilar os postulados em que a cultura se baseia é bastante pertinente. Tais considerações sobre as privações levam Freud a formular a seguinte preocupação:

“Não é preciso dizer que uma civilização que deixa insatisfeito um número tão grande de seus participantes e os impulsiona à revolta, não tem nem merece a perspectiva de uma existência duradoura.”<sup>138</sup>

O nível moral de uma civilização, no entanto, é apenas uma das formas de riqueza mental. Além desta, a cultura oferece outras vantagens, tais como, os ideais e as criações artísticas. Por ideais podemos entender as estimativas de uma civilização a respeito de suas realizações mais elevadas e em direção as quais todos os seus esforços devem se dirigir. Esses ideais determinam as realizações de uma dada cultura e oferecem aos sujeitos uma satisfação que é de natureza narcísica, pois baseia-se no orgulho por aquilo que já foi conseguido com êxito. É importante percebermos que tal satisfação narcísica pode ser um pouco mais completa através da comparação com outras culturas possuidoras de ideais diferentes. Comparação esta que faz com que os ideais se tornem uma legítima fonte de inimizades entre culturas diferentes. A delimitação de fronteiras, realizada pelos ideais culturais de um grupo,

---

<sup>138</sup> FREUD, Sigmund (1927). *Die zukunft einer illusion*. Edição consultada: *O futuro de uma ilusão*. Ed. Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Rio de Janeiro: Imago, 2ª edição, Vol. XXI, 1987, p. 22.

proporciona que a satisfação narcísica possa ser partilhada internamente pelo grupo, compensando as desigualdades internas nele.

Uma outra forma de satisfação é proporcionada, aos participantes de uma determinada cultura, através das realizações artísticas.

“(...) a arte oferece satisfações substitutivas para as mais antigas e mais profundamente sentidas renúncias culturais, e, por esse motivo, ela serve, como nenhuma outra coisa, para reconciliar o homem com os sacrifícios que tem de fazer em benefício da civilização. Por outro lado, as criações da arte elevam seus sentimentos de identificação, de que toda unidade cultural carece tanto, proporcionando uma ocasião para a partilha de experiências emocionais altamente valorizadas. E quando essas criações retratam as realizações de sua cultura específica e lhe trazem à mente os ideais dela de maneira impressionante, contribuem também para sua satisfação narcísica.”<sup>139</sup>

Após esse exame das realizações culturais, Freud percebe não ter ainda mencionado nada sobre aquilo que é o ítem mais importante do inventário psíquico de uma civilização, as idéias religiosas. Ele considera que tais idéias servem, na verdade, para a proteção do homem frente a seu desamparo. Chega a esta conclusão após traçar um percurso muito interessante. Inicia pensando como seria possível uma civilização sem quaisquer proibições aos instintos do homem. Percebe a impossibilidade de um estado como este dado que, por um lado, teríamos uma vida repleta de satisfações; mas, por outro, o indivíduo teria que se defrontar com os mesmos desejos dos outros.

Sem civilização, restaria apenas um estado de natureza que, segundo suas conjecturas, seria muito mais difícil de suportar. Afinal foi contra os perigos advindos da natureza que o homem criou a civilização. A principal tarefa desta é nos proteger e nos aparelhar para enfrentarmos nosso desamparo absoluto frente às forças da natureza, tais como: terremotos, vulcões, furacões, maremotos, entre outros fenômenos naturais. No entanto, o desamparo e a fraqueza do homem não se fazem notar apenas em relação à natureza. As proibições que a civilização impõe ao homem e os perigos originários de sua relação com os outros homens também constituem importantes fontes de sofrimento para ele.

“Já sabemos como o indivíduo reage aos danos que a civilização e os outros homens lhe infligem: desenvolve um grau correspondente de resistência aos regulamentos da civilização e de hostilidade para com ela. Mas, como se defende ele contra os poderes superiores na natureza, do Destino, que o ameaçam da mesma forma que tudo mais?”<sup>140</sup>

---

<sup>139</sup> Id., p. 23.

<sup>140</sup> FREUD, Sigmund (1927). *Die zukunft einer illusion*. Edição consultada: *O futuro de uma ilusão*. Ed. Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Rio de Janeiro: Imago, 2ª edição, Vol. XXI, 1987, p. 25.

A resposta de Freud para esta pergunta nos faz perceber que a civilização poupa o sujeito dessa tarefa e o faz de maneira absolutamente igual para todos. Ela despe a vida e o universo de seus terrores por meio da humanização da natureza, que desloca para outra dimensão os perigos que o ameaçam. Essa situação já foi vista em *Totem e Tabu* e é correlata da animização dos fenômenos naturais. No entanto, tal exercício psicológico não foi suficiente. Quando, ao longo do tempo, foram se fazendo observações que determinaram uma regularidade das leis da natureza, esta foi perdendo seus traços humanizantes e o desamparo do homem retornou (e retorna continuamente). Neste ponto é que entram as crenças nos deuses.

“O desamparo do homem, porém, permanece e, junto com ele, seu anseio pelo e pelos deuses. Estes mantêm sua tríplice missão: exorcizar os terrores da natureza, reconciliar os homens com a crueldade do Destino, particularmente a que é demonstrada na morte, e compensá-los pelos sofrimentos e privações que uma vida civilizada em comum lhes impôs.”<sup>141</sup>

Nas três tarefas, acima citadas, Freud observa um deslocamento de ênfase da primeira em direção da última. A observação foi mostrando ao homem a regularidade e as leis dos fenômenos da natureza. Os deuses a haviam criado de forma que pudesse assumir uma relativa independência. A inexata distribuição que os deuses faziam do Destino começou a desagradar os mortais que, paulatinamente, foram percebendo que talvez eles não estivessem no controle de Moira [Destino] e, provavelmente, tinham seus próprios destinos. Desta forma, a função moral adquiriu ênfase cada vez maior. A tarefa dos deuses ficou sendo a de harmonizar os defeitos e males da civilização, vigiando o correto cumprimento dos preceitos civilizatórios. Não apenas se tornaram especialistas nesta tarefa como os próprias regulamentações, de origem terrena, foram creditadas a eles, de maneira que adquiriram o caráter de naturalidade e de universalidade.

No exame das idéias religiosas Freud é implacável para com o cristianismo. Sua crítica, por vezes, assume a forma da ironia. Ele nos diz que tais idéias, tão preciosas para que o homem possa suportar a vida na civilização, deslocam o valor da vida para um outro plano. As realizações que os homens poderiam almejar deixam de fazer parte desta vida porque podem muito bem ser alcançadas em outra. O corpo e sua mortalidade perdem significado. A alma ou o espírito tem seu valor elevado para uma posterior relação de proximidade e intimidade junto de Deus. Os dilemas morais do ser humano passam a estar submetidos a um

tribunal que se eleva muito acima da humanidade. As boas ou as más ações serão julgadas em um tribunal muito mais harmonioso, imparcial e poderoso.

“Assim, todos os terrores, sofrimentos e asperezas da vida estão destinados a se desfazer. A vida após a morte, (...) nos conduz à perfeição que talvez tenhamos deixado de atingir. E a sabedoria superior que dirige esse curso das coisas, a bondade infinita que nela se expressa, a justiça que nela atinge seu objetivo, são os atributos dos seres divinos que também nos criaram, e ao mundo como um todo, ou melhor, de um ser divino no qual, em nossa civilização, todos os deuses da Antiguidade foram condensados. O povo que pela primeira vez alcançou êxito em concentrar assim os atributos divinos não ficou pouco orgulhoso de seu progresso.”<sup>142</sup>

A crítica impiedosa de Freud volta-se em direção ao Povo Escolhido, os cristãos. Após estes comentários ele retoma os rumos de sua investigação, procurando descobrir o significado psicológico dessas idéias religiosas, a que devem a alta estima que possuem e qual é o valor real delas. O que se segue no texto é um diálogo que ele procura estabelecer com um interlocutor imaginário. A intenção de incluir um interlocutor nos parece advir da necessidade de suavizar a radicalidade de suas idéias que pretendem afirmar que a religião é uma ilusão.

Para Freud, o significado psicológico das idéias religiosas reside no fato de serem ensinamentos e afirmações absolutas sobre aspectos da realidade que o sujeito não descobre por si mesmo e que exigem sua crença. Tratam-se aqui de informações do mais alto valor na vida e isto justifica o fato de serem altamente prezadas. São ensinamentos sobre a relação com os outros, sobre a produção do Bem, sobre a derrota que se impôs à morte do corpo, enfim, sobre o Destino do homem. Tais ensinamentos, porém, estão muito mal assentados em relação as razões da crença. A religião diz que eles devem ser acreditados

“Em primeiro lugar, (...) porque já o eram por nossos primitivos antepassados; em segundo, possuímos provas que nos foram transmitidas desde esses mesmos tempos primeiros; em terceiro, é totalmente proibido levantar a questão de sua autenticidade.”<sup>143</sup>

Nenhum dos três motivos expostos acima são dignos de confiança. Se considerarmos o terceiro deles, fica explícito o absurdo autoritário em que se apoia e que, logicamente, impede ou restringe a investigação dos anteriores. Assim, é pertinente, chegarmos à conclusão de que as informações mais preciosas da humanidade, as que têm o intuito de resolver os enigmas maiores do universo e conciliar o ser humano com o seu sofrimento, são as menos verídicas. No entanto, esta conclusão está ainda muito longe de explicar o motivo pelo qual as idéias religiosas exerceram – e ainda exercem – a mais poderosa influência sobre a humanidade. E

---

<sup>141</sup> FREUD, Sigmund (1927). *Die zukunft einer illusion*. Edição consultada: *O futuro de uma ilusão*. Ed. Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Rio de Janeiro: Imago, 2ª edição, Vol. XXI, 1987, p. 26.

<sup>142</sup> Id., p. 28.



este fato faz com que Freud se questione sobre a força e a eficácia de tais idéias no mundo interno do sujeito.

Sua resposta para as perguntas acima é dramática. Ele nos diz que a origem psíquica delas reside na ilusão.

“Estas, proclamadas como ensinamentos, não constituem precipitados de experiência ou resultados finais de pensamento: são ilusões, realizações dos mais antigos, fortes e prementes desejos da humanidade. O segredo de sua força reside na força desses desejos. Como já sabemos, a impressão terrificante de desamparo na infância despertou a necessidade de proteção – de proteção através do amor –, a qual foi proporcionada pelo pai; o reconhecimento de que esse desamparo perdura através da vida tornou necessário aferrar-se à existência de um pai, dessa vez, porém, um pai mais poderoso. (...) Constitui alívio enorme para a psique individual se os conflitos de sua infância, que surgem do complexo paterno – conflitos que nunca superou inteiramente –, são dela retirados e levados a uma solução universalmente aceita.”<sup>144</sup>

Ao afirmar que as idéias religiosas encontram seu fundamento numa ilusão, Freud acredita ser necessário esclarecer o que pensa por ilusão. Para ele, falar em ilusão não é a mesma coisa que falar em erro. O que ele procura expressar através do uso da palavra ilusão é a característica de humanidade que existe nela. Ilusão deriva, de fato, de desejos humanos. Está, por um lado, próxima ao delírio patológico por originar-se dos desejos; e, por outro lado, difere dele por não se tratar necessariamente de uma falsidade e sequer ser uma contradição com a realidade, como o delírio é. Uma crença, portanto, é uma ilusão quando é motivada, em grande parte, por uma realização de desejo. Despreza-se, assim, suas relações com a realidade. E isto é o que caracteriza as doutrinas religiosas, isto é, todas elas são ilusões insuscetíveis de prova.

No entanto, se não são passíveis de prova, também não são refutáveis. Os enigmas do universo, os quais elas procuram solucionar, não são tampouco conhecidos pela ciência. Neste ponto, Freud percebe que existem muitas interrogações para as quais a ciência não é ainda capaz de fornecer respostas ainda. Sua aposta, porém, é no trabalho científico. Esta sua investigação não pretende analisar o valor de verdade da religião. A intenção dele foi satisfeita ao reconhecer a natureza psicológica e ilusória das religiões. Tal descoberta o leva a propor novo rumo para a investigação: desvendar em que período do desenvolvimento da civilização e quais os motivos subjacentes à criação das idéias religiosas.

---

<sup>143</sup> FREUD, Sigmund (1927). *Die zukunft einer illusion*. Edição consultada: *O futuro de uma ilusão*. Ed. Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Rio de Janeiro: Imago, 2ª edição, Vol. XXI, 1987, p. 35.

<sup>144</sup> FREUD, Sigmund (1927). *Die zukunft einer illusion*. Edição consultada: *O futuro de uma ilusão*. Ed. Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Rio de Janeiro: Imago, 2ª edição, Vol. XXI, 1987, p. 39.

“Contudo, não somos obrigados a ocultar o fato de que essa descoberta também influencia fortemente nossa atitude para com a questão que a muitos deve parecer a mais importante de todas. Sabemos aproximadamente em que períodos e por que tipo de homens, as doutrinas religiosas foram criadas. Se, ademais, descobrirmos os motivos que conduziram a isso, nossa atitude para com o problema da religião experimentará um acentuado deslocamento. Dir-nos-emos que seria muito bom se existissem um Deus que tivesse criado o mundo, uma Providência benevolente, uma ordem moral no universo e uma vida posterior; constitui, porém, fato bastante notável que tudo isso seja exatamente como estamos fadados a desejar que seja. E seria ainda mais notável se nossos lamentáveis, ignorantes e espezinhados ancestrais tivessem conseguido solucionar todos esses difíceis enigmas do universo.”<sup>145</sup>

Freud acredita que este novo empreendimento encontra um bom caminho na análise dos mandamentos religiosos. E ele procura nos mostrar a origem humana e civilizatória presente nos mandamentos religiosos. Inicia pela proibição do homicídio, o qual objetiva claramente impedir o extermínio total da humanidade. Freud procura nos mostrar que ao atribuir essa proibição a Deus, retiramos seu fundamento racional. A proibição ao ser atribuída à vontade divina torna-se, assim, algo rígido e imutável, em direção a qual a atitude dos homens é de negação. O deslocamento que Freud propõe, de que consideremos a referida proibição à serviço dos interesses da sociedade, proporciona uma atitude mais colaborativa do sujeito, não apenas em direção à proibição, objetivando referendá-la, como também em relação à civilização.

No entanto, ao analisar a origem das proibições, Freud se dá conta do absurdo de sua proposição. As provas da psicanálise mostram a ele o erro de considerar que os motivos racionais poderiam fazer alguma frente contra as impulsões apaixonadas, entre as quais inclui-se o desejo de matar. Retomando o mito da horda primeva, Freud percebe que, na origem do mandamento, se encontra a morte do pai primitivo e que, portanto, a explicação religiosa para *o não matarás!* é historicamente correta.

“(…) a morte do pai primitivo (...) evocou uma reação emocional irresistível, com consequências momentosas. Foi dele que surgiu o mandamento. Não matarás. Sob o totemismo, esse mandamento estava restrito ao substituto paterno, mas posteriormente foi estendido às outras pessoas, embora ainda hoje não seja universalmente obedecido. Contudo, e tal como foi demonstrado (...), o pai primevo constituiu a imagem original de Deus, o modelo a partir do qual as gerações posteriores deram forma à figura de Deus. Daí a explicação religiosa ser correta. Deus realmente desempenhou um papel na gênese daquela proibição; foi Sua influência, e não uma compreensão interna (*insight*) de necessidade social, que a criou. E o deslocamento da vontade do homem para Deus é plenamente justificado, pois os homens sabiam que se tinham livrado do pai através da violência, e, em sua reação a esse ato ímpio, resolveram respeitar doravante sua vontade. Dessa maneira, a doutrina religiosa nos conta a verdade histórica – submetida embora, é verdade, a certa modificação e disfarce –, ao passo que nossa descrição racional não a reconhece.”<sup>146</sup>

---

<sup>145</sup> Id., pp. 41-42.

<sup>146</sup> FREUD, Sigmund (1927). *Die zukunft einer illusion*. Edição consultada: *O futuro de uma ilusão*. Ed. Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Rio de Janeiro: Imago, 2ª edição, Vol. XXI, 1987, p. 51.

Ao chegar a essa conclusão, Freud percebe a necessidade de refazer sua formulação sobre as idéias religiosas. Além de serem expressão de um desejo ainda presente no ser humano, passam, agora, a incluir importantes memórias históricas. O fato de a religião conter elementos do passado e do presente abrem para Freud a possibilidade de caminhar em direção a outra importante descoberta através da analogia com as crianças.

“Sabemos que a criança humana não pode completar com sucesso seu desenvolvimento para o estágio civilizado sem passar por uma fase de neurose, às vezes mais distinta, outras, menos. Isso se dá porque muitas exigências instintuais que posteriormente serão inaproveitáveis não podem ser reprimidas pelo funcionamento racional do intelecto da criança, mas têm de ser domadas através de atos de repressão, por trás dos quais, via de regra, se acha o motivo da ansiedade. (...) Exatamente do mesmo modo, pode-se supor, a humanidade como um todo, em seu desenvolvimento através das eras, tombou em estados análogos às neuroses, e isso pelos mesmos motivos – principalmente porque nas épocas de sua ignorância e debilidade intelectual, as renúncias instintuais indispensáveis à existência comunal do homem só haviam sido conseguidas pela humanidade através de forças puramente emocionais.”<sup>147</sup>

A idéia que Freud está nos apresentando neste momento é de que a religião pode ser definida como a neurose obsessiva universal da humanidade, dado que ela também surge a partir do complexo de Édipo e do relacionamento com o pai. Com esta assertiva sobre o valor histórico das doutrinas religiosas, Freud não pretende, de forma alguma, assumir uma atitude de desrespeito para com elas. Pretende, isso sim, sustentar sua posição de que os preceitos religiosos não podem assumir o lugar que é de direito dos preceitos da civilização. Sua intenção também é a de permitir a continuidade de seu projeto de reconciliar os homens com a civilização.

“(…) chegou a hora, tal como acontece num tratamento analítico, de substituir os efeitos da repressão pelos resultados da operação racional do intelecto.”<sup>148</sup>

Neste ponto de suas argumentações, o interlocutor imaginário de Freud intervém para lhe apontar a seguinte contradição, aliás, bastante relevante: por um lado, admite que os homens são governados pelo inconsciente e, por outro, propõe a substituição das paixões pela razão. Tal contradição é, para Freud, na verdade, apenas circunstancial. Ele reafirma sua assertiva de que o homem seja governado pelos desejos instintuais e seu propósito de substituir a privação da satisfação instintual por argumentos racionais. No entanto, em seguida, ele se questiona se existe real necessidade de os homens serem assim. Parece-lhe que a única forma de controlar a natureza instintual do ser humano reside no uso da inteligência. Prossegue argumentando que lhe é perfeitamente possível pensar que os homens podem muito

---

<sup>147</sup> FREUD, Sigmund (1927). *Die zukunft einer illusion*. Edição consultada: *O futuro de uma ilusão*. Ed. Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Rio de Janeiro: Imago, 2ª edição, Vol. XXI, 1987, pp. 51-52.

<sup>148</sup> Id., p. 53.

bem suportar as dificuldades da vida e as crueldades da realidade sem o consolo da religião. O que não lhe é mais admissível é a infantilização a que a religião submete o homem.

“Mas não há dúvida de que o infantilismo está destinado a ser superado. Os homens não podem permanecer crianças para sempre; têm de, por fim, sair para a ‘vida hostil’. Podemos chamar isso de ‘educação para a realidade’.”<sup>149</sup>

Desta maneira, Freud concluiu este trabalho. Muitos dos temas aqui discutidos serão, muito em breve, retomados. A próxima obra que veremos inicia precisamente pelas críticas formuladas a este livro e ele será obrigado a reafirmar vários de seus pontos de vista. No entanto, algo da presente obra merece um último exame, pela importância de suas conclusões. Estamos falando da noção de ilusão. Sua importância já havia sido evidenciada no estudo do texto *Psicologia de grupo e análise do ego*, no qual ela aparece como vital para a constituição dos grupos. A ilusão está presente na crença de ser amado pelo líder e na crença de igualdade entre os demais membros. Contudo, no estudo realizado no texto *O futuro de uma ilusão*, ora discutido, a ilusão é tratada como um fenômeno fundamental do processo civilizatório.

### ***O Mal-Estar na Civilização***

O trabalho anterior talvez possa ser encarado como a formulação de uma esperança de que o homem possa se reconciliar consigo próprio e com a civilização, escapando das ilusões que o infantilizam através do uso de sua razão. A cultura, nesse sentido, foi pensada como uma série de renúncias impostas aos homens, de maneira que eles pudessem viver de forma comunitária, possibilitando ainda que progressivamente reformassem as instituições sociais fundamentais para o trabalho intelectual e para a construção do sentimento de solidariedade. Todavia,

“Em *O mal-estar na civilização*, o tom muda. Não há mais reconciliação possível, nem a certeza em uma civilização que finalmente alcança a era científica. (...) Essa obra, pelo contrário, situa-se sob o signo da *tragédia* (e mesmo do destino inexorável), ao visualizar a possibilidade do fim da espécie humana pelo próprio processo civilizador. (...) Freud nos diz de algum modo que seu livro fala da morte e da destruição, isto é, do *trágico* e da *violência*, disso que todo ser humano tenta sempre negar ou conjurar.”<sup>150</sup>

Freud inicia o trabalho comentando as críticas de um amigo seu ao livro anterior sobre a religião. Em suas críticas ele tece considerações concordando com as idéias de Freud sobre a religião, mas alertando para o fato de que este não teria apreciado corretamente a verdadeira fonte da religiosidade. Fala da existência de uma sensação de ‘eternidade’, um sentimento

---

<sup>149</sup> Id., p. 57.

<sup>150</sup> ENRIQUEZ, Eugène. *Da horda ao Estado. Psicanálise do vínculo social*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990, pp. 96-98.

‘oceânico’. Tal sentimento é, para este amigo, a fonte da energia religiosa de que se apoderaram as doutrinas religiosas.

Freud procura refutar a concepção da existência de tal sentimento considerando que, para a psicanálise, o único sentimento do qual o homem pode ter alguma certeza é o sentimento do eu, do ego.

“O ego nos aparece como algo autônomo e unitário, distintamente demarcado de tudo o mais. Ser essa aparência enganadora – apesar de que, pelo contrário, o ego seja continuado para dentro, sem qualquer delimitação nítida, por uma entidade mental inconsciente que designamos como id, à qual o ego serve como uma espécie de fachada – configurou uma descoberta efetuada pela primeira através da pesquisa psicanalítica. (...) No sentido do exterior, porém, o ego de qualquer modo, parece manter linhas de demarcação bem claras e nítidas.”<sup>151</sup>

Há um estado, porém, no qual estas fronteiras bem demarcadas parecem deixar de existir. No estado de estar amando, em seu auge, as fronteiras entre o ego e o objeto amado ameaçam desaparecer. Se isto é verdade para um estado de vida tão normal e esperado quanto o amor, o mesmo pode ser dito em relação a diversos processos patológicos e, em relação a estes, Freud arrola diversas provas da psicanálise.

Sem nos determos, no entanto, na descrição das patologias, Freud nos convida a pensarmos o desenvolvimento do ego no ser humano. Logo na criança recém-nascida encontraremos um estado interessante de absoluta indistinção entre ego e mundo externo. A distinção é um aprendizado ao longo do curso da vida. A percepção de um mundo externo é fruto de frequentes, múltiplas e inevitáveis sensações de desamparo e sofrimento. É pela ausência dos objetos que lhe proporcionam prazer que o bebê aprende sobre a existência de um mundo externo. Mas, sendo o bebê governado pelo princípio do prazer, o aprendizado torna-se mais complexo. Ele procura se afastar e fugir das sensações de desprazer, o que termina por criar uma tendência a isolar do ego tudo que possa ser fonte deste sofrimento e lançar para fora, criando um puro ego em busca do prazer. Paulatinamente, o bebê, por meio de suas atividades sensoriais e musculares, começa a diferenciar entre o que é interno e o que é externo. Esta é a primeira aparição do princípio da realidade, que deve dominar o desenvolvimento futuro.

---

<sup>151</sup> FREUD, Sigmund (1927). **Das Unbehagen in der Kultur**. Edição consultada: **O mal-estar na civilização**. Ed. Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Rio de Janeiro: Imago, 2ª edição, Vol. XXI, 1987, pp. 74-75.

“Essa diferenciação, naturalmente, serve à finalidade prática de nos capacitar para a defesa contra sensações de desprazer que realmente sentimos ou pelas quais somos ameaçados. A fim de desviar certas excitações desagradáveis que surgem do interior, o ego não pode utilizar senão os métodos que utiliza contra o desprazer oriundo do exterior, e este é o ponto de partida de importantes distúrbios patológicos. Desse modo, então, o ego se separa do mundo externo. Ou, numa expressão mais correta, originalmente o ego inclui tudo; posteriormente, separa, de si mesmo, um mundo externo. Nosso presente sentimento do ego não passa, portanto, de apenas um mirrado resíduo de um sentimento muito mais inclusivo – na verdade, totalmente abrangente –, que corresponde a um vínculo mais íntimo entre o ego e o mundo que o cerca.”<sup>152</sup>

Ao definir o desenvolvimento do ego, da forma acima exposta, Freud se capacita a interpretar o sentimento ‘oceânico’, proposto por seu amigo, como o sentimento mais primário do ego. A persistência deste sentimento no desenvolvimento do ego e sua existência ao lado de um sentimento de ego mais evoluído é, para ele, condição suficientemente comum para justificar a quantidade de sujeitos subjugados pelas idéias religiosas. E, mais ainda, a coexistência de sentimentos diversos aponta para Freud a necessidade de rever sua teoria em mais outro aspecto: na vida mental, nada do que uma vez se formou pode desaparecer. Tudo que o sujeito viveu se encontra lá e pode ser trazido à luz, ou melhor, apenas na mente é possível encontrarmos todas as etapas anteriores preservadas, lado a lado com a forma atualmente assumida.

“Assim, estamos perfeitamente dispostos a reconhecer que o sentimento ‘oceânico’, existe em muitas pessoas, e nos inclinamos a fazer sua origem remontar a uma fase primitiva do sentimento do ego.”<sup>153</sup>

A revisão teórica deixa-lhe uma questão: será que podemos afirmar que o sentimento ‘oceânico’ é a fonte das necessidades religiosas? Na busca de uma resposta ele vai concluir que não. Afinal, um sentimento só pode ser fonte de alguma energia se ele mesmo for expressão de uma necessidade intensa. E, como visto na obra anterior, a necessidade religiosa têm sua origem no desamparo infantil. Logo, o sentimento ‘oceânico’ possui a função de restaurar o estado onde não existia nenhuma diferenciação entre a criança e o mundo, o estado de narcisismo ilimitado, anterior ao desamparo. As doutrinas religiosas apenas se apropriam e fazem um uso interessante deste sentimento, absolutamente comum na humanidade. Uso este que conduz Freud à inevitável conclusão de que apenas elas são capazes de oferecer uma resposta ao propósito da vida.

---

<sup>152</sup> FREUD, Sigmund (1927). *Das unbehagen in der kultur*. Edição consultada: *O mal-estar na civilização*. Ed. Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Rio de Janeiro: Imago, 2ª edição, Vol. XXI, 1987, pp. 76-77.

<sup>153</sup> Id., p. 80.

A este respeito, é importante que observemos, junto com Freud, que a vida, tal como ela se apresenta ao sujeito, é extremamente árdua. Os sofrimentos, as decepções e as frustrações são muitas. A religião, sim, oferece uma compreensão do propósito da vida. No entanto, a compreensão apenas não é suficiente para que o homem possa suportar sua vida. Ele precisa lançar mão de outros recursos, e Freud nos comunica a existência de três medidas paliativas que auxiliam o homem nesta difícil tarefa de suportar o sofrimento: os derivativos poderosos, onde Freud inclui a ciência; as satisfações substitutivas, como as que são oferecidas pela arte e que se apresentam como ilusões que substituem a realidade; e, as substâncias tóxicas que, por sua composição química, alteram as disposições corporais.

“A questão do propósito da vida humana já foi levantada várias vezes; nunca, porém, recebeu resposta satisfatória e talvez não a admita. (...) só a religião é capaz de resolver a questão do propósito da vida. Dificilmente incorreremos em erro ao concluirmos que a idéia de a vida possuir um propósito se forma e desmorona com o sistema religioso. Voltar-nos-emos, portanto, para uma questão menos ambiciosa, a que se refere àquilo que os próprios homens, por seu comportamento, mostram ser o propósito e a intenção de suas vidas. O que pedem eles da vida e o que desejam nela realizar?”<sup>154</sup>

Não há dúvidas, para Freud, de que os homens direcionam todos os seus esforços para a obtenção de felicidade. O projeto apresenta, na prática, um duplo trabalho: o de evitar as sensações de desprazer e sofrimento e, ao mesmo tempo, o de experimentar sentimentos de prazer. Se esta formulação estiver correta poderemos concluir que é o princípio de prazer que decide o propósito da vida, que ele é que domina o funcionamento do aparelho psíquico do sujeito desde o princípio. Esta conclusão, porém, nos conduz a pensar erroneamente que o projeto de felicidade encontra-se em consonância com o sentido da vida. Neste sentido, Freud é categórico ao afirmar que algumas correções são necessárias na formulação do princípio do prazer, dado que todas as normas do universo estão em desacordo completo com a presente formulação dele. É importante que nos detenhamos um pouco mais atentamente ao texto para que possamos compreender o que Freud designa por felicidade.

“O que chamamos de felicidade no sentido mais estrito provém da satisfação (de preferência, repentina) de necessidades represadas em alto grau, sendo, por sua natureza, possível apenas como uma manifestação episódica. Quando qualquer situação desejada pelo princípio do prazer se prolonga, ela produz tão-somente um sentimento de contentamento muito tênue. Somos feitos de modo a só podermos derivar prazer intenso de um contraste, e muito pouco de um determinado estado de coisas.”<sup>155</sup>

---

<sup>154</sup> FREUD, Sigmund (1927). *Das unbehagen in der kultur*. Edição consultada: *O mal-estar na civilização*. Ed. Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Rio de Janeiro: Imago, 2ª edição, Vol. XXI, 1987, pp. 83-84.

<sup>155</sup> Id., p. 84.

Se a felicidade apresenta-se, desta forma, sempre tão restrita para nós, o mesmo não acontece com a infelicidade. Lembrando-nos do texto anterior, veremos que o sofrimento ameaça o homem a partir de três direções: do mundo externo, de seu próprio corpo e de seus relacionamentos com os outros homens. Todas essas possibilidades de sofrimento cerceiam e pressionam imensamente o homem e sua busca de felicidade. Frente a esta condição de vida, o projeto do princípio do prazer tem que ser revisto e as reivindicações de felicidade precisam ser moderadas. O princípio do prazer transforma-se no princípio da realidade e a necessidade de evitar o sofrimento termina por colocar a tarefa de obter prazer em um plano secundário.

Os métodos para se evitar o sofrimento variam de acordo com a diversidade da origem do sofrimento. Se, por exemplo, considerarmos que a origem do sofrimento é o relacionamento com os outros homens, o sujeito pode tentar se isolar e encontrar alguma felicidade na quietude. O mesmo método pode ser adotado em relação ao mundo externo ou, melhor ainda, o sujeito pode participar ativamente da sociedade e, junto desta, dominar ativamente a natureza para subjugar-lá. No entanto,

“(...) os métodos mais interessantes de evitar o sofrimento são os que procuram influenciar o nosso próprio organismo. Em última análise, todo sofrimento nada mais é do que sensação; só existe na medida em que o sentimos, e só o sentimos como consequência de certos modos pelos quais nosso organismo está regulado.”<sup>156</sup>

Freud está se referindo aos seguintes métodos de evitação do sofrimento: as substâncias tóxicas, as satisfações substitutivas e os derivativos poderosos. O primeiro e o mais eficaz é a intoxicação química, não apenas por substâncias externas ao organismo como também pela química interna do corpo. A influência do interno se faz comprovar no estado de mania, no qual o sujeito se apresenta intoxicado, sem que qualquer substância externa tenha lhe sido administrada, oscilando polarizadamente entre liberações de prazer fáceis e difíceis. Além disso, para Freud, a complicada estrutura do aparelho mental admite diversas outras influências. Pode-se tentar empregar algumas defesas contra o sofrimento ao procurar dominar os impulsos instintivos que o mundo externo se recusa a satisfazer. A prática oriental do ioga é um bom exemplo dessa defesa. Mas, não precisamos ir tão longe assim.

“Seguimos o mesmo caminho quando os nossos objetivos são menos extremados e simplesmente tentamos *controlar* nossa vida instintiva. Nesse caso, os elementos controladores são os agentes psíquicos superiores, que se sujeitaram ao princípio da realidade. Aqui, a meta da satisfação não é, de modo algum, abandonada, mas garante-se uma certa proteção contra o sofrimento no sentido de que a não-satisfação não é tão penosamente sentida no caso dos instintos mantidos sob dependência como no caso dos instintos desinibidos.”<sup>157</sup>

---

<sup>156</sup> FREUD, Sigmund (1927). *Das unbehagen in der kultur*. Edição consultada: *O mal-estar na civilização*. Ed. Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Rio de Janeiro: Imago, 2ª edição, Vol. XXI, 1987, p. 85.

<sup>157</sup> Id., p. 87.



Ao mencionar os instintos desinibidos, Freud se recorda de outra técnica, tema de amplo debate em *Psicologia de grupo e análise do ego*, ou seja, a inibição dos instintos em seus objetivos. O aparelho mental possui essa capacidade de deslocar e de sublimar a realização dos instintos. São exemplos claros da força destes mecanismos: os trabalhos psíquico e intelectual e a conseqüente obtenção de prazer a partir destas fontes. Apesar de tais satisfações parecerem mais altas e muitíssimo mais refinadas, suas intensidades não se comparam a satisfação dos impulsos mais primitivos. A explicação para esta diferença está no fato das realizações psíquicas e intelectuais possuírem pouca incidência física.

Enquanto que este primeiro método nos aponta para a possibilidade de nos tornarmos independentes do mundo externo através da busca de satisfação nos processos psíquicos internos, o segundo irá intensificar ainda mais este aspecto de fuga. Nas satisfações substitutivas, a distensão do vínculo com o mundo externo vai ainda mais longe. A técnica consiste em obter satisfações através das ilusões,

“(...) reconhecidas como tais, sem que se verifique permissão para que a discrepância entre elas e a realidade interfira na sua fruição. A região onde essas ilusões se originam é a vida da imaginação; na época em que o desenvolvimento do senso de realidade se efetuou, essa região foi expressamente isentada das exigências do teste de realidade e posta de lado a fim de realizar desejos difíceis de serem levados a termo.”<sup>158</sup>

O exemplo de satisfação substitutiva fornecido por Freud é o da fruição artística, que, inclusive, é tornada acessível para os outros participantes da civilização. Ele nos alerta, porém, para o fato de que estas satisfações não conseguem afastar os sujeitos prolongadamente dos sofrimentos. Podem apenas propiciar algo da ordem de uma suave narcotização que é capaz de afastar os sujeitos momentaneamente das aflições reais. Há, ainda, um outro método que procura afastar os sujeitos do mundo. É um método muito mais radical e está exemplificado pela loucura.

“Um outro processo opera de modo mais energético e completo. Considera a realidade como a única inimiga e a fonte de todo o sofrimento, com a qual é impossível viver, de maneira que, se quisermos ser de algum modo felizes, temos de romper todas as relações com ela. O eremita rejeita o mundo e não quer saber de tratar com ele. Pode-se, porém, fazer mais do que isso; pode-se tentar recriar o mundo, em seu lugar construir um outro mundo, no qual os seus aspectos mais insuportáveis sejam eliminados e substituídos por outros mais adequados a nossos próprios desejos.”<sup>159</sup>

---

<sup>158</sup> FREUD, Sigmund (1927). *Das unbehagen in der kultur*. Edição consultada: **O mal-estar na civilização**. Ed. Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Rio de Janeiro: Imago, 2ª edição, Vol. XXI, 1987, p. 88.

<sup>159</sup> Id., pp. 88-89.

Contudo, não é apenas na loucura que este método se faz visível. Freud nos alerta aqui para pensarmos na normalidade de um comportamento paranóico que procura corrigir um ou outro pequeno aspecto da realidade. E, neste, ele volta a incluir a religião, confirmando o caráter de normalidade desta fuga da realidade.

“Afirma-se, contudo, que cada um de nós se comporta, sob determinado aspecto, como um paranóico, corrige algum aspecto do mundo que lhe é insuportável pela elaboração de um desejo e introduz esse delírio na realidade. Concede-se especial importância ao caso em que a tentativa de obter uma certeza de felicidade e uma proteção contra o sofrimento através de um remodelamento delirante da realidade, é efetuada em comum por um considerável número de pessoas. As religiões da humanidade devem ser classificadas entre os delírios de massa desse tipo. É desnecessário dizer que todo aquele que partilha de um delírio jamais o reconhece como tal.”<sup>160</sup>

No exame dos modos de evitação de sofrimento empregados pelo homem falta ainda mencionar um processo, extremamente importante, a técnica da arte de viver. A arte de viver que faz do amor o centro de tudo, que procura toda a satisfação em constituir-se como objeto de amor para alguém ou também em dedicar-se a amar um objeto externo ao ego. Esta técnica combina diversos aspectos: torna o sujeito independente do Destino ao localizar a satisfação em processos psíquicos por meio da deslocabilidade da libido; faz isto de forma a prender o sujeito ao mundo externo, afinal é da relação emocional com objetos deste mundo que a satisfação poderá advir; e, o mais importante, não foge ao desprazer, enfrenta-o visando a obtenção da mais completa felicidade. Este último aspecto dessa técnica nos lembra de que ela possui uma contrapartida perigosa, isto é, na busca da satisfação o sujeito retira suas defesas contra o sofrimento e fica extremamente fragilizado.

“(…) nunca nos achamos tão indefesos contra o sofrimento como quando amamos, nunca tão desamparadamente infelizes como quando perdemos o nosso objeto amado ou o seu amor.”<sup>161</sup>

Um último método, mencionado por Freud, remete-nos a pensar os casos em que as pessoas buscam a felicidade por meio da beleza,

“(…) onde quer que esta se apresente a nossos sentidos e a nosso julgamento – a beleza das formas dos gestos humanos, a dos objetos naturais e das paisagens e a das criações artísticas e mesmo científicas. A atitude estética em relação ao objetivo da vida oferece muito pouca proteção contra a ameaça do sofrimento, embora possa compensá-lo bastante. A fruição da beleza dispõe de uma qualidade peculiar de sentimento, tenuemente intoxicante. A beleza não conta com um emprego evidente; tampouco existe claramente qualquer necessidade cultural sua. Apesar disso, a civilização não pode dispensá-la. (...) A psicanálise, infelizmente, também pouco encontrou a dizer sobre a beleza. O que parece certo é sua derivação do campo do sentimento sexual. O amor da beleza parece um exemplo perfeito de um impulso inibido em sua finalidade. ‘Beleza’ e ‘atração’ são, originalmente, atributos do objeto sexual.”<sup>162</sup>

O exaustivo exame das técnicas – e, foram mais do que apenas três, conforme ele havia anunciado – utilizadas pelo homem para fugir dos sofrimentos permite, a Freud,

---

<sup>160</sup> FREUD, Sigmund (1927). *Das unbehagen in der kultur*. Edição consultada: *O mal-estar na civilização*. Ed. Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Rio de Janeiro: Imago, 2ª edição, Vol. XXI, 1987, p. 89.

<sup>161</sup> Id., p. 90.

apresentar-nos algumas conclusões a respeito da relação entre o programa do princípio do prazer e o objetivo da vida. O programa de felicidade não é possível e tampouco podemos lhe escapar. Não nos é possível sequer abandonar nossos esforços de alcançá-lo e, para tanto, os caminhos são diversos. A escolha viável nesses caminhos refere-se apenas aos aspectos positivo ou negativo da empreitada, ou melhor, refere-se a obtenção de prazer ou a evitação do sofrimento.

“A felicidade, no reduzido sentido em que a reconhecemos como possível, constitui um problema da economia da libido do indivíduo. (...) Todos os tipos de diferentes fatores operarão a fim de dirigir sua escolha. É uma questão de quanta satisfação real ele pode esperar obter do mundo externo, de até onde é levado para tornar-se independente dele, e, finalmente, de quanta força sente à sua disposição para alterar o mundo, a fim de adaptá-lo a seus desejos. Nisso sua constituição psíquica desempenhará papel decisivo, independentemente das circunstâncias externas.”<sup>163</sup>

A possibilidade de realizar escolhas em relação ao caminho, entretanto, também não é segura. Todas as escolhas que são levadas aos extremos condenam o sujeito a perigos extremos. Aqui, a própria sabedoria popular, lembra Freud, adverte a não investir tudo num único caminho. Tudo depende da convergência de diversos fatores, entre eles, principalmente, a capacidade adaptativa do psiquismo em relação a exploração do meio. A busca de felicidade trata-se, portanto, de um jogo de escolhas e adaptações. E, neste ponto, Freud faz uma consideração final sobre o problema da religião.

“A religião restringe esse jogo de escolha e adaptação, desde que impõe igualmente a todos o seu próprio caminho para a aquisição da felicidade e da proteção contra o sofrimento. Sua técnica consiste em depreciar o valor da vida e deformar o quadro do mundo real de maneira delirante – maneira que pressupõe uma intimidação da inteligência. A esse preço, por fixá-las num estado de infantilismo psicológico e por arrastá-las a um delírio de massa, a religião consegue poupar a muitas pessoas uma neurose individual.”<sup>164</sup>

O exaustivo exame do problema da felicidade, acima apresentado, visava fornecer material para responder *o que os homens querem da vida*. Curiosamente, Freud considera que o conhecimento obtido não foi muito além daquilo que o senso comum já havia estabelecido sobre o tema. E, novamente, ao voltar seus esforços para a investigação do problema das origens dos sofrimentos, ele se depara com a inevitável conclusão de que não são maiores as perspectivas de se aprender algo novo, ou mesmo diferente do que já havia formulado pela indicação e análise das três fontes de sofrimento. Talvez, contudo, seja possível caminhar um tanto se nos detivermos na consideração da atitude do sujeito frente a elas.

---

<sup>162</sup> Ibid.

<sup>163</sup> FREUD, Sigmund (1927). *Das unbehagen in der kultur*. Edição consultada: *O mal-estar na civilização*. Ed. Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Rio de Janeiro: Imago, 2ª edição, Vol. XXI, 1987, p. 91.

<sup>164</sup> Id., p. 92.

Tanto a natureza quanto o corpo nos falam de limites intransponíveis. A natureza jamais será dominada por completo e o corpo é uma estrutura, por maiores que sejam os esforços da medicina, passageira. O sofrimento a partir destas duas fontes tem que ser considerado como inevitável, o que em absoluto pretende significar a atitude diante deles. Neste sentido, Freud nos mostra que o reconhecimento dos limites não possui um efeito paralisador, afinal, a própria civilização estruturou-se no intuito de afastar um pouco do sofrimento e mitigar outro tanto, ao longo dos milhares de anos.

Contudo, a mesma atitude não é observada por Freud em relação à terceira das fontes de sofrimento, as relações com outros homens.

“Não a admitimos de modo algum; não podemos perceber por que os regulamentos estabelecidos por nós mesmos não representam, ao contrário, proteção e benefício para cada um de nós. Contudo, quando consideramos o quanto fomos malsucedidos exatamente nesse campo de prevenção do sofrimento, surge em nós a suspeita de que também aqui é possível fazer, por trás desse fato, uma parcela de natureza inconquistável – dessa vez, uma parcela de nossa própria constituição psíquica.”<sup>165</sup>

A consideração de tal possibilidade nos aponta para a existência de uma atitude hostil do homem para com a civilização. Perguntando-se sobre a origem dessa atitude, Freud nos comunica que seu fundamento está no constante sentimento de insatisfação. Mas tal hostilidade apenas pode advir de uma condenação, a insatisfação não é condição suficiente para gerar tal atitude. Freud acredita conhecer os momentos históricos específicos, ao menos os dois últimos, em que os homens condenaram sua civilização.

O primeiro desses momentos históricos são as diversas viagens de descobrimento, empreendidas pelos europeus, em direção a novas terras, culturas e povos. O encontro de uma alta civilização com a felicidade e simplicidade características dos povos encontrados ao final das viagens é condição de profundo descontentamento, principalmente em relação ao seu grau de civilização, por parte dos europeus. A quase totalidade das terras descobertas recebeu, inclusive, o qualificativo de paraíso, com toda a carga que isto comporta. A segunda ocasião surgiu quando da descoberta dos mecanismos das neuroses,

“(…) que ameaçam solapar a pequena parcela de felicidade desfrutada pelos homens civilizados. Descobriu-se que uma pessoa se torna neurótica porque não pode tolerar a frustração que a

---

<sup>165</sup> FREUD, Sigmund (1927). *Das Unbehagen in der Kultur*. Edição consultada: *O mal-estar na civilização*. Ed. Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Rio de Janeiro: Imago, 2ª edição, Vol. XXI, 1987, p. 93.

sociedade lhe impõe, a serviço de seus ideais culturais, inferindo-se disso que a abolição ou redução dessas exigências resultaria num retorno a possibilidades de felicidade.”<sup>166</sup>

Considerando a correção do exame da origem da hostilidade do homem para com sua civilização, resta a Freud pensar a natureza da civilização no intuito de desvendar os motivos que fizeram os homens questionar o seu valor como veículo de felicidade. A civilização possui a dupla missão de proteger os homens contra as forças implacáveis da natureza e, ao mesmo tempo, regular as relações entre os homens.

A primeira das missões, não nos é nada estranha. Cultura é tudo aquilo que permite ao homem explorar a natureza, dominando suas forças. Não nos causa espanto algum Freud localizar como os primeiros atos de civilização, a elaboração e o uso de instrumentos para finalidades específicas, a construção de habitações e a aquisição de controle sobre o fogo. Estas foram as primeiras descobertas científicas e tecnológicas. Muito se evoluiu desde então, a ponto de concordarmos com Freud quando nos diz que essas aquisições culturais são as vantagens que o homem conseguiu ao longo do tempo para diminuir seu sofrimento. São vantagens, também, no sentido de que o homem se aproxima, cada vez mais, do ideal de onipotência e onisciência, ainda incorporado aos deuses.

Além disso, não nos espantaremos tampouco ao verificarmos, junto de Freud, que os homens esperam outras coisas de sua cultura. Reconhecemos tranquilamente como um sinal de civilização o esforço dos homens orientado para fins pouco práticos. Esperamos que a cultura valorize a beleza, o asseio e a ordem. Elas possuem alguma utilidade, sem sombra de dúvidas, mas esta característica não explica totalmente os elevados esforços dos homens. Deve haver algo mais que explique este aspecto estético da cultura.

Contudo, nenhum dos aspectos acima mencionados caracteriza melhor a cultura do que sua elevada estima e apreço pelas mais elevadas atividades mentais dos homens. Entre essas, Freud inclui as realizações intelectuais, científicas e artísticas, ou seja, as idéias religiosas, as especulações filosóficas e os ideais. Estes últimos são definidos como as idéias de perfeição dos homens e as exigências necessárias para a consecução desse objetivo evolutivo. As considerações, até aqui, referem-se apenas ao primeiro dos objetivos da civilização, o de proteger os homens contra as forças da natureza.

---

<sup>166</sup> FREUD, Sigmund (1927). *Das unbehagen in der kultur*. Edição consultada: *O mal-estar na civilização*. Ed. Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Rio de Janeiro: Imago, 2ª edição, Vol. XXI, 1987, p. 94.

Resta, para Freud, analisar a maneira pela qual a civilização regula os relacionamentos sociais,

“(…) relacionamentos estes que afetam uma pessoa como próximo, como fonte de auxílio, como objeto sexual de outra pessoa, como membro de uma família e de um Estado. A vida humana em comum só se torna possível quando se reúne uma maioria mais forte do que qualquer indivíduo isolado e que permanece unida contra todos os indivíduos isolados. O poder dessa comunidade é então estabelecido como ‘direito’, em oposição ao poder do indivíduo, condenado como ‘força bruta’. A substituição do poder do indivíduo pelo poder de uma comunidade constitui o passo decisivo da civilização. Sua essência reside no fato de os membros da comunidade se restringirem em suas possibilidades de satisfação, ao passo que o indivíduo desconhece tais restrições.”<sup>167</sup>

Ao formular desta maneira a possibilidade da vida humana em comum, Freud nos alerta para o fato de que a primeira exigência da cultura é a de justiça, em nome da qual uma lei não poderá ser violada em favor de um único sujeito. Uma justiça que, no entanto, é oposta à idéia de liberdade.

“A liberdade do indivíduo não constitui um dom da civilização. (...) O desenvolvimento da civilização impõe restrições a ela, e a justiça exige que ninguém fuja a essas restrições. O que se faz sentir numa comunidade humana como desejo de liberdade pode ser sua revolta contra alguma injustiça existente, e desse modo esse desejo pode mostrar-se favorável a um maior desenvolvimento da civilização; pode permanecer compatível com a civilização. Entretanto, pode também originar-se dos remanescentes de sua personalidade original, que ainda não se acha domada pela civilização, e assim nela tornar-se a base da hostilidade à civilização. O impulso de liberdade, portanto, é dirigido contra formas e exigências específicas da civilização ou contra a civilização em geral.”<sup>168</sup>

Temos aqui, portanto, uma das primeiras causas da hostilidade do homem para com a civilização, o cerceamento de sua liberdade. Uma segunda causa irá surgir da analogia existente entre o desenvolvimento da civilização e o desenvolvimento libidinal do sujeito, tema já explorado nos trabalhos anteriores. A semelhança entre os dois processos nos mostra o sujeito experimentando a sublimação de seus instintos e o deslocamento das condições de suas satisfações. E, ainda, Freud faz derivar da sublimação dos instintos a possibilidade do desenvolvimento das atividades psíquicas superiores, tais como: as científicas, as artísticas e as ideológicas. Finalmente, em terceiro lugar,

“(…) e isso parece o mais importante de tudo, é impossível desprezar o ponto até o qual a civilização é construída sobre uma renúncia ao instinto, o quanto ela pressupõe exatamente a não satisfação (pela opressão, repressão, ou algum outro meio?) de instintos poderosos. Essa ‘frustração cultural’ domina o grande campo dos relacionamentos entre os seres humanos. Como já sabemos, é a causa da hostilidade contra a qual todas as civilizações têm de lutar.”<sup>169</sup>

---

<sup>167</sup> FREUD, Sigmund (1927). *Das unbehagen in der kultur*. Edição consultada: *O mal-estar na civilização*. Ed. Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Rio de Janeiro: Imago, 2ª edição, Vol. XXI, 1987, pp. 101-102.

<sup>168</sup> Id., p. 102.

<sup>169</sup> FREUD, Sigmund (1927). *Das unbehagen in der kultur*. Edição consultada: *O mal-estar na civilização*. Ed. Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Rio de Janeiro: Imago, 2ª edição, Vol. XXI, 1987, pp. 103-104.

Novamente, neste ponto do texto, nos encontramos com a renovada assertiva desesperançosa de Freud, de que aquilo que pôde descobrir não constitui nenhuma novidade. No entanto, sua procura pela resposta para o problema da felicidade humana, encontra continuidade e esperança no exame da origem da civilização, de seus fundamentos, através do mito da horda primeva.

Ele localiza as razões para o início da comunidade nas necessidades de sobrevivência e de satisfação genital. A primeira refere-se a descoberta feita pelos homens primitivos de que o auxílio dos outros seria extremamente útil na exploração da natureza, objetivando a vida sedentária. A segunda necessidade tem como referência central, para Freud, a descoberta de que a manutenção da mulher perto si, permitiria ao homem satisfazer suas necessidades sexuais. Dessa forma, Freud acrescenta ao mito a idéia de que o grupo de irmãos, em algum momento, descobriu que a união entre eles poderia ser mais forte do que um indivíduo isolado, o chefe. E, para tanto, era necessário o estabelecimento de algumas restrições.

“A cultura totêmica baseia-se nas restrições que os filhos tiveram de impor-se mutuamente, a fim de conservar esse novo estado de coisas. Os preceitos do tabu constituíram o primeiro ‘direito’ ou ‘lei’. A vida comunitária dos seres humanos teve, portanto, um fundamento duplo: a compulsão para o trabalho, criada pela necessidade externa, e o poder do amor, que fez o homem relutar em privar-se de seu objeto sexual – a mulher – e a mulher, em privar-se daquela parte de si própria que dela fora separada – seu filho. Eros e Ananke [Amor e Necessidade] se tornaram os pais da civilização humana.”<sup>170</sup>

Ao reconhecer o amor como um dos fundamentos da cultura, Freud nos propõe uma pequena digressão para preencher uma importante lacuna deixada por ele durante o exame do amor como um dos modos de evitação do sofrimento. As pessoas que se utilizam do amor estão capacitadas para tal empreitada devido a alterações mentais de grande alcance no que concerne à função do amor. Essas pessoas apresentam uma independência em relação ao objeto, tornada possível pelo deslocamento dos valores do objeto para o ato de amar. Desta forma, protegem-se de frustrações deslocando seu amor para a humanidade e desviando os objetivos sexuais ao transformá-los em impulsos com uma finalidade inibida. Essa espécie de amor universal, para Freud, representa o ponto mais elevado que o ser humano pode alcançar. Ao mesmo tempo que Freud elogia este amor considerando-o presente em grande parte na atitude dos religiosos, ele apresenta duas objeções a essa espécie de vínculo afetivo: a) é um amor privado de uma parte de seu próprio valor por não ser capaz de discriminar e, logo, injusto com seu objeto; e, b) não são todos os seres humanos que são dignos de amor.

---

<sup>170</sup> Id., p. 106.

Isto posto, estamos prontos a perceber a ação de duas formas de amor na criação da civilização. A primeira é relativa ao impulso com o objetivo sexual e a segunda refere-se aos vínculos caracterizados pelo impulso inibido em suas finalidades sexuais. Ambas as formas estão presente no amor que fundou a família. Estão também na estruturação dos laços sociais. Mas, tais presenças não são prontamente passíveis de distinção, pelo contrário, a marca é a da ambiguidade. Isto verifica-se, inclusive, no próprio uso linguístico da palavra amor.

“No decurso do desenvolvimento, porém, a relação do amor com a civilização perde sua falta de ambiguidade. Por um lado, o amor se coloca em oposição aos interesses da civilização; por outro, esta ameaça o amor com restrições substanciais. (...) A tendência por parte da civilização em restringir a vida sexual não é menos clara do que sua outra tendência em ampliar a unidade cultural. Sua primeira fase, totêmica, já traz com ela a proibição de uma escolha incestuosa de objeto, o que constitui, talvez, a mutilação mais drástica que a vida erótica do homem em qualquer época já experimentou.”<sup>171</sup>

Freud está nos dizendo que a civilização encontra seu fundamento no recalque da sexualidade. Isto é comprovado pelo trabalho psicanalítico junto aos neuróticos, incapazes de tolerar as frustrações impostas à sua vida sexual. O neurótico é aquele que cria em seus sintomas satisfações substitutivas para si próprio. Tais satisfações ou lhe causam sofrimento ou se tornam fontes de sofrimento pela criação de dificuldades em seus relacionamentos com os outros. No entanto, além do recalque à sexualidade, a civilização exige outros sacrifícios de seus membros.

“A realidade nos mostra que a civilização não se contenta com as ligações que até agora lhe concedemos. Visa a unir entre si os membros da comunidade também de maneira libidinal e, para tanto, emprega todos os meios. Favorece todos os caminhos pelos quais identificações fortes possam ser estabelecidas entre os membros da comunidade e, na mais ampla escala, convoca a libido inibida em sua finalidade, de modo a fortalecer o vínculo comunal através das relações de amizade.”<sup>172</sup>

Para que a civilização possa atingir seus objetivos de unir os homens em grandes unidades, não é suficiente apenas a restrição dos impulsos sexuais desinibidos. Os vínculos que se utilizam dos impulsos inibidos em seus objetivos são constantemente convocados pela civilização no intuito de fortalecer os vínculos comunais. Tal assertiva encontra sua prova e razão de ser no exame de algumas das exigências ideais da cultura ocidental.

Freud submete à psicanálise duas delas: ‘Amarás a teu próximo como a ti mesmo’ e ‘Ama os teus inimigos’. Ambas nos remetem ao campo do estranhamento e da

---

<sup>171</sup> FREUD, Sigmund (1927). *Das unbehagen in der kultur*. Edição consultada: *O mal-estar na civilização*. Ed. Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Rio de Janeiro: Imago, 2ª edição, Vol. XXI, 1987, pp. 108-109.

<sup>172</sup> Id., pp.113-114.



impossibilidade, pois tratam de propor um vínculo amoroso com um próximo que não é digno de amor, que é invariavelmente hostil e, além do mais, compete pelos mesmos objetos.

“O elemento de verdade por trás disso tudo, elemento que as pessoas estão tão dispostas a repudiar, é que os homens não são criaturas gentis que desejam ser amadas e que, no máximo, podem defender-se quando atacadas; pelo contrário, são criaturas em cujos dotes instintivos deve-se levar em conta uma poderosa quota de agressividade. Em resultado disso, o seu próximo é, para ele, não apenas um ajudante potencial ou um objeto sexual, mas também alguém que os tenta a satisfazer sobre ele a sua agressividade, a explorar sua capacidade de trabalho sem compensação, utilizá-lo sexualmente sem o seu consentimento, apoderar-se de suas posses, humilhá-lo, causar-lhe sofrimento, torturá-lo e matá-lo.”<sup>173</sup>

Vemos agora que, através da digressão proposta, foi possível chegarmos a um novo patamar de investigação. Freud soube, muito sabiamente aliás, nos conduzir à percepção da necessidade de incluirmos entre as disposições instintivas do ser humano uma disposição especial para a agressividade, não mencionada anteriormente. É a existência desta agressividade que traz o fator perturbador para as relações sociais e que obriga a civilização a dispender tanta energia no controle dos impulsos inibidos em seus objetivos.

“Em consequência dessa mútua hostilidade primária dos seres humanos, a sociedade civilizada se vê permanentemente ameaçada de desintegração. O interesse pelo trabalho comum não a manteria unida; as paixões instintivas são mais fortes que os interesses razoáveis. A civilização tem de utilizar esforços supremos a fim de estabelecer limites para os instintos agressivos do homem e manter suas manifestações sob controle por formações psíquicas reativas. Daí, portanto, o emprego de métodos destinados a incitar as pessoas a identificações e relacionamentos amorosos inibidos em sua finalidade, daí a restrição à vida sexual e daí, também, o mandamento ideal de amar o próximo como a si mesmo, mandamento que é realmente justificado pelo fato de nada mais ir tão fortemente contra a natureza original do homem.”<sup>174</sup>

A percepção da existência de um instinto de destruição e de uma correlata agressividade faz com que Freud reformule sua teoria de forma a dar um novo significado para a ambivalência emocional, assunto amplamente explorado neste trabalho, concedendo assim um novo status para a hostilidade. Ele, de fato, procura nos mostrar a importância que tal hostilidade desempenha na constituição de um grupo. Retoma o tema do grupo e nos mostra o importante papel desempenhado pela hostilidade na delimitação dos limites externos de um grupo. Ela é projetada para fora, direcionada contra as diferenças que os outros grupos representam. A hostilidade, expressa através do narcisismo das pequenas diferenças, colabora para a delimitação de uma identificação interna entre os membros do grupo.

---

<sup>173</sup> FREUD, Sigmund (1927). *Das unbehagen in der kultur*. Edição consultada: *O mal-estar na civilização*. Ed. Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Rio de Janeiro: Imago, 2ª edição, Vol. XXI, 1987, p. 116.

<sup>174</sup> Id., p. 117.

Além disso, a descoberta de que o homem é o lobo do homem – *Homo homini lupus*<sup>175</sup> – também redimensiona sua compreensão do problema da felicidade no intuito de incluir a não satisfação da agressividade entre os sacrifícios que a civilização exige do homem. Ele nos diz que o homem trocou uma boa parte de suas possibilidades de ser feliz por uma parte considerável de segurança, proporcionada pelo controle da agressividade e da destrutividade. A tendência a destrutividade constitui, portanto, o maior impedimento à civilização. Assim, percebe-se que

“(…) a civilização constitui um processo a serviço de Eros, cujo propósito é combinar indivíduos humanos isolados, depois famílias e, depois ainda, raças, povos e nações numa única grande unidade, a unidade da humanidade. Porque isso tem de acontecer, não sabemos; o trabalho de Eros é precisamente este. Essas reuniões de homens devem estar libidinalmente ligadas umas às outras. A necessidade, as vantagens do trabalho em comum, por si sós, não as manterão unidas. Mas o natural instinto agressivo do homem, a hostilidade de cada um contra todos e a de todos contra cada um, se opõe a esse programa da civilização. Esse instinto agressivo é o derivado e o principal representante do instinto de morte, que descobrimos lado a lado de Eros e que com este divide o domínio do mundo. Agora, penso eu, o significado da evolução da civilização não mais nos é obscuro. Ele deve representar a luta entre Eros e a Morte, entre o instinto de vida e o instinto de destruição, tal como ela se elabora na espécie humana. Nessa luta consiste essencialmente toda a vida e, portanto, a evolução da civilização pode ser simplesmente descrita como a luta da espécie humana pela vida.”<sup>176</sup>

A inclusão do instinto de morte leva Freud a se questionar sobre quais seriam os mecanismos de que a civilização se utiliza para inibir tal tendência. A possibilidade de resposta surge através do estudo da história do desenvolvimento do indivíduo. E ele vai nos mostrar que a agressividade do sujeito é como que enviada de volta para o lugar de onde se originou, ela é internalizada, ou melhor ainda, direcionada para o próprio ego do sujeito. Sendo assumida por este ego, volta-se contra ele, dando origem ao superego, uma instância crítica extremamente severa para com o ego. A relação entre ego e superego é, invariavelmente, tensa. E é essa tensão que é nomeada pela psicanálise como sentimento de culpa, que se expressa como uma necessidade de punição. É, portanto, desta forma, que a civilização doma o instinto de destruição do homem, enfraquecendo e desarmando o sujeito ao instalar no interior dele uma instância tão severa como o superego.

Finalmente, depois do exaustivo exame das obras freudianas, com a entrada em cena do sentimento de culpa, temos em nossas mãos o último elemento que nos faltava para pensarmos o vínculo social. Freud procura nos mostrar que o sentimento de culpa possui uma

---

<sup>175</sup> Citação de Plauto, *Asinaria*, II, iv, 88. APUD FREUD, Sigmund (1927). **Das unbehagen in der kultur**. Edição consultada: **O mal-estar na civilização**. Ed. Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Rio de Janeiro: Imago, 2ª edição, Vol. XXI, 1987, p. 116.

<sup>176</sup> FREUD, Sigmund (1927). **Das unbehagen in der kultur**. Edição consultada: **O mal-estar na civilização**. Ed. Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Rio de Janeiro: Imago, 2ª edição, Vol. XXI, 1987, pp. 125-126.

dupla origem: provém, inicialmente, da angústia frente à recusa do amor, e, depois, da angústia frente ao superego. A primeira das origens refere-se basicamente ao temor sentido pela criança, quer ela tenha realmente feito algo ou apenas desejado, de ser castigada pela pessoa que ela investe como objeto de amor. Castigo este que assumirá a forma da privação do amor desejado. Esta origem, portanto, está localizada na relação interpessoal, ao contrário da segunda que é vivenciada somente no interior do sujeito, sendo marcada pela intrasubjetividade.

A angústia frente ao superego nos fala de uma internalização da autoridade. O superego é o herdeiro da agressividade e vai retorná-la contra o ego, de forma severa e cruel. É impossível esconder do superego os desejos proibidos. Ele está lá nos limites da consciência e do inconsciente, e, ao saber dos desejos proibidos do sujeito, aumenta a severidade para com o ego. Além disso, sua crueldade faz com que um sentimento de culpa acompanhe a renúncia da satisfação instintiva.

No entanto, à esta concepção, Freud procura acrescentar uma compreensão mais ampliada lembrando-se da ambivalência dos sentimentos da criança em relação ao pai. O amor e o ódio sentidos em relação ao pai produzem um conflito que faz com que a criança identifique-se com o pai, de forma a incorporar em si os aspectos odiados, os relativos a autoridade. Tal incorporação transforma o superego no herdeiro da agressividade da criança em relação ao pai.

Esta ampliação da concepção do superego parece-nos, à primeira vista, contraditória com a concepção que lhe deu origem. Mas, para Freud, elas são complementares. O movimento a partir do exterior para o interior que determina a primeira formulação é complementado por um movimento já a partir do interior, fruto da ambivalência original de sentimentos, em relação ao objeto. Se compararmos o desenvolvimento do indivíduo ao desenvolvimento da humanidade, esta complementaridade se evidencia e, por isso, Freud retoma o mito da horda primitiva e o sentimento de remorso pelo ato de matar o pai que instituiu o sistema totêmico.

“Esse remorso constituiu o resultado da ambivalência primordial de sentimentos para com o pai. Seus filhos o odiavam, mas também o amavam. Depois que o ódio foi satisfeito pelo ato de agressão, o amor veio para o primeiro plano, no remorso dos filhos pelo ato. Criou o superego pela identificação com o pai; deu a esse agente o poder paterno, como uma punição pelo ato de agressão que haviam cometido contra aquele, e criou as restrições destinadas a impedir uma repetição do ato. E, visto que a inclinação à agressividade contra o pai se repetiu nas gerações

seguintes, o sentimento de culpa também persistiu, cada vez mais fortalecido por cada parcela de agressividade que era reprimida e transferida para o superego.”<sup>177</sup>

Esta compreensão da origem do sentimento de culpa permite a Freud derivar ainda duas outras importantes conclusões: sobre o papel desempenhado pelo amor na origem da consciência e sobre o papel do sentimento de culpa na origem da civilização, sua fatal inevitabilidade.

“Matar o próprio pai ou abster-se de matá-lo não é, realmente, a coisa decisiva. Em ambos os casos, todos estão fadados a sentir culpa, porque o sentimento de culpa é expressão tanto do conflito devido à ambivalência, quanto da eterna luta entre Eros e o instinto de destruição ou morte. Esse conflito é posto em ação tão logo os homens se defrontem com a tarefa de viverem juntos. Enquanto a comunidade não assume outra forma que não seja a da família, o conflito está fadado a se expressar no complexo edipiano, a estabelecer a consciência e a criar o primeiro sentimento de culpa. (...) Visto que a civilização obedece a um impulso erótico interno que leva os seres humanos a se unirem num grupo estreitamente ligado, ela só pode alcançar seu objetivo através de um crescente fortalecimento do sentimento de culpa. O que começou em relação ao pai é completado em relação ao grupo. Se a civilização constitui o caminho necessário de desenvolvimento, da família à humanidade como um todo, então, em resultado do conflito inato surgido da ambivalência, da eterna luta entre as tendências de amor e de morte, acha-se a ele inextricavelmente ligado um aumento do sentimento de culpa, que talvez atinja alturas que o indivíduo considere difíceis de tolerar.”<sup>178</sup>

O que vimos até o presente momento, através de uma leitura atenta e sistemática das obras sociológicas de Freud, nos capacita, acreditamos, a pensar o fenômeno das *torcidas organizadas de futebol* pelo referencial psicanalítico do vínculo social. Freud, ao longo de suas obras, procurou nos mostrar as ambivalências, os conflitos, os paradoxos e as contradições que permeiam as relações sociais, o desenvolvimento do sujeito e o desenvolvimento da civilização e da cultura. Mas, mais do que isso, procurou nos conduzir, principalmente através de *O mal-estar na civilização*, para a descoberta da essência da civilização: sua tendência à massificação, à repetição, à homogeneidade e à destruição. Aqui reside o caráter trágico dessa sua obra, lembrando que o trágico, em sua origem grega, comporta uma sabedoria de viver, isenta de conotações morais.

Temos, finalmente, na psicanálise, a compreensão de um sujeito

“Capturado pelo próprio desejo recalcado, que desconhece, e pela tentativa de se aproximar das imagens idealizadas que lhe oferecem moldes impossíveis para a totalidade da sua subjetividade, o indivíduo buscará inútil e incessantemente nos outros a sua imagem especular e a verdade do seu

---

<sup>177</sup> FREUD, Sigmund (1927). *Das unbehagen in der kultur*. Edição consultada: *O mal-estar na civilização*. Ed. Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Rio de Janeiro: Imago, 2ª edição, Vol. XXI, 1987, p. 135.

<sup>178</sup> Id., pp. 135-136.

ser. É este o drama do sujeito humano, que só ascende à sua condição de ser da cultura e de membro da sociedade através do mesmo processo que inaugura o desconhecimento do seu próprio desejo e a alienação da verdade do seu ser.”<sup>179</sup>

---

<sup>179</sup> PACHECO FILHO, Raul Albino. “O conhecimento da sociedade e da cultura: a contribuição da psicanálise”. *Psicologia & Sociedade*; 9 (1/2): p. 128; jan./dez. 1997.

# Capítulo VI

## Entrevistas

## Entrevista 1

Nome: D. B. C. / Idade: 23 anos

**Pesquisador (P):** D., o que você faz atualmente?

**Entrevistado (E):** Sou agente de viagens, trabalho com turismo e sou aluno de Psicologia da UNICASTELO.

**(P):** Você trabalha o dia inteiro?

**(E):** É, o dia inteiro, horário comercial.

**(P):** Você estava me falando que já foi de Torcida Organizada?

**(E):** É, no ano de 85 ou 86 eu trabalhava numa empresa, a Planalto, trabalhava de *office boy*. Tinha um cara lá, o Eduardo. Ele era fanático pelo São Paulo, era sócio da Independente há muito tempo. Ele também era *office boy* e a gente trabalhava junto. Ele vivia comentando sobre a torcida. Eu trabalhei lá mais ou menos um ano. Exatamente quando eu tinha 13 anos ele me levou para a torcida. Ele tinha 17, 18 anos já e de tanto comentar ... Eu, para minha idade, já tinha um corpo grande, aliás sempre fui maior do que a média das pessoas da minha idade. Aí eu fiz a carteirinha da Torcida Independente, paguei uma taxa e tal, e fui duas vezes pela Torcida Independente para o estádio. Mas eu não gostei muito da experiência.

**(P):** Porque?

**(E):** Primeiro assim, ele usava droga. Eu sabia e nunca usei. E era um negócio assim: 'quem usava droga tinha ponto, ah! eu uso droga então eu sou o bom.'

**(P):** Mas, isso era dentro da torcida?

**(E):** Não, pelo menos não ficou claro para mim se era dentro só da torcida. Isso já vinha da nossa relação dentro da empresa. Aí eu fui para um jogo, encontrei com ele, nós saímos da sede da torcida e pegamos o ônibus. Dentro do ônibus rolava droga também. Mas até então ninguém obrigava a usar droga. Ele já usava e já sabia que eu não usava, não me forçou, me apresentou para as pessoas. As pessoas foram super receptivas e tem até um tipo de batizado que eles fazem para quem é novo na torcida. Tem uma coisa muito legal...

**(P):** O que é esse batizado?

**(E):** O batizado é assim, você é novo, está entrando agora. Há um tempo atrás, nesse período que eu entrei, o batizado deles para você entrar na torcida, era arrumar alguma confusão, até com cara de outro time mesmo. Você tem que arrumar uma briga e fechar o pau. Aí você é

um cara marcado que já participou de briga e tal. Eu não fiz isso. Então quando não tinha esse batizado, o batizado era dentro da torcida mesmo, você ia brigar com alguém da torcida.

**(P):** Você passou por esse batizado?

**(E):** Eu tive um início desse batizado aí, mas eu me livreí por causa do Eduardo. Ele era até um membro de nome na torcida, ele acabou me aliviando. Mas, eu cheguei a tomar uns empurrões dentro do ônibus, de brincadeira de empurrar, de tomar tapa na cabeça. Isso foi assim ... Aí fui para o estádio, fiquei normal na Torcida Independente, mas eu achava tudo aquilo muito estranho. Aquela coisa de gritar, de brigar, de arrumar confusão, de xingar, no ônibus mesmo, pela janela, dependurado no ônibus. Eu achei meio estranho porque não tinha muito a ver com a minha realidade. Mas achei legal, brinquei também, o São Paulo até ganhou. Era Campeonato Paulista, não lembro contra quem. O São Paulo ganhou e, inclusive, o Muller fez dois gols. Aí depois, pela torcida ainda, eu fiquei um tempo sem ir ao estádio, fiquei um tempo sem pagar, porque você tem que pagar uma mensalidade todo mês. Aí eu voltei, o Eduardo ficava me cobrando e eu voltei. Paguei umas quatro mensalidades atrasadas para poder continuar filiado à torcida. Eles mandavam umas cartas e tal. Aí fui num jogo contra o Corinthians. Aí achei o negócio mais pesado. Era uma batalha, tinha toda uma estratégia de quem vai de ônibus, quem vai de metrô, a rua, como e onde se encontrar. Eu ficava com muito medo. Eu era sempre muito medroso com esse negócio de briga. Medo de apanhar, sei lá. Foi no Morumbi esse jogo e o ônibus tinha que ficar algumas quadras longe... Mas, deixa eu contar um fato do trajeto. No caminho, na Av. Rebouças, tinha três ônibus, eu estava no da frente. Tinha gente que estava pendurada no ônibus, estava em cima do ônibus, atrás no pára-choque. Estava um puta de um trânsito, então eles desciam do ônibus e ficavam do lado de fora e iam mexer com as mulheres... Se encontrava alguém do outro time aí xingava o cara, tentava virar o carro do cara. Até que veio a polícia. Pegou uns dois que estavam dependurados do lado de fora do ônibus. A polícia liberou, mas foram de batedores atrás, até o estádio. Aí chegou no estádio e um medo de sair do ônibus para caminhar até o estádio, porque se encontra uma turma da Gaviões, sai briga. Dá medo de apanhar. Aí, tudo bem, fomos. Chegamos no estádio e aí teve uma confusão muito feia dentro da torcida porque o mando do jogo era do São Paulo, mas a torcida do Corinthians era maior. Então eles acabaram invadindo grande parte do espaço para o São Paulo. A torcida era muito maior, mas à nível do time o São Paulo era muito bom.

**(P):** Era a época que ficou conhecida como a dos Menudos do Morumbi, não é?

**(E):** Exatamente. E ... a polícia não teve como conter a Gaviões. Eles tomaram parte do espaço da Independente. A Independente não queria isso. O espaço é nosso, por mais que não



caiba e que tenha pouca gente, mas é nosso. Então fechou o pau. Era um tal de atirar latinha, garrafa e porrada mesmo. Eu até acabei tomando umas porradas também, inclusive, acho que foi de são paulino. Eu não estava uniformizado, nessa época eu não andava uniformizado. Aí eu acabei tomando umas porradas lá, e dando porrada também, porque você acaba gostando da brincadeira. Depois disso eu acabei não indo mais em estádio com a torcida. Porque, também sai da empresa, perdi o contato com o Eduardo, ele foi mandado embora porque teve um problema lá, a mãe dele trabalhava na empresa também e faleceu. Aí eu não fui mais pela Independente, mas mesmo assim eu ainda fui para estádio.

**(P):** Onde você ficava nessas vezes?

**(E):** As vezes que eu fui eu fiquei na torcida mesmo, na Torcida Independente.

**(P):** Na geral?

**(E):** Na geral, mas tem uma ala lá, não sei se é parte da Torcida Independente ou o que é. Uma vez eu fui e fiquei junto com outra torcida do São Paulo. Não era a Independente mas era uma torcida até grande, eu esqueci o nome, achei os caras muito folgados. Eu estava no espaço deles, reservado para a bateria deles e senti exatamente no meio onde fica a bateria. Então os caras chegam e vêem que você está lá e aí começam a bater o bumbo na sua cabeça, fazendo barulho para você se levantar. Nunca que eles vão chegar e pedir licença por que esse é o espaço deles, independente de você ser são paulino ou não. O espaço é deles. Então eu me senti expulso do lugar, fiquei chateado porque acabei sem lugar para ficar sentado. Tive que ficar em pé.

**(P):** Ou você faz parte do grupo ou está fora. Você percebeu alguma coisa entre as torcidas do São Paulo?

**(E):** Tem isso sim. A maior disputa deles é quem é maior e quem é mais forte. Já está estabelecido que a Independente é a torcida, né. Tem outras torcidas tentando chegar, mas ela é a maior.

**(P):** E a TUSP?

**(E):** Acho até que foi a TUSP, ela é a segunda. Então tem realmente uma disputa, eles não se misturam.

**(P):** Mas tem briga entre eles?

**(E):** Acho que tem. Eles ficam jogando piadinha uns para os outros, mas eu nunca vi porrada mesmo. Eu também não percebi se, tipo assim, a Independente está brigando com uma outra torcida, se eles entram para ajudar. Pelo menos, essa briga que teve, como foi do lado da Independente, eles não entraram, também nem tinha como porque eles teriam que atravessar todo o estádio. Ao contrário da torcida do Corinthians. Porque eu já tive a experiência ... Acho

que foi na final de 92 que o São Paulo fez a final de juniores contra o Corinthians, foi no Pacaembú. Foi antes daquela guerra que foi em 95. Foi no ano que subiu para o profissional o Catê e outros jogadores muito bons. Acho que ele está jogando no Chile, se não me engano. Mas, aí eu fui e era portão aberto no Pacaembú. Só que eu cheguei atrasado e estava super lotado. Eu cheguei e, ainda bem que eu não estava com camisa do time, e eu levei um moleque. Estávamos em três: eu, um amigo corinthiano e este moleque que na época estava com uns dez anos. E ele é meu irmão de leite, aquelas coisas, minha mãe que amamentou ele e tal. Eu estava com uns 17 anos, a responsabilidade era minha. Aí a gente chegou e como estava super lotado, quando os caras arrombaram o portão, a gente entrou. Eu nunca tinha ido ao Pacaembú e já caí na arquibancada. Quando eu entrei na arquibancada eu estava no meio da Pavilhão 9. Olha, sinceramente, eu nunca fiquei com tanto medo na minha vida como fiquei naquele dia. Quando eu entrei eu fiquei olhando para o campo e quando eu olhei para o lado só tinha corinthiano, Pavilhão 9, Pavilhão 9. O meu amigo corinthiano só ficou dando risada e dizendo que ia gritar para todo mundo que tinha um são paulino ali. ‘Se você abrir a boca eu vou gritar que você é são paulino e você vai morrer.’ Brincadeira...

**(P):** Brincadeira?

**(E):** Não era muito não. Mas foi muito engraçado porque o time do São Paulo era muito bom. O São Paulo ganhou de 4 a 2 do Corinthians. E teve alguns momentos que a gente não conseguia se conter. E o pessoal do Corinthians é incrível como eles são religiosos, passam o jogo inteiro ajoelhados, eles rezam, eles choram, eles pegam a camisa e ficam fazendo com ela um tipo de terço, entendeu, para ficar rezando. É uma coisa assim que na torcida do São Paulo eu nunca vi isso, não vi mesmo.

**(P):** Como é que você caracterizaria as diferenças entre uma e outra?

**(E):** É até engraçado porque acaba sendo meio preconceituoso a coisa, não sei como é. A coisa da dedicação... eu nunca parei para pensar nisso. Eles são mais fiéis, mais dedicados.

**(P):** Não é só lenda então?

**(E):** Não é não. Está no sangue deles. Eles realmente sofrem com o time. Acho que é ao contrário da torcida do São Paulo. Pelo menos, as vezes que eu fui, eu não vi um sofrimento, até porque não tinha. Quer dizer, acho que tem um pouco da história do time. O momento que eu estava indo para a torcida do São Paulo não tinha sofrimento. Então era alegria. O São Paulo era campeão, o time era bom, você só queria festejar. O Corinthians não, era sofrimento. Aí já é um dado, parece que o corinthiano gosta de sofrimento, né. Os corinthianos são sofredores e gostam dessa imagem e tal. Aí teve uma cena engraçada, aliás, duas. Uma delas, inclusive, o São Paulo estava com 2 a 0 em cima do Corinthians e a gente

estava tirando sarro daquele meu amigo e ele ameaçando a gente. Até aí na brincadeira, mas aí o São Paulo fez o terceiro gol e, olha, a gente fica numa emoção lá dentro. É um negócio que contagia. A nossa sorte é que quando a torcida do São Paulo levantou para vibrar, a torcida do Corinthians levantou para xingar. Aí a gente comemorou, mas xingando também. Depois disso deu vontade de levantar e ir embora. Mas o Juninho queria ficar e o São Paulo estava jogando muito bem. Aí, a gente acabou ficando né. Aí os corinthianos estavam querendo arrumar uma briga e é aí que eu acho que começam os problemas, com a coisa da derrota as pessoas querem descontar de algum jeito. Aí eu não sei como eles descobriram um são paulino lá embaixo, um cara com a camisa do São Paulo lá embaixo. Os caras, não sei como, pulam da arquibancada, foi porrada de tudo quanto é jeito, o cara foi espancado. Aí veio os policiais, separaram e tal, prenderam alguns corinthianos e o cara saiu de lá. Outra cena engraçada: tinha um cara vendendo amendoim, um negrão forte com um sacão de amendoim. De repente, um cara deu uma voadora nas costas dele. Ele caiu e o cara começou a jogar o amendoim para todo mundo. E o cara estava com a camisa do Corinthians, o que estava vendendo amendoim, era corinthiano. O cara que deu a pesada estava com um grupo de pessoas, quer dizer, e o do amendoim viu e foi embora, deixou o amendoim lá e todo mundo comeu, até eu comi amendoim.

**(P):** Você já tinha ido em estádio antes de entrar para a Independente?

**(E):** Não, o meu primeiro contato com estádio foi junto com a Torcida Organizada. Onde eu fiquei realmente com medo, tanto que eu nunca mais fui para estádio, foi num jogo da Libertadores da América, São Paulo e Flamengo. O São Paulo ganhou de 2 a 1 ou 3 a 2, gols de Muller e Cafu. A gente tinha comprado ingresso de arquibancada, mas a gente chegou lá e o estádio estava fechado, por conta da desorganização deles lá. Aí eu já não sabia que torcida que era, se era a Independente ou outra, só vi que eu estava no meio da torcida do São Paulo querendo arrombar os portões. Então ficava a torcida do São Paulo do lado de fora e a Cavalaria do lado de dentro. Aí teve uma hora que ia derrubar mesmo as grades. E aí a Cavalaria vinha para cima. Quando a Cavalaria vinha para cima todo mundo recuava. Nessa de recuar tinham várias barracas que ficam na rua e o pessoal caía por cima das barracas. Então foi isso umas duas vezes. Foi e voltavam, foram e voltavam. Na terceira, que a polícia veio mesmo para bater ... Porque até então eles estavam só assustando, jogando o cavalo em cima da gente, o pessoal literalmente caiu em cima das barracas. E teve uma cena muito engraçada: teve um cara que caiu com a mão na chapa de uma mulher. Ela ficou revoltada que derrubaram a barraca dela e começou a jogar óleo quente no cara. Aliás, não só nele como em todo mundo. Aí todo mundo saiu correndo e tal. Depois tentaram organizar uma fila de

entrada para a geral. Eu tinha comprado ingresso para arquibancada, achei muita sacanagem, tive que ir para a geral e paguei pela arquibancada. Agora, enquanto estava na fila, só dava os policiais jogando os cavalos em cima da gente. Eu fiquei com medo porque você não sabe se o cavalo vai morder. Isso aí foi o mais constrangedor para mim. Na fila, o cara colocava e cavalo bem perto da sua cara, você olhava e, de repente, o cavalo estava no meu rosto. Aí eu acho que eles já estavam abusando da autoridade. Eu acho que tem um abuso de autoridade muito grande por parte do policial.

**(P):** Você acha que a polícia, de forma geral, lida com a torcida usando de violência?

**(E):** Acho que não dá para a gente julgar o que faz a polícia violenta. Ela é violenta. Isso aí eu acho que deveria ter um preparo muito grande para lidar com os torcedores.

**(P):** E a torcida?

**(E):** Também é muito violenta, diga-se de passagem. Às vezes você fica pensando de onde os caras tiram tanta criatividade, por exemplo, o lance do cara do amendoim. Sei lá, ele deu amendoim para todo mundo, mas teve a capacidade de dar uma voadora no cara para tirar dele o amendoim. Sei lá, por um lado ele até fez uma boa ação, mas não desse jeito, foi absurdo.

**(P):** Você estava falando da brincadeira de seu amigo corinthiano naquele jogo e queria te perguntar se você conhece muita gente de outros times, de outras torcidas. Como é a relação com eles?

**(E):** Conheço, meu relacionamento é sem problemas. Até mesmo porque não são pessoas ruins, até tem alguns que são realmente de Torcida Organizada, mas...

**(P):** Como assim?

**(E):** Ah!, aqueles caras que brigam, não aceitam discussão, sabe, que fica bravo mesmo por causa do jogo. Tem um caso, da família de um rapaz, amigo meu, que são todos corinthianos. Desde o pai até o último filho são todos corinthianos, e eu sou o único são paulino. Faz tempo, inclusive, que eu não vou assistir jogo lá. Eu ia na época em que o São Paulo ganhava realmente do Corinthians. Era muito legal assistir jogo com eles. Esse meu amigo joga futebol então ele se põe de entendido, escala o time, fala quem é e quem não é ... Na época era o Raí e ele dizia que não jogava nada e tal. E eu perdia se tentasse discutir futebol com ele. Eram três, quatro, todos no seu ouvido. Fica uma gritaria na sala da casa dele. O jogo começava e o São Paulo ia lá e ... pau. Aí era muito legal, eu achava isso super bom porque aí eles começavam: 'É... não... também olha o time do Corinthians...' Eles começavam a já querer justificar a derrota, ao passo que outras pessoas não aceitam, dão desculpas ou sai da sala, não quer mais assistir o jogo, é muito por aí. Ou então fica justificando: 'o juiz roubou e tal...'

**(P):** Ou quando o juiz rouba a favor deles, eles também ficam encontrando razões "justas"...

**(E):** Exatamente!

**(P):** D., na sua casa é só você que torce para o São Paulo?

**(E):** Na minha casa é assim: a minha mãe e a minha vó torcem para o São Paulo porque eu torço para o São Paulo, é bem claro isso; a minha irmã é corinthiana, ela tem 19 anos e é fanática pelo Viola.

**(P):** Então ela deve ser santista porque o Viola está jogando na Vila...

**(E):** Sabe que eu não perguntei isso para ela. Ela tem pôster do Viola no quarto, mas acho que ela continua corinthiana porque agora ela está gostando também do Marcelinho Carioca. O meu pai é santista, mas não é muito fanático, só quando o Santos está ganhando é que ele fala que é. Mas eu percebi agora, quando teve um jogo entre São Paulo e Santos, que ele não tem estrutura para discutir. Eu vi que ele ficou muito irritado. Porque foi assim, eu também fiquei irritado. Teve dois jogos. Teve um que o Santos ganhou de 1 a 0 do São Paulo e eu fiquei muito irritado e aí eu queria sair para a rua. Sabe quando você está meio triste, elaborando ainda a derrota e chega uma pessoa e fala: 'E aí, tem são paulino ainda aí?' Sabe, fiquei puto, não estou a fim de ouvir. E ele ainda ficou enchendo o saco. Ele viu que pegou no meu fraco, vê que a pessoa está irritada..., naquele dia eu realmente saí para a rua. Tive que sair porque não tem nada a ver, eu vi que não era hora de confundir as coisas lá dentro. Daí, teve uma vez, até para descontar, que eu fiz o mesmo e eu percebi que peguei no ponto. Quem teve que sair foi ele.

**(P):** Como é que você foi sair são paulino sendo filho de um santista?

**(E):** Eu não sei, aliás eu vim pensando como é que fui escolher ser são paulino. Eu não tenho muito claro isso. Porque antes de ser são paulino acho que já torcia para outro time. Eu não lembro qual era, mas quando eu era criança, né. Eu lembro que comecei a torcer para o São Paulo na década de 80. Aliás, muitos são paulinos são da década de 80.

**(P):** Isso tem algo a ver com o momento em que o time começou a ganhar mais títulos?

**(E):** Tem tudo a ver.

**(P):** Você também começou a torcer porque era o time que estava ganhando.

**(E):** É, foi porque o time estava ganhando.

**(P):** Antes você torcia provavelmente para o Santos?

**(E):** Não, não era para o Santos (risadas). Eu acho que era para o Corinthians. Mesmo porque o Santos não ganhava nada também. Era para o Corinthians porque ele estava saindo de muitos anos, acho que foram 23, de sofrimento, sem título...

**(P):** Volta e meia tem briga em casa por causa de futebol?

**(E):** Não é muito freqüente, mas geralmente tem umas discussões e tal. Agora, tem uma coisa que eu acho interessante. Tem uma questão que é assim: há uma tendência de que todo cara negro e forte, ele tem ou há um estereótipo de que ele seja corinthiano. Ou pobre, ele é corinthiano, entendeu. Isso é muito claro. Isso é muito interessante. Porque quando eu falo que eu sou são paulino, a primeira coisa que os caras falam é: ‘um puta negão desse, são paulino?’ O são paulino, por conta dos Menudos e tal, ele é tido como um time de elite, pessoas de uma classe social mais elevada e tal.

**(P):** Mas, essa imagem não mudou muito depois da década de 80?

**(E):** Não, ela continua, tanto que a sede é no Morumbi ... Mas, a torcida cresceu muito sim depois desta época. Eu mesmo gostava muito de ser da torcida. Eu adorava a minha carteirinha da Independente, era a primeira na minha carteira, vivia mostrando, isso ainda adolescente. Impunha respeito. Todo mundo já sabia que era um grupo forte, tem mais amigos, já é homem e tinha a coisa também de ser vencedor. E aí você fica diferente porque, por exemplo, se você pega a torcida do Corinthians, a Gaviões, você vê muita gente, o povo, o sofrimento, é um povo sofrido, pobre ... Engraçado isso ... porque até quem não é corinthiano acaba, pela tangente, sendo corinthiano. Tem uma coisa de respeitar eles. São maioria, é impressionante isso... Pensando nisso, nessa coisa da torcida, me lembrei agora que eu estava assistindo uma dessas mesas redondas aí da Copa, e perguntaram para o Gerson, acho que era ele, o que ele achava sobre quem influencia quem, questionando se é o time que incentiva a torcida ou se é a torcida quem incentiva o time. E ele falou que é o contrário, que é o time que incendeia a torcida. E eu acho que é verdade. Eu acho que se o time está bom, e para estar bem não precisa estar ganhando, ele estava falando sobre a seleção, se o time está bem, se está jogando para frente, está jogando com determinação, a torcida gosta. Igual à torcida do Corinthians. Por isso que a torcida fala que quando o jogador vem para o Corinthians, ele tem que jogar bola e se estiver perdendo vai ter que ralar no gramado, porque a torcida incentiva isso. Perdendo ou ganhando ela vai torcer. E aí eu acho que quando o time promove um tipo de agressão no campo, eu acho que reflete na torcida. Normalmente, quando sai briga entre os times dentro de campo, sai briga na torcida também. Isso não justifica, é claro. Mas acho que tem alguma coisa por aí.

**(P):** D., como é que você vê os símbolos da torcida? No caso da Independente é o santinho. O que ele te passa? Da carteirinha você já falou, do status que ela te dá, mas como é a camisa, como é ver isso dentro do estádio? Como é ver um estádio cinquenta por cento ocupado com gente com as mesmas camisas, as faixas, as bandeiras, os bandeirões?

**(E):** Eu não tinha parado para pensar sobre isso. Eu acho bonito. Eu acho que em ritmo de festa fica muito bonito. As cores da Independente dão um contraste muito grande. Quanto à imagem, a imagem do São Paulo é o santinho, é o São Paulo, eu não sei muito da história do São Paulo. Agora, o São Jorge tem a ver com o Parque São Jorge. Mas, é engraçado porque tem a ver com o candomblé. Você pensa no São Jorge, você pensa no candomblé, na umbanda, né. Aí você vai pensar no negro, porque é uma cultura negra. Então o time acaba sendo realmente do negro, porque é um povo mais sofrido e tal. É engraçado como as coisas são ligadas. Agora, do São Paulo, nunca parei para pensar no símbolo.

**(P):** O que você acha da relação entre o símbolo e o comportamento da torcida?

**(E):** Não tem nada a ver, eu acho que não tem nada a ver. Um santo? A torcida não é santa. Aliás, não tem nada a ver mesmo porque eles fazem de tudo para mostrar força, é totalmente o contrário. E os cantos e os xingamentos que eles fazem são de uma criatividade única. Mas são sempre para mostrar quem são os maiores e os mais fortes. Quem é mais homem.

**(P):** Tinha mulher no meio da torcida?

**(E):** Tinha, mas muito pouca. Sempre namoradinha de alguém, ninguém mexe. Aí você vê que elas se identificam sempre com o líder da torcida, com o mais arruaceiro, o que organiza as brigas, o que organiza até as drogas mesmo. Elas se identificam com eles. Mas, isso não é só na torcida, você vê isso aí fora o tempo todo.

**(P):** Mas, são só as mulheres? E os homens, eles também não se identificam com os líderes?

**(E):** Com certeza. Eu particularmente me sentia muito seguro do lado do Eduardo. Porque ele tinha uma presença marcante na torcida, ele vivia lá. Ele tinha uma certa liderança e eu acho que a gente tem a tendência de se identificar com quem tem essa liderança, é forte ... Engraçado ... porque ele era super magro, eu era mais forte do que ele, magrelo, magrelo de tudo. Muito engraçado isso.

**(P):** Bem, D. muito obrigado pela entrevista.

**(E):** Obrigado você, foi super legal porque me botou para pensar um monte de coisa e lembrar de outras. Foi legal.

## Entrevista 2

Nome: V. P. / Idade: 31 anos

**Pesquisador (P):** V., o que você faz na torcida atualmente?

**Entrevistado (E):** Hoje eu sou do Conselho Administrativo da Mancha Verde.

**(P):** Mas, a torcida não está desativada?

**(E):** Mesmo com ela desativada.

**(P):** Por que você veio para a torcida? O que te trouxe?

**(E):** Bom, isso é uma história um pouco mais antiga. Eu sempre participei de movimento. Antigamente eu pertencia a um movimento, o MR8 e eu sempre estive dentro de movimento. Sempre foi uma coisa que me tocou forte, esse negócio de movimento. E quando eu optei por sair do movimento político, eu senti falta de estar envolvido em alguma coisa. Aí a Mancha estava crescendo e tal e eu optei por entrar.

**(P):** O MR8 é de que época mesmo?

**(E):** O MR8, ele surgiu em 1967, outubro de 1967, teve uma atividade política muito forte durante a ditadura militar e permanece vivo até hoje. Eu saí do MR8 em 90, no finalzinho de 90.

**(P):** Você ficou quantos anos no MR8?

**(E):** Eu entrei no MR8 com 13 para 14 anos. Aí eu fiquei lá desde 81, por aí, até 90. Quando eu saí fiquei um tempo fora de qualquer movimento e depois entrei na Mancha.

**(P):** Porque optou por sair do MR8?

**(E):** Eu saí porque chega um momento em que você cansa de dar murro em ponta de faca. A idade começa a chegar, você tem que cuidar da vida, tem que construir alguma coisa na vida e a militância política exige muito, exige cem por cento da sua vida. É dia, noite, final de semana, madrugada, direto, então você fica ...

**(P):** Por falar em cuidar da vida, o que você faz atualmente?

**(E):** Atualmente eu estou na Mancha, eu trabalho numa empresa do Estado, na FEPASA, e voltei a estudar agora. Estou fazendo o 3º ano do 2º grau.

**(P):** Casado?

**(E):** Solteiro.

**(P):** Voltando um pouco para tua história, a saída do MR8 e a entrada na Mancha, você sempre foi palmeirense?

**(E):** Sempre palmeirense!

**(P):** Nasceu palmeirense?

**(E):** Com certeza!

**(P):** Na tua casa como é? Tem mais alguém que é palmeirense?

**(E):** Todos! Isso é inadmissível! Não entra na família quem não seja palmeirense!

**(P):** Tem mais alguém que também participa de torcida?

**(E):** Ninguém, eles gostam muito de futebol mas assistem em casa, na televisão...



O que também é legal, mas ... Mas não dá a emoção que tem no estádio. Não se compara. Se você olhar as fotos ali, dá para imaginar o que é, entendeu. São os plásticos, a fumaça, o bandeirão ... A emoção é um negócio completamente diferente.

**(P):** Como assim?

**(E):** Isso passa, com eu estava te falando, quando eu saí do partido e entrei na Mancha e, logo depois, eu entrei na área de patrimônio. Logo quando eu entrei na Mancha a gente começou a cuidar do patrimônio. E o patrimônio era bem isso, cuidar de todo o material que você leva para dentro do estádio: faixa, bandeira, bandeirão, plástico picado, fumaça, tudo isso. Quer dizer, então, às vezes quando a gente tinha um jogo mais importante, passava a noite preparando material e tal. É uma coisa super gratificante. Porque você fazia aquilo com uma vontade de ver a festa da arquibancada que, as pessoas podem criticar muitas coisas, mas eu nunca vi ninguém falar que era feio. Feio não tem como, sabe. É um negócio super legal você ver a emoção da garotada de estar soltando uma faixa, abrindo uma faixa, de estar ali gritando, de estar ali com a sua camisa. Então, é um negócio que acaba cativando muito. E a emoção de ir para um estádio, bicho, passa por isso de você estar ... Quando você vai assistir um show, você não é a festa. Claro que num campo de futebol você não é o ponto principal. O ponto principal é a partida em si. Mas a festa que a torcida fazia na arquibancada, fazia com que a gente fizesse um pouco da beleza do espetáculo. Então a gente se sentia como parte integrante daquela festa. Não simplesmente como você pagar o ingresso, sentar, assistir um jogo e ir embora para casa. Hoje em dia cai nisso. Você não participa da festa. Você vai lá, paga o seu ingresso, assiste o jogo, perdeu ou ganhou, você vai embora.

**(P):** Pelo fato de não estar uniformizado ...

**(E):** Você não pode pôr a camisa da torcida, não pode levar sua bandeira, não pode levar sua faixa, você não pode se identificar como torcedor. Quer dizer, você é simplesmente mais um. Aí perde a emoção completamente. Porque o legal é você estar participando da festa, estar fazendo aquilo por uma entidade que você gosta, por pessoas que você se sente bem, esse é o legal da coisa.

**(P):** Você falou na alegria de uma garotada. Tinha muita? Diminuiu hoje com a proibição às torcidas?

**(E):** Não, na verdade, a partir do momento que a torcida não pode entrar no estádio, é óbvio que muitas pessoas se afastam. Mas o pessoal que estava no dia a dia continua aí. Hoje a gente tem o bloco de carnaval que foi campeão. Fomos campeões do último carnaval e agora vamos para o grupo especial. E o pessoal está em atividade. É claro que algumas pessoas se afastaram, mas tem muita gente que está aí, tem muita gente nova que está chegando ainda.

**(P):** Com o bloco de carnaval onde e como vocês estão se reunindo?

**(E):** A Mancha, no momento, está sem uma sede social, mas já tem um terreno onde vai ser construída nossa quadra que é ali na continuação da Av. Pacaembú, uma região central. E, no momento, a gente tem se reunido ali, no terreno, até o pessoal começar a se acostumar com o local e poder, daqui para frente, começar a construir.

**(P):** Com uma quadra vocês vão entrar de cara no carnaval?

**(E):** Nós já somos campeões e vamos buscar o bicampeonato agora.

**(P):** Tem muita garotada participando?

**(E):** Tem, tem muita garotada e tem muita gente nova chegando que se soma ao pessoal mais antigo também.

**(P):** De onde o pessoal vem?

**(E):** Da cidade inteira. Tem gente de tudo quanto é canto, desde o fundo da Zona Leste até o fundão da Zona Sul. Tem gente da cidade inteira. É legal porque, pelo menos para mim que participei de movimento político, então você vê gente de todo o tipo. Entendeu, você vê o cara que tem uma situação financeira um pouquinho melhor, vê o cara que não tem grana, mas que está ali no dia a dia. Essa questão eu acho muito importante na torcida uniformizada, pelo seguinte: muita gente diz ‘Ah, vocês gostam mais da Mancha do que do Palmeiras’. Na realidade não é isso. Nós amamos o Palmeiras, sem o Palmeiras a Mancha não existiria. Mas, o que torna, o que faz com que as pessoas gostem muito da torcida, as pessoas que frequentam, é que aqui o garoto que mora lá na periferia, que não tem atividade de lazer, não tem onde praticar um esporte, aqui, não é que ele mande, mas ele participa das coisas. Muitos deles não podem nem estar no clube porque não tem dinheiro para ser sócio. E, na torcida não. Na torcida ele participa do dia a dia, ele dá a opinião dele, ele compra a camisa dele, sai vestindo aquela camisa, você vê a felicidade estampada no rosto dele.

**(P):** O que mais a torcida oferece para esses garotos?

**(E):** A torcida oferece para essa molecada muitas coisas que os governos em si não oferecem. Por exemplo, as opções de lazer. Na próxima semana a Mancha começa um campeonato interno de futebol *society*, onde tem praticamente trinta times inscritos. Vais ser um campeonato que vai durar três meses. Essa molecada na periferia, eles não têm isso. Não tem praça de esporte e, onde tem, se o cara não for ou não estiver infiltrado ali com o pessoal mais barra pesada, de drogas e cacete que domina o local, então, se ele não estiver no esquema da droga ele não pode usar aquela quadra e até é, às vezes, ameaçado e tal. Então, nesse sentido, a torcida dá para o associado o que ele não tem, alguma condição, inclusive, de estar participando ativamente de algo. Porque hoje, infelizmente, a juventude não tem participação

política, não tem participação em praticamente nada, absolutamente nada. As uniões estudantis e os partidos não estão funcionando. Então muitos deles não vão para a escola, não tem participação em nenhum movimento, nem movimento de bairro, nem movimento estudantil. Mas, a torcida, de uma forma ou de outra, a gente passa uma conscientização de participação, de estar no dia a dia fazendo, isso é muito importante. Ninguém vive sozinho. Você precisa estar participando de alguma coisa, de alguma forma, da vida.

**(P):** Qual é papel então da torcida, da Mancha Verde, na vida dessas pessoas, principalmente os da periferia?

**(E):** Eu acho que em vários momentos você substitui como que a família dessas pessoas. Em várias situações a amizade que se tem aqui dentro não se tem com um irmão, por exemplo. Aquela amizade de estar no dia a dia, sabe, de estar precisando. Então vamos tentar ajudar, vamos ver de que forma a gente pode ajudar. É claro que com a Mancha fechada a gente tem muita dificuldade. Mas, a Mancha já distribuiu cesta básica, ela já pagou aluguel de associado. Antes da Mancha fechar a gente tinha um plano de saúde. Era a única torcida que tinha um plano de saúde.

**(P):** Isso é muito legal.

**(E):** Aí ... é muito fácil falar que é só violência, é só briga, é só marginalidade. É muito fácil pessoas que saem na rua com segurança porque tem medo do que acontece na rua, dizer que todo mundo é marginal. Na maioria das vezes a gente vê essa molecada desempregada, a família deteriorada ou alguém da família está preso ... Várias situações em que é muito fácil você dizer que fulano é marginal porque ele mora na periferia, ele está desempregado, a família está completamente deteriorada, destruída. Qual é a condição que você dá de uma pessoa dessas mostrar o lado bom? Então, simplesmente, muitas pessoas viram e dizem que é marginal. Mas essas pessoas têm a sua casa, tem alimentação, os filhos têm escola, tem bom emprego, tem um bom salário. Assim, é muito fácil criticar. Por exemplo: a Mancha vai construir a sede e, ao lado dela, da nossa quadra, nós vamos construir uma creche, entendeu. Uma creche que tem o intuito de realmente cuidar. É claro que nós não temos condições de cuidar aí da nossa criança brasileira, mas um pouquinho nós vamos fazer. Se todo mundo fizesse esse pouquinho que a Mancha está preocupada em fazer, talvez fosse muito melhor. A grande dificuldade é que a *mídia* só coloca o seguinte: ‘a Mancha é marginal, o Paulinho é marginal’. Agora, o dia a dia ninguém quer ver. Na hora que a Mancha faz campanhas, na hora que a Mancha paga aluguel de associado que está com dificuldades, na hora que a Mancha distribui cestas básicas, isso ninguém quer ver, isso não aparece no jornal. O carnal que, de uma forma ou de outra, você tira essa molecada da rua, coloca para dentro de uma

entidade onde ela tem que se preocupar com alguma coisa, onde ela tem que mostrar serviço. Porque isso é cobrado deles, entendeu: ‘pô, você ficou de ajudar lá no barracão...’ E, de repente, ele está até aprendendo a fazer alguma coisa, a fazer uma escultura, está aprendendo a fazer um pouco de marcenaria, de cortar, de fazer um carro. Quer dizer, num futuro a gente até pode ter algumas pessoas que vão estar ganhando a vida com isso.

**(P):** E como era isso quando a Mancha funcionava normalmente?

**(E):** No funcionamento normal da Mancha esse pessoal pintava bandeira, esse pessoa fazia o trabalho normal da torcida.

**(P):** Em um momento anterior você falou em torcida uniformizada. Tem alguma diferença entre a torcida uniformizada e a torcida organizada?

Não, não tem. É simplesmente um nome, porque na prática é a mesma coisa.

**(P):** Como é a relação de vocês com as outras torcidas? Primeiro, as do Palmeiras.

**(E):** Olha, eu acho que cada entidade tem que ter vida própria. Então, na realidade, é claro que com as torcidas do Palmeiras, o relacionamento é cordial, dentro do estádio ou quando a gente estava indo para o estádio. Mas, a partir disso, cada entidade tem a sua vida.

**(P):** Parece ter uma certa dose de rivalidade entre as torcidas do Palmeiras. Já aconteceu de brigarem?

**(E):** Já aconteceram brigas. Já aconteceram de divergências, mas nada mais sério, né. Veja bem, no momento que você está no estádio a adrenalina está à milhão e você tem uma série de preocupações. Às vezes, acontecem alguns fatos que não é o ideal que acontecessem. Mas, procurar culpado, às vezes, é muito fácil. Mas, em si, o respeito pelas torcidas do Palmeiras é bastante grande e cada um tem a sua vida própria e cada um toma as decisões que acha que tem que tomar.

**(P):** E as outras torcidas dos outros times?

**(E):** Eu tenho uma posição pessoal minha, eu não dou bola, entendeu. Eles estão lá, nós estamos aqui e cada um cuida da sua vida. Eu respeito todas elas como entidade, como organização, mas não tenho nenhum tipo de aproximação. Não tenho amigos em outras torcidas, mas vamos dizer assim também não diria que são inimigos.

**(P):** Mas, você conhece pessoas de outras torcidas? Como é sua relação com eles?

**(E):** Eu conheço. Eu acho o seguinte: é impossível você tentar conviver somente com pessoas que pensam igual à você, né. Então, eu convivo com pessoas, por exemplo, no colégio, pessoas que torcem para outro time, é um convívio normal. A grande dificuldade é que, às vezes, essa rixa, essa coisa que se criou de uma torcida com outra vem da própria rivalidade do futebol. Na 2ª Guerra Mundial, por exemplo, o São Paulo queria tomar o Parque Antártica

do Palmeiras. Quer dizer, então como é que você vai cobrar que não exista uma rixa hoje entre a torcida do Palmeiras e a torcida do São Paulo? É uma coisa que não vem de hoje. A rivalidade entre Palmeiras e Corinthians, ela vem de muito tempo atrás. Eu acho que ocorre uma rivalidade, ocorre uma dificuldade, mas é perfeitamente possível conviver.

**(P):** Agora, no plano político a gente sabe que vocês estão participando juntamente com a Gaviões e a Jovem, com o Deputado Federal Aldo Rebelo. Como é sentar junto na mesa de negociação e lutar por interesses comuns?

**(E):** Houveram várias reuniões não só na questão do Aldo Rebelo, mas a própria ATOESP (Associação das Torcidas Organizadas do Estado de São Paulo). Eu acho o seguinte, a gente está vendo com a Copa que existem, por trás da violência dos hooligans ou dos neonazistas, movimentos políticos. Esse pessoal lá na Inglaterra e na Alemanha, a gente sabe, por exemplo que na Alemanha, o Congresso Alemão, existem defensores do neonazismo. Então esse pessoal tem um movimento político, tem um respaldo político. É uma coisa que até então as torcidas aqui no Brasil nunca se atentaram, de fazer um movimento e de ter um respaldo político, seja no Congresso, seja na Câmara Municipal, seja em que órgão do Governo for, mas que tenha um respaldo político. Não com o sentido de você implantar a violência a qualquer custo, mas no sentido de ter representantes para defender e mostrar o lado bom da torcida, mostrar a creche, a cesta básica, esse tipo de coisa. Não no sentido de liberar a violência. Essa é uma coisa que eu particularmente acho que não leva a nada.

**(P):** Você já chegou a brigar em estádio?

**(E):** Já, houve situações que ... há situações que não adianta procurar quem começou. Há situações em que você defende a sua faixa acima de tudo, você defende a sua bandeira. E se alguém tentar pegar, você não vai deixar. E ... dar a outra face ... só um, né. E penduraram ele também. Eu já participei de alguns momentos em que houve briga. No entanto, eu acho que não é isso que nos leva ao estádio. E também não é o que acontece sempre. Se você pegar, a grande maioria dos jogos é festa na arquibancada. É festa, é o pessoal se confraternizando e é o que interessa.

**(P):** E o caminho para o estádio? A ida da torcida é sempre muito criticada por apresentar muitas confusões?

**(E):** A gente ouve muita coisa de gente que não vai. É tipo aquela história de que na época da 2ª Guerra Mundial o Hitler contava uma mentira todos os dias até que ela se tornasse verdade. Então, ao meu ver, tem muita coisa que se diz que são ditas por pessoas que nunca participaram, que nunca foram a um estádio. Muita gente fala: 'Ah, eu não vou ao estádio porque é muito violento.' Mas, se você não vai como é que pode afirmar que é violento? 'Ah,

eu sei que as torcidas organizadas brigam.’ Como é que você pode afirmar algumas coisas e dizer que elas são verdades absolutas se você não está lá para ver? Acho que não cabe esse tipo de afirmação. Muita gente diz: ‘O pessoal vai fazendo baderna, volta fazendo baderna, vai batendo em todo mundo, volta batendo em todo mundo.’ Será que é assim? Eu tive inúmeras vezes que fui para o estádio e nada disso aconteceu.

**(P):** Mas, outras inúmeras vezes isso acontece?

**(E):** Sim, houveram. É o que eu disse para você, existem situações em que ocorre o fato. Mas não dá para você tomar a parte pelo todo e não dá para você dizer o seguinte: são sempre as uniformizadas. Porque eu cansei de ver, o local em que mais se briga e que mais se sai no tapa são as numeradas. E na numerada não tem uniformizada. E lá o pessoal sai no tapa, sai na mão mesmo. É onde o pessoal fica misturado. É esse pessoal que agride jornalista porque, por exemplo, no Parque Antártica as cabines ficam exatamente atrás da numerada. Se alguém agride jornalista lá, quem é que é? É a uniformizada? Não tem como, é do outro lado. Na grande maioria dos estádios as cabines dão acesso para as numeradas. Então, a violência também está do lado das numeradas. Veja bem, a violência não está só nas arquibancadas e a violência não está só nas torcidas organizadas. A violência está nas ruas, no dia a dia. Ela está dentro do campo, ela está na situação social. É onde eu queria chegar. A situação social se você for para a periferia ou qualquer lugar da cidade, a violência existe. Então, como é que você crucifica a Torcida Organizada? A violência está em todo lugar. A gente viu várias convenções de partidos onde o pessoal se diz sério que saiu no tapa. No Congresso mesmo se sai no gatilho e no tapa. Então como é que você vai afirmar que as torcidas só é que são violentas. Isso não existe. Muita coisa, muita coisa, inclusive, não existe mesmo e as pessoas inventam.

**(P):** De que tipo de coisas você está falando?

**(E):** Por exemplo, para a mídia todo o associado de torcida uniformizada é marginal. Eu nunca tive passagem, entendeu. Eu tenho, como a mídia gosta, eu tenho endereço fixo, tenho emprego, trabalho. Como é que eu posso ser acusado de marginal? Quer dizer, eu penso o seguinte: a mesma pessoa que me acusa de marginal, se for assim eu posso acusá-la também. Qual é a diferença? Eu acho que o Juca Kfoury, por exemplo, é um grande marginal, porque ele gosta de dizer que os outros não prestam, que são marginais, que agredem todo mundo. Acho bom ele olhar o rabo dele um pouquinho também, de vez em quando. Quem fala demais, às vezes, também deixa a desejar. Ele gosta muito de acusar as pessoas, um cara que ele adora acusar é o Paulinho. E quem conhece o Paulinho no dia a dia sabe que não é nada do que é dito por aí. Dizem um milhão de coisas dele, mas quem conhece, que está no dia a dia

com ele, sabe que não tem nada a ver, sabe que não existe essa coisa de que ele é violento, de que é manipulado e de que é assassino. Mas, infelizmente, a mídia coloca esse tipo de situação. É tipo aquela história: ‘você é associado?’ ‘Sou!’ ‘Então você é marginal!’. Você não tem como se defender. Basta você ser associado que você é considerado um marginal.

**(P):** A campanha contra é muito violenta?

**(E):** Exatamente.

**(P):** Porque?

**(E):** Sabe o que eu penso disso? Eu acho o seguinte: eu acho que quando você começa a crescer e você começa a mostrar liderança a você começa a demonstrar que muitas coisas estão erradas, aí você começa a incomodar. E quando você começa a incomodar alguma coisa tem que ser feita para te derrubar. Veja bem, as torcidas uniformizadas erraram no sentido da violência? Em vários momentos sim. Agora, a imprensa não provocou essa violência? A polícia não contribuiu para essa violência? A Federação, as Federações em geral, não contribuíram para essa violência? Se for assim, veja bem: ‘Ah, a torcida da Mancha agrediu alguém, tem que fechar a Mancha.’ Nós tivemos o caso da polícia em Diadema que agrediu uma série de pessoas e nem por isso se fechou a polícia. Pune-se os responsáveis. É um absurdo você punir uma entidade por um ato isolado. Você jamais pode punir uma entidade por uma atitude de um associado ou de uma liderança ou de quem quer que seja. Porque se fosse assim nós teríamos que ter fechado a Polícia Militar, teríamos que ter fechado outras instituições, o Congresso. E aí seria o caos total. Então pune-se aquele que cometeu a infração e não no geral a entidade.

**(P):** Você mencionou a polícia e eu queria te perguntar como era a relação entre as entidades?

**(E):** Sempre houve uma relação de respeito. A gente quando chegava com o material, por exemplo no grandes jogos, finais e tal, iam lá com duzentas bandeiras, faixa, bandeirão, plástico, plástico picado, quer dizer, iam dois ônibus lotados de material. Então a gente chegava antes, procurava o tenente que era responsável pelo policiamento, ele fazia toda a vistoria e tal. Sempre houve uma relação de respeito. Isso não tira a responsabilidade de, por exemplo, algum integrante de torcida cometer um erro ou de algum policial exceder na questão de abuso de poder.

**(P):** Outro dia ouvi um comentário em jornal, não lembro qual, que dizia que uma polícia séria, que intensificasse a fiscalização na entrada do estádio, para evitar a entrada de armas por exemplo, ser uma solução possível para a volta das organizadas. O que você acha deste pensamento?

**(E):** Olha, a princípio eu acho que a polícia é séria. Eu particularmente acho que a polícia é séria. O que não impede que um integrante dessa polícia tenha atitudes erradas. É o que eu estou te dizendo. A instituição, para mim, é séria. O que não impede que alguns integrantes façam uso do abuso de poder. Agora, eu acho que a fiscalização, ela tem que se dar em todos os níveis. Quer dizer, você tem que proibir que as pessoas andem armadas na rua, que as pessoas entrem armadas num parque ou numa escola ou qualquer local que seja. Eu acho que tem que haver uma fiscalização onde você termine por inibir essas situações. Acho que passa por aí, né.

**(P):** Você tem uma boa formação política, V. Como esta formação contribui para a situação atual da Mancha, quer dizer, como está a luta da torcida no plano político? E, eu gostaria de acrescentar nessa pergunta, a relação com o clube, com o Palmeiras.

**(E):** A Mancha hoje está trabalhando com um candidato a Deputado Estadual, o Cláudio Piteri. O Cláudio é um cara de arquibancada. Ele não é associado, mas é um cara de arquibancada que cansou de assistir jogo com a gente. É um cara que conhece o dia a dia da torcida no sentido de estar dentro da arquibancada. No dia a dia da torcida, da ação, é um cara que conhece isso e é um cara que a gente acha que tem condição ... É um cara novo, tem mais ou menos a minha idade, é um cara que a gente acha que ele tem cabeça e que ele tem condição de representar os nossos interesses. E é por isso que a gente está trabalhando com ele. Estamos aí na campanha do Cláudio e, se Deus quiser, a gente vai eleger. Quanto a relação com o clube, nossa relação com Palmeiras é excelente. É uma relação muito boa com os jogadores, com o próprio Luiz Felipe, com o próprio Mustaphá que é o presidente do clube hoje. Essa relação é perfeita. Acima de tudo nós somos palmeirenses e queremos o bem do clube. Então não existe porque de não ter uma boa relação.

**(P):** Mas, vocês conseguem ter alguma interferência, voz política lá dentro?

**(E):** Olha, eu digo para você o seguinte: as pessoas nos ouvem. Quando o Palmeiras jogou lá em ..., eu não lembro qual foi o jogo ... Mas nós fomos ao CT de Barueri, conversamos. Fomos lá com uns trinta integrantes da Mancha, o Luiz Felipe sentou com a gente no jardim do centro de treinamento e nós ficamos mais ou menos umas duas horas conversando. Sobre a raça do time, a vontade, sobre futebol, sobre torcida, *n* assuntos. Então eu digo para você o seguinte: as pessoas nos ouvem.

**(P):** Então tem um espaço para ser ouvido?

**(E):** Tem espaço para sentar, para conversar e acho que isso que é importante. Eu não digo que a gente determine as situações dentro do clube, não mesmo. Mas as pessoas nos ouvem e



tem tido espaço para sentar e conversar. Sempre com o intuito de descobrir o melhor para o clube, o melhor para o Palmeiras.

**(P):** O Palmeiras é famoso por possuir grandes corneteiros. Há alguma confusão entre vocês e estes corneteiros?

**(E):** Acho que não. Eu acho que nós somos muito mais respeitados do que eles. Porque corneteiro em si é aquele cara que fala, fala, fala e só quer ver o lado dele. E nós não estamos ali para defender o nosso lado. Nós estamos ali porque gostamos do clube, nós amamos o Palmeiras. O corneteiro em si é o cara que fala ao vento, barulho de corneta. Fala ao vento e não assume o que faz ou o que diz. A Mancha não. A Mancha, tudo que diz e tudo que ela fala, a Mancha assume. Então eu acho que a gente é mais respeitado nesse sentido.

**(P):** Essa liderança e rumos políticos da Mancha estão muito associados à figura do Paulo Serdan? Você acha que ele é um dos responsáveis pelo crescimento da Mancha nestes últimos anos?

**(E):** Eu acho que é claro que a figura do Paulinho é muito importante, mas eu não acredito que as pessoas venham por causa dele. Eu acho que as pessoas vem para a torcida por aquilo que a Mancha faz. É o que a Mancha fazia no estádio, é o que a Mancha faz no carnaval. Para você ter uma idéia, nós desfilamos três anos como bloco de carnaval. No primeiro ano fomos vice campeões, no segundo ano fomos vice campeões e terceiro ano fomos campeões. Disputando com gente que está há vinte ou trinta no samba. Nós chegamos e fomos campeões. Eu acho que é por isso que o pessoal vem para a Mancha. A Mancha, realmente, ela não fala, ela faz. Quando a nossa proposta é vamos fazer alguma coisa, a gente vai e faz. A gente nunca deixou alguma coisa pela metade, não pára no meio do caminho. Quando se começa a fazer alguma coisa, a gente faz. Por exemplo, o bandeirão, que foi a maior bandeira do mundo. Não adiantava a gente fazer uma bandeira menor ou igual às que já existiam. Ou a gente fazia uma maior ou não fazia. Foi o que fizemos. Fizemos a maior bandeira e ninguém conseguiu fazer outra. Ela pegava praticamente três gomos do estádio do Morumbi. Então, é o que eu estava de falando, quando a gente faz é para fazer mesmo. É claro que a figura do Paulinho é importante, assim como temos outras lideranças. Mas eu acredito que as pessoas se aproximam não por essas pessoas, mas pelo espírito de garra, de vontade, de ir à luta e de construir.

**(P):** Esta seria, para você, a imagem do Mancha?

**(E):** Esse é o perfil do Mancha. É um perfil de garra, de vontade, de quem vai à luta.

**(P):** Mas, o personagem Mancha Negra, do Disney, é um bandido nos quadrinhos.

**(E):** É, eu acho que foi muito feliz a escolha do símbolo. Porque ele é um personagem muito discutido. É um personagem ora bandido, ora amigo, irmão. Então eu acho que calhou muito bem.

**(P):** Quando foi fundada a torcida?

**(E):** A torcida foi fundada em 83. Eu comecei a participar dela no sétimo ano dela. Mas eu já conhecia. Mesmo quando eu não estava no dia a dia, eu já ia em estádio e já conhecia uma série de pessoas.

**(P):** Você sempre freqüentou estádios?

**(E):** Sempre.

**(P):** Mas, V., o que te levou a mudar de torcedor comum para torcedor organizado?

**(E):** Eu acho que foi exatamente o perfil da Mancha que a gente estava falando anteriormente. Ela tem um perfil de garra, de vontade, de estar participando, de dizer o seguinte: ‘Olha, eu faço parte, eu sou importante.’ Eu acho que é isso que faz com que as pessoas trabalhem. Porque, às vezes, no clube você ... quer dizer, o Palmeiras é muito importante para nós, mas nós não participamos do dia a dia. Mas aqui nós participamos dos dia a dia, participamos das decisões.

**(P):** Esse espaço, que a gente estava falando, junto ao clube, de ser escutado é muito importante e inédito também. Como é que foi conquistado?

**(E):** Eu acho que esse espaço foi conquistado a troco de seriedade e sinceridade. A troco de demonstrar que nós somos sérios e que nós somos preocupados com um bem maior.

**(P):** Qual o papel da Parmalat nisso?

**(E):** Eu acho que não só a Parmalat, mas todas as empresas que estão se envolvendo com o futebol ou no meio esportivo, acima de tudo, eles são profissionais. Acima de tudo não se vincula um nome de uma empresa do tamanho de uma Parmalat com uma coisa que não é séria. E a finalidade deles é ganhar dinheiro, é funcionar. A finalidade deles é capitalista, é ganhar dinheiro. Eles não entram numa coisa para perder dinheiro. A gente não pode ter essa ilusão de que a Parmalat é muito boazinha e coisa e tal. Tem sido bom, foi bom a união, mas ela também está tendo os lucros dela. Eu acredito que essa abertura não tem muito a ver com a empresa. Porque a empresa, em si, ela administra, vamos dizer assim, não a paixão, mas sim a parte mais racional onde ela vai investir mas vai ter o retorno.

**(P):** O que é essa paixão pelo clube?

**(E):** Isso é meio complicado de explicar. Com palavras é meio difícil de explicar. São coisas que você faz pela namorada que você tem, que você faz pela torcida que você ama, pelo clube que você ama. Uma coisa meio irracional. Não tem como explicar com palavras.

**(P):** Quando ganha um título como é?

**(E):** É bom demais. Não dá ... eu volto a dizer, com palavras não dá para explicar a sensação, a emoção que você sente. Apesar de que financeiramente você não ganha nada com isso. Mas a alegria é muito grande porque você realmente gosta do clube, você gosta da torcida e aí você se sente bem com isso.

**(P):** Quando perde?

**(E):** Dói. Dói. Dói bastante. A derrota é uma coisa que derruba, você fica chateado, mas tem que dar a volta por cima. A Mancha foi feita de vitórias. Quando perde é uma tristeza muito grande para quem vive o dia a dia da torcida. Porque, às vezes, você passa noites trabalhando em alguma coisa, se dedica muito tempo e não dá certo.

**(P):** Nesses últimos anos o Palmeiras tem sido um time ganhador de títulos e tem tido times excelentes. Isso influencia de alguma forma o acesso e a quantidade de pessoas na torcida?

**(E):** Eu acho que sempre aparece gente nova quando o clube ganha. Sempre a meninada ... A meninada hoje em dia tende a torcer para quem está ganhando. Tipo, o São Paulo foi campeão mundial, então cresceu muito. Mas eu acredito que a torcida do Palmeiras seja um pouco diferente. Aparece muita gente nova, mas é aquilo que eu te falei no começo, na minha família não entra, entendeu. Acho que a torcida do Palmeiras tem muito isso, muito sangue. Ela cresce com as vitórias do clube, mas o fundamental é que quem é já nasce palmeirense. O dia que eu tiver um filho ele não vai torcer para outro clube. Eu acho que a tradição pesa muito. Quando meu sobrinho nasceu eu dei camisa da Mancha, tatuagem da Mancha e hoje ele fala que é da Mancha. Ele tem cinco anos e fala: 'Eu sou palmeirense e sou da Mancha.'

**(P):** O que você está chamando de tradição?

**(E):** Tradição é uma tradição familiar. Por ser um clube de colônia ... Apesar de muitos torcedores hoje não terem nada a ver com a colônia italiana. Mas eu acho que herdaram isso, tem aquela coisa do sangue.

**(P):** Você tem origem italiana?

**(E):** Eu tenho origem italiana e alemã. Mas muita gente, de uma forma ou de outra, convivendo, acho que assumiu aquilo. Aquele negócio de sangue, aquele negócio de ter uma tradição, de ter uma história.

**(P):** Por falar em tradição, a Mancha possui algum espaço de preservação da memória? Da torcida ou do clube?

**(E):** Você viu as fotos e aqui fora a gente tem os troféus do carnaval. A gente tem, inclusive agora com a construção da sede, a gente vai fazer uma espécie de um museu da Mancha Verde ali.

**(P):** Vocês tem material guardado?

**(E):** Alguma coisa tem. Claro que muita coisa se perdeu e tal, mas ... até por falta de ter esse espaço para trabalhar essa tradição. Mas a gente ainda tem muita coisa e nós vamos fazer esse museu para guardar as coisas da torcida. Mas, além disso, isso é guardado no interior de cada um, né. Na Mancha a gente tem muito disso, de viver a Mancha intensamente, de viver a torcida intensamente, de guardar as conquistas dessa torcida. Por exemplo, a Mancha disputou no ano passado o Campeonato Paulista de Futebol *Society* e ficamos em quarto lugar. Quer dizer, tudo isso vai entrando na história da torcida. Está lá registrado na Federação Paulista de Futebol *Society* que a Mancha Verde disputou e ficou em quarto lugar.

**(P):** Qual o nome oficial da torcida?

**(E):** O nome da torcida é Grêmio Recreativo, Esportivo e Cultural Torcida Mancha Verde.

**(P):** Mas, e a mudança de nome que houve há pouco tempo atrás?

**(E):** Veja bem, não foi uma mudança de nome. A Mancha Verde está sub júdice ainda, vai para Brasília o processo, vai ser julgado lá em Brasília. Para gente poder se manifestar, inclusive, nós abrimos a Mancha Alviverde. Nós abrimos uma outra torcida com o nome de Mancha Alviverde, que resgata toda a participação da Mancha Verde.

**(P):** Mas, ela pode ir ao estádio?

**(E):** Aqui em São Paulo não.

**(P):** Nos outros estados pode? No Campeonato Brasileiro do ano passado vocês acompanharam os jogos do Palmeiras em outros estados?

**(E):** Sim, alguns jogos, na medida do possível, nós estivemos presentes, alguns jogos. A medida do possível é quando a gente consegue arrecadar dinheiro do pessoal que quer viajar e alugar o ônibus.

**(P):** O clube ajuda a torcida de alguma forma?

**(E):** Não é o nosso caso, mesmo porque sempre tivemos uma política de independência. A gente coloca nossas opiniões, mas sempre com uma política de independência.

**(P):** Vocês também não pedem ou cobram?

**(E):** Não, o que a gente cobra deles é o empenho dos jogadores, que a gente acha que é importante. Agora, a vida da Mancha, no sentido financeiro inclusive, a gente sempre conquistou com os nossos próprios esforços.

**(P):** V., como é a relação com as torcidas de outros clubes dos outros estados. Tem alguma amizade ou inimizade que seja mais forte?

**(E):** Tem. Tem uma amizade com a Força Jovem do Vasco. É uma amizade que vem de muito tempo. Inclusive, na final do Brasileiro, a imprensa tomou um susto. Porque eles diziam que a

gente ia se matar e viram o pessoal se abraçando no final do jogo. Eles acharam que ia ser uma guerra e eles viram todo mundo se abraçando, todo mundo conversando, todo mundo saindo na boa. Quer dizer, volto a te dizer, dizem, dizem um monte de coisa e não sabem o que estão dizendo. Eu acho até ... Esses dias eu vi uma frase sobre um crítico ... Eu acho que um crítico sabe exatamente como se faz, mas não sabe fazer. Ele critica todo mundo, mas ele não faz melhor. A gente vê o pessoal falando mal de uma série de jogadores, mas o crítico não sabe fazer. Então ele fala mal da torcida, mas ele nunca conviveu com uma torcida. Ele nunca esteve aqui como você está agora, com um gravador ligado, ouvindo a voz da torcida. Eles nunca fizeram isso.

**(P):** Além da Força Jovem do Vasco, quais outras?

**(E):** Tem uma amizade um pouco menor com a Galoucura, a torcida do Atlético lá em Minas.

**(P):** Como é que surgiram essas amizades?

**(E):** Essa amizade, quando eu entrei na torcida, ela já existia. Eu não posso te dizer mais claramente como ela surgiu. Mas eu acredito que seja por afinidade de pensamentos. Acho que são pensamentos que batem, que pensam da mesma forma, eu acho que surgiu daí.

**(P):** V., mudando um pouco de assunto, sabe-se que existem rituais de entrada nas torcidas ou batismos. Como é isto na Mancha?

**(E):** Os rituais, o batismo ... isso é folclore. Isso não existe. Quando eu entrei na torcida nunca passei por isso. Isso é folclore. Eu volto a te dizer, é aquela coisa que muita gente diz, mas que nunca teve no dia a dia. A imprensa diz isso, diz que passa por ritual, passa por batismo, é espancado, e não sei o que mais. Como é que ele pode falar se ele nunca veio aqui. Isso é folclore, isso é conversa de quem não tem o que fazer.

**(P):** Ao associado é pedido o quê? E quais são os direitos dele?

**(E):** Na época em que a torcida estava aberta, o associado pagava a mensalidade e a mensalidade dava a ele uma carteirinha e o acesso ao plano de saúde, era com o Hospital São Camilo. Inclusive, muita gente dizia que a gente estava fazendo um plano de saúde para poder brigar na arquibancada. Isso é coisa de quem não sabe o que está falando. Porque a grande maioria dessa molecada não tem um plano de saúde. E ele, pagando essa mensalidade, que era ... a dinheiro de hoje seria R\$ 15,00 o bimestre, ele tinha direito a plano de saúde integral.

**(P):** E a entrada para o jogo?

**(E):** O ingresso era por conta de cada um mesmo.

**(P):** E a organização de ir em ônibus?

**(E):** Sim, ele ia num ônibus. Ele pagava para ir nesse ônibus. É claro que sempre tem um desconto, é sempre mais barato fretar um ônibus do que viajar de rodoviária. Tinha esse

desconto e era um ônibus de ida e volta sempre para o ponto de encontro que, na época, era a sede.

**(P):** Bem, V. muito obrigado pela entrevista.

**(E):** Obrigado você, achei muito bom que tenha alguém para ouvir o que temos para dizer.

### Entrevista 3

Nome: N. A. / Idade: 33 anos

**Pesquisador (P):** N., o que você faz na torcida atualmente?

**Entrevistado (E):** Eu estou no Conselho. Eu estou, a princípio assim, eu não estou tão dentro do esquema. A gente está um pouco atarefado profissionalmente, então deu um pouco uma deixada. Não uma deixada de lado, mas um pouco mais distante, dando algumas opiniões, alguns palpites, questionando algumas coisas de negativo que têm acontecido, principalmente na parte de brigas, de tipos de coisas que aconteceram. A gente vai dando nossa versão de ter um pouco mais de conhecimento desse pessoal novo que entrou. Então a gente tenta dar uma ajuda nesse sentido.

**(P):** Quais são os momentos de reunião, como são?

**(E):** É isso que eu estou te dizendo. Eu não estou podendo estar participando muito ativamente, mas normalmente é feito reuniões e quando surge algum problema que é uma coisa um pouco mais complicada que é para poucas pessoas resolverem eles me ligam para a gente estar dando uma opinião, um palpite. Mais ou menos seguir um caminho, uma rotatividade que seja favorável ao que realmente é uma torcida uniformizada. Que, nos últimos anos, realmente, ela deu uma distorcida na realidade. Ela partiu para um lado totalmente diferenciado do que é o meu pensamento. A ideologia não é essa. A ideologia qual era? Realmente era preservar, sabe, tinha que ter aquele lado de um a um “menosprezar” o outro na arquibancada, cada um fazer os seus cantos. Nunca partir para esse ponto que chegou de agressão.

**(P):** Porque mudou essa ideologia?

**(E):** Primeiro porque muitas pessoas entraram em torcida uniformizada porque talvez não tinham espaço para ter uma oportunidade de ter uma festividade, alguma coisa nesse sentido. Então porque muitas pessoas eram sós nos seus bairros, alguma coisa assim. E o atrativo era um custo baixo, porque era o futebol, viagens que a gente acabava conhecendo ... eu acabei conhecendo o Brasil inteiro, cheguei a conhecer até o Japão, cheguei a ir até o Japão para ver o São Paulo em 92. E isso teve um atrativo muito legal. Então, quer dizer, aí o que é que as

peças achavam? O São Paulo é um clube ganhador, não foi só a Independente que cresceu, mas ela realmente extravasou outras que estavam há muito mais tempo. Poderia ter tido um passo muito maior se o São Paulo não fosse sempre colocada como uma elitizada, torcida elitizada. Hoje você não vê são paulino só na classe média para alta. Hoje, ciasse baixa tanto quanto as outras. E é um esporte barato. Mesmo com todos os problemas é um esporte barato. Então a pessoa sempre tinha um atrativo para estar fazendo no meio da semana e no fim da semana. Então se criava uma uniformização para não se ir ao estádio sozinho. O que acontecia? Durante a semana sempre se reunia em sedes, fazia churrasco, confraternização. Isso era um clube que era o clube dos bolinhas. Hoje, você vê, acho que vinte por cento é de mulheres, pouco ainda. Mas, perto do que era a realidade anterior, é bastante.

**(P):** Você falou em churrascos e eu conheci a sede de vocês lá na Galeria da Vinte e Quatro de Maio, era lá que vocês faziam as confraternizações?

**(E):** Não, normalmente a gente tinha que fazer alguma coisa à parte porque lá era muito centralizado. Fazia fora, se alugava sítios, várias pessoas eram convidadas, inclusive diretoria do São Paulo, da imprensa. Nas nossas festas nunca teve problema. Sempre teve um ou outro que bebe um pouco a mais, isso em qualquer lugar. Mas nunca teve problema. Nós convidávamos inclusive outras torcidas para fazer esse vínculo. Nós chegamos a jogar na quadra da Gaviões várias vezes. Pessoal do Flamengo do Rio de Janeiro, então a gente tinha um atrativo legal.

**(P):** Vocês ainda tem amizades fora de São Paulo?

**(E):** Hoje a Independente tem um vínculo muito grande, mais por esse pessoal novo, com a Torcida Jovem do Flamengo, Fanáticos do Atlético, Máfia Azul do Cruzeiro. São as quatro que são mais coligadas nesse segmento. Mas tem outras que também tem uma amizade.

**(P):** Você falou em torcida uniformizada. Tem diferenças entre torcida uniformizada e torcida organizada?

**(E):** Eu acho que sim. Na minha concepção sim. A torcida organizada, eu considero a Independente como torcida organizada, tá. Se você colocar no papel, certo mesmo, nós somos organizados porque nós temos estatuto, nós temos normas que tem que ser seguidas. Pessoas que não seguem as normas são advertidas ou exoneradas, são expulsas da torcida mesmo. Nós temos regras. Nós temos organização para ir ao estádio, hoje nem tanto. Por exemplo, se a gente fosse fazer um comboio de dez ônibus, a gente preferia que os dez ônibus fossem juntos. Porque? O que acontecia? Se ia um cá, um outro para o lado, aí desvirtuava, acontecia aqueles problemas. Então a gente tentava ... Nesses caminhos de ir para o estádio dificilmente saía algum tipo de briga. Porque? Porque as pessoas que predominavam eram os

comandantes. Muita gente fala que é o chefe da torcida. Não tem nada a ver. São líderes que se destacavam perante o grupo e mostravam ter uma liderança, e as pessoas respeitavam, independente do tamanho ou da força física. Você pode ver a minha estatura mesmo e eu sempre fui um cara respeitado. O pessoal da torcida me respeitava. E pessoas que, se tivesse agressão entre ambas as partes, talvez eu não teria vantagem. Mas eu era uma pessoa de liderança como outras pessoas de liderança.

**(P):** O que fazia a tua liderança, isto é, o que te fazia ser respeitado e ser líder?

**(E):** Primeiro porque eu passei um período ... entrei na torcida em 80, são dezoito anos. Eu tinha 15 anos. Eu peguei a fase muito pequena. A gente não conseguia encher um ônibus para ir num clássico ou numa final. Então, a gente foi passando por esse período, foi tentando colocar na cabeça ... Eu era um cara que dificilmente ... dificilmente alguém vai falar que me viu partindo para agressão, briga, alguma coisa assim. A gente tentava evitar. Eu tinha contato com o policiamento, a gente tentava fazer alguns esquemas junto com a polícia e outras torcidas uniformizadas. Às vezes não dava. Mas isso que eu estou te dizendo, dificilmente acontecia isso nos caminhos para o estádio. Porque a gente mantinha um contato de uma torcida com a outra, ali, telefonicamente. 'Olha, a gente vai por aqui, vocês vão por lá.' Vamos evitar. Aí você fala assim: 'se encontrar sai na porrada?' É que nem político. De repente um partido começa a falar umas besteiras e os caras saem na porrada. Não tem o lado da polícia também, polícia civil e polícia militar? Existe sempre uma picuinha uma com a outra. Acho que todo mundo luta pelos mesmos objetivos. E a gente lutava pelos mesmos objetivos: torcer pelo clube. Só que muita gente da periferia entrou nas torcidas também. Então, pessoas entraram, algumas pessoas se infiltraram e acharam que ali era um meio de ele brigar com o cara da vila da esquina. Então, ele aglomerava várias pessoas daqui e brigava ali, brigava lá. Isso a gente foi conseguindo diagnosticar e tentando eliminar as pessoas. Mas, era muito grande, as torcidas se tornaram enormes. Essa é a minha idéia.

**(P):** Você está falando em pessoal de periferia que entrou e queria te perguntar quem compõe a Independente, de onde vem as pessoas?

**(E):** Do Brasil inteiro. Se você pegar nosso fichário lá, nós temos muitos filiados em Brasília

**(P):** Mas, pensando na cidade de São Paulo, a Independente congrega pessoas de todas as regiões da cidade ou está mais localizada em algum lugar?

**(E):** Da cidade inteira, inclusive, Grande São Paulo, ABC, Guarulhos, Osasco...

**(P):** Esse pessoal que você mencionou que entrava na torcida organizada para brigar ...

**(E):** A gente não consegue diagnosticar a não ser quando acontecia algum problema. Então, você ia conseguindo diagnosticar com o tempo e eliminando. Dependendo do que acontecesse



você ia punindo. Aí você via que o negócio era um pouco mais grave e eliminava. Mas, sinceramente, as lideranças de todas as torcidas, e eu não digo isso só pela minha não, eu tenho certeza disso, eram todos contrários a esse segmento. Tanto que a gente fundou a ATOESP. Inclusive eu sou filiado à ATOESP, eu cheguei a ser indicado como vice-presidente. Mas eu estava com problema, com filho, sabe. A gente via que o negócio a gente tentava arrumar, aí tem uns caras que tem uma cabeça meio diferente, deixei um pouco de lado. Família está crescendo de novo, quer dizer, primeiro tenho que me preocupar com a minha família. Mas é uma coisa que eu sempre gostei. Se você falasse assim para mim: você se fosse voltar lá atrás em 80, você voltaria novamente em uma torcida? Com certeza!

**(P):** Por falar nisso, como é que você entrou na torcida?

**(E):** Eu estava com 15 anos ...

**(P):** Tua família é toda de são paulinos?

**(E):** Família inteira. Aí, mais ou menos na fase de 15, 16 anos, eu ia no jogo, via o agrupamento de pessoas ...

**(P):** Você já ia em estádio?

**(E):** O problema era esse. Eu não tinha muito com quem ir. Poucas pessoas iam. Isso que eu estou dizendo: o São Paulo não era muito grande naquela época. Aí a gente se preocupou a procurar algo mais. Foi aí que a gente conseguiu montar um grupo para ir para o estádio.

**(P):** Você falou em outras atividades que a torcida fazia?

**(E):** Carnaval. Nós estamos esse ano voltando com o carnaval, com um bloco de carnaval. Mas, tinha churrascos. A gente fez muita campanha de doação de sangue, campanha do agasalho, cesta básica. Isso não era muito divulgado pela imprensa. Isso a gente sempre fez independente ... a gente não precisava demonstrar que a gente fazia. A gente tinha uma força muito grande nas mãos e tentava ajudar. Só que eu acho que um dos erros das torcidas uniformizadas foi não ter divulgado isso, talvez. Quando a gente vai querer divulgar isso no jornal agora, vão achar que a gente é demagogo. Mas, a gente sempre fez, tinha um aglomerado muito grande de pessoas, então, a gente procurava fazer algo positivo.

**(P):** Além dessas campanhas, o que era oferecido ao associado?

**(E):** O associado tinha vantagens no pagamento de ingresso, a gente custeava uma parte desde que ele estivesse em dia, passagem ele não pagava. O mais forte era isso, pagava quase que só cinquenta por cento do ingresso e o ônibus. Logicamente quando viajava também tinha desconto nos ônibus.

**(P):** Como era a relação de vocês com o clube?

**(E):** Nunca tivemos problemas. Nós temos um canal, tivemos um canal com todos os presidentes que passaram, a gente nunca teve problemas. Porque nós sempre fomos assim, não sei como está agora, mas nós nunca fomos de ficar pedindo as coisas ou ficar indo lá e cobrando algo mais, sabe. E outra, o time era vencedor. Então isso facilitava. A gente não tinha que ficar cobrando, cobrando, cobrando. E outros tem que estar cobrando mais, exigindo, o Palmeiras ficou tanto tempo na fila, né. E aí a cobrança é maior. Nós, por causa dos títulos, não precisou estar cobrando tanto. E os clubes ajudaram o crescimento da torcida ... Minha esposa também é sócia da torcida, eu que levei ela, mas ela entrou em 1987, entre 86 ou 87. Ela é sócia seis mil, tá.

**(P):** Então você deve ser sócio um ou dois?

**(E):** Não isso que é fase. A fase que eu peguei, eu sou sócio cinco mil, mas ela fundou em 72. Teve uma explosão, parou e depois voltou. Mas, demorava, era coisa de cem ou cento e cinquenta sócios por ano. A partir daí, de 87 a 94, entraram vinte e cinco mil associados. (Pausa para que ele pudesse atender ao telefone)

**(P):** Queria falar um pouco do símbolo da torcida do São Paulo. De onde veio a idéia de usar um santo?

**(E):** Para ser sincero com você, eu não sei. Quando eu peguei já era e nunca me passou ... sempre passou despercebido.

**(P):** A Independente tem algum espaço de preservação da sua memória, N.?

**(E):** Temos alguns álbuns. É que a gente estava com sete ou oito salas lá que a gente estava montando mais ou menos isso. Aí teve essa queda aí de torcida. Então a gente teve que se desfazer de quatro salas. A gente ficou com três salas. Aí, está a maior bagunça lá. A gente está se organizando de novo, porque passou um período que entrava muita grana também.

**(P):** Mas, vocês têm essa memória da história da torcida Independente?

**(E):** Tem. Acho até que tem um levantamento. Tem fotos históricas. Outro dia eu estava com meu filho lá, há duas semanas atrás, comecei a mostrar para ele o tempo que a gente jogava bola, foi uma vida, cara.

**(P):** A Independente promovia jogos de futebol?

**(E):** Nós tínhamos um time que jogava futebol de salão, futebol de campo. Chegou a fazer torneio, campeonato interno, entre os associados. Chegamos a disputar festival, como te falei, lá nas Gaviões e ganhamos na quadra deles.

**(P):** Ganharam na quadra deles? Como era a relação com eles e as outras torcidas?

**(E):** Ficou um pouco desgastante agora nos últimos anos. Mas já foi muito boa. Tinha contato, ambas as partes, principalmente com eles a gente não tinha muito problema não.

**(P):** Tinha rivalidades?

**(E):** Rivalidade tinha que ter, não pode nem acabar porque senão perde a graça. Eu acho que tem que ter a rivalidade. Se todo mundo torcer para um time só, se todo mundo gostar do azul, né, o que vai ser do vermelho? Então, tem que ter. Cada um no seu tempo tem a sua glória. Mas também sempre teve respeito.

**(P):** Você chegou a pegar algum confronto, algum momento em que a rivalidade extrapolou os limites do respeito?

**(E):** Ah, sim. Sem dúvida. Aí é que o pessoal da liderança ... Isso tem que partir do pessoal da liderança, de todas. De estar conversando, tentar adequar, tentar apaziguar. Mas, às vezes, não dava. Mas, foram poucos confrontos. Geralmente o que acontece no segmento é que grupos se encontram para ir para o estádio e vão brigando no caminho. No estádio mesmo eles tinham respeito mútuo por todo mundo. O policiamento também era bem ostensivo, não tinha problema. Mas acho que quando tem que acontecer, aquela fatalidade no Pacaembú, parece que tudo tinha para acontecer. Muito material, entulho, pouquíssimo policiamento aquele dia, o São Paulo estava com a torcida muito maior e tinha um espaço bem menor que a torcida do Palmeiras. Quer dizer, tudo isso ... quem organiza o campeonato tem que prever. O São Paulo tinha um time melhor naquele campeonato de juniores, estava bem melhor e o Palmeiras foi classificado empatando. Acho que a tendência era pegar um espaço um pouco maior. Sabe, vai das pessoas que fazem a organização. Na empresa, por exemplo, a gente pode passar por problemas, mas cada um sabe o segmento que tem que fazer. Pode não ser o correto, mas cada um sabe o que tem que fazer. Mas, ali parece que foi tudo planejado, essa que é a impressão. Fica uma impressão que foi o estopim, estourou. Porque não tinha policiamento, duas torcidas com uma rivalidade muito grande.

**(P):** Qual é a história dessa rivalidade tão grande entre o São Paulo e o Palmeiras?

**(E):** Porque ... Sabe porque eu acho que tem essa rivalidade com o Palmeiras? Isso já parte dos dois times. Dizem sempre que a maior rivalidade é Palmeiras e Corinthians, mas entre as diretorias do clubes, é São Paulo e Palmeiras. E um outro problema é que a torcida do São Paulo e do Palmeiras sempre foi ... a torcida do Palmeiras era maior e aí o São Paulo passou ... Então sempre estão num meio termo. Existe aí o Mancha, existe o Independente, eles estão mais ou menos no mesmo segmento, então, essa rivalidade ... Agora, tem o outro lado que está fazendo falta que são as faixas, as bandeiras, a bateria. Está fazendo falta. Ficou muito feio o estádio. Não tem mais graça de ir. Fui na final e não é a mesma coisa, falta.

**(P):** Não é a mesma coisa como? Qual a diferença de ir ao estádio com a torcida organizada e ir ao estádio sem ela?

**(E):** Bem diferente. Mesmo quem era contra achava que era diferente. Não tem o mesmo sabor. Não tem “aquela briga” das torcidas, gritando daqui, gritando dali. É uma outra coisa, quem sentiu na pele ... O próprio jogador não gosta disso, não se sente incentivado. Torcida é calor humano, gritando.

**(P):** Qual é então o papel da torcida organizada?

**(E):** Eu acho que é isso mesmo. É trazer e dar animação mais ainda para os jogadores. Eu acho que tem que ser esse o papel da torcida.

**(P):** E quando o time não está jogando bem?

**(E):** Vaiar, se necessário. Tem que vaiar, xingar. Nunca partir para a agressão. Eles tem que saber que nós não estamos gostando. E sem isso ficava meio ... não tinha uma cobrança. E outra, você pode ver que depois que as torcidas de São Paulo foram abolidas, nenhum time paulista ganhou mais o Campeonato Brasileiro. Em 95 foi o Botafogo, 96 foi o Grêmio e 97 foi o Vasco. Coincidência? Pode ser. Mas, eles falam quando vão jogar ali e só está, por exemplo, a torcida do Atlético, falta aquele calor humano. Coincidência ou não, fazem três anos que não se ganha um Campeonato Brasileiro por um time paulista.

**(P):** Nos outros Estados as torcidas não estão abolidas ...

**(E):** Está liberado.

**(P):** Vocês têm ido acompanhar os jogos do time fora de São Paulo?

**(E):** Já, mas vai pouca gente. Vai dois ou três ônibus, um pouco mais ou um pouco menos.

**(P):** Você estava me dizendo que para o jogador de futebol a torcida organizada faz falta.

**(E):** Faz ... qualquer jogador que você perguntar ... tem alguns jogadores que começaram a falar que fazia falta e a imprensa começou a criticar. Nós fomos fazer uma palestra no São Paulo ano passado, eu fui um deles, o time estava passando por uma fase ruim. Foi quando o Dario era técnico. Nós fomos lá porque falaram que a gente estava vaiando, estava criticando. E nós falamos que a gente estava junto com eles, que a gente sabia que o São Paulo era um time jovem e que iria predominar a partir daí. Então, se eles não tivessem confiança, porque iam chamar a gente para conversar com eles, pegava outras pessoas. Então, eu desconfio que falta realmente ... A gente sabe que vocês não estão presentes ali em faixa e tal, mas a gente sabe que vocês estão presentes em qualidade. É que também você começa a dispersar. Acho que o grande problema que tem no país é esse. No momento que ... tudo bem, acho até que o pessoal exagera, se você tem o direito de falar qualquer tipo de coisa ... as pessoas falam cada coisa do Presidente do Brasil que, pelo amor de Deus ... É um país democrático só que você não pode fazer um grito que você vai preso. Eu acho que isso não tem cabimento. Tanta coisa que eles tinham e podiam pegar. Eu acho que se fosse uma coisa séria, notória para todo

mundo, excelente. Agora, pô, o cara “acaba com a moral” do Presidente, o cara faz um grito já acaba a torcida, não pode. Muitas vezes as pessoas fazem até isso para soltar, é melhor evitar que impedir.

**(P):** Você mencionou um estatuto da torcida. Em linhas gerais o que ele diz?

**(E):** Ele diz que tem que torcer, tem que honrar a camisa do clube, tá. São vários itens, tá. É uma agremiação, vive em família, é um órgão que é família, em que um ajuda o outro. Diz da intenção da torcida ser fundada perante ao clube. Tudo que a gente tem pertence ao clube. Se acabar amanhã, a gente tem que fazer uma doação para o clube. Está no Estatuto, tudo vai pertencer ao clube. É uma paixão pelo clube, sem fins lucrativos. Tudo que arrecadava a gente revertia para o próprio associado. A gente vendia muita camisa, boné.

**(P):** O clube nunca ajudou a torcida, financeiramente?

**(E):** Não, porque também é do São Paulo isso. Tem uma cultura muito ... A Diretoria ainda é muito empertigada. Acho que algumas pessoas daquele segmento acham que a torcida vai atrapalhar. Mas, hoje eles pedem a nossa presença, a volta. (Pausa para que ele pudesse atender ao telefone)

**(P):** A gente sempre ouviu falar que existem ritos de entrada nas torcidas organizadas, batismos. Como é essa história na Independente?

**(E):** Isso não acontece, não existe. Os caras tentam colocar o negócio que acontece nas faculdades para cima da gente. O que acontece é que: vamos viajar e os próprios caras, uns brincam com os outros. Fizeram já comigo várias vezes, tipo batizar um cara assim. Mas não é batizado porque está entrando. É todo mundo brincando. Não é para o cara apanhar e ficar com hematomas. As brincadeiras que acontecem em viagem, excursão de escola, turma da frente contra turma de trás. Era para ter uma brincadeira numa viagem. Eu, nos últimos anos, cheguei muito a viajar em casais, a gente tinha vários ônibus separados. Foi um dos motivos porque minha mulher começou, porque conheceu o convívio. E aí a gente ficava lá brincando que é homem contra mulher em alguns jogos. Outros brincavam de três times, pô, quem é que não fez isso na vida. Tinha que acertar uma palavra e quem errasse tomava três cachuletadas. Isso tem em qualquer lugar, qualquer amigo faz. Porque fazia na torcida uniformizadas era um batismo que tinha que criar hematomas. Então eu desconsidero isso. A gente tinha brincadeiras, existia. Mas nada a ponto de falar que o cara para entrar tinha que apanhar de um, brigar com tantos para mostrar que era homem. Isso nunca existiu. Tem uns que são mais valentes talvez do que outros e não demonstram isso no dia a dia. Só que, obviamente, quando mexe com o cara ... né, Qualquer um, o cara vai entrar lá só por ser brigador? Isso não existe.

Qualquer um podia fazer parte, por isso é que tem tantas mulheres que fazem parte. Se fosse só brigador, mulher estava fora do esquema.

**(P):** O que é ser são paulino para você, N.?

**(E):** Hoje é bem diferente do que era há quinze anos atrás quando eu entrei para a Independente. Hoje é ser ganhador, é saber que além ... Eu sou muito voltado à torcida, então quando eu vou no jogo eu fico vendo quantos são paulinos tem, ver que a torcida está crescendo. Chega a arrepiar quando o pessoal começa a gritar o hino. É diferente. Se você falar que o corinthiano é diferente, que o palmeirense é diferente. Eu acho que é diferente. Hoje é ser ganhador. Já vem há um bom tempo sem ganhar, quatro ou cinco anos sem ganhar. Mas, está chegando, não é um time que fica fora das finais. Tem muitos títulos que outras torcidas querem disputar que nós já ganhamos. Pode perceber, depois que o São Paulo ganhou os dois títulos mundiais em Tóquio, todo mundo quer ir para Tóquio. Nós ganhamos e agora, pelo menos os clubes paulistas, é só Projeto Tóquio. Porque viram que é uma realidade diferente. Pô, nós fomos em torno de quinhentas pessoas do Brasil na primeira vez. Na Segunda foi até mais, eu não fui na Segunda. Então, é bem motivado. Por isso que eu te disse aquela hora, eu voltaria tudo atrás e voltaria. Se não tivesse eu fundaria uma torcida.

**(P):** Você tem quantos filhos?

**(E):** Hoje eu tenho dois filhos. Um menino de sete anos e uma menina de nove anos. Ambos já foram comigo ao estádio e são tricolores. Principalmente o menino, conhece a escalação, já foi comigo, tirou fotos com vários jogadores.

**(P):** Como é que eles vieram a escolher serem são paulinos?

**(E):** Ah, se eu for te falar que não teve nenhuma influência do pai, é mentira. Família de são paulino que gosta, que vai ao estádio, é aquela brincadeira que todo mundo faz de dizer que se você não for são paulino vou te por para fora de casa. Lógico que eu não faria isso, lógico que a opção é dele, ele pode amanhã ou depois ... Mas a gente sente que não tem mais como. Ele é um cara que vibra quando o Denilson entra em campo. Ele veste a camisa de torcedor são paulino. Não conheceu tanto o Raí porque tem sete anos, mas agora vai conhecer, vai ter um ídolo. Apesar que, para mim, meu ídolo não foi o Raí.

**(P):** Quem foi seu ídolo no São Paulo?

**(E):** O Careca, Todo mundo fala que o Raí teve uma fase excelente, mas o cara que eu gostava era o Careca. Ele ficou no São Paulo uns quatro ou cinco anos. O Careca pegou o Silas, o Muller, o Pita. Era muito bom.

**(P):** Você está falando bastante no passado e eu gostaria de saber melhor qual o espaço do futebol hoje na sua vida?

**(E):** Hoje eu acompanho, mas nem tanto quanto eu acompanhava. Hoje minha cabeça está mais voltada profissionalmente, minha família. Família é principal. Profissão.

**(P):** Até quando você estudou?

**(E):** Terminei o superior. Fui formado em Administração depois. Então, na época eu nem me preocupava. Terminei fazem dois anos. Eu voltei a estudar em 93, quando eu voltei de Tóquio comecei a me desligar, entendeu. A gente vai hoje, mas não é aquele afinco. Hoje a minha cabeça está mais voltada para a empresa, voltada para minha família.

**(P):** Então, você teve uma fase na tua vida de viver quase que integralmente para a torcida?

**(E):** Ah, sim! Mesmo de casado. Eu parei de estudar, quer dizer, terminei o colegial e não me interessei ... Fui pegando mais experiência na vida e voltei a estudar. Nunca é tarde para você aprender, nunca é tarde. Fiz a faculdade, me dedico mais à empresa, que é fundamental isso.

**(P):** Para você a torcida não era algo que só se fazia nas quartas e domingos?

**(E):** Não, a gente tinha a sede, a gente fazia confraternização ...

(Pausa para que ele pudesse atender ao telefone)

**(P):** Olhando para tua vida, o que você poderia dizer dela em relação a este tempo em que a torcida ocupou a maior parte do seu tempo?

**(E):** Se eu pudesse voltar eu faria de novo? Faria, viu. Mas eu, talvez, não seria tão aprofundado. Deixei de fazer muita coisa também. Porém, também fiz muita coisa. Nossa!, eu conheci diversas cidades viajando, fiz um monte de amigos. O pessoal sempre me dizia que se eu me candidatasse a vereador ... sempre lutaram para isso. Sempre tive um conhecimento muito grande, era um cara que conversava com todo mundo.

**(P):** Quando te perguntei sobre o que significa ser são paulino, você disse que era sentir-se vencedor. Esta característica é apenas no plano do futebol?

**(E):** Acho que sim, né. Eu me considero um cara vencedor. Ainda tenho muito a conquistar. Conquistei uma família que ... Eu falo sempre da família porque, para mim, é o alicerce de tudo, sabe. E, às vezes, eu deixava de lado para acompanhar o futebol. Aí eu parei e fui pensar um pouco. Acho que comecei a crescer muito depois que eu pensei mais na minha família.

**(P):** Você deixaria seus filhos entrarem em uma torcida organizada?

**(E):** Deixaria, meu filho é sócio e minha filha é sócia.

**(P):** Então é a família inteira sócia da Independente.

**(E):** Mas, logicamente que a gente já sabe dos problemas. Então, a gente vai saber ... eu vou saber como direcionar o que eles podem ou não fazer. Estarem com um pé atrás e outro na frente? Sem dúvida! Porque, é o que eu te disse, algumas pessoas se infiltraram e prejudicam muito. Porém, eu sei que eles vão ter aquele lado positivo que eu sempre tive. Existia drogas

nas torcidas? Existe! Em qualquer segmento existe. Cada um sabe o que vai fazer da vida ou não. É ou não é?

**(P):** Falando em drogas, como é a presença das drogas na torcida? Tem muita?

**(E):** Não, tem normal. Tem no segmento como em qualquer segmento tem. E isso acho que entra quem quer.

**(P):** Mas, o que tem de diferente entre a torcida e os outros segmentos sociais?

**(E):** Porque acho que o clima é mais forte. É aquela empolgação. Acho que é isso. E tem uma perseguição contra as torcidas porque acho que elas unidas, elas podem mudar muita coisa. Sozinhas, não. Acho que unidas elas conseguiam mudar até o Brasil.

**(P):** Então, as torcidas organizadas têm uma força política?

**(E):** Não, porque acho que nunca ninguém pensou nisso. Mas, juntas ... Sozinha ninguém faz nada. Mas, com a força que tem ... A gente imagina que só no Estado de São Paulo são em torno de cento e cinquenta mil pessoas que fazem parte, para mais. Só no Estado de São Paulo. Se você quiser colocar à nível de Brasil ... Se tivesse uma união ...

**(P):** Mesmo com a proibição das torcidas esse quadro não mudou?

**(E):** Acho que mudou sim. Se não poderia até estar bem maior que isso.

**(P):** Voltando um pouco para tua vida eu queria saber se na tua família de origem só você é que filiou a uma torcida organizada.

**(E):** Não, eu tenho um primo que é da Mancha Verde.

**(P):** E irmão?

**(E):** Irmão não porque eu não tenho irmão, só tenho irmãs. Minhas irmãs chegaram a ir comigo em alguns jogos.

**(P):** Mas, elas entraram na torcida?

**(E):** Duas são associadas. Meus pais iam nas festas que a gente fazia. Chegaram a ir várias vezes. A família inteira participava. Meu pai não é sócio, mas, nossa, meu pai que me levou para o jogo. É que ele não gosta muito de ir em estádio. Ele gosta mais de radinho e televisão, ele se sente mais tranquilo. Mas, sempre que ele ia, ele ficava comigo no meio, sentia bem. Às vezes só que a pessoa ficava em pé que ... Que nem hoje, se eu vou e o pessoal fica em pé eu já ... Não é que nem antes. Hoje eu quero assistir mais o jogo. Mas essa é a diferença. Se as torcidas tivessem aí, ainda hoje, fazendo um trabalho legal, com pessoas que realmente acreditam, dá para fazer muita coisa. Mesmo para ajudar a população dá para se fazer muita coisa. As campanhas que a gente fazia, com uma força maior, uma divulgação, pode ser que a gente conseguia arrecadar muito mais em tudo, em todos esses segmentos aí, alimento, agasalho, doação de sangue.



**(P):** Estas ajudas se estendiam para os associados?

**(E):** Se alguém tivesse alguma dificuldade, se o associado precisasse de qualquer coisa, de sangue, por exemplo, a gente arrumava rapidamente vinte pessoas que estavam dispostas a ajudar. Sempre tinha gente disposta a ajudar.

**(P):** Mesmo se a pessoa fosse de outra torcida do São Paulo? Aliás, acrescentando algo nessa pergunta, como era a relação de vocês com as outras torcidas do São Paulo?

**(E):** Tem a Dragões, as outras praticamente fecharam. Não sei nem como é que está a Dragões hoje. Mas nossa relação era muito boa. A gente nunca teve problemas com eles.

**(P):** Mas, tinha alguma competição entre vocês?

**(E):** Não, a gente era bem maior. Quer dizer, se tivesse mais ou menos no mesmo nível, tamanho, alguma coisa assim ... A gente era bem maior e eles reconheciam esse nosso lado, diferença de tamanho de uma para outra. Era bem maior, era tipo noventa ou noventa e cinco por cento, e era mesmo. (Pausa para que ele pudesse atender ao telefone)

**(P):** N., já estamos quase terminando e eu queria te perguntar algo sobre aquela molecada que veio entrando na torcida e desvirtuando a ideologia, como você falou. Porque eles entraram nas torcidas, quer dizer, o que eles buscavam na torcida, na sua opinião?

**(E):** Eu acho que preenchi um espaço que eles não tinham no bairro deles, não tinham em outro lugar também. Ele conseguiu achar uma família dentro da torcida. Apesar de todos os problemas, ele achou uma família com um custo baixo. Não é qualquer um que tem condições de entrar num clube. Não é qualquer um que tem condições de entrar numa diversão, tipo o Playcenter toda semana. E lá, ele tinha condições de estar sempre seguindo com a gente. Era uma diversão mais barata. Era uma família porque ele criava um espaço de amigos e amigo pode ser considerado família. Eu tenho muitas pessoas lá que considero da minha família. São os meus amigos mesmo. Uns até deixaram de ir hoje porque constituíram família, mas se a gente se reunir para um churrasco, a gente tem a mesma amizade que a gente tinha há dez ou quinze anos atrás. O que não pode é acontecer o que está acontecendo. Tanta coisa errada e eles vão cair justo em cima das torcidas.

**(P):** Bem, N., estou vendo que você tem que ir e queria te agradecer pela entrevista, muito obrigado.

**(E):** Obrigado você, espero que tenha contribuído com alguma coisa e, se precisar, pode voltar a procurar.

## Entrevista 4

Nome: C. A. R. / Idade: 18 anos

**Pesquisador (P):** C., o que você faz?

**Entrevistado (E):** Sou auxiliar administrativo na Drogaria São Paulo e também sou estudante de Psicologia.

**(P):** Para que time você torce?

**(E):** Para o Santos

**(P):** Desde que idade

**(E):** Desde pequeno, desde que eu nasci eu vejo o símbolo do Santos na minha casa.

**(P):** Quem mais é santista na tua casa?

**(E):** Meu pai é santista. Só o meu e eu.

**(P):** E o restante da tua família torce para que time?

**(E):** Tem o meu irmão que é corinthiano, tenho uma irmã que é são paulina e minha mãe também é corinthiana.

**(P):** Irmão corinthiano? Vocês discutem muito por causa de futebol?

**(E):** Eu quebro o pau direto com ele.

**(P):** Jogo entre Santos e Corinthians ...

**(E):** Ele é daqueles que gosta de quebrar o pau. Se você fala com ele, ele fica revoltado.

**(P):** Mas, vocês chegam a sair no tapa mesmo?

**(E):** Eu e ele sai. Depois ele ainda briga com o meu pai.

**(P):** Mas, me conta mais dessa história. Você saiu santista como o seu pai e como é que seu irmão foi sair corinthiano? Ele é mais velho que você?

**(E):** Não, ele é mais novo. Ele nunca teve, assim, nenhuma influência. Minha mãe não é aquela corinthiana. Nunca teve nada em casa. Não é aquela que torce assim. Meu pai tentava fazer ele santista, falava que ele era santista e ele: 'Não, sou corinthiano!' E ficou até hoje, é daqueles que vai em jogo, vai para Ribeirão Preto quando o time joga lá.

**(P):** Ele faz parte de torcida organizada?

**(E):** Não, mas ele vai sempre.

**(P):** Vai sozinho mesmo?

**(E):** Não, às vezes, vai com um pessoal, uns amigos do meu pai que são corinthians vão com ele. Os últimos jogos que ele foi contra o Palmeiras, por exemplo, ele foi com uns palmeirenses. Um monte de palmeirense que a gente tem amigo da gente.

**(P):** E como é que você escolheu ser santista?

**(E):** Ah, sei lá. De tanto ver o meu pai falando, eu achava legal torcer para o Santos, achava legal. Eu queria ser santista, nunca disse que queria torcer para outro time.

**(P):** O que é ser santista, C.? Eu te pergunto isso porque em algumas outras conversas que tive, por exemplo, os são paulinos dizem serem vencedores.

**(E):** Eu não tenho muita chance de ser campeão. Teve no ano passado que foi campeão do Rio – São Paulo. Mas, assim, desde que eu sou santista e ia em jogo, eu torcia mesmo não sendo campeão. É legal torcer para um time não porque ele é campeão. Eu acho legal ter a tradição que o time tem, pela história que o time tem. É bonita a história do Santos.

**(P):** O que você conhece da história do time?

**(E):** Ah, os campeonatos que o Santos ganhou. A história dos jogadores do Santos, os melhores jogadores como o Pelé, o Zito, o Mengálvio, o goleiro do Santos, o Gilmar dos Santos Neves, que eu acho que foi o melhor goleiro do mundo até hoje que teve no futebol.

**(P):** Você chegou a ver o grande Rodolfo Rodriguez?

**(E):** Não, mas pela história que eu conheço, acho que não vai ter outro igual ao Gilmar. Eu via bastante aquele programa do canal 2, passava bastante coisa do Santos. Eu achava legal assistir aquilo. E é gostoso não por ser campeão. Quer ver, tem uma torcida bonita, dois times ... É a Portuguesa, que a torcida é fanática, apesar do time não ser campeão há vinte e tantos anos. O último título dividiu com o Santos em 73, se não me engano, ou 75, não me lembro. Ponte Preta também tem uma torcida legal que acompanha o time. Onde o time vai, a torcida está lá, na segunda ou na primeira divisão. Eu não acho legal torcer só por ser campeão, ninguém pode ganhar todas também. Acho que ...

**(P):** Pelo que você está me dizendo é possível perceber que a maior parte da garotada vai escolher um time por ele ser campeão? É fato, por exemplo, que a torcida do São Paulo cresceu muito na década de 80, depois que o time começou a acumular conquistas.

**(E):** Em 93 inchou mais ainda quando foi bicampeão mundial. Igual a do Palmeiras, antes de 90 ninguém torcia pelo Palmeiras. Eu vejo isso direto com meus amigos. Tem muita gente que é cara de pau, até depois que o time é campeão é que vai torcer para ele. E, tipo assim, amigos de dezoito, dezessete anos para mais. Passaram a torcer para o time depois que o São Paulo foi bicampeão, depois que o Palmeiras saiu da fila de dezessete anos. Agora, só corinthiano que não foi. Todos os corinthianos que eu conheço sempre foram. Muitos são por tanto o outros colocar isso na cabeça. Eu não podia torcer para um time por ele ser campeão, porque eu nunca vi o Santos ser campeão ou ter um bom time. Um ótimo time só em 94, mas não foi campeão, né.

**(P):** Você foi assistir àquela final?

**(E):** Eu fui na final. Eu não queria ir embora. O jogo acabou e eu ainda fiquei chorando. Fiquei jogando pilha no pessoal dentro do campo. Foi para desabafar, estava com muita raiva porque o Santos foi muito roubado.

**(P):** Você costuma ir em estádio para assistir os jogos do Santos?

**(E):** Quando é aqui em São Paulo eu vou. Eu nunca saí de São Paulo. Eu só vou quando tem jogo aqui, normalmente clássico, jogo contra o Corinthians ou contra o São Paulo ou quando é final.

**(P):** Quando você vai ao estádio, em que lugar costuma ficar para assistir ao jogo?

**(E):** Nunca fico na arquibancada. Quando eu vou no Pacaembú eu fico naquela arquibancada do meio, ela é arquibancada especial, é com cadeira.

**(P):** É a numerada?

**(E):** Não é numerada, é uma arquibancada ... Porque tem o tobogã que não estava liberado até, é aquela é bem no meio do estádio. Ela é diferente da numerada, ela é mais barata até. Então a maioria fica ali. Ali no meio fica mais o pessoal assim ... também, mas não é igual a numerada. Mas é menos bagunça.

**(P):** Porque você prefere ficar nessa arquibancada?

**(E):** Porque acho menos perigoso do que nas outras que sai muita briga, apesar de que nessa também sai briga, que eu já vi, que eu já participei. E as pessoas que eu vou, todo mundo prefere ficar nessa.

**(P):** Onde ficam as torcidas organizadas tem briga?

**(E):** Não, nessa também fica a organizada. Porque a organizada não fica num determinado ponto só. Ela pega tudo, boa parte do estádio. Mas, as brigas saem sempre onde tem divisão da torcida. É que agora não tem mais. Mas, antes quando dividia as torcidas pelo alambrado, as brigas sempre começam dali. A gente fica mais longe do alambrado que divide as torcidas, fica no meio do estádio.

**(P):** Pelo que você está me contando, as brigas sempre acontecem onde as torcidas se encontram.

**(E):** Onde as torcidas se encontram. Porque já sai briga, dentro da própria torcida sai briga. Briga assim de grupinho. Não sai as brigas mesmo grandes é onde as torcidas se encontram, que é no alambrado.

**(P):** Onde você fica é mais seguro?

**(E):** É mais seguro e também é melhor para ver o jogo.

**(P):** Você estava falando que já pegou briga em estádio...

**(E):** Já, Santos e Corinthians, de torcida ...

**(P):** Você já se envolveu em briga?

**(E):** Eu não cheguei a brigas, mas foi assim, eu estava saindo do Pacaembú, estava eu e um primo meu. Então, na hora que eu estava com os torcedores do Santos, do lado veio um monte de torcedores da Gaviões correndo. Então eles passavam e iam chutando todo mundo. Eu não cheguei a brigar, eu cheguei a cair. Fui dar um chute num cara e caí, fui para fora da briga, subi a escada e fiquei para cima. Aí chegou uma polícia e conseguiu controlar a briga e não deixou mais as torcidas se chutar. Aí só lá embaixo que saiu uma briga mesmo.

**(P):** Você chegou a deixar de ir ao estádio por causa de briga, por medo de briga?

**(E):** Por medo de briga não deixo de ir, não. Por medo de briga não.

**(P):** Quais os estádios que você costuma ir?

**(E):** Eu vou mais no Pacaembú e no Canindé, que é mais perto para mim. Canindé normalmente a gente vai de carro e para o Pacaembú vamos de metrô. No Morumbi é mais difícil de ir.

**(P):** Já pegou a torcida pelo caminho?

**(E):** Peguei, foi Santos e Corinthians também. Foi muito chato. Porque aí já tinha acabado as torcidas organizadas, tinha acabado assim, dentro do estádio. Mas tem sempre cara que vai. Ah, as torcidas organizadas sempre vai junto para os estádios, até hoje. O pessoal vai de ônibus ou vai de metrô. Aí eu estava indo para o Pacaembú, pela Marechal Deodoro, mesmo. Estava indo eu, um primo meu e um ou dois amigos. E, logo na subida para o estádio, a gente estava em poucos e eles estavam em muitos.

**(P):** De que torcida eram?

**(E):** Tudo torcedor da Gaviões. Eles vieram para cima da gente, aí um desses que estava com a gente conhecia um cara da Gaviões, ele era chefe de torcida da Gaviões. Então, ele chegou e conversou com o cara e, meio assim: 'não, vamos deixar quieto, a gente está em quatro e eles estão em um monte, né, não vamos bater neles.'

**(P):** Vocês estavam uniformizados?

**(E):** Camisa, agasalho, estava todo mundo com roupa do Santos. Aí, eles, tipo, 'hoje não', eles falaram, e aí eles liberaram a gente. Aí, uma vez, não indo para estádio, mas aqui mesmo em Itaquera, voltando para casa, estava eu e um amigo meu com agasalho do Santos e encontramos com um pessoal da Gaviões da Fiel voltando do jogo e tomamos um monte de paulada.

**(P):** Como é que aconteceu isso?

**(E):** Olha, esse dia, que a gente tomou paulada deles, eles estavam gritando. A gente, por ser do Santos, não gostou. Eles começaram a gritar de um lado e a gente começou a gritar do outro lado e provocar eles, mesmo vendo que a gente estava em dois.

**(P):** Como era essa provocação que vocês fizeram com eles?

**(E):** Xingando eles, xingando de galinha preta. Não era nem jogo Santos e Corinthians, não era nem final. Se não me engano era Corinthians e Portuguesa.

**(P):** O último jogo entre Santos e Corinthians foi bastante complicado. Lembro que foi pelo Campeonato Brasileiro e o Corinthians perdeu. A torcida depois atacou o ônibus da delegação na volta para São Paulo ...

**(E):** É, a segurança lá na Vila é muito ruim, muito apertado o espaço, é muito fácil sair no braço as torcidas. No Pacaembú também porque pega a rua de trás, assim, as torcidas sempre se encontram ali no meio para subir. Quando eu fui à final Santos e Botafogo não chegou a sair briga. Não saiu briga porque não tinha como, os policiais não deixaram. Ainda assim muitos torcedores da Torcida Jovem bateram em uns botafoguenses. E outras vezes sai provocação, porque torcer, para eles, já é uma provocação. O time ganhar, para eles, já é uma provocação. Para qualquer torcida, né.

**(P):** Mas, da vez que vocês apanharam, tomaram pauladas, quem é que provocou quem, ou melhor, quem iniciou a confusão?

**(E):** Foi a gente que provocou. A gente viu que a gente estava em dois, devia ter ficado quieto. Eles tinham uns dez, mais ou menos. Foi a gente que começou a xingar (risadas). Ah, galinha preta, cuzão, mandamos eles calar a boca, coisa assim. Aí, teve uns dois que começaram a gritar e eles estavam com uns cabos de vassoura. E eles vieram para cima da gente. Aí, a gente, em vez de correr, ficamos parados. Eles aí deram paulada na nossa perna e ia bater na gente. Quando a gente viu que eles iam bater, a gente correu. Aí começamos a correr. Eles não correram atrás, não.

**(P):** O motivo de vocês começarem a xingar eles foi a situação em que eles haviam ganhado o jogo contra a Portuguesa, roubando descaradamente?

**(E):** É, também, mas independente disso a gente xinga também. Se encontrar, xinga. Dia de jogo, se tem uma torcida que encontra a outra, xinga.

**(P):** Só em dia de jogo?

**(E):** Fora de dia de jogo também. Olha, onde eu estudava, na frente do colégio, tinha sede da Gaviões, lá em Guaianazes. E tinha uns Independentes que estudavam comigo. Então, eles se conheciam e tudo. Mas, em dia de jogo, passou, passou o jogo, se um time ganhasse do outro, se o Corinthians ganhasse, são paulino saía xingando e corria. Se o São Paulo ganhasse, eles

ficavam lá e vinham uns corinthianos e batiam neles. Toda vez era isso. E é provocação, ganhar já é uma provocação, eles não gostam. Tem um pessoal muito violento, não que todo torcedor seja violento, mas tem torcedor violento. Aí, se o time ganhou, eles já saem querendo bater em todo mundo. Uma vez aconteceu comigo também, indo para o Salão do Automóvel, eu estava com o agasalho do Santos. Tinha jogo do Corinthians no dia. Só que eu nem estava ligado, não sabia que tinha jogo do Corinthians. Quando eu vejo, que eu estou chegando em Itaquera, aquele monte de Gaviões. Aí, os seguranças do metrô viram e me levaram para o primeiro vagão. Porque eles vão sempre no último vagão, no último ou penúltimo vagão. Aí consegui chegar, mas mesmo assim eles foram xingando. Tem aqueles, não todos, mas sempre tem aqueles que querem ir bater por qualquer coisa. Você torcer para outro time já é uma provocação para eles.

**(P):** Voltando um pouco naquilo que a gente estava conversando sobre o que é ser santista, à luz de todas estas brigas que você contou agora, o que dá para dizer?

**(E):** Acho que é torcer, é ser apaixonado pelo time, é gostar do time, é querer ver o time campeão.

**(P):** Querer ver o Santos ser campeão, mesmo com o tempo de fila que ele vem acumulando?

**(E):** Não é querer ser campeão, porque não dá para dizer isso com o time atual. Mas, é gostoso, eu acho gostoso torcer para o Santos. Eu acho que é um prazer maior torcer para o Santos do que torcer para qualquer outro time.

**(P):** Quando você entra nessa provocações, nessas brigas, o que é que você está defendendo?

**(E):** O time, defender que o time é melhor que o time dos outros. Mesmo quando perde, é sempre dizer que o time é melhor ou que a torcida é melhor. Torcida organizada tem muito o fato também de ... Não, às vezes, tem torcedor que vai lá e nem é pelo time, é pela torcida. Eu tenho bastante amigo da Independente que eles falam isso. Eles vão e não estão nem aí para o jogo. Eles vão para ver a alegria da torcida, para ver a torcida brincar. É legal os gritos da torcida, o samba que eles fazem, o barulho que eles fazem no estádio, as bandeiras. Isso acabou e eu acho que ficou sem graça sem as torcidas organizadas. Acabou com o espetáculo.

**(P):** Você chegou a ir em estádio depois da proibição? Qual a diferença entre o estádio com as torcidas organizadas e sem elas?

**(E):** Fui. Não tem espetáculo. O espetáculo fica só no jogo. Não tem espetáculo da galera. Não tem aquele grupo separado, das torcidas organizadas, que levavam aquelas bandeiras enormes, que é muito bonito. Não tem mais grito de guerra, que é muito legal também, os gritos de guerra das torcidas, acho um barato. Tem uns que é legal. Tem uns que já é provocação, mas é muito legal a torcida organizada. A torcida parece que comemora mais.

Quando a torcida está junta parece que a comemoração é maior. Pelo fato de ser um grupo separado e uniformizado. Eles se dizem, assim, maiores torcedores que os outros que não são das torcidas. Então, normalmente, eles fazem a festa maior quando o time é campeão ou mesmo quando o time ganha. E acabou bastante isso.

**(P):** C., como é essa história de que eles se dizem maiores torcedores do que os torcedores comuns, os que não de torcida organizada?

**(E):** Eles dizem. Isso eles próprios dizem. Eu vi isso em uns jogos do Santos. Eles falam que os torcedores que não são de torcida organizada, eles falam: 'aquele é torcedor que só vai em final, é torcedor de final.' Não é torcedor que vai em todos os jogos. Torcida organizada é aquela que acompanha todos os jogos, a maioria acompanha. É o que enche os estádios em todos os jogos. Porque, se fosse depender só desses que não são de torcida organizada, nos outros jogos, no decorrer do campeonato, ia ser vazio. Só na final é que ia estar sempre cheio. Mas, no campeonato inteiro não ia ter ninguém. Porque, de fato é, tem muito torcedor que vai só na final, ou só nos clássicos, como eu mesmo.

**(P):** Eles então são realmente mais torcedores do que os outros?

**(E):** São mais fiéis, viajam com o time. Se o time vai daqui para o Rio, para a Bahia, eles vão junto. Estão sempre atrás do time. Eles conhecem mais o time, ele procuram saber mais do time, da história do time.

**(P):** Na situação em que eles encontram os torcedores comuns, os torcedores de final, como é que eles fazem essa distinção, como é a fala deles?

**(E):** Eles falam brincando. Porque sai muito tumulto. Quando está muito lotado o jogo, sai muito tumulto. Na final sempre é muito lotada, é tumulto na porta do estádio. Então, eles falam por isso. É aquela fila para entrar ou então fila mesmo para comprar ingresso, aquela fila para comprar ingresso. Eles deixam de ter um pouco de lugar. Eles sempre estão lá e, na final, perdem o espaço. Mas, o que eu vi, assim, nunca foi num tom de agressão, sempre foi de brincadeira. Mas, sempre eles marcam a diferença. Eles não querem que entre gente de fora, que não seja de torcida organizada. Agora, não. Agora, eles ficam divididos. Ainda sai ônibus da torcida para os jogos, só que não vai ninguém uniformizado. Chega lá, hoje as torcidas são juntas, chega lá e já está tudo lotado. Aí, já não é mais a mesma coisa. E eles fazem espetáculo. Agora não entra mais tamborim no estádio. Quando tinha torcida organizada entrava. Tambor, não entra nada da bateria, nem bandeira. Só se for a bandeira do time e sem o mastro, só se for a bandeira. Não tem mais aquela graça, quando a bandeira cobria o estádio inteiro.



**(P):** Parece até que havia uma competição entre as torcidas organizadas para ver quem fazia a maior bandeira.

**(E):** Acho que foi da Gaviões, quando teve uma final contra o Palmeiras. Eu achava muito bonita aquela bandeira da Gaviões que eles levantaram na primeira final contra o Palmeiras, que o Palmeiras foi campeão, aquela bandeira era linda e pegou o estádio quase inteiro lá em Ribeirão Preto. Pegou de um lado, fez a curva e vinha até a metade, até o centro do estádio. Eu acho que é a bandeira mais bonita que eu já vi de torcidas organizadas. Da Jovem, também, tinha uma muito bonita, foi antes da final, antes de 94, a Torcida Jovem tinha uma bandeira muito bonita que era uma baleia, também, com a cara da baleia da Torcida Jovem que é aquela baleia estilizada.

**(P):** Você mencionou o símbolo da Jovem, a baleia, porque escolheram este símbolo?

**(E):** Por causa do mar, porque é um time da baixada. A Torcida Jovem, você fica muito ligado na torcida, fazem uma festa ...

**(P):** Você já assistiu algum jogo junto deles?

**(E):** Já, no meio deles. Foi muito legal. A festa é muito da hora. Dentro da torcida organizada parecia todo mundo muito amigo, todo mundo se conhece. Mesmo sendo grande, todo mundo se conhece. Nunca está parado. Torcida organizada nunca é aquela que fica quieta. Às vezes, fica, é lógico, por protesto. Mas, nunca, time perdendo ou ganhando, eles estão dando apoio. Tem aqueles que ficam embaixo, eles mal assistem o jogo, ficam de costas agitando a galera. É legal, o espetáculo dentro da torcida é legal, é diferente.

**(P):** Qual é a diferença entre torcer naquele lugar que você falou que é menos perigoso e torcer no meio da torcida organizada?

**(E):** A festa da torcida organizada é muito maior, é melhor.

**(P):** Você diria, então, que as pessoas vão para uma torcida porque a festa é muito melhor?

**(E):** A maioria que eu conheço estão lá por causa da festa e para poder acompanhar o time. Porque eles também tem desconto no ingresso. E para viajar, é mais fácil viajar com a torcida. A torcida leva o ônibus, tem vez que não paga nada. Eu acho que sempre tem uma ajuda. No ônibus é muito pouca, porque sempre tem o ônibus da própria torcida. Muita torcida tem o seu próprio ônibus, então, nunca paga nada. Paga o que você gastar, claro. Para você pegar o ônibus, se você for viajar e não for de torcida, você vai gastar um monte de dinheiro. Normalmente, o pessoal que está em torcida organizada, tem muitos que não têm condição de estar acompanhando o time. Com a torcida organizada têm mais condição de acompanhar o time e vão porque gostam. É diferente, é bem diferente.

**(P):** O que leva as pessoas a querer acompanhar o time? A minha pergunta é assim: que importância é essa que o futebol tem na vida das pessoas?

**(E):** Ah, se você já foi em estádio, você sabe que a emoção é bem maior em estádio do que ver o jogo na televisão. Na televisão, acabou o jogo, acabou a festa. No estádio não. O time é campeão e aí é que começa a festa, ou mesmo quando o time ganha. E é legal. Na televisão você não pode ... você não vai ficar gritando na frente da televisão. Você não ficar fazendo aquela torcida, gritando, batendo no sofá, igual você bate nas arquibancada. Na torcida tem a festa maior, tem o prazer de você viajar também. E é legal para dar apoio para o time, é legal para você torcer para o time. O time, só por ele, sem apoio nenhum, não vai ter uma animação, não vai ter algo que levanta ele. A torcida faz o time levantar, ajuda o time.

**(P):** Você acha que os times precisam deste apoio?

**(E):** Precisa. Acho que todo time precisa da torcida. Eu acho que precisa mais ainda da torcida organizada.

**(P):** Outro dia uma pessoa com a qual estava conversando me disse que parece que nenhum time paulista ganhou o Campeonato Brasileiro depois que acabaram com as torcidas organizadas dentro dos estádios.

**(E):** É verdade. Fica mais difícil. Você vê, só em São Paulo é que tem isso. No Rio não tem isso. O time que vai daqui para o Rio pode levar torcida organizada, mas diminuiu bastante o número de torcedores de organizada depois que acabou. Porque pararam de ir aqui e até pararam de ir para outros lugares também. Diminuiu bastante. Mesmo indo disputar um jogo no Rio, vai ter bem mais torcida organizada de lá do que daqui, vai ter muito pouco daqui.

**(P):** Como você sabe que muita gente parou de ir?

**(E):** Parou. Um amigo meu parou, por exemplo. Ele é palmeirense, ele era da TUP. Ele parou de ir em jogo porque acabou as torcidas organizadas. Agora, tem outros que continuam. Tenho um amigo que ele é Independente, daqueles que vai mais por causa da torcida do que por causa do time. Mal sabe do time, da torcida ele sabe de tudo. Ele continua indo para ver a festa no ônibus. No ônibus ainda continua a festa. Só que, chega no estádio, e é como torcedor normal. Mesmo assim, mesmo agora sem torcida, eles ficam, lógico, eles sabem quem é da torcida e quem não é. Mas, é um torcedor normal como outro que está do lado, que não é da torcida organizada. E tem uma forma de comemoração diferente. Não tem uma bandeira, não tem uma graça para levantar o time. A Gaviões, por exemplo, conheço também gente da Gaviões em Guaianazes, eles vão junto para o estádio, mas não é a mesma festa.

**(P):** Você estava falando na Gaviões e eu lembrei que ela também tem uma escola de samba.

**(E):** Tem a escola de samba. A Gaviões da Fiel, a escola, inclusive, tem muito são paulino, tem muito palmeirense que desfila pela Gaviões. A Torcida Jovem tem um bloco. A Torcida Jovem desfila aqui em São Paulo. É legal. Acho que isso mostra que a torcida organizada não é só briga. A briga acontece, acho que não porque é uniformizada. Briga sempre acontece. Mesmo não sendo organizada sai briga. É que é de menor intensidade. Como a organizada é mais unida, se um da organizada começa a brigar com outro torcedor, a torcida toda já vai tentar defender. Hoje não tem mais isso, tem muito pouco. Mas, continua tendo briga, não acabou em nada. Só que é briga em um grupinho separado. Eu já briguei em campo não sendo de torcida organizada, briguei com outro torcedor, com a torcida junto.

**(P):** O que aconteceu?

**(E):** Porque ... foi do Corinthians também. O Santos estava ganhando do Corinthians. Quando o Corinthians fazia gol, eles comemoravam. Quando o Santos fazia gol, eu comemorava. O Santos virou o jogo. Quando o Santos virou o jogo, estava 3 a 2 para o Santos, foi no Pacaembú, e eu estava comemorando. Eu subi no alambrado e comecei a bater naquelas chapas redondas. Tinha dois corinthianos do meu lado e um deles virou para mim e me mandou ficar quieto, calar a boca e assistir o jogo porque ele queria assistir também. Aí eu mandei ele tomar no cú. Aí brigamos, comecei a dar porrada. Aí, na hora veio um monte de amigo meu, santista da Torcida Jovem. Vieram para o lado perguntar o que estava acontecendo. Nisso veio também um monte de amigo, que eu não sei se era de organizada. Aí começou a briga com aquele grupo ali. Aí veio um pessoal e separou a briga, cada um foi para o seu lugar. O Santos acabou ganhando o jogo e ele ficou com uma puta raiva.

**(P):** C., você parece realmente ter algo especial contra os corinthianos.

**(E):** Eles são muito de achar que o time deles é melhor. Não tem a humildade. Não é que não tenha torcedor do Santos que não seja humilde. Tem torcedor que não é humilde, todos os times têm. Mas, em geral, a torcida do Santos, do Palmeiras e do São Paulo são mais humildes que a torcida do Corinthians. A torcida do Corinthians é muito ... Qualquer coisa para eles é provocação. Eles não admitem você falar que o seu time está melhor que o deles, mesmo fora do estádio. Se você falar mal do time deles, eles já querem briga. Com o meu irmão é assim. Você falou mal do Corinthians para ele, mesmo o Corinthians estando mal, ele começa a te xingar. E até com o meu pai ele briga. Se o Corinthians ganha do Santos o meu pai briga com ele, manda ele calar a boca e ir dormir. Ele vai dormir e eu fico enchendo o saco, aí nós saímos no tapa. Quando o Santos ganha do Corinthians fica eu e meu pai enchendo o saco dele. Ele fica xingando, mas depois vai dormir.

**(P):** Os outros torcedores dos outros times são mais flexíveis, mais humildes que os torcedores do Corinthians?

**(E):** São muito mais flexíveis, mesmo os palmeirenses são mais flexíveis que os corinthianos. Eu conheço alguns palmeirenses, e eles não são de torcida organizada, mas vão em todos os jogos. Para eles, é o que eles falam, o que importa para eles não é quem ganha. Lógico que eles vão torcer para o time ganhar, mas o que eles gostam de ver é o esporte, o time jogando bem, seja o dele ou seja o do outro. Tanto que, quando o outro time melhor, eles falam. Eu também, eu sou assim. Quando eu vejo que o time do adversário está jogando melhor, eu acho que ...

**(P):** Qual é o seu segundo time?

**(E):** É o Corinthians. Eu torço contra. Pode jogar com quem for que eu torço para o adversário. Eu torço contra o Corinthians. Não gosto do Corinthians, não gosto do time, não gosto dos torcedores. Um time que eu gosto, que quando joga eu torço para ganhar ... torço assim, eu gosto quando ele ganha, acho legal a alegria da torcida deles, é a Portuguesa. Eu conheço um torcedor da Portuguesa, que vai em jogo mesmo, eu conheço um que é amigo do meu irmão. Ele é da Leões da Fabulosa. Eu gosto de conversar com ele. Ele parece que gosta do esporte e ele vai porque ele gosta do time mesmo, porque ele sabe que a Portuguesa não ganha nada, e não é de hoje. Ele tem dezessete anos. Ele nunca viu mesmo a Portuguesa ganhar nada. Nem campeonato de peteca. E ele sempre vai nos jogos. Não é legal você gostar de um time só quando ele passa a ser campeão. A torcida do Palmeiras começou a acompanhar o Palmeiras só depois que ele saiu da fila. A torcida do São Paulo também, só depois de 86 para cá que começou a acompanhar mais.

**(P):** Você fala tanto de torcida organizada, conhece tanto, tem tantos amigos, que eu queria te perguntar se você já quis fazer parte.

**(E):** Quando eu comecei a ir sozinho é que me deu vontade de entrar para torcida organizada. Não só para ir uma pessoa comigo, mas para poder ir com um monte de gente. Porque é aquela festa maior. Aí, foi na época que começou essa questão de querer acabar com as torcidas organizadas, que foi acabando, proibiram as entradas nos estádios. Aí eu fui perdendo a vontade de entrar.

**(P):** Você queria ir para a torcida organizada para ter com quem ir aos jogos?

**(E):** É, também. E para ir por causa da festa. Quando eu comecei a poder ir sozinho mesmo, eu falei: 'bom, se eu posso ir sozinho, então eu posso entrar numa torcida organizada, meu pai não vai ligar.' Mas, acabou as torcidas e eu perdi a vontade?

**(P):** Como assim: 'meu pai não vai ligar'?

**(E):** É, porque antes eu só ia em jogo com ele. Ele sempre foi nos jogos, pegou a fase áurea do Santos. Ele viu o Santos ser campeão, por rádio, mas viu o Santos ser campeão. Ele pegou desde a fase do Pelé, dos grandes jogadores do Santos. E ... depois que eu comecei a ir para o estádio sozinho, aí eu peguei vontade de entrar para torcida. Sempre tive, sempre via a festa, achava bonito. Mas, sempre ali com o meu pai e o pessoal. E ele nunca foi de ir com torcida. Então, eu sempre ia em jogo com ele. Achava legal. Depois que eu comecei a ir em estádio sozinho, com quinze, dezesseis anos ...

**(P):** Você acompanha muito o futebol?

**(E):** Acompanho. Mesmo quando eu não vou em estádio eu vejo pela televisão, mas eu acompanho.

**(P):** De que tipo de festas da torcida você está falando?

**(E):** Ah, tem as festas da própria torcida. Já fui no aniversário da Torcida Jovem, é uma festa, é uma coisa linda, não é o que falam de torcida. É uma festa super legal. Aniversário da Gaviões, tem muito torcedor de outro time lá, porque é uma festa legal para caramba. Não vai, lógico, torcedor de ... cara da Mancha Verde não vai porque é na sede da Gaviões. Mas aquele torcedor que não é, assim, fanático, vai com os amigos, é legal a festa, é bem interessante. Fui em várias festas de torcida. Tem muitas, não é só aniversário. Quando o time ganha o jogo, não só quando o time é campeão, tem festa na torcida. Tem samba na própria torcida, dia de final de semana, o pessoal paga e vai lá, acho legal isso.

**(P):** Você joga futebol, C.?

**(E):** Mal, muito mal. Eu não gosto de jogar porque eu jogo mal.

**(P):** Mas quando joga, em que posição é?

**(E):** Quando eu jogo é de atacante ou de goleiro. Eu gosto de fazer falta. Eu gosto de futebol, acho legal.

**(P):** Você estava falando que ia entrar na torcida quando proibiram elas e aí você desistiu, o que você acha que aconteceu?

**(E):** Injustiça, eu acho que é uma injustiça. Eles levaram em consideração um jogo em que a briga saiu por causa de um grupo de torcedores organizados que foi e provocou outro grupo. Porque foi provocação. Foi por causa do jogo São Paulo e Palmeiras, final da Copa Júnior. Foi culpa dos torcedores da Independente, porque o São Paulo foi campeão e os torcedores da Mancha estavam na deles. Os Independentes foram lá e provocaram a briga, ficaram subindo no alambrado, ficaram mexendo com a torcida adversária. Lógico, ninguém gosta. Aí, a Mancha veio para cima e começou a briga. Só que a Gaviões não teve nada a ver com aquele jogo, a Jovem também não. E é injustiça você acabar com uma coisa só aqui em São Paulo e

em outros estados continuar. É ridículo, é uma palhaçada. Para mim, a culpa não foi tanto só dos torcedores. Foi do presidente da FPF também, ele influenciou bastante nisso. Ricardo Teixeira da CBF porque ele dá muito apoio aos times do Rio e os times de São Paulo ... ele mesmo ... tanto que na final Santos e Botafogo, ele nunca tinha ido numa final de Brasileiro, Santos e Botafogo foi a primeira final que ele foi. E ele falou antes do jogo que ele achava melhor que o Botafogo fosse campeão, porque assim a taça da CBF ficava no Rio. E o Botafogo, roubando, foi campeão.

**(P):** O próprio presidente do Botafogo admitiu depois do jogo que se a final fosse contra um time grande de São Paulo, Corinthians, Palmeiras ou São Paulo, que eles não ganhariam. Ganharam porque foi contra o Santos.

**(E):** Se fosse um Corinthians, um São Paulo, que é time grande, tem mais poder. Santos é time grande, mas não tem o mesmo poder que os times daqui da capital têm. Acho que por ser time do interior fica mais jogado, mais para o lado do que Corinthians ou o Palmeiras, do que o São Paulo. Por ter mais tempo que não ganha um título, acho que isso também influi. Para a CBF é bem melhor um time que tem uma torcida grande assistir um jogo, do que um time com uma torcida menor. A torcida do Santos é grande, mas é bem menor que a do Corinthians, do Palmeiras ... Menos lucro para eles que um time desses vá para a final.

**(P):** Não te estranham quando você fala que torce para o Santos que, como você mesmo disse, é do interior?

**(E):** Não. Não é pouco torcedor do Santos que tem aqui. Acho que tem mais torcedor do Santos aqui, levando em consideração o número da população, do que em Santos. Acho que tem bem mais santista aqui e ... o Santos joga muito aqui. Na Vila não pode ter semifinal, não pode ter final, por causa do tamanho do estádio.

**(P):** C., acho que era isso que eu queria te perguntar. Você ainda gostaria de acrescentar alguma coisa no que já contou?

**(E):** A minha vontade era que voltasse as torcidas organizadas. Acho que um dia ainda volta. Porque acho que um dia ainda vai entrar alguém lá que vai se tocar, porque era bem melhor quando tinha torcida organizada. Eu acho que estão acabando com o futebol. Que nem ... Antes o futebol era mais ..., era futebol. Agora, é mais comércio do que futebol mesmo. Venderam o Campeonato Paulista para a Vale Refeição. Estão querendo vender o Campeonato Brasileiro agora também. Estão querendo acabar com o futebol verdadeiro. Acho que os maiores, lá de cima, da CBF, acho que a vontade deles é o dinheiro, não é de ver o esporte, o que é errado. Eu não cheguei a ver o futebol de verdade. Desde que eu nasci já não tinha mais futebol mesmo, que foi até mais ou menos 70 ou 75. Que nem, eu estava lendo

uma reportagem da Veja sobre futebol, essa semana, e eles estavam falando que o Falcão foi o primeiro jogador do Brasil a ir jogar no exterior. Ele ganhava novecentos mil por um ano, e o Roberto Carlos ganha isso em três meses, como salário. Ronaldinho... Querer comparar Ronaldinho a Pelé, eu acho isso ridículo, acho que nunca vai ser igual. Aquela época, o Pelé se fez para ser o melhor do mundo. Hoje tem muita publicidade. O Ronaldinho podia ser ruim para caramba, mas de tanta publicidade que colocaram em cima dele, ele se tornou o melhor jogador do mundo.

**(P):** Ser santista, então, é gostar do futebol de verdade?

**(E):** É gostar do futebol de verdade, gostar do futebol. Hoje são poucos jogadores que você vê jogando futebol mesmo. Na seleção acho que tem dois jogadores que são daqueles que vão com raça, que é o Dunga e o outro é um que todo mundo reclama, mas que tem raça, que é o Taffarel. Eu gosto de ver o Taffarel jogar, ele parece que gosta, ele comemora cada gol da seleção. Ele é aquele que chora, cada gol. Um jogador que teve no Santos, bom para caramba, que jogava futebol, era o Jameli. Ele tinha raça, corria os noventa minutos. Eu tenho uma foto com ele. O Caio. Eles são jogadores que, mesmo em fase ruim, não estão jogando bem, eles vão porque tem vontade, eles dão o sangue pelo time, eles querem que o time seja campeão. E não é todo jogador que é assim. O Edmundo não é um jogador que joga pelo time. O Djalminha é um jogador que não joga pelo time. O Viola também. O Luxemburgo, é o melhor técnico do Brasil, mas o que ele quer é o dinheiro. Só pelo fato de ele ter saído do Santos para o Corinthians. Ele quebra não só um contrato, mas a palavra que ele deu. Um jogador também, que joga no Corinthians e que eu acho que joga o futebol mesmo, é o Marcelinho Carioca. Eu já tive a oportunidade de conversar com ele. Mas, um jogador que, eu não lembro do Santos ser campeão, mas jogador que eu lembro era o Serginho Chulapa. Lembro dele como jogador do Santos. Não lembro do Santos ter sido campeão, mas lembro dele vestindo mesmo a camisa do time.

**(P):** Não só foi campeão, como ele é que fez o gol do título em cima do Corinthians.

**(E):** ... Não sei. Acho que é continuar a história. Que nem a Portuguesa. Acho que a Portuguesa, quando dividiu o título com o Santos, os dois últimos títulos da Portuguesa foi dividido e os dois foi com o Santos, foi diminuindo a torcida da Portuguesa. Normalmente, um cara que vem de Portugal, torce para a Portuguesa. Tem um que trabalha comigo, só que ele não vai ao estádio. Ele torce para a Portuguesa. Eu conheço outros, a maioria dos portugueses que eu conheço torce para o Palmeiras. Eu não sei porque. Acho que vai ... quando o time é campeão, vai mudando as pessoas, elas vão torcendo para o time que está no auge. O Santos é um time que poucas vezes está no auge e a Portuguesa também.

**(P):** Você ia em estádio muito com o seu pai, que te levava para os jogos do Santos, mas e o teu irmão? Seu irmão vai sempre em estádio sozinho?

**(E):** Vai. Vai com os amigos do meu pai ou o meu pai leva ele. Meu pai é daqueles que não torce para o Corinthians de jeito nenhum. Só que leva o meu irmão e vai para a torcida. Meu pai, quando vai para a final com ele, meu pai não fica na torcida do Corinthians. Eu lembro do meu pai ter ficado uma vez na torcida do Corinthians, contra o Novorizontino, na Fazendinha, porque ele foi com um amigo dele que é corinthiano. Ele foi para acompanhar o meu irmão, porque o cara ia levar o filho dele, para isso. E, na saída, foi que ele encontrou todos os jogadores do Corinthians. E meu pai ficou muito tempo conversando com eles, com o Eduardo Amorim que era o técnico na época, foi um cara super gente fina. O meu irmão ficou brincando com o filho do Marcelinho Carioca. Até que o segurança chamou eles para irem embora.

**(P):** Quando você vai em estádio costuma descer ao vestiário para conversar com os jogadores?

**(E):** Não. Eu desço para o alambrado. Já falei com o Jameli do alambrado. Já falei com o técnico do Santos, que era antes do Luxemburgo, foi em 94. Não era o Pepe, era outro. Falei com o Tupazinho já, do Corinthians. Briguei com ele, discuti com ele. Chamei ele de trouxa, falei que ele era a última opção do Corinthians. Aí, ele tipo olhava para mim, aí vinha e me mostrava o dedo. Com o Eduardo Amorim, quando era técnico do Corinthians, conversei com ele e ele era gente fina. Conversei com ele do alambrado. Com o Robert, do Santos, conversei com ele do alambrado também. Ele brinca para caramba com a gente. Quando o Santos estava ganhando, ele vinha: ‘e aí Robert? Vamos ganhar esse jogo?’. ‘Está baba esse aí, vou entrar, mas já está no papo esse.’

(...)

**(P):** Você acha que a violência dentro de campo influi na da torcida?

**(E):** Acho que não. Acho que a violência fora influi lá dentro. Ah, os próprios jogadores ... Tem jogador, não lembro qual, que ele mesmo falou que gosta de torcida organizada, para ele foi ruim de ter acabado. Mas, pelas brigas que ele via ... ele também é briguento, ele vem de uma família da favela, tanto que o irmão dele é traficante. Acho que não é de hoje que ele é briguento, desde aquela época que ele é agressivo. É o Edmundo. O Djalminha também. O pai dele foi um ótimo jogador, e ele por qualquer coisa já está brigando. Acho que a torcida influi. No caso do Djalminha, acho que foi a torcida que influenciou, a torcida incentiva. Não todos, mas tem muitos torcedores que incentivam a briga dentro de campo.

**(P):** Os jogadores ouvem o que é gritado de lá da arquibancada?



**(E):** Acho que os que estão dentro do campo não. Mas, os que estão no banco ouvem. Depende do estádio. No Morumbi não ouve, no Pacaembú ouve porque é bem perto, não tem o fosso.

**(P):** Isso que você me contou de que os jogadores ficam ali perto do alambrado e conversam com os torcedores é novidade para mim, não sabia dessa. Eles vêm depois do jogo?

**(E):** Não é depois não. O Robert veio conversar comigo durante o jogo, se aquecendo para jogar, ele veio. Estava no banco, foi se aquecer para jogar, aí veio no alambrado, conversou com a galera. Depois, continuou se aquecendo para entrar. O Eduardo Amorim foi no meio do jogo, ele estava encostado no banco. Só o Jameli que foi depois do jogo. E a foto que eu tirei com ele foi na Paulista. Eu gostava dele, tinha a maior raça.

**(P):** É, também acho que ele faz a maior falta no Santos. Bem, C., queria te agradecer pela entrevista.

**(E):** Ah, foi legal. De nada.

# Capítulo VII

## Conclusões

## Conclusões

Quando do início do presente trabalho alguns questionamentos se apresentaram, não como obstáculos, mas sim na qualidade de motivadores. Um dos primeiros questionamentos demonstra uma certa preocupação em relação ao movimento de trazer o futebol para o interior do ambiente acadêmico. O futebol é muito pensado, normalmente, pela mídia especializada, pela política e pelo senso comum. Para que possamos verificar esta assertiva, é suficiente nos referirmos ao espaço que o futebol ocupa na mídia. Todas os canais de televisão possuem seu programa esportivo, todos os grandes jornais possuem seu caderno dedicado aos esportes e existem revistas e jornais apenas para a cobertura dos esportes, nos quais o destaque principal sempre é para o futebol.

Apesar deste quadro, é muito difícil encontrarmos estudos acadêmicos problematizando o futebol, e esta dificuldade foi amplamente comentada no decorrer do trabalho. Encontramos, é verdade, algum material produzido nas áreas da Sociologia e da Antropologia<sup>180</sup>, a maioria produzido nos últimos três ou quatro anos. Na área da Psicologia, este cenário torna-se ainda mais empobrecido. Podemos depreender dessa breve comparação entre a academia e o restante da sociedade que o futebol mantém um distanciamento desejado em relação aos estudos críticos e científicos. Ele é o esporte das multidões, das grandes massas, das paixões e, neste sentido, há um certo evitamento por parte dos especialistas no esporte de que a ciência volte seu olhar investigativo e crítico para a seara apaixonante do futebol.

Sabemos que os europeus vêm construindo há algum tempo, não muito, a ponte que nos leva da academia ao esporte. Sabemos que os norte-americanos também possuem esta preocupação, fruto, talvez, da própria vinculação estabelecida em seu sistema educacional e esportivo. No Brasil, este campo de pensabilidade do esporte em geral é muito exíguo. O Brasil não é um país que cultiva ou incentiva o esporte dentro da academia, dentro do campo dos conhecimentos das ciências. Muito pelo contrário, aqui o futebol é, sem dúvida alguma,

---

<sup>180</sup> É de extrema relevância mencionar a existência do Núcleo de Sociologia do Futebol da Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Fundado em 1990, pelo Prof. Dr. Maurício Murad, o Núcleo vêm realizando importantes pesquisas sobre o futebol. Em São Paulo, no Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da PUC/SP, também podemos encontrar uma certa tradição na tarefa de pensar o futebol. Nos últimos anos, a Prof<sup>a</sup>. Dra. Marcia Regina da Costa vêm orientando algumas pesquisas relacionadas ao tema. Alguns destes trabalhos já se encontram publicados. Entre eles, está o trabalho de PIMENTA, amplamente mencionado no decorrer desta dissertação.

um sucesso de mídia, um sucesso incontestável até no campo da literatura – como muito bem atestam as inúmeras publicações literárias sobre ele na época da última Copa do Mundo – mas não é o que acontece no interior das universidades. E aqui temos um curioso paradoxo: como vimos, o futebol chegou ao Brasil na sua forma institucionalizada e na qualidade de uma prática esportiva restrita à elite, dentro das universidades e colégios. Um dos maiores exemplos disto foi o Mackenzie, que muito incentivou a prática do futebol em seu início e, aos poucos, o esporte foi se desprendendo dos vínculos educacionais, até dar origem a um clube independente.

Este exemplo nos chama a atenção para outro fato histórico extremamente interessante, que se nos apresenta como uma possibilidade de, através de reflexão crítica, explorarmos alguns outros aspectos do futebol. Estamos nos referindo ao caráter absolutamente “independente” dos clubes, ao menos no que se refere ao imaginário social. Os clubes de futebol se concedem o direito de possuir uma estrutura institucional completamente desvinculada de qualquer projeto educativo ou formativo dos sujeitos. Eles apenas trabalham para a formação de jogadores de futebol, são especialistas no assunto. Dificilmente poderemos ver jogadores com excelente currículo educacional, isto é, jogadores que tenham tido a possibilidade de pensarem em uma carreira para o restante de suas vidas.

Os clubes, formam os seus atletas pensando única e exclusivamente na vida útil destes nesta profissão específica, ou seja, até os trinta anos, em média. Não existe, por parte dos clubes de futebol, um trabalho sério ou mesmo uma preocupação maior em relação ao restante da vida do sujeito. No sentido de verificar esta afirmativa, poderíamos negá-la citando alguns poucos exemplos de clubes preocupados com a formação mais ampla de seus atletas. Estaríamos, assim, mencionado dois ou três clubes de São Paulo ou do Rio de Janeiro, que dizem aceitar jogadores, em suas categorias de base, apenas com o grau mínimo de instrução ou que atestem sua frequência à escola. Obviamente, porém, que estes clubes são responsáveis por uma minoria de atletas dentro do cenário mais amplo da realidade brasileira<sup>181</sup>.

---

<sup>181</sup> Durante o ano de 1997, o jornal A Folha de São Paulo, publicou uma série de reportagens intitulada “O País do Futebol”, procurando mostrar a diversidade do futebol nos mais diversos cantos do país. Desde os índios da Amazônia com seus campeonatos em que os jogadores viajam de barco para enfrentar o time adversário, passando pelo sertão nordestino, pelas grandes capitais, até os jogadores de dupla nacionalidade no sul do Brasil. O quadro mostrado ao final das reportagens é desolador. As desigualdades são inúmeras, atingem a maioria dos atletas. A falta de condições mínimas para a prática do futebol é algo que caracteriza o país, excetuando-se as grandes capitais. O sucesso, no entanto, é para pouquíssimos.

Neste sentido é importante percebermos que o futebol e as diversas instituições que o sustentam e organizam (clubes, associações, federações, sindicatos etc), procuram essencialmente aparecer como algo independente de compromentimentos sociais, políticos e econômicos. Tal característica, alienante e alienadora é algo da ordem do absoluto paradoxo. O que eles procuram fazer com o futebol, esta independência, não corresponde, como vimos ao longo de todo o primeiro capítulo, à sua história, à sua origem e às suas implicações sociais e culturais, aos usos políticos que este esporte permite.

O ponto de vista que pretendemos afirmar através dessas assertivas é o seguinte: apesar de o futebol querer se apresentar como um simples divertimento, um espetáculo, independente de qualquer responsabilidade social, ele, de fato e concretamente, não o é. Ele ocupa função extremamente importante no terreno das políticas públicas, como tão bem foi demonstrado pelo Governo Militar, e serve à cultura como toda e qualquer instituição social. O que o caracteriza é o desempenho de uma função reguladora e negadora dos conflitos sociais.

Desta forma, trazer o futebol para dentro da academia é um exercício de desvendamento do imaginário social que ele construiu em torno de si. Existe, inclusive, um ditado popular que procura dizer que *futebol, política e religião não se discutem*. Ao mesmo tempo que nivela os três no mesmo patamar, procura apontar que não são pertencentes ao campo da razão, são paixões e, como tal, indiscutíveis, necessárias.

O cenário desenhado por tal nivelamento das três instituições sociais acima citadas nos aproxima de uma possibilidade de compreensão do fenômeno a partir daquilo que Freud nos mostrou quando de sua análise da religião. De seu exame do problema da religião podemos reter a noção de uma ilusão necessária e de que se trata de um caso de *credo quia absurdum*<sup>182</sup>, ou seja, um caso de crença em algo, apesar da impossibilidade de averiguarmos racionalmente os fundamentos de tal crença.

Ao nos interrogarmos quanto à função do futebol na cultura e na vida do sujeito, descobriremos que os fatos históricos determinantes da escolha por um time não são, para os sujeitos, da ordem da consciência, ou seja, que os elementos que permitiram a escolha por um time não são imediatamente assimiláveis. Temos como exemplo disso as falas dos entrevistados V., palmeirense que é, e N., são-paulino, ambos de torcida organizada, nos relatando que em suas famílias não entram torcedores de outro time, apenas palmeirense, num caso, e são-paulino, no outro. Isto implica que não há possibilidades de outras escolhas e, mais ainda, que isto não é passível de questionamentos. Existe, em seus discursos, uma ameaça pairando no ar, uma retaliação caso o novo membro de suas famílias queira afeiçoar-se por outra agremiação.

Parece, portanto, que o futebol, a escolha por uma paixão clubística, é algo da ordem da religião, uma ilusão necessária em vários aspectos. O sujeito precisa desta identidade para se apresentar na sociedade brasileira e não possui consciência da escolha. Não possui raízes históricas ou melhor sua história é exatamente essa, uma escolha de objeto que advém da alienação imputada ao sujeito pela mesma sociedade que solicita a escolha. Uma sociedade perversa pela própria acepção da palavra, já que interpreta e apresenta a diversidade de versões do objeto como únicas e totalizantes.

O segundo questionamento que surgiu quando do início do trabalho, mas este já está bem mais próximo de fins acadêmicos, refere-se à amplitude do fenômeno pretendido para análise. Como pensar um fenômeno social tão amplo? E, realmente, podemos observar claramente a sua grandeza quando da disputa de uma Copa do Mundo, em que a quase totalidade da população brasileira não fica indiferente aos sentimentos próprios do torcer, que se revela mais especificamente no âmbito das torcidas de futebol.

A história das torcidas evidencia sua função no universo de relações do futebol. Elas surgem com a simplicidade característica de um agrupamento ocasional e volátil de pessoas que estavam reunidas num campo de futebol torcendo apreciando e torcendo para um dos times vencer a disputa. Aos poucos e a partir deste outros objetivos vão surgindo com o tempo e a própria torcida começa a adquirir ares de organização, cada vez mais complexa, até se configurar como um grupo sólido em que ela mesma passa a ser o objetivo dos seus

---

<sup>182</sup> 'Creio porque é absurdo'. Freud se utiliza deste termo, durante o exame do problema da religião – *O futuro de uma ilusão* (1927) – ao mencionar uma das argumentações da religião para justificar a crença, a qual sustenta a idéia de que as doutrinas religiosas estão fora da

membros. Isto é demonstrado pelas diversas falas dos torcedores organizados e não organizados entrevistados quando relataram que a própria torcida é uma festa, ela faz espetáculo, num jogo que muitas vezes é extremamente entediante. Aos poucos, como procuramos demonstrar no segundo capítulo, ela evoluiu do estado de agrupamento desorganizado de pessoas para um estado de grupo extremamente complexo e organizado, com regras, leis e estatutos.

No entanto, e aqui se inscreve este segundo questionamento levantado, quando o trabalho se iniciou um acontecimento trágico envolvendo as torcidas organizadas de futebol tomou conta de todos os meios de comunicação. O início do trabalho coincide com a famosa batalha campal entre as torcidas Mancha Verde e Independente no Pacaembú. Naquele momento, a mídia especializada e a opinião pública passaram a caracterizar, imbuídos da finalidade de exclusão e preconceituação, o grupo das torcidas organizadas como uma horda de bárbaros, composta por homens primitivos, governados pela força, opostos à civilização e ocupando a fronteira desta. É importante, ainda, lembrarmos que esta batalha campal foi em grande parte responsável pela origem de uma série de estudos acadêmicos nas áreas da sociologia e da antropologia, como mostram alguns livros publicados nos anos seguintes e citados no decorrer deste trabalho. A mídia se esqueceu ou quis esquecer que as torcidas não são desorganizadas, pelo contrário, são um grupo altamente organizado, como demonstrado no segundo capítulo.

Quando nos lembramos do discurso da mídia especializada sobre as torcidas organizadas, imediatamente temos que nos remeter à interpretação de Le Bon sobre as massas, incluída no capítulo teórico deste trabalho, quando Freud discute a formação dos grupos. Le Bon afirma categoricamente que os sujeitos, pela simples inserção em um grupo organizado, ou descem vários degraus da civilização, transformando-se em bárbaros que agem por instinto, ou em heróis portadores de um poder invencível. O grupo faz com que o sujeito tenha sua capacidade mental bastante reduzida. Nosso estudo dos textos sociais de Freud, no entanto, nos levou em direção contrária à da mídia especializada em futebol e da opinião pública. Foi possível apontar que a existência de uma horda, tal como caracterizada, é necessária para a constituição do próprio imaginário de um alto grau de civilização e cultura.

A partir destas considerações é possível agora explicitar melhor o questionamento a que estamos nos referindo: a explosão de violência entre os torcedores trouxe, obviamente, muitas dificuldades ao trabalho, que teve que passar a incluir esta preocupação, ou seja, como explicar a adesão do sujeito a um grupo associado a tal imaginário excludente e perigoso, como pensar a adesão a um grupo tão marginalizado? Neste sentido, acreditamos que a própria organização das torcidas responde às críticas ao explicitar claramente seus objetivos, principalmente os relacionados às ações de cunho social, comunitário e solidário. Mas, é claro – e nós não somos maniqueístas, e isso temos aprendido como um dos maiores ensinamentos de Freud – que este lado organizado e organizador não é o único das torcidas. Ela também é um grupo organizado em torno da violência, a partir dela, como toda a sociedade o é, como demonstramos através de Freud.

Enfim, esta foi a questão que nos ficou instigando: como o sujeito pensa a sua pertença a um grupo tão ambíguo. Conclusão: não pensa, não é pelo menos algo da ordem do racional, da consciência. De qualquer forma, isso vai ser melhor pensado um pouco mais adiante. A questão que se colocou no início do trabalho e que nos remete para algo da ordem do impeditivo, era relativa aos limites colocados pela audácia em querer explicar algo que o próprio dito popular, sabiamente, nos mostra que é melhor deixar como inexplicável. Como explicar, traduzir e pensar algo da ordem das paixões, ainda mais em um grupo caracterizado como estava e está pela violência. As pessoas que acompanharam este trabalho sabem muito bem desse certo medo em se aproximar de sujeitos pensados como bárbaros e questioná-los sobre sua barbaridade, sobre seus sentimentos mais primitivos. A presença disso pode ser notada na fala de V. quando refere uma grande necessidade de escuta, de espaço para ser ouvido e se manifestar, algo que a exclusão do universo de relações do futebol lhes retirou. Penso que para podermos compreender melhor o que está se dizendo seria interessante nos desligarmos um pouco do tema e trazer a referência das já famosas tentativas de pesquisadores em adentrar na Igreja Universal do Reino de Deus. A experiência mostrou que a reação dos grupos ao terem o seu credo questionado, nem sempre é racional.

É claro que a possibilidade de enfrentar tais questionamentos também tornou possível pensar a minha própria vinculação com o futebol, apaixonado que sou, a ponto de não perder e não suportar não saber como está o meu time, me entristecer com as suas derrotas e sentir euforia com as suas vitórias e conquistas. Coloquei-me na tarefa desilusionadora da própria psicanálise, uma ciência cujo ponto de partida é explicar o sofrimento psíquico dos seres



humanos. E aqui se apresentou o último dos questionamentos, talvez o mais difícil de todos os anteriores. Para explicá-lo penso ser necessário um pouco de história pessoal. No momento em terminava a minha graduação em Psicologia, ingressei no mestrado. O gosto pela psicanálise, a identificação com este referencial teórico, adquiridos durante a graduação, não eram, obviamente, suficientes para a realização de um trabalho. Tudo que tinha em mãos eram os conhecimentos próprios de uma graduação. Talvez o meu gosto maior por psicanálise fosse o proporcionado pelas idéias de Freud, mas já digeridas por alguns autores, como os citados na introdução do capítulo teórico. Foi um percurso muito difícil me deparar no mestrado com todos os questionamentos em relação a Freud e aprender na carne a necessidade de um estudo sistemático do criador da psicanálise.

Este estudo tomou grande parte do tempo do mestrado, posso dizer inclusive que fiz a apreensão de minha formação em psicanálise no mestrado. Claro que no início eu teria preferido ficar com as elaborações teóricas de autores como Jurandir Freire Costa e Eugène Enriquez, mas, com toda a certeza, não teria condições de sustentar tais discursos. Não teria condições de argumentar frente ao fenômeno, mesmo porque todo o embasamento de quem discute e pensa a psicanálise está em Freud, e foi para ele que me voltei. Por isso, mesmo que vários aspectos deste trabalho pudessem ter sido mais amplamente estudados, a proposta dele se manteve no que da obra freudiana nos permite discutir e estudar o fenômeno das torcidas e do futebol, do que daquilo que se nomeia de desenvolvimento ulterior de sua ciência. E aqui temos um último aspecto interessante, a relação nem sempre serena entre psicanálise e psicologia social. Talvez, por essa razão, este trabalho dedique um espaço considerável para se pensar o campo que a psicanálise ocupa dentro do terreno das psicologias.

Uma última consideração faz-se importante. Fico pensando que provavelmente não exista necessidade alguma de me alongar tanto na exposição ou autoexposição. Contudo, penso que isto faz parte da psicanálise, de alguma forma, este tipo de exposição, a honestidade em relação ao ponto de partida. O trabalho não existe se o autor não estiver presente, acredito. Um discurso indiferente à problemática não faz parte da ciência psicanalítica, cujo referencial maior é a relação transferencial numa alteridade e diferença sempre presentes que reestrutura dinamicamente a subjetividade do ser humano.

Portanto, consideramos que o referencial fornecido a nós por Freud em sua análise do desenvolvimento da civilização e do desenvolvimento do indivíduo, sua concepção de vínculo

social, era mais do que fundamental para pensarmos os fenômenos do futebol, das torcidas organizadas e não organizadas na cultura e a vinculação dos sujeitos pesquisados com o grupo. Qual a contribuição da psicanálise para a compreensão do futebol e de sua presença na cultura brasileira? Penso ser possível articular algumas das construções teóricas desenvolvidas por Freud em suas obras sociológicas para caracterizarmos alguns aspectos do futebol na sua história.

Logo no princípio do presente trabalho estávamos nos questionando sobre a origem do futebol. A resposta não foi simples, muito pelo contrário, ela nos apontou para uma diversidade de origens, fato que traz uma certa confusão. No entanto, o referencial teórico em Freud nos permite encontrarmos um eixo comum entre todas as direções apontadas pelas origens do futebol no mundo. Um eixo que nos remete a pensar a ambiguidade da intensa popularidade do futebol e de sua atual presença massiva e massificante na cultura.

No exame das origens ele é caracterizado de diversas formas: como uma prática ritualística e sagrada, como celebração de um confronto entre as forças naturais e como prática disciplinar e doutrinadora do corpo e da mente, com a finalidade da batalha. Somos forçados, de imediato, a percebermos a semelhança existente entre as duas primeiras. Não cabe aqui o exame histórico de uma horda primitiva que nos localizaria o futebol, ou um jogo com bola próximo ao que hoje pensamos como futebol, como fazendo parte da refeição totêmica celebrada pelos irmãos que haviam matado o pai como forma de mitigar o sofrimento gerado pelo ato e pela ambivalência emocional. Penso que isto se constituiria em um engano. Temos um caminho interessante a seguir que é guardarmos estas origens diversas do futebol como expressão de sua essência claramente ambígua. Ou seja, ao mesmo tempo que o futebol se apresenta como uma celebração dos confrontos das forças da natureza ele é expressão do sagrado. Podemos sim fazer uso do mito da horda primeva para compreender a forma com que os homens lidavam com o desconhecido, de si mesmos e da natureza. É perfeitamente possível lançar-mos mão da compreensão de natureza humana e de origem da civilização, principalmente da religião totêmica, para percebermos as características anímicas e ambivalente presentes ao ritual e à celebração, em que a hostilidade, a culpa e o temor do homem são aplacados. O sagrado nos fala de algo proibido, comunica uma espécie de tabu, um estranhamento, um retorno de uma hostilidade recalçada, onipotência de pensamentos.

O futebol concebido como uma prática doutrinadora, como uma preparação para a guerra também comporta as mesmas características ambivalentes. Da mesma forma que a celebração de um conflito da natureza estaria expressando aquilo que Freud chamou de animização da natureza, na qual os conflitos humanos são deslocados para o mundo natural e na prática da celebração eles se esgotam – ao menos parcialmente; a utilização do futebol como preparação para a guerra, apesar de nos remeter a mais organizado e estruturado em torno de um conflito assumido com um grupo externo, também fala da necessidade de um preparo para o embate com um inimigo projetado no exterior. O exército só se prepara para o embate contra um grupo que é portador da hostilidade da civilização projetada para além das suas fronteiras. O mecanismo que entra em ação aqui é o do narcisismo das pequenas diferenças que colabora na estruturação interna do grupo ao projetar toda a hostilidade dos sujeitos em relação às insatisfações próprias deste grupo à economia psíquica de cada um para o exterior, para outros de fora que representam e assumem valores diferentes deste.

O desenvolvimento da história do futebol nos leva até a Idade Média na Europa e revela uma prática extremamente interessante, de acordo com o ponto de vista que estamos adotando neste trabalho. Ele aparece como uma prática absolutamente desorganizada, no que se refere tanto às regras e número de participantes, como também no que se refere aos seus objetivos. Não há uma concordância neste aspecto: alguns o caracterizam como um momento de vingança de disputas privadas e outros vão significar tal prática como um festival. De qualquer forma, como instrumento de vingança pessoal escondido na coletividade ou como festival, a finalidade de os sujeitos se permitirem a expressão de alguma violência e alegria nos é muito clara. Numa época de submissão à moral religiosa e monárquica, o futebol aparece como uma válvula de escape, propiciado pela liberação temporária das repressões durante uma festa. Neste ponto, Freud nos auxilia novamente ao apontar a natureza dos festivais em sua ambivalência, como uma necessidade de permitir o extravasamento periódico de todo o sofrimento e infelicidade represadas. Uma infração periódica à regra do sofrimento, permitida pela própria civilização, que impõe a frustração constante dos impulsos dos sujeitos, assim como o é o carnaval e foi a refeição totêmica, uma celebração onde a hostilidade para com a cultura pode encontrar alguma expressão. A diferença entre o nosso carnaval e esta prática de futebol reside na via de escoamento do que foi reprimido pela cultura, o carnaval faz a apologia da sexualidade enquanto o futebol apologiza a violência.

De qualquer forma, o que temos pela frente é a natureza do futebol como algo totalmente ambíguo. Talvez esta ambiguidade, velada e escondida como é, pelas formas diversas de se relatar a sua origem, sejam necessárias para se caracterizar o futebol romanticamente e saudosamente. A referência a um passado míticamente belo é fundamental na defesa de interesses diversos, os quais nos apontam a dificuldade de um aprofundamento na pesquisa sobre o assunto. Algo próximo ao credo quia absurdum da religião. Quanto mais o fato for transfigurado em seus aspectos estéticos e éticos, menos acesso ele fornece para o sujeito. Menos conhecimento ele proporciona, quer dizer, a ignorância da ilusão e a permanência ou submissão dos sujeitos nesta é uma característica fundamental de uma sociedade que se propõe competitiva sem objetivar mostrar suas próprias contradições internas. Diz dar condições de todos competirem, mas na verdade, poucos possuem as mesmas condições de acesso.

A evolução da história do futebol a partir da Idade Média na Europa mostra o caminho em direção à sua institucionalização e organização. É curioso notar que o futebol acompanhou todas as grandes transformações políticas e econômicas e sociais da época. Na virada do século passado foi organizado, a partir do interior das escolas inglesas, com regras e tudo o mais. As regras, as primeiras, tinham o claro objetivo de coibir o uso da violência por parte dos jogadores, além de determinar as funções e os papéis de cada um de forma extremamente clara. O futebol adquire, com todas estas coisas, características de universalidade incontestável e isto nos permite compreender a sua popularidade e expansão pelo mundo, junto com a expansão da cultura européia pelos lugares mais distantes onde os países foram estabelecendo relações coloniais.

Toda a organização do futebol, e isto é o mais importante, pretende passar despercebida, desvinculada de outras instituições sociais. O esporte pretende ser apenas uma diversão e uma possibilidade de ascensão social. A representação social do futebol é muito interessante em relação a isso porque é apenas um esporte, uma diversão barata, e isto aparece de maneira bastante incisiva, por exemplo, na fala de N., quando diz que o futebol é inclusive a diversão mais barata. Tal estado de coisas procura esconder as verdadeiras relações escravocratas e de abuso de poder que sustentam o futebol, procura esconder a complexidade por meio da apresentação de uma face simplista e prontamente digerível.

Um exemplo claro disso está nas proposições da chamada Lei Pelé e nas transformações que exigia no sentido de que os clubes assumissem o seu caráter de empresas e de organizações com os mesmos direitos e deveres frente ao Estado do que todas as outras instituições sociais. A proposição da Lei causou um grande tumulto no meio esportivo provocando oposição dos dirigentes e apoio dos jogadores e jornalistas. Os jogadores são realmente os escravos de nosso século, mas muito mais do que escravos em suas relações trabalhistas, são escravos da própria ilusão que permeia o futebol. Ele foi vendido como um produto que fornece a possibilidade de ascensão social imediata pela simples capacidade individual dos jogadores. Uma ascensão imediata e meteórica, no entanto, acessível apenas para uma minoria (menos de dez por cento, segundo dados da própria Confederação Brasileira de Futebol). São muito poucos os jogadores que conseguem vencer na vida no futebol ou sequer sobreviver dele.

E os poucos que conseguem, marcadamente, perdem o controle de sua ascensão, não possuem, como diz a mídia especializada, estrutura. Algo da ordem da tradição que sempre manterá estes novos escravos em uma subcultura. Esta reflexão traz a lembrança de um caso, entre muitos outros, em que a mídia especializada e a opinião pública reagiram com um certo sentimento de espanto e com brincadeiras de cunho preconceituoso quando, na época da Copa de 94, um jogador bastante vigoroso e truculento, um defensor, o Ronaldão, campeão mundial pelo São Paulo por duas vezes e tetracampeão do mundo com a seleção, mostrou um grande apetite e um interesse particularmente grande pela leitura, não por uma leitura qualquer, mas por leitura erudita, algo que, segundo as brincadeiras e o espanto deixavam transparecer, não pertenciam à esfera da vida desse jogador e, talvez de nenhum outro.

Todas as críticas que efetivamente se fazem ao futebol não podem nos afastar, no entanto, daquilo que é o ponto central deste trabalho. Primeiro, elas servem para mostrar e desnudar a tarefa ilusionadora deste esporte, mas o que realmente importa é verificarmos o que é que se pode, deste universo de relações apresentadas pelo futebol, ser posto à prova pela psicanálise. Vejamos o que Freud nos diz a respeito das organizações, dos grupos da sociedade e vejamos se esta compreensão nos auxilia a pensar o futebol. Estamos nos referindo aqui aos ideais, aos valores e a moral transmitidos pelo futebol e de como o grupo se organiza em torno destes. Os jogadores que alcançam o sucesso, o valor maior, são tomados como exemplos, mas por outro lado, o sucesso é sempre parcial e fugaz. Outros valores como coragem, força e disciplina também mostram este mesmo caráter. O sujeito passa sua vida

perseguindo tais ideais e valores, mas quando os alcança, os poucos que os alcançam, já os perderam, não podem usufruir dele. Após a carreira o que resta ao jogador é o absoluto anonimato, o pleno esquecimento. Já vimos então que o escravo não se sustenta, é um escravo de sua própria ilusão, não só da própria como também das ilusões fornecidas pela cultura na qual estes valores são os ideais.

O futebol, portanto, se sustenta no paradoxo e na ambiguidade, estes são os elementos que a psicanálise pôde nos mostrar. O passado sempre belo e o presente sempre deficitário convivem no mesmo espaço nas mais diversas situações do futebol. Os exemplos são inúmeros e incontáveis e dariam outra dissertação ou mesmo tese. Mas, além da relação temporal, outras coisas se nos mostram de forma mais clara como as ambiguidades da organização. O futebol e o universo de relações em torno dele são um espelho fidedigno das contradições sociais. Os valores idealizados não são possíveis de se atingir, aliás isto é o que define o ideal, sua impossibilidade. O futebol é uma representação do jogo social. Todos os exemplos e críticas mostram as relações que se propõem serem escondidas por trás da referência saudosista. A burocracia do esporte precisa ser evidenciada e isto está presente nas falas dos torcedores quando dizem que o futebol é um espaço de inserção política, de expressão política. De se fazer ouvir e de ser ouvido. O futebol, na sociedade brasileira, é um importante espaço social, ao mesmo tempo, que também é um referencial menor, não é valorizado como as realizações intelectuais e/ou artísticas e nem mesmo como as religiosas. A ambiguidade das leis que regem a civilização estão todas lá presentes no futebol.

A continuidade do trabalho nos posicionou de frente para a necessidade de caracterizar, descrever as torcidas de futebol. Partimos de relatos que mostram pouca organização no início, as primeiras manifestações torcedoras tinham apenas a finalidade de animar o espetáculo. Aos poucos vão surgindo grupos que procuram se identificar através do uso de uma mesma vestimenta, as torcidas uniformizadas, o que já requer algum grau de organização. Surgem os torcedores-símbolos e, entre eles, vários que deixam transparecer um uso diferenciado do grupo de torcedores. A imagem de liderança deles, e estamos nos referindo a pessoas como Laudo Natel, já nos mostram o potencial de organização dos grupos sendo utilizado para finalidades políticas e também explicitam o deslocamento feito do futebol para o grupo. Aos poucos a organização adquire contornos cada vez mais específicos até o ponto de as torcidas serem caracterizadas por esta mesma organização. Tornam-se

praticamente uma indústria de diversão. Transformam-se de espectadoras de um espetáculo em espetáculo, elas próprias.

O curso da história, no entanto, nos mostrou que tal potencial de organização foi efetivamente excluído do universo do futebol. A proibição às torcidas organizadas em São Paulo, concretizou-se recentemente com o julgamento dos últimos recursos pela justiça. Neste momento, é importante fazer uma breve referência ao atual estágio do futebol, sem a presença das torcidas organizadas. Os torcedores entrevistados nos alertam para o fato de que quem saiu perdendo com a exclusão, além deles, foram os times do Estado de São Paulo. Eles estão formalmente impossibilitados de comparecer enquanto grupo organizado aos estádios. A violência nos estádios, no entanto, como eles mesmos dizem, não diminuiu. A cartolagem do futebol vêm demonstrando continuamente sua preocupação com a queda das rendas e dos públicos nos campeonatos. Os torcedores, novamente, são unânimes em afirmar que tal estado de coisas deve-se à sua exclusão.

Os promotores do futebol, entendendo por promotores as organizações financiadoras e investidoras, também se apresentam extremamente preocupadas. Algumas tentativas de solucionar estes problemas vêm sendo realizadas, com pouco sucesso. Entre tais tentativas é interessante citar algumas: a Federação Paulista de Futebol vendeu o campeonato Paulista e passou a promover sorteios de brindes (até carros) entre os espectadores; a Rede Globo de Televisão, principal acionista do campeonato Brasileiro, criou um novo horário para os jogos, intencionando que estudantes e mulheres com suas crianças fossem aos estádios; e, finalmente, o Sistema Brasileiro de Televisão, junto com algumas televisões argentinas, criou um campeonato chamado Copa Mercosur, no qual presença de torcedores não influencia em nada o rendimento que os clubes têm com sua participação no torneio. Inclusive é de se notar que os jogos deste campeonato só começam depois das 22h00, no horário da Argentina, para que as televisões de lá possam passar comerciais de cigarros.

Todas as alternativas acima citadas, sejam elas para levar público para os estádios ou para mostrar a independência que o futebol possui desse mesmo público, têm se mostrado ineficazes. Os torcedores organizados que acompanham seus times por onde quer que estes vão reclamam sua volta, os torcedores comuns entrevistados neste trabalho também reclamam a volta das torcidas organizadas e, finalmente, os jogadores de futebol também reclamam da falta de público e de incentivo, como muito bem atestam os relatos de V. e N.

Depois dessas breves críticas, precisamos retornar ao tema deste trabalho e pensar a contribuição da psicanálise para a compreensão das torcidas organizadas. A organização das torcidas surge, e isto é extremamente importante, do conflito, da violência inerente, da competição, do jogo. Isto está presente na sua história e no seu desenvolvimento, competir para ver quem proporcionava o melhor espetáculo, quem torcia mais para seu time. Mas, o fato de se constituir a partir da violência, não a difere das outras organizações e grupos da sociedade. Os torcedores dizem isso quando comparam suas torcidas com o uso da violência pelos políticos e pelos outros grupos sociais, como a Igreja, por exemplo. O que causa temor no restante da sociedade é a forma controlada e instrumental que tais grupos possuem da violência, como demonstrado no planejamento da ida aos estádios. O que as pessoas temem não é apenas a violência esporádica que pode acontecer no caminho para um estádio ou contra quem está no caminho. Esta é importante, mas não é o que causa mais terror.

É o uso instrumental da violência, planejado que provoca o terror nas pessoas. Basta vermos nas falas dos torcedores que a violência não abandonou os estádios. Pelo contrário, organizados e não organizados são unânimes em referir a violência, a maior quantidade dela, na ação de pessoas pertencentes ao chamado grupo de torcedores comuns. Enquanto a mídia e a sociedade tentam excluir a participação das torcidas do futebol, as brigas continuam a acontecer e, invariavelmente, não são de organizados. Isto é demonstrado pelas torcidas do Vasco e do Palmeiras, na final do campeonato brasileiro de 1997, que se reuniram e causaram enorme espanto na opinião especializada de futebol que achava que eles iriam se matar. A organização da violência mostrou sua face.

Os torcedores entrevistados são muito claros ao afirmar a importância do planejamento da ida a um jogo de futebol, a importância da comunicação entre as torcidas rivais. Eles negociam junto a outras torcidas e junto ao aparato policial de segurança pública sua ida ao jogo de futebol, cada passo do caminho. Quando ocorre situações de briga, temos que estar conscientes de que a violência, por parte das torcidas organizadas, não é gratuita e tampouco espontânea. Ela não decorre do que escapa ao controle, que é a forma como a violência é pensada pela sociedade e mídia para as torcidas organizadas. Não se trata de algo irrefreado. Neste sentido, ela depende exatamente do inverso, de um controle estrito pelo grupo.

O controle do grupo é tão grande que é capaz de superar até mesmo a segurança do individual de cada um dos membros. Novamente, aqui, os torcedores entrevistados explicitam o caráter da união do grupo, da associação e da segurança que sentem no



interior do grupo, até mesmo tendo que enfrentar sozinhos a perigos extremos. O que poderia causar alguma espécie de confusão com o irrefreado é o fato de que os ideais parecem ser diferentes dos da sociedade mais ampla. Mas isto tampouco é verdade, as torcidas exprimem muitos dos ideais que estão presentes nas relações capitalistas e pós-modernas. A diferença está em quem possui o controle, no caso, as torcidas.

O controle é operacionalizado por meio de regras, leis, estatutos, como disse N. ao se referir ao seu grupo específico que tem tido uma prática de excluir os membros identificados como foras-da-lei, pelo menos das do grupo. As regras e leis de convivência dentro de uma torcida organizada determinam as relações entre os membros e dos membros com a liderança, ideal ou real. Isto pode ser comprovado também no estudo antropológico de Toledo. As baterias, os bandeirões e todo o restante do material é feito e levado para o estádio de forma absolutamente organizada. Organizada não é apenas um adjetivo, é um fato. E neste aspecto estamos indo na direção contrária dos entrevistados pertencentes às torcidas organizadas que dizem confundir organizada com uniformizada.

Outra coisa extremamente importante é que as torcidas não são apenas violentas em sua prática, toda a estrutura e a possibilidade de organização sugerem outras atividades e outras funções, expressas, como os entrevistados apontam, nas ações de caridade e na participação nos carnavais. O grupo realmente funciona como uma família, os laços de solidariedade comentados pelos entrevistados falam muito bem dessa amizade que o grupo possui entre seus membros e que se prolonga para o resto da vida, desta identidade entre eles, dessa identificação. Mas não podemos perder de vista que quando alguém pretende sair, isto se faz acompanhar de muitas cobranças, é quase como uma deserção e aqui temos a fala dos dois são paulinos. D. nos relata as cobranças que sofreu por parte de seu amigo por Ter deixado de ir com a torcida ao estádio e N. nos comunica o tempo algo como que uma desculpa por estar atualmente afastado de suas atividades na torcida.

É muito assustador um grupo que assume a violência que existe no interior e na organização da sociedade, dos laços entre os sujeitos e que, além de tudo, ainda possui tal potencial de organização e de inserção política na sociedade. A coisa que mais deve assustar é o fato de que agora que estão excluídos perceberam a necessidade de entrar no mesmo jogo do resto da sociedade, manifestam claramente interesse em eleger alguém que defenda seus interesses, assim como os hooligans europeus possuem. Isto está presente na fala do mancha-

verde e é muito claro na representação política neonazista e neofacista existentes nos parlamentos e nos congressos dos países europeus.

A horda apenas é temível por estar em nosso passado, não nos ser estranha e nos ser muito familiar. O que tememos é o fato de ela poder se tornar outra organização, diferente daquela em que estamos amarrados, algo como o comunismo para o capitalismo. As torcidas não defendem valores diferentes dos do restante da sociedade, mas propõem uma nova organização em torno deles. em relação aos ideais mais amplos da sociedade não há tanta diferença assim. A coragem, o poder, a submissão dos outros estão presentes como valores na sociedade capitalista. E veja-se com isso, que antes aparecia como um poder em prol do grupo, cada vez é mais um poder para si próprio, enquanto ideal cultural, o vencedor, o mafioso etc.

Existe uma admiração no capitalismo pelo poderoso que esmaga os outros e vence a competição, esta é a melhor tradução para o jogo de futebol em nossa cultura. E nem sempre isso é um desejo secreto, ainda mais na sociedade mais ampla. O ideal vigente nem sempre é o do que limita suas próprias ações para não prejudicar os outros. Muitas vezes é o de que tem a coragem de transgredir as leis do grupo para obter benefício e poder pessoais. A obtenção desse poder pessoal pela transgressão é premiada diretamente, de um lado, pelos próprios benefícios do poder, de outro, pela correspondência a um ideal da própria sociedade. A prova de coragem, por exemplo, que a torcida solicita de seus associados, o enfrentamento com um perigo real, é uma maneira de demonstrar o controle superior que o grupo possui. É uma forma de mostrar que sua força prevalece mesmo em situações que a autopreservação e o bem estar pessoal se encontram ameaçados. Freud nos falava dessa característica do grupo, que é capaz de transformar o egoísmo do sujeito em altruísmo, um sacrifício pessoal para o grupo, em nome do grupo, destinado a mostrar única e exclusivamente o poder do grupo sobre o indivíduo.

Agora, finalmente, podemos passar a análise do ponto central deste trabalho: de que forma a psicanálise pode nos ajudar a compreender a entrada do sujeito no grupo? Precisamos começar pensando sobre o que o grupo oferece ao sujeito, então, além das características acima colocadas sobre o grupo, o que ele oferece para o indivíduo? Qualquer grupo, não apenas o grupo das torcidas, oferece laços libidinais, elos de ligação que favorecem o sujeito isolado em sua busca pelos ideais de inserção na sociedade, em sua busca de pertinência e partilha. É assim uma possibilidade de inserção na trama social, como qualquer outro grupo social. É e sempre será, como foi demonstrado por Freud, o grupo dos irmãos. Dos iguais, diversos iguais que se identificam entre si e procuram juntos partilhar de algo, diminuir o sofrimento que a cultura proporciona. É a castração simbólica que o sujeito constantemente atualiza na sua entrada para o grupo e que já existe neste enquanto molde pronto. Isto no sentido de que o grupo se configura em sua organização como possibilidades de gozo e, principalmente, de evitação e fuga do sofrimento.

A entrada dos sujeitos no grupo, os relatos dos entrevistados a este respeito, nos falam da presença de diversos determinantes. O primeiro entrevistado nos aponta para a questão da liderança, corporificada como estava em seu colega de trabalho. Uma liderança que, cumpre ressaltar, não se remetia à força física deste. O colega mais velho é um modelo de referência para o sujeito, no qual sua força real contrasta com a força imaginada do outro. V. nos fala de uma necessidade de participação política, algo da ordem do sentimento de importância, de fazer diferença, através da colaboração na produção do espetáculo. N. é categórico ao afirmar sua entrada no grupo como uma busca de companheirismo para ir ao estádio, o que depois, assim como V., veio a se configurar como uma necessidade de ser a festa, de fazer da torcida organizada o próprio referencial festivo, organizar a infração periódica à regra do sofrimento, como postulada por Freud. Por fim, C. nos fala de seu desejo de entrar em uma torcida para também compor a festa e encontrar laços de companheirismo mais sólidos dos que os oferecidos pelo restante da sociedade.

Em todos os significados atribuídos à entrada em uma torcida, acima descritos, podemos encontrar aqueles eixos estruturantes da subjetividade dos sujeitos de que nos fala Freud em seus textos sociais. A configuração dos laços libidinais apresenta-se em confluência com os ideais do grupo e com os valores da sociedade capitalista. Os laços afetivos vão em direção de uma liderança e também no sentido da união com os outros membros do grupo. Expressam a necessidade de reconhecimento, pela castração imposta pelas leis do grupo ao amor de torcer, e expressam a necessidade de partilhar o sofrimento gerado pela hostilidade em relação às leis com os outros membros do grupo. O laço amoroso, apaixonado por um time, objeto de adoração, remete o sujeito para a necessidade de ações altruístas, ações que vencem inevitavelmente seu egoísmo. O dar de si para o grupo esperando o retorno deste amor é o que caracteriza os membros das torcidas, e os membros de uma cultura que concedem parcela considerável de suas satisfações instintivas para a construção da civilização.

Além disso, podemos notar que a constituição dos laços de solidariedade no interior do grupo se faz pela construção de uma rivalidade agressiva contra outros grupos. Pertencer a um determinado grupo implica numa escolha, implica em renegar as outras escolhas possíveis e, logo, implica em rivalizar com os outros times e as outras torcidas. Todos os entrevistados concordam ao definirem o seu grupo como diferente de um outro grupo. Podemos verificar isto nas referências explicitamente hostis de D. e C. sobre os corinthianos e nas comparações que os dois entrevistados pertencentes às torcidas organizadas fazem em relação a outros grupos.

O polêmico batizado se apresenta como uma preparação para a tarefa de defender a coesão grupal através de uma hostilidade projetada para outros grupos exigindo que os sujeitos mostrem sua coragem. O grupo se constitui, como Freud nos mostrou, hostilizando o que está do lado de fora de suas fronteiras, é o ódio evocado no narcisismo das pequenas diferenças. Se todos são aficcionados por futebol e pudessem efetivamente se juntar neste aspecto não haveria explicação para as rivalidades, inclusive, entre as diferentes torcidas de um mesmo time. O narcisismo das pequenas diferenças afunila-se. E divide e antagoniza no interior do próprio time. Veja aí o equívoco das explicações “por amor ao time”. O

amor é ao grupo da torcida. É o grupo quem dita quem está dentro e quem está fora: dita os ideais, que podem ou não ser de amor ao time.

Os torcedores são unânimes também ao reconhecerem a existência de um movimento de adesão a uma determinada torcida nos momentos em que esta e seu time encontram-se no topo, nos momentos em que o grupo é vencedor. No entanto, eles também são unânimes na ambiguidade com que se colocam perante a este movimento de adesão. Eles não se identificam com a fragilidade que o imaginário comporta. Isto é, os sujeitos que afluem em direção às torcidas organizadas nos momentos de sucesso são claramente identificados como pessoas mais frágeis do que os outros do grupo porque a escolha está ancorada apenas no sucesso – algo bastante valorizado em nossa sociedade capitalista. Esta escolha é extremamente diferenciada das escolhas dos sujeitos entrevistados, que falam de uma tradição, de serem portadores e representantes dessa mesma tradição. Eles sabem da necessidade que os sujeitos possuem de se identificarem com o vencedor, uma necessidade de estarem próximos do ideal maior da sociedade capitalista, de partilharem deste valor. No entanto, associam a tradição como o valor central no qual referendaram sua opção.

A briga e a violência são um modo de confirmação de que o sujeito corresponde ao ideal, ele pode se orgulhar de si e do grupo; é uma confraternização e uma festa onde o sujeito se sente em comunhão com o grupo, exaltando sua potência, força e valor. É um ato ao mesmo tempo individual e grupal. Em ambos os casos, ele corresponde ao ideal de alegria e de euforia e confraternização por esse orgulho

Um último aspecto nos chama a atenção quando os sujeitos, de forma unânime, respondem que o ritual de entrada no grupo não passa de uma brincadeira. Uma brincadeira que, além do mais, é prazerosa. O mesmo pode ser dito em relação às situações de briga, relatadas com grande entusiasmo. O que é este prazer descoberto em situações de extremo perigo? Parece-nos que não é apenas a correspondência ao ideal. É a sedução da violência. No caso da violência tem algo mais, é diferente. E é aqui que encontramos o temor da sociedade frente ao potencial organizador dos grupos de torcedores. A violência gera algo como que um êxtase proporcionado pelo ato, que se apresentou aos homens primitivos como uma forma de lidar com seu desamparo. Um ato disruptivo que ao mesmo tempo que extravasa a angústia reorganiza toda a estrutura do sujeito. É a descoberta da capacidade de lidar com o que antes era trauma, é a derrota imposta pelo sujeito ao perigo e à dor. É, no entanto, é a máxima submissão ao ideal, onde o controle do grupo supera a própria dor física e até a autodestruição. O egoísmo é suplantado pelo altruísmo.

A possibilidade de o sujeito lidar com sua angústia por meio da violência nos remete mais uma vez a Freud. Nele encontramos duas origens distintas para o sentimento de angústia. A primeira origem da angústia está localizada nas situações traumáticas que o sujeito vivencia. Freud havia nos apontado que o protótipo de toda situação traumática é o nascimento e o correspondente sentimento de desamparo. A segunda origem do sentimento de angústia já nos remete para uma fonte interna, como um sinal que o ego do sujeito põe em ação diante de uma situação de perigo, para evitar ser inundado pelas excitações provenientes do perigo. É uma reação atenuada que permite que o ego possa erigir algumas defesas contra o perigo, cujo protótipo permanece sendo o desamparo absoluto.

Quer nos parecer que os perigos enfrentados pelos sujeitos nos momentos de confronto com os inimigos, configuram-se como situações traumáticas que lançam o sujeito numa situação de profundo desamparo. A descoberta de uma força e de um poder, neste momento, de maneira disruptiva, traduz-se como a possibilidade de descarregar as excitações que invadiriam o ego causando extremo sofrimento. É uma descarga de energia anterior ao estabelecimento de qualquer ligação objetal. Uma descarga bastante próxima ao gozo, o que lançaria uma luz sobre o significado prazeroso que os sujeitos atribuem ao ato, à brincadeira.

Estamos tratando aqui de duas maneiras diferentes que os sujeitos possuem de lidar com as suas angústias. Ou através do ato, sem que qualquer ligação tenha se efetuado, ou por meio de ligações que organizam e auxiliam na tarefa da defesa. Esta última maneira é a utilizada pela civilização para controlar o instinto destrutivo dos homens, é a maneira através da qual os grupos se constituem. As torcidas organizadas de futebol apresentam esta organização dos laços libidinais ligando os sujeitos entre si, ligando os sujeitos à liderança e ligando a hostilidade dos sujeitos na diferença representada pelos outros grupos.

Pudemos, desta forma, caminhando com Freud, desvendar as ambiguidades, as idiossincrasias, os paradoxos dos sujeitos, dos grupos e da sociedade. O mancha-verde V. explora de forma bastante clara e pertinente essa relação entre sujeito, grupo e sociedade, no momento em nos mostra que o elo de ligação com a torcida substitui o elo de ligação político em vários momentos. O torcedor se identifica com a história da torcida, ele passa a ter uma história, passa a ser importante e precisa ser ouvido.

A torcida organizada é, portanto, mais ampla do que apenas torcer para o time e constituir-se como um canal de expressão de sentimentos em relação ao futebol. Elas são uma possibilidade de expressão e inserção políticas para os sujeitos numa sociedade que oferece pouquíssimas alternativas viáveis e muitas outras de caráter absolutamente excludente, alienante e passivadores.

Enfim, a psicanálise nos ofereceu a possibilidade de denunciarmos as alienações que as identificações produzem. No caso das torcidas, os ideais dos seus membros não são menos alienantes que os dos membros da sociedade mais ampla ... nem mais!

## Bibliografia

1. ARAGÃO, L.T. (et al.) Clínica do social: ensaios. São Paulo: Escuta, 1991.
2. COSTA, Jurandir Freire. O medo social *in* Revista VEJA 25 Anos. São Paulo: Editora Abril, 1993.
3. DEMO, Pedro. Metodologia científica em ciências sociais. São Paulo: Ed. Atlas, 1989.
4. DUARTE, Marcelo. O guia dos curiosos. Esportes. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
5. ELIAS, Norbert. A busca da excitação. Lisboa/Portugal: Difusão Editorial, 1985.
6. ENRIQUEZ, Eugène. Da horda ao estado. Psicanálise do vínculo social. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1990.
7. FIGUEIREDO, Luís Cláudio Mendonça. A invenção do psicológico: quatro séculos de subjetivação (1500-1900). São Paulo: EDUC: Escuta, 3ª edição, 1996.
8. \_\_\_\_\_. Revisitando as psicologias: da epistemologia à ética das práticas e discursos psicológicos. São Paulo: EDUC; Petrópolis/RJ: Vozes, 1995.
9. \_\_\_\_\_. Reflexões acerca das matrizes do pensamento psicológico. Palestra proferida aos alunos da Faculdade de Psicologia da PUCSP, mimeo, 1992.
10. \_\_\_\_\_. Psicologia, uma introdução; uma visão histórica da Psicologia como ciência. São Paulo: EDUC, 1991.
11. FREUD, Sigmund. (1913). **Totem und Tabu**. Edição consultada: **Totem e Tabu**. Ed. Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Rio de Janeiro: Imago, 2ª edição, Vol. XIII, 1987.
12. \_\_\_\_\_ (1921). **Massenpsychologie und ich-analyse**. Edição consultada: **Psicologia de grupo e análise do ego**. Ed. Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Rio de Janeiro: Imago, 2ª edição, Vol. XVIII, 1987.
13. \_\_\_\_\_ (1927). **Die zukunft einer illusion**. Edição consultada: **O futuro de uma ilusão**. Ed. Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Rio de Janeiro: Imago, 2ª edição, Vol. XXI, 1987.
14. \_\_\_\_\_ (1930). **Das unbehagen in der kultur**. Edição consultada: **O mal-estar na civilização**. Ed. Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Rio de Janeiro: Imago, 2ª edição, Vol. XXI, 1987.

15. GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. Pesquisa de tipo teórico In Psicanálise e Universidade. Atas do 1º Encontro de Pesquisa Acadêmica em Psicanálise. São Paulo: Núcleo de Pesquisa em Psicanálise do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP, nº 1, fevereiro de 1994.
16. HELAL, Ronaldo. O que é sociologia do esporte. São Paulo: Brasiliense, 1990.
17. MURAD, Mauricio. Dos pés à cabeça. Elementos básicos de Sociologia do Futebol. Rio de Janeiro: Irradiação Cultural, 1996.
18. MURPHY, P., WILLIAMS, J. & DUNNING, E. O futebol do banco dos réus. Violência dos espectadores num desporto em mudança. Lousã / Portugal: Celta Editora, 1994.
19. PACHECO FILHO, Raul Albino. “O conhecimento da sociedade e da cultura: a contribuição da psicanálise”. *Psicologia & Sociedade*; 9 (1/2; jan./dez. 1997.
20. PIMENTA, Carlos Alberto Máximo. Torcidas Organizadas de Futebol. Violência e auto-afirmação. Aspectos da construção de novas relações sociais. Taubaté / SP: Vogal Editora, 1997.
21. RAMOS, Roberto. Futebol: ideologia do poder. Petrópolis/RJ: Ed. Vozes, 1984.
22. SANTOS, Joel Rufino dos. História política do futebol brasileiro. São Paulo: Brasiliense, 1981.
23. TOLEDO, Luiz Henrique. Torcidas Organizadas de Futebol. Campinas, SP: Autores Associados/Anpocs, 1996.
24. TUBINO, M. O que é esporte. São Paulo: Brasiliense, 1993.